



CIÊNCIAS HUMANAS

REVISTA PIBIC 2020





CIÊNCIAS HUMANAS
ANTI-VADIAGEM, PUNIÇÃO E RELAÇÕES DE TRABALHO
NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA GLOBAL – O CONTEXTO
DA ABOLIÇÃO NO MUNDO LUSÓFONO (RIO DE JANEIRO,
LUANDA E LOURENÇO MARQUES, 1850-1910)
MILLENA GONÇALVES MONTEIRO
INSTITUTO DE HISTÓRIA

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa busca analisar de que forma a legislação, a punição e as políticas anti-vadiagem se entrelaçam com as múltiplas relações de trabalho durante o processo de abolição da escravidão, tendo a História Global como principal perspectiva teórica. O recorte temporal é delimitado entre 1850 e 1910 e aborda-se o Rio de Janeiro, Lourenço Marques e Luanda.

Dentro do recorte do Brasil, foi analisada a legislação nacional referente à vadiagem, juntamente aos debates contidos nos anais da Câmara dos Deputados acerca do Projeto 33A, de 1888, sobre a repressão à ociosidade. Nesta análise, buscou-se considerar os diferentes significados históricos da vadiagem e das suas punições, assim como a influência da abolição da escravidão nesse processo e as relações de classe, raça, gênero e sexualidade presentes nas construções da legislação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A pesquisa teve como ponto de partida a leitura de textos acerca da vadiagem no final do século XIX e no início do século XX, História Global, história e direito, e gênero, classe e raça. Em seguida, foi realizado o levantamento das legislações brasileiras do período que versassem sobre vadiagem, mendicância, relações de trabalho, processos judiciais e estabelecimentos correccionais. A partir deste levantamento, foi criado um banco de dados, continuamente alimentado, com a compilação destas legislações, que será disponibilizado para livre acesso ao fim do projeto.

A etapa atual da pesquisa, ainda em desenvolvimento, consiste na seleção, transcrição e análise dos debates sobre a vadiagem nos anais da Câmara dos Deputados. A investigação iniciou-se com o ano de 1888, no qual o Projeto 33A sobre Repressão à ociosidade foi submetido e aprovado, servindo de base para as políticas anti-vadiagem presentes no Código Penal de 1890. A fim de facilitar a disseminação dos resultados alcançados pelo projeto à comunidade em geral,

foi criada uma página no Instagram intitulada “Vadiagem em Perspectiva”¹.

Como parte do esforço de criação de uma nova ideologia do trabalho, a ideia da vadiagem foi associada à ociosidade e à futura criminalidade, e inicialmente foi caracterizada na legislação como a ausência de ocupação honesta e útil ou renda, englobando práticas de mendicância. Após a abolição da escravidão, a vadiagem englobaria também a ausência de moradia certa e exercer ocupações ofensivas à moral e aos bons costumes, abarcando capoeiras e ébrios. A prisão com trabalho, principal penalidade para a contravenção da vadiagem, também intensificou-se após a abolição, impondo penas de um a três anos em casos de reincidência ou quebra dos termos de bem-viver em colônias correccionais². O esforço de obrigar os libertos ao trabalho é igualmente encontrado nas legislações de abolição parcial da escravidão, que previam uma série de práticas de controle sobre a moradia e a ocupação dos libertos, sob pena de trabalhos forçados em obras públicas.

Os debates dos anais de 1888 dividem os vadios em ociosos, mendigos e turbulentos, sendo estes últimos apontados como os mais prejudiciais à sociedade, e que poderiam possuir ocupação e domicílio certos e ainda serem vadios. As fontes indicam que havia, assim, uma forte subjetividade na prática da determinação das condutas vadias, ao passo

¹ Link de acesso para a página:
<<https://www.instagram.com/vadiagememperspectiva/>>.

² Dentre elas, destaca-se a Colônia Correccional de Dois Rios, criada em 1894 com o fim de receber e corrigir os vadios da Capital Federal.

que as forças policiais obtiveram uma maior autonomia para lidar com os casos de vadiagem.

CONCLUSÕES:

A partir das leituras e das fontes analisadas, verificamos a relação direta estabelecida entre a ampliação da legislação anti-vadiagem, a abolição da escravidão e um projeto de construção da República que visava reorganizar a sociedade e, principalmente, as forças produtivas recém-libertas. Observamos também que, apesar da principal característica associada à vadiagem ser a ausência de ocupação e domicílio certo, havia uma grande margem tanto na legislação quanto na aplicação das medidas para o enquadramento de qualquer prática das camadas populares tidas como desviante como “vadiagem”, especialmente dentro dos recortes de gênero, raça e sexualidade.

AGRADECIMENTOS:

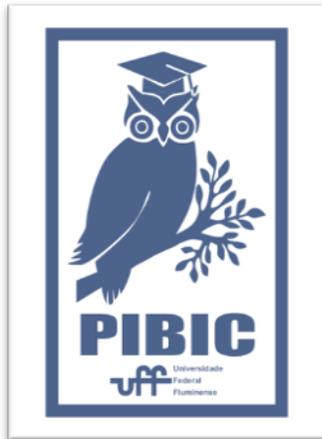
Gostaria de agradecer primeiramente à FAPERJ, cujo financiamento da pesquisa no último ano foi de importância fundamental para o desenvolvimento desta. Agradeço também ao meu orientador, o professor Paulo Terra, pelo comprometimento e pelas pautas enriquecedoras trazidas para a nossa pesquisa. Por fim, agradeço ao acervo da Câmara dos Deputados, cuja disponibilização online dos anais do século XIX foi essencial para a continuidade da pesquisa neste período.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CHALHOUB, Sidney (2001): Trabalho, Lar e Botequim: o cotidiano dos trabalhadores no Rio de Janeiro da Belle Époque. Campinas: Editora da Unicamp.

GARZONI, Lericice de Castro (2007): Vagabundas e conhecidas: novos olhares sobre a polícia republicana (Rio de Janeiro, início de século XX). Dissertação de mestrado. Campinas: UNICAMP/ IFCH.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. A prisão dos ébrios, capoeiras e vagabundos no início da Era Republicana. TOPOI, v. 5, n. 8, p. 138-169, jan./jun. 2004.





Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

A correta administração do Estado e da Justiça: Justiniano José da Rocha e Aureliano Cândido Tavares Bastos, leituras distintas do caminho para o progresso do Império do Brasil (1855-1873)

Rafaela França da Silva - Coordenadora: Gladys Sabina Ribeiro

História (GHT) / Instituto de História (IHT) / Universidade Federal Fluminense

INTRODUÇÃO:

Entre as décadas de 1850 e 1870, observou-se eventos importantes que marcaram profundamente a estrutura política, social e econômica do Império do Brasil, tais como a abolição definitiva do tráfico de escravizados, a ascensão do café e a reorganização partidária. Dentro desse contexto, inseriu-se o personagem pelo qual me dediquei durante toda minha pesquisa de iniciação científica: Aureliano Cândido Tavares Bastos. Nascido em 1839 em Alagoas, foi deputado geral entre os anos de 1861 e 1868, visto como um importante propulsor das ideias liberais no Brasil e faleceu na França em 1875, aos 36 anos.

Foram analisadas nesta pesquisa obras de Tavares Bastos, tais como “Direito” (1859), “A Revolução e o Imperialismo” (1866) e “Reforma Eleitoral e Parlamentar e Constituição da Magistratura” (1873) e também determinadas visões historiográficas sobre esse autor oitocentista. Através desses materiais, foi possível notar, por parte de Bastos, uma defesa à descentralização do poder, independência do Parlamento, incentivo à imigração, abolição gradual da escravidão e livre comércio e críticas aos impostos alfandegários.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Para Inoã Urbinati (2010), Tavares Bastos pode ser classificado como “liberal social”, pois tinha medidas inovadoras e avançadas para época, tais como a abolição gradual da escravidão, a aquisição de terras por brasileiros e imigrantes, liberdade de culto, instauração do casamento civil, melhorias nas comunicações e transportes, voto feminino e até mesmo de libertos.

De acordo com Luiz Vianna (1991), Tavares Bastos também foi o precursor das análises liberais que apontavam as origens dos “males” brasileiros na história da metrópole. Compreendia que os imigrantes chegaram no Brasil marcados pelo espírito do absolutismo, do patrimonialismo, nepotismo, e da intolerância religiosa.

Dessa forma, somente uma urgente reforma de Estado, comandada pelos liberais, seria capaz de eliminar esses pontos negativos. Com ela, a máquina estatal seria pautada agora no racionalismo e na burocracia e não mais voltada para os interesses pessoais. Além disso, há uma defesa à descentralização do poder, pois somente é ela quem produz cidadãos, enquanto a centralização cria apenas seres dependentes.

Durante minhas visitas à Biblioteca Nacional, coletei dados acerca de três escritos de Tavares Bastos, os quais demonstram pontos interessantes sobre temas sociais, econômicos e políticos.

Em “Direito” de 1859, Bastos critica os impostos alfandegários, pois, na sua visão, não são as mercadorias internacionais que impedem o desenvolvimento agrário e industrial brasileiro (como pensavam seus defensores) e sim a falta de mão de obra especializada, os impostos abusivos e a carência de capitais para investimentos.

Já em “A Revolução e o Imperialismo” de 1866, Bastos se dedica a falar dos problemas internos e externos que o Império estava passando. Publicado no contexto da Guerra contra o Paraguai, ele critica diplomacia brasileira por ser ineficiente no combate à Solano López. Sobre as problemáticas internas, relata fraudes, nepotismo, péssimo ensino escolar, crise, atraso econômico, violência política e magistratura dependente.

Por último, no texto “Reforma Eleitoral e Parlamentar e Constituição da Magistratura” de 1873, Bastos detalha seu projeto de reforma que, na sua opinião, é mais completo e eficiente do que aquele proposto pelo governo da época. Nesse texto, Bastos intercede a favor de uma eleição direta (entendida como o único meio de finalizar as fraudes) e de uma definição do eleitor brasileiro como aquele que possui capacidade civil determinada pela Constituição, uma profissão e que paga corretamente seus impostos. Ademais, advoga pela independência e força do Parlamento, defendendo que este seja o principal

termômetro da opinião pública e árbitro do governo.

O fim do Conselho de Estado e da vitaliciedade do Senado, além da menor interferência do poder moderador nos assuntos políticos são outras medidas apoiadas por Bastos nesse texto.

CONCLUSÕES:

Com base nas observações feitas nessa pesquisa, podemos concluir que Aureliano Cândido Tavares Bastos é um político oitocentista bastante importante para entender os debates políticos, sociais e econômicos que estavam em voga entre as décadas de 1850 e 1870. Afinal, seus textos foram bem recebidos na imprensa, demonstrando sua posição de destaque e aceitabilidade dentro desse meio.

Ao discutir temas como escravidão, comércio, imigração, sistema eleitoral e descentralização, Tavares Bastos nos fornece uma outra perspectiva acerca das melhores medidas para que o Brasil possa alcançar o tão desejado progresso. Seus pensamentos vêm em contraponto à doutrina conservadora, evidenciando a riqueza nos diálogos/debates acerca da (re)construção do Estado Imperial sob o comando de D. Pedro II.

AGRADECIMENTOS:

Quero agradecer ao CNPQ por financiar essa pesquisa e torná-la possível e também à Professora Gladys Ribeiro, minha orientadora, por ter me dado a oportunidade de participar desse projeto e também pelos ricos conselhos que contribuíram e contribuirão para minha vida acadêmica.





Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

**A forma e o conteúdo dos vilancicos na Península Ibérica -
uma visão preliminar**

Lucas Gomes Ferreira

**Departamento de História / Instituto de História / Companhia
das Índias**

INTRODUÇÃO:

Os vilancicos constituem uma forma textual da Época Moderna, que foi conhecida na Península Ibérica nos séculos XVII-XVIII. Esses opúsculos tinham um papel importante nas tipografias, com produção artística especializada. Seus textos eram cantados em várias festividades religiosas. Nessa investigação, a análise dos folhetos segue uma abordagem ampla, através de uma bibliografia especializada e recente sobre os documentos que se encontram em acervos de Portugal, da Espanha e principalmente no Brasil, com a coleção de folhetos compilados por Diogo Barbosa Machado (1682-1772). Nesse sentido, o projeto tem o intuito de explicar os vilancicos a partir de um estudo dos textos, compreendendo essa forma especial de comunicação que envolvia os âmbitos escrito, oral e visual – pela projeção de imagens que circulavam entre o público participante das cerimônias e leitor.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

No século XVII, após a restauração da independência de Portugal, em 1640, D. João IV (1640-1656) foi aclamado rei. Concomitantemente, houve um florescimento em diversas capelas religiosas portuguesas de vilancicos, antes apreciados como cânticos no paço ducal dos Braganças, em Vila Viçosa. Os estudos acerca do tema indicam que esse apreço especial aos vilancicos relaciona-se a uma estratégia político-cultural para as igrejas nos séculos XVII-XVIII, até cair em desuso, ao menos na Capela Real de Lisboa, no ano de 1716, sob a justificativa de uma padronização litúrgica italiana e, muito provavelmente, devido a sua heterodoxia cultural. Nesse intervalo de 76 anos há influências e modificações precisas nas formas do trato dos vilancetes, característicos entre os reinados de D. João IV e D. João V (1707-1750). Nesses documentos há inúmeras variantes de gêneros musicais, literários e expressões dramáticas como, por exemplo, a jácara, o romance e a comédia. Também pode-se encontrar uma variedade de línguas e figuras que misturam o profano e o erudito, mostrando a receptividade de diversos grupos sociais nas festividades religiosas. Por

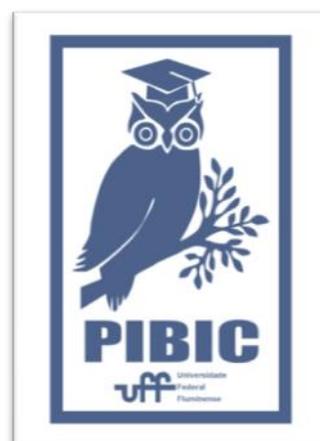
fim, é importante identificar as diversas categorias formais de linguagem desses textos, a fim de demonstrar como eram realizados os cantos nas missas, nas festas de santos, nas matinas natalinas e de Reis.

CONCLUSÕES:

A pesquisa visa analisar os vilancicos e sermões em folhetos preservados na coleção Barbosa Machado, na Biblioteca Nacional, no Rio de Janeiro, bem como outros impressos, através de uma bibliografia pertinente sobre o tema. Nesse sentido, a partir de um aprofundamento relativo a esses estudos, pode-se notar uma decadência de determinados gêneros e variações de suas formas durante o período seiscentista, o que proporciona informações importantes acerca desses escritos impressos e suas transformações, relacionadas ao contexto social de outrora na Península Ibérica.

AGRADECIMENTOS:

Rodrigo Bentes Monteiro, funcionários da seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional e Universidade Federal Fluminense.





Ciências Humanas

**Itinerários da Fotografia Pública no Rio de Janeiro:
arquivos, exposições e publicações**

Autores:

Carolina Machado dos Santos (Bolsista)

Ana Maria Mauad de Sousa Andrade Essus (Orientadora)

**Instituto de História / Laboratório de História Oral e
Imagem (LABHOI)**

Introdução:

O projeto “Itinerários da Fotografia Pública no Rio de Janeiro: arquivos, exposições e publicações” propõe-se a realizar uma análise sobre a relação entre fotografia, história e memória, dando ênfase no conceito de fotografia pública e a configuração do seu espaço público visual. Desenvolve-se dentro da linha de pesquisa “Fotografia, Artes e Mídias” do LABHOI, que é voltada para a história da imagem, sob o conceito de cultura visual e o estudo da prática do olhar e da produção de sentidos na sociedade contemporânea por meio das mídias visuais e sonoras.

O estudo se inscreve para além do reconhecimento, na análise da prática fotográfica enquanto construtora de uma narrativa histórica, no uso da fotografia pública no comprimento de função política e na formação de opinião pública.

Destaca-se o recorte da pesquisa em torno da análise da cultura visual desenvolvida no contexto da política da boa-vizinhança, com enfoque no trabalho da fotógrafa estadunidense Genevieve Naylor e o diálogo que estabeleceu com o cinema e a publicidade o âmbito das relações interamericanas.

Resultados e discussões:

Foi realizada uma revisão bibliográfica sobre a produção de Genevieve Naylor, que fora enviada ao Brasil em 1941 pela OCIAA (Office of the Coordinator of Interamerican Affairs), apoiada na noção de fotografia pública e sua relação com os públicos, buscando reconhecer os usos políticos da fotografia no contexto estudado e a elaboração de uma cultura política visual. Ressaltando como a prática fotográfica se inscreve como experiência histórica salientando a prática do olhar engajado da fotógrafa que se apoia nos mesmos valores da geração de 1930, chamada de “concerned photographers”.

Sua obra se mostra como excepcional justamente porque ao fazer uso da câmera como objeto de denuncia social, produzindo fotos que exaltam a figuração humana e seu papel dentro das relações sociais, a artista apresenta uma geografia sensível que vai além dos cartões postais do Rio de Janeiro e expõe a pluralidade cultural e social brasileira.

O outro ponto que vem sendo analisado no projeto é a produção cinematográfica do período em questão, com o objetivo de reconhecer os discursos invocados nas obras, os interesses envolvidos, a representação sobre os Estados

Unidos e países latino-americanos e os estereótipos construídos. Dentro dos temas principais foram realizados resumos de artigos acadêmicos que discutem fotografia pública e cultura visual política e resenhas sobre a produção cinematográfica e o uso político do cinema.

Uma etapa que se encontra em desenvolvimento é a análise de revistas ilustradas com o objetivo de encontrar notícias que tratem das missões de: Genevieve Naylor e seu marido, o artista Misha Reznikoff, que colaborou na criação do Museu de Arte Moderna do Rio; da vinda do diretor Orson Welles e do produtor Walt Disney.

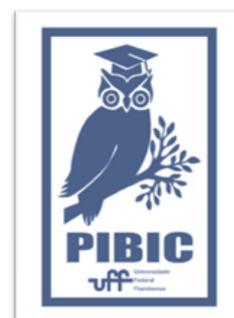


Figure 1: Logo PIBIC

Conclusões:

Como apontado anteriormente, fazendo uso da história da imagem, este projeto propõe-se a analisar a relação entre história, cultura visual e memória.

Os objetivos abrangem analisar os aspectos da fotografia pública e da construção de uma cultura visual política no contexto da boa-vizinhança, para dessa forma reconhecermos as representações construídas e as relações culturais estabelecidas na época.

Agradecimentos:

Agradeço à FAPERJ pelo financiamento. Ao LABHOI, em especial a Profª Ana Maria Mauad, pela oportunidade de desenvolvimento intelectual e humano.



Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Amas de leite em jornais da capital do Império (1870-1888)

Ingrid Job Marcello – Orientadora: Karoline Carula

Departamento de História / Instituto de História/ Centro de Estudos do Oitocentos

INTRODUÇÃO:

A mulher negra escravizada esteve presente, empenhando um papel de relevância, durante toda a História do Brasil. Contudo, seus diversos ofícios, dentro e fora do lar, só começam a ser analisados com mais profundidade pela a historiografia na última década do século XX.

Dentre eles, há trabalhos como de Carneiro¹ e Martins² que se dedicam aos estudos das amas de leite, função exercida na Europa desde o século XIII, mas que só se desenvolveu enquanto prática social no Brasil durante o século XVI³. Contudo, essa ama de leite, antes benquista, na segunda metade do século XIX passou a ser concebida como algo maléfico para a saúde do lar⁴. Sendo essa mudança de concepção a temática estudada nessa pesquisa.

Assim, por meio da análise dos anúncios publicados no jornal *O Globo* (1874-

1883) analiso essa mudança de perspectiva perante a figura da ama.

RESULTADOS E DISCURSÕES:

O *Globo* foi um jornal publicado na Corte, tendo circulação para além dessa localidade, de 1874 a 1883. Apesar de possuir como subtítulo: “*completa neutralidade na luta dos partidos políticos*”, tinha artigos com grande tendência liberal republicana. Contendo, como a maioria dos jornais da época, anúncios de compra e venda de escravos. Porém, esses foram interrompidos no ano de 1881.

Por meio da análise dos anúncios presentes no *O Globo*, é possível destrinçar a representação das ama de leite em fins do Império. Como em: “Vende-se duas bonitas crioulas, uma de 18 e outra de 20 anos, amas com leite de 15 dias e 5 meses, sendo uma perfeita lavadeiras e engomadeira e outra perfeita costureira, lavadeira e engomadeira de roupa de senhora; na rua da Conceição n.16.” (*O Globo*, 02/19/1874, p.4). Note-se aqui que era comum à ama realizar múltiplas atividades, não somente durante a amamentação, mas sobretudo após, visto que se trata de um anúncio de venda escrava.

Ademais, durante o século XIX, diferente dos momentos que o antecede, a ama passou a

¹ CARNEIRO. Procura-se uma “preta, com muito bom leite, prendada e carinhosa”: uma cartografia das amas-de-leite na sociedade carioca (1850-1888), 2006.

² MARTINS. No seio do debate: amas-de-leite, civilização e saber médico no Rio de Janeiro, 2006.

³ MUAZE. Maternidade silenciada: Amas de leite no Brasil escravista, século XIX, 2018.

⁴ CARNEIRO, Op. cit.

ser vista através de um imaginário dúbio e contraditório⁵. Esse quadro ambíguo foi acentuado por meio das teses escritas pelos médicos nas Faculdades de Medicina a partir da década de 1850, ganhando maior aderência social por volta dos anos de 1870, quando eles utilizam os impressos para transmitirem os seus ideais em defesa da amamentação materna; e da realização do projeto de remodelamento da sociedade brasileira, higienizando e reestruturando hábitos presentes no lar⁶.

Nesse sentido, muitas vezes os anúncios dos jornais transmitiam em poucas linhas as categorias existentes nos pensamentos dos ilustres que contestavam a permanência do uso das amas, no intuito de minimizar a desconfiança do comprador em potencial⁷. Assim, era comum ver nos anúncios d'O *Globo* características da ama que indicavam que ela era amorosa, calma, cuidadora, bondosa e afetuosa; afastando do leitor a imagem de maldosa, perversa, que era passada nos discursos médicos. Tal qual em: "Aluga-se uma boa ama leite, muito carinhosa com muito bom leite; na ladeira de Misericórdia n.1." (O *Globo*. 22/10/1875, p.4).

Outro ponto perceptível nos anúncios d'O *Globo*, é que mesmo após a lei de 1871 - que proibia a separação da família escrava-, há a aparição de mães escravas sendo vendidas sem o seu filho. Sendo rara a presença da venda da mãe junto ao rebento. Isso se deve ao fato de que o aluguel ou a venda do bebê com a mãe acabar desvalorizando a ama,

diminuindo o lucro do negócio⁸. Havendo, então, durante o recorte aqui estudado, a aparição de apenas um anúncio, que se repete por dois dias seguidos: "Vende-se uma preta com três filhos, sendo dois ingênuos, com bom leite; informa-se na rua de S. José n.7, sobrado." (O *Globo*. 30/7/1875, p.4).

Ademais, em: "Aluga-se uma senhora portuguesa para ama, com leite de 8 meses, de afiançada conduta; na rua da Gamboa n.125." (O *Globo*. 30/11/1881, p.1), percebe-se que, neste período havia também a presença de amas brancas. Nesses casos, os anúncios expunham a nacionalidade da mulher, sem a necessidade de dizer que essa era "boa" ou "carinhosa", pois, os discursos médicos higienistas já as apresentavam como notoriamente preferível, frente as amas negras, por serem mais puras e limpas.⁹

É importante destacar que a grande maioria das amas brancas, que se colocavam para o aluguel, eram imigrantes pobres, recém chegadas ao país. Realizando esse ofício para garantir alguma renda para a sobrevivência (EL-KAREN, 2004).

CONCLUSÕES:

Por meio do estudo do jornal O *Globo*, foi possível observar como os discursos médicos do último quartel do século XIX se apresentavam no impresso e como eles influenciaram a mudança quanto a forma que a ama de leite era vista e apresentada na sociedade da corte. Porém, isso não implicou

⁵ CARNEIRO, Op. cit, p. 126.

⁶ Idem.

⁷ MARTINS, Op. cit, p. 141.

⁸ Idem Ibidem.

⁹ EL-KAREN. Famílias adotivas, amas-de-leite e amas-secas e o comércio de leite materno e de carinho na corte do Rio de Janeiro, 2004.

na diminuição da utilização da ama como método de alimentação infantil, na contramão do que defendiam os médicos.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço à FAPERJ pelo financiamento desta pesquisa, e a minha orientadora Karoline Carula por toda ajuda, apoio, durante o desenvolvimento da investigação.



**Grande área do conhecimento: Ciências Humanas/História
Relações, assistência e disputas de enterramento em torno da
Santa Casa de Misericórdia de Campos dos Goytacazes (1786-
1810).**

ATALLAH, Claudia. C. A; FERNANDES, Hiago R.

**CHT – Departamento de História de Campos / Instituto de
Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR/UFF Campos) / LAHIRP/JIAR**

INTRODUÇÃO:

O trabalho a ser apresentado é resultado da pesquisa de Iniciação Científica fomentada pela FAPERJ e orientada pela profa. Dra. Claudia C. Azeredo Atallah. Através de uma microanálise regional relacionado ao contexto imperial português de Antigo Regime, propomo-nos a compreender as dinâmicas e os fatores que levaram a fundação da Santa Casa de Misericórdia no distrito de Campos dos Goytacazes, na década de 1790.

Partindo da percepção da Misericórdia ter sido uma instituição de práticas de assistência na área da saúde, foi-nos possível visualizar a sua inserção na dinâmica político-social da região, por nós delimitado, que compreenderia o distrito de Campos. Uma dinâmica de sociedade hierarquizada de Antigo Regime, em que seus membros a recorriam como fonte de privilégios e prerrogativas, e de disputas perante outras corporações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Após o terremoto de Lisboa em 1755, a saúde pública foi tema recorrente no Estado de polícia

durante o reinado de D. José (SUBTIL, 2013), que tinha como referências as teorias científicas circulantes na Europa, defensoras da conservação da saúde dos povos e práticas mercantilistas como fontes de riqueza da nação. Procuramos perceber até que ponto essas leituras e preocupações administrativas médico-policiais alcançaram essa região diante do seu crescimento econômico e populacional. Mediante documentos que transcrevemos, tais como atas, ofícios camarários, representações e requerimentos, pudemos visualizar relatos da mortalidade ocasionada por epidemias decorrentes das enchentes do Rio Paraíba e pelo descuido com os enterramentos, que acenderam um alerta na elite local. Na década de 1790 a Irmandade Mãe dos Homens fundara a Santa Casa de Misericórdia, reconhecida pela Coroa em 1792, concedendo-lhe os mesmos privilégios da Misericórdia do Rio de Janeiro. Arrogadora de tais privilégios e afirmando ser uma associação de brancos, a Misericórdia se tornou um espaço de disputa e formação de redes clientelares para inserção na sua mesa diretora. Comparando com situações semelhantes na América portuguesa, levantamos algumas razões que puderam levar ao ouvidor José Pinto Ribeiro a se envolver com

fazendeiros e nobres políticos para alcançar a provedoria, como a comunicação política com outras instâncias de poder régio, o simbolismo diante da comunidade local em eventos públicos, e o acesso aos bens da instituição.

Uma demonstração da disputa por distinção foi a busca das irmandades pela condução de festejos e cortejos fúnebres, como levanta João. J. Reis (1991). Na representação que o pároco da Igreja Matriz fizera contra a Santa Casa, denuncia o que considerava como abusos por esta faltar com os emolumentos paroquiais e disputar funções religiosas com outras confrarias, como ocorreu nas festas sagradas de 1790. No entanto, o que o clérigo mais chamou a atenção foi o enterramento de brancos e livres pela Misericórdia, quando, segundo ele, deveriam ser enterrados na igreja onde eram paroquianos. O conflito não tinha apenas contornos econômicos, já que envolvia as esmolas de tumbas, mas principalmente simbólicas por se tratarem do sepultamento dos localizados na parte mais alta da camada da sociedade colonial.

Alguns relatos que tivemos acesso nos dão conta de uma grande quantidade de mortos que eram levados ao adro da Igreja Matriz para que através de esmolas pudessem ser enterrados, mas muitos dos que não conseguiam eram abandonados e estavam sujeitos a decomposição e ataque de animais. Tal cenário teria diminuído com a instalação do cemitério da Santa Casa, segundo atestação do seu capelão. Para o pároco, portanto, a Misericórdia deveria apenas enterrar essa camada baixa da população, enquanto que para esta, além dos pobres também poderiam cuidar dos ricos pelos

privilégios que conseguiram junto à rainha D. Maria I em 1792.

CONCLUSÕES:

Esta pesquisa possibilitou, portanto, compreender a inserção de uma instituição de prática caritativa da área da saúde na dinâmica político-social de uma sociedade colonial em fins do século XVIII. Observamos que é possível falarmos da influência de teorias médico-políciais e das reformas administrativas, tendo em vista os contatos políticos com agentes reformadores, a formação de moradores da comarca na Universidade de Coimbra pós-reforma, como o ouvidor e provedor da Santa Casa José Pinto Ribeiro, e pelo possível conhecimento de editais da Intendência Geral de Polícia.

A preocupação com a conservação da saúde dos povos esteve presente no distrito de Campos dos Goytacazes, mas sob um cariz tradicional como era a Santa Casa de Misericórdia, administrada por uma associação leiga com aspectos caritativos. Uma instituição fonte de prerrogativas e privilégios, que não queria ser ofuscada perante outras corporações dessa sociedade de Antigo Regime.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos a Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) por ter aceitado o projeto, fomentando a pesquisa, e a Universidade Federal Fluminense por proporcionar o espaço de ensino, pesquisa e de divulgação científica.

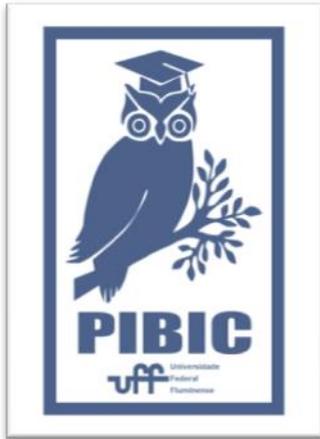


Imagem 1: Imagem PIBIC



Grande área do conhecimento: Ciências Humanas
“Transformações recentes na área central da cidade do Rio de Janeiro: reflexões críticas sobre a produção do espaço urbano em um contexto de neoliberalização”

Gabriel Figueiró Santos Gomes

Departamento de Geografia (Niterói) / GECEL (Grupo de Estudos Cidade, Espaço e Lugar)

INTRODUÇÃO:

A partir da década de 1970, o neoliberalismo ressignifica a atuação do Estado em diversas esferas da sociedade, desde as relações de trabalho até a produção do espaço urbano. Os efeitos do neoliberalismo na produção do espaço são contundentes, em especial pela ascensão de um planejamento urbano estratégico e fielmente alinhado às demandas do capital. Harvey (1996) classifica como empresariamento urbano as estratégias dos governos de grandes cidades em crise para uma retomada econômica, social e urbana. As estratégias descritas por Harvey caracterizam a escolha de determinadas áreas da cidade para receberem projetos de revitalização urbana, por meio de parcerias público-privadas, e serem inseridas em uma rede empresarial e financeira mundial. Ainda de acordo com o autor, com diversas cidades adotando esse modelo urbano, a cidade em si se tornaria um produto a ser vendido, levando a uma competição internacional pelo investimento de empresas e grandes grupos financeiros. Uma constante entre as prefeituras que procuram a promoção e o angariamento de investidores para as cidades

é a candidatura para os megaeventos internacionais. Cidades como Barcelona e Atenas se utilizaram dos Jogos Olímpicos para emplacarem grandes projetos urbanísticos, atraindo grande aporte de investimentos internacionais. No Brasil, o Rio de Janeiro adotou a mesma estratégia e, em 2009, foi eleita sede das Olimpíadas de 2016. No bojo das diversas obras realizadas durante a preparação da cidade para receber os Jogos, foi iniciado o Projeto Porto Maravilha, uma parceria público-privada, que tem como propósito a transformação da zona portuária adequando a área para o acolhimento de grandes investimentos, em especial imobiliários. O objetivo deste trabalho é analisar de que maneira a mídia - aqui o Grupo Globo - exerce função fundamental na legitimação do Projeto Porto Maravilha e na consolidação desse modelo de planejamento urbano.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A execução do Projeto Porto Maravilha se assentou em uma complexa rede de alianças e pactos político-econômicos. Ressaltamos aqui dois importantes agentes:

- i) As empresas Odebrecht, Carioca Engenharia e OAS que formam o consórcio Porto Novo, companhias de construção civil que atuam também nos ramos imobiliário e, mais recentemente, no dos serviços públicos; as três empresas detêm um importante capital político em função da influência exercida sobre governantes que dependem de suas vultosas doações durante períodos eleitorais; e
- ii) O conglomerado de mídias do Grupo Globo que, mesmo não tendo papel direto na estruturação do espaço urbano, introduziu-se no movimento de transformação da zona portuária por meio da Fundação Roberto Marinho, encarregada da gestão de grandes equipamentos culturais na Praça Mauá, em especial o Museu do Amanhã.

Em 2014, dois grandes marcos da política brasileira desestruturaram o arranjo de forças que sustentavam o Projeto Porto Maravilha: o racha entre o PT e PMDB (atual MDB) e o início da Operação Lava Jato. As inflexões políticas e econômicas de 2016, no que se refere à crise na relação PT-PMDB (que culminou com o impeachment da presidente Dilma Rousseff) marcaram uma cisão na rede de alianças sobre a qual o Porto Maravilha se assentava, um alinhamento entre as três esferas do poder executivo – municipal, estadual e federal – representados, no primeiros anos do Projeto, por Eduardo Paes (então PMDB), Sérgio Cabral (PMDB) e Lula (PT).

O surgimento da Operação Lava-Jato na paisagem política nacional foi a pá de cal que marcou o desmoronamento dessa complexa rede de alianças, marcando o início de uma oposição radicalizada entre a Rede Globo e o PT. No âmbito desta pesquisa realizamos uma análise do acervo de notícias do jornal O Globo, que demonstrou uma mudança na postura editorial do noticiário em relação às obras de revitalização já no fim de 2015, quando as ações da Lava-Jato passaram a divulgar indícios de corrupção nos processos de licitação e financiamento do Projeto Porto Maravilha. As matérias do jornal, que até então se mostravam generosas e apoiadoras do Projeto, sofreram uma transformação: no acervo do jornal, os termos “Porto Maravilha” e “Lava-Jato” aparecem juntos em um total de 101 páginas digitalizadas; ao realizarmos uma busca cruzada, constatamos que os termos “Porto Maravilha” e “corrupção” aparecem na mesma página 103 vezes no período 2015-2020, contrastando com as 54 vezes do período 2009-2014.

CONCLUSÕES:

Sánchez (2003) afirma que os grandes projetos de renovação urbana são alicerçados pela circulação, na grande mídia, de discursos e representações que os legitimam. Mas também nota que essas estratégias de marketing e convencimento devem ser defendidas e reiteradas a todo momento, para que sejam garantidas tanto a “reprodução das relações dominantes de poder quanto a manutenção e a expansão de investimentos privados” (p. 91).

Por isso a postura crítica que o Grupo Globo adotou (instigado pelo lavajatismo) em relação ao Porto Maravilha no cenário da crise política deve ser esmiuçada, posto que representa uma marcante inflexão na trajetória do empreendimento. A finalidade deste, não encontra-se em tentar estabelecer relação causal direta entre a “falência” do Porto Maravilha e a alteração da linha editorial do Jornal O Globo. O que causou o entrave das obras foi um complexo encadeamento de fatores que vão desde uma engenharia financeira instável até a falta de interesse dos investidores pela região, passando pelos largos esquemas de propina e subornos, entre tantos outros elementos. Mas a inflexão da propaganda midiática serve de expressão, ilustração dos descaminhos que a zona portuária do Rio de Janeiro teve/tem de atravessar na esteira dos processos de neoliberalização urbana.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço aos membros do GECEL, em especial a professora Ester Limonad, João Carlos Monteiro e a Vicente Brêtas. Agradeço também à PROPPI-UFF e ao CNPQ pelo apoio na forma de financiamento.



Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

O espaço rural no noroeste fluminense no contexto da agricultura familiar no século XXI

Marco Túlio Morais Velasque Silva e Erika Vanessa Moreira Santos

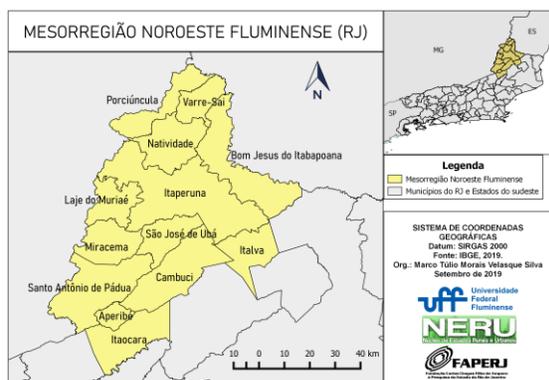
Departamento de Geografia de Campos/ Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional/

Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos

INTRODUÇÃO:

O objetivo geral deste trabalho é analisar o espaço rural da mesorregião geográfica Noroeste Fluminense à luz da importância da agricultura familiar no que tange à estrutura produtiva, fundiária e organização coletiva no período de 2006 a 2017. A área de estudo é composta de treze municípios (figura 1): Aperibé, Bom Jesus do Itabapoana, Cambuci, Italva, Itaocara, Itaperuna, Laje do Muriaé, Miracema, Natividade, Porciúncula, Santo Antônio de Pádua, São José de Ubá e Varre-Sai, de área total de 5.374 Km² e população total de 317.763 pessoas (IBGE, 2010).

Figura 1: Localização dos municípios da região noroeste fluminense



Os procedimentos metodológicos são compostos por técnicas qualitativas e quantitativas como o levantamento de referências bibliográficas sobre os temas da agricultura familiar, políticas públicas e organizações coletivas; coleta e análise de

dados secundários, disponibilizados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) dos Censos Demográficos (2000 e 2010) e Censos Agropecuários (2006 e 2017) e da Produção Agrícola Municipal (PAM/IBGE) de 1994 a 2018, de informações referentes à população, pessoal ocupado, organização coletiva, área colhida em lavouras temporárias e permanentes, número de estabelecimentos agropecuários e percentual de área ocupada por cada grupo de área no total dos estabelecimentos agropecuários e a análise das informações com a subsequente elaboração de mapas, gráficos e tabelas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

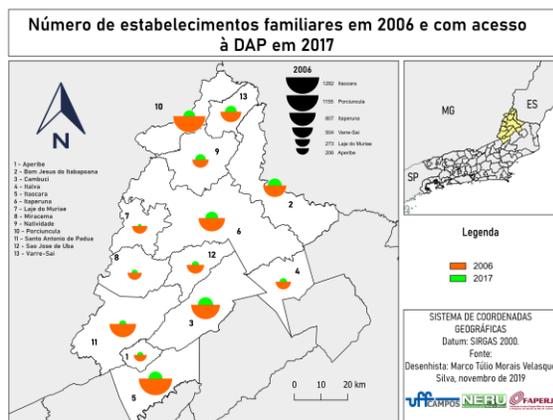
Com a institucionalização do Programa Nacional de Fortalecimento da Agricultura Familiar, em 1996, a agricultura familiar brasileira passa a ter suporte pelo Estado brasileiro, com acesso a programas de incentivo à produção e ao crédito rural de forma mais consistente, mesmo embora com proporções bem pequenas se comparada aos recursos destinados aos produtos de exportação.

Algumas características as quais a unidade de produção familiar se distingue da unidade de produção patronal e capitalista, são a própria lógica da subjetividade das formas distintas de gestão da unidade produtiva, que vão de encontro ao modo de produção capitalista, e os assuntos relacionados à própria estrutura interna da família, cujos elementos não são primordialmente mercantis e objetivos, há, por trás das decisões e conjunto de estratégias, opções, valores e elementos não mercantis (SCHNEIDER, 2003). Algumas dessas características se resumem em: grande

participação da mão de obra de familiares na produção, os comportamentos baseados em disputas geracionais, uma relação próxima entre a propriedade e a terra, a estrutura etária do grupo familiar, o gênero do indivíduo, posição na hierarquia, etc.

No que tange a região noroeste fluminense, em 2006, o número de estabelecimentos familiares na região correspondia a mais de 75% do total, já em 2017 os que obtiveram acesso à Declaração de Aptidão ao Pronaf – DAP - correspondem a menos de 16% (Figura 2).

Figura 2: Número de estabelecimentos familiares em 2006 e acesso à DAP.



No mesmo período, a média de pessoas contratadas por estabelecimentos agropecuários reduziu em boa parte dos municípios, exceto Aperibé, Cambuci, Itaocara, Laje do Muriaé, Santo Antônio de Pádua e Varre-Sai. e a média de estabelecimentos vinculados a associações, cooperativas ou entidades de classe recuou mais de 20% nos três casos.

A concentração fundiária no grupo de área de estabelecimentos maiores de 100ha se deu principalmente em São José de Ubá, Porciúncula e Miracema. Culturas típicas da agricultura familiar como o arroz, o café, o feijão e o tomate recuaram em área colhida no período de 2006 a 2017, enquanto culturas como a banana, a laranja, a mandioca e as forrageiras ampliaram a área. O número de estabelecimentos processadores de lácteos cresceu mais de quatro vezes na região, no mesmo período, cujo aumento está vinculado ao processo de agroindustrialização familiar.

CONCLUSÕES:

Atualmente, a partir da análise das informações secundárias sobre o campo do Noroeste Fluminense, constatamos que há políticas públicas disponíveis para a agricultura familiar, mas com muita dificuldade de acesso, sobretudo quando os dados revelam o acesso muito pequeno de agricultores familiares à DAP. Diante da situação da pandemia, estamos reorganizando nossas etapas metodológicas de campo com a realização de entrevistas via videoconferência, mas dependemos da disponibilidade das instituições.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço muito à minha família, que financia minha estadia em Campos, à educação pública brasileira, que se mostra em pleno estágio de evolução de qualidade mesmo diante das adversidades institucionais, ao Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos, que me acolheu e incentivou durante os últimos três, dos quatro anos de graduação e à minha orientadora, que me auxilia e me incentiva sempre, fazendo enxergar o mundo com outros olhos e percorrer o caminho da ciência com orgulho.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- BRASIL. IBGE. Censo demográfico, 2000 e 2010. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: < <https://www.ibge.gov.br/>> Acesso em: 09.mai.2019
- BRASIL. IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática: Censo Agropecuário, 2006 e 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 9 set. 2019.
- BRASIL. IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática: Produção Agrícola Municipal, 1999 a 2018. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 9 set. 2019.
- BRASIL. IBGE. Sistema IBGE de Recuperação Automática: Produção Pecuária Municipal, 1997 a 2017. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <sidra.ibge.gov.br>. Acesso em: 9 set. 2019.
- SCHNEIDER, S. **Teoria Social, capitalismo e agricultura familiar**. In. SCHNEIDER, S. A pluriatividade na agricultura familiar. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.



**Grande área do conhecimento: Ciências Humanas/História
Relações, assistência e disputas de enterramento em torno da
Santa Casa de Misericórdia de Campos dos Goytacazes (1786-
1810).**

ATALLAH, Claudia. C. A; FERNANDES, Hiago R.

**CHT – Departamento de História de Campos / Instituto de
Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR/UFF Campos) / LAHIRP/JIAR**

INTRODUÇÃO:

O trabalho a ser apresentado é resultado da pesquisa de Iniciação Científica fomentada pela FAPERJ e orientada pela profa. Dra. Claudia C. Azeredo Atallah. Através de uma microanálise regional relacionado ao contexto imperial português de Antigo Regime, propomo-nos a compreender as dinâmicas e os fatores que levaram a fundação da Santa Casa de Misericórdia no distrito de Campos dos Goytacazes, na década de 1790.

Partindo da percepção da Misericórdia ter sido uma instituição de práticas de assistência na área da saúde, foi-nos possível visualizar a sua inserção na dinâmica político-social da região, por nós delimitado, que compreenderia o distrito de Campos. Uma dinâmica de sociedade hierarquizada de Antigo Regime, em que seus membros a recorriam como fonte de privilégios e prerrogativas, e de disputas perante outras corporações.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Após o terremoto de Lisboa em 1755, a saúde pública foi tema recorrente no Estado de polícia

durante o reinado de D. José (SUBTIL, 2013), que tinha como referências as teorias científicas circulantes na Europa, defensoras da conservação da saúde dos povos e práticas mercantilistas como fontes de riqueza da nação. Procuramos perceber até que ponto essas leituras e preocupações administrativas médico-policiais alcançaram essa região diante do seu crescimento econômico e populacional. Mediante documentos que transcrevemos, tais como atas, ofícios camarários, representações e requerimentos, pudemos visualizar relatos da mortalidade ocasionada por epidemias decorrentes das enchentes do Rio Paraíba e pelo descuido com os enterramentos, que acenderam um alerta na elite local. Na década de 1790 a Irmandade Mãe dos Homens fundara a Santa Casa de Misericórdia, reconhecida pela Coroa em 1792, concedendo-lhe os mesmos privilégios da Misericórdia do Rio de Janeiro. Arrogadora de tais privilégios e afirmando ser uma associação de brancos, a Misericórdia se tornou um espaço de disputa e formação de redes clientelares para inserção na sua mesa diretora. Comparando com situações semelhantes na América portuguesa, levantamos algumas razões que puderam levar ao ouvidor José Pinto Ribeiro a se envolver com

fazendeiros e nobres políticos para alcançar a provedoria, como a comunicação política com outras instâncias de poder régio, o simbolismo diante da comunidade local em eventos públicos, e o acesso aos bens da instituição.

Uma demonstração da disputa por distinção foi a busca das irmandades pela condução de festejos e cortejos fúnebres, como levanta João. J. Reis (1991). Na representação que o pároco da Igreja Matriz fizera contra a Santa Casa, denuncia o que considerava como abusos por esta faltar com os emolumentos paroquiais e disputar funções religiosas com outras confrarias, como ocorreu nas festas sagradas de 1790. No entanto, o que o clérigo mais chamou a atenção foi o enterramento de brancos e livres pela Misericórdia, quando, segundo ele, deveriam ser enterrados na igreja onde eram paroquianos. O conflito não tinha apenas contornos econômicos, já que envolvia as esmolas de tumbas, mas principalmente simbólicas por se tratarem do sepultamento dos localizados na parte mais alta da camada da sociedade colonial.

Alguns relatos que tivemos acesso nos dão conta de uma grande quantidade de mortos que eram levados ao adro da Igreja Matriz para que através de esmolas pudessem ser enterrados, mas muitos dos que não conseguiam eram abandonados e estavam sujeitos a decomposição e ataque de animais. Tal cenário teria diminuído com a instalação do cemitério da Santa Casa, segundo atestação do seu capelão. Para o pároco, portanto, a Misericórdia deveria apenas enterrar essa camada baixa da população, enquanto que para esta, além dos pobres também poderiam cuidar dos ricos pelos

privilégios que conseguiram junto à rainha D. Maria I em 1792.

CONCLUSÕES:

Esta pesquisa possibilitou, portanto, compreender a inserção de uma instituição de prática caritativa da área da saúde na dinâmica político-social de uma sociedade colonial em fins do século XVIII. Observamos que é possível falarmos da influência de teorias médico-políciais e das reformas administrativas, tendo em vista os contatos políticos com agentes reformadores, a formação de moradores da comarca na Universidade de Coimbra pós-reforma, como o ouvidor e provedor da Santa Casa José Pinto Ribeiro, e pelo possível conhecimento de editais da Intendência Geral de Polícia.

A preocupação com a conservação da saúde dos povos esteve presente no distrito de Campos dos Goytacazes, mas sob um cariz tradicional como era a Santa Casa de Misericórdia, administrada por uma associação leiga com aspectos caritativos. Uma instituição fonte de prerrogativas e privilégios, que não queria ser ofuscada perante outras corporações dessa sociedade de Antigo Regime.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos a Fundação de Amparo e Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) por ter aceitado o projeto, fomentando a pesquisa, e a Universidade Federal Fluminense por proporcionar o espaço de ensino, pesquisa e de divulgação científica.



Ciências Humanas

**Economia de aglomeração e circuitos espaciais produtivos:
estudo da Cerâmica Vermelha em Campos dos Goytacazes-RJ**

**Ana Carolina Carvalho Rangel De Oliveira e Leandro Bruno
Santos**

**Departamento de Geografia de Campos (GRC), Instituto de
Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR),
Núcleo de Estudos em Economia Política Geográfica (NEEPG)**

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa se propõe a analisar o processo e formação sócioterritorial da aglomeração produtiva de cerâmica vermelha em Campos dos Goytacazes-RJ, as redes de relações entre empresas e entre empresas e demais entidades públicas e privadas, bem como os circuitos espaciais de produção engendrados pelos diferentes capitais com atuação nessa aglomeração produtiva. Os procedimentos abrangeram levantamento bibliográfico sobre o tema proposto, levantamento e sistematização de dados (IBGE, RAIS/CAGED, entre outros), realização de questionários semiestruturados junto a instituições, organizações e empresas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Nas últimas décadas, o processo de globalização econômica, propiciado pelos avanços da telemática e pelas políticas de abertura e desregulamentação dos mercados, desencadeou mudanças socioeconômicas

profundas e novas formas de organização do espaço. A divisão territorial do trabalho tornou-se mais complexa, de modo que a produção de diversas atividades econômicas tem sido fragmentada em escala planetária, com unidades produtivas instaladas em diversos territórios, configurando um circuito espacial produtivo. A competitividade dos novos espaços industriais tem sido baseada na produção em menor escala, relações mais flexíveis e redes de cooperação e competição.

O aglomerado produtivo de empresas produtoras de cerâmica vermelha em Campos constitui-se numa entidade sócio-territorial caracterizada pela presença ativa de uma comunidade de empresas num determinado espaço geográfico (BENKO, 1994), marcadas por uma inter-relação entre elas e com demais instituições públicas e privadas, porém uma inter-relação muito estreita, observada na prática, na medida em que as iniciativas envolvendo aos agentes produtores têm sido muito tênues.

Campos dos Goytacazes, cidade considerada polo regional desde a colonização, foi

coadjuvante na produção do açúcar, tendo sido um dos maiores produtores nas primeiras décadas do século passado. No entanto, a partir da década de 1950, o Norte Fluminense começa a sentir gradativamente um processo de esgotamento e paralização econômica, principalmente o declínio das atividades tradicionais monocultoras.

Com isso, a análise da origem e evolução do arranjo produtivo de cerâmica vermelha em Campos é observada em um contexto complexo de crise do setor sucroalcooleiro, com o deslocamento de capitais dessa atividade para a exploração de recursos sobre o que estava por debaixo da superfície (argila). A indústria cerâmica, embora já existente no município, ganha mais expressividade na estrutura produtiva de Campos com a crise econômica da cultura da cana de açúcar.

Os resultados alcançados mostram que a indústria de cerâmica vermelha é a principal atividade da indústria de transformação, respondendo por grande parte dos estabelecimentos e empregos. Os circuitos espaciais produtivos são locais e regionais, muito por conta das especificidades dessa indústria. Sua competitividade se baseia mais na ampla disponibilidade de matéria-prima e força de trabalho com baixa remuneração e qualificação do que na interação e cooperação intercapitalista e na inovação de processos e produtos.

CONCLUSÕES:

A indústria cerâmica vem se mostrando de extrema importância para a economia campista,

pois, além da circulação de mercadorias, arrecadação de impostos, estimula a construção civil na cidade (com preço mais acessível). Com a demanda pelo transporte das mercadorias, faz girar o consumo do combustível, peças para manutenção, entre outros. O próprio número de empregos diretos, apesar da baixa remuneração, contribui para a circulação e o consumo na baixada campista.

Em virtude das pesquisas realizadas e do contraste teórico-empírico proporcionado pelos estudos, foi possível entender o funcionamento das estruturas no contexto da aglomeração produtiva em Campos, além dos fatores que levaram ao seu surgimento. O processo de globalização econômica ocasionou um remodelamento das forças produtivas. A expansão de novas formas flexíveis de organização da produção aponta para a mudança do modelo de desenvolvimento fordista, trazendo consequências importantes no âmbito econômico, social, organizacional e tecnológico.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao meu orientador, Leandro Bruno Santos, por ter me aceitado imediatamente como orientador e ter desempenhado tal função com dedicação, paciência, amizade, seriedade e por toda ajuda durante o meu aprendizado. Meu agradecimento também à Universidade Federal Fluminense e à FAPERJ, pelo privilégio e oportunidade de crescimento intelectual, de contato com excelentes professores, de conhecer vários lugares e eventos.

REFERÊNCIAS:

BECATTINI, G. O distrito marshalliano. Uma noção socioeconômica. In: BENKO, G.; LIPIETZ, A. (Org.). **As regiões ganhadoras. Distritos e redes**: os novos paradigmas da geografia econômica. Oeiras: Celta Editora, 1994, p. 19-30.

BENKO, G. **Economia, espaço e globalização na aurora do século XXI**. São Paulo: Hucitec, 1996.

BENKO, G.; LIPIETZ, A. **As Regiões Ganhadoras**: distritos e redes os novos paradigmas da geografia e económica. 1 ed. Oeiras: Celta Editora, 1994.

BENKO, G.; PECQUEUR, B. Os recursos de territórios e os territórios de recursos. **Geosul**, v.16, n.32, p 31-50, jul./dez. 2001.

CARAVACA, I. Los nuevos espacios ganadores y emergentes. **Eure**, v. XXIV, n. 73, p. 5-30, Dez. 1998.

FUINI, L. L. Os arranjos produtivos locais (APLs): uma breve explanação sobre o tema. **Geotextos**, v. 9, n. 2, Dez. 2013.



Ciências Humanas

Novas lógicas de localização do setor bancário e práticas espaciais dos usuários de serviços bancários em Campos dos Goytacazes-RJ

Samuel Henderson de Faria Santos e Leandro Bruno Santos

Departamento de Geografia de Campos (GRC), Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR), Núcleo de Estudos em Economia Política Geográfica (NEEPG)

INTRODUÇÃO:

Este estudo é parte da pesquisa de iniciação científica sobre as lógicas de localização do setor bancário em Campos dos Goytacazes e as práticas espaciais dos usuários. Inicialmente, percebemos que a lógica de localização dos bancos está inserida em uma estratégia de se atrelar as principais áreas centrais da cidade, porém áreas que possuem uma boa circulação, seja por proximidade das principais avenidas, presença de terminais de ônibus, etc. Por meio da aplicação de questionários, conseguimos obter respostas importantes sobre os usuários dos serviços bancários da cidade, com a possibilidade de traçarmos perfis dos respondentes, tais como escolaridade, renda, origem, meio de locomoção, entre outros dados que possibilitaram compreender melhor como a estrutura bancária influencia e é influenciada pelos usuários.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A discussão se inicia primeiramente para compreender as principais mudanças do sistema econômico e político desde os anos de 1970, marcado pela emergência da acumulação flexível (HARVEY, 2006), um período marcado pela compressão espaço-tempo, onde empresas podem desconcentrar a produção para outros países, conectar locais que outrora estavam desconectados através da rede.

Com os bancos não foi diferente, na medida em que outrora se organizavam em poucas cidades, principalmente metropolitanas, começaram a se expandir por todo o território nacional, porém de maneira seletiva, tanto na escala nacional, atingindo áreas próximas aos grandes centros e nas regiões centro-sul e na escala da cidade, privilegiando áreas centrais e próximas ao centro. Isso foi observado na nossa pesquisa, onde os espaços abarcados por agências em Campos dos Goytacazes são áreas centrais da cidade, quase todas limítrofes ao centro Histórico da Cidade.

A partir dos anos 2000, período de maior expansão do setor bancário no Brasil, temos a consolidação de novas áreas centrais em Campos dos Goytacazes no que diz respeito

aos serviços bancários. Todas apresentam um misto de áreas com determinada demanda local de serviços bancários e um grande fluxo de transporte.

Os questionários aplicados (142 no total) demonstraram que o principal centro da cidade (Centro Histórico) é marcado pela grande presença de pessoas que chegam às agências de ônibus, especialmente pela presença de terminais de ônibus próximo ao centro. Já em outros bairros, como no Turf Club e em Guarus, vemos a presença dos veículos próprios como principal meio de locomoção para as agências. Outras respostas evidenciam que cerca de 53% utilizam o mobile banking (utilização dos serviços bancários por meio de aplicativos para smartphone), porém cerca de 47% não utilizam. A idade dos usuários é relativamente alta, cerca de 48 anos de idade, o que pode demonstrar a pouca utilização do público jovem. Alguns dados evidenciam a desigualdade presente na cidade, visto que, no centro, notamos a presença de pessoas de bairros muito distantes, até mesmo de outros distritos, demonstrando uma grande concentração de agências em bairros com certa demanda, porém pouco rentáveis para a presença de agências (muito dos bairros com maior resposta dos respondentes possuem outros objetos bancários, como caixas eletrônicos, mas não têm agências). Além disso, os resultados mostram que a familiaridade com os aplicativos bancários está ligada com a escolaridade e/ou renda dos usuários.

Também é importante destacar as agências segmentadas e das rendas mais elevadas nas agências do bairro Pelinca, um dos bairros com a renda mais elevada da cidade, que atende

principalmente moradores do próprio bairro e do centro.

CONCLUSÕES:

A partir das respostas obtidas com as aplicações dos questionários, confirmamos algumas relações entre o perfil dos usuários e a expansão urbana da cidade (com a ida da burguesia das áreas centrais para oeste em direção aos bairros Jardim Maria Queiroz, Pelinca e também pelo surgimento das áreas periféricas ao centro, especialmente durante o século XX) (FREITAS, 2011), visto que as áreas com maior presença de bancos - Centro e Pelinca - são aquelas onde há maior respondentes com renda acima de 5 salários mínimos (mesmo que a média de renda geral dos usuários seja de 1 a 3 salários mínimos), enquanto os bairros afastados das áreas centrais são desassistidos de agências bancárias, refletindo a grande desigualdade espacial presente na cidade. Além dos fatores renda e escolaridade serem muito presentes no que diz respeito à utilização dos serviços bancários por aplicativos.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao meu orientador, Leandro Bruno Santos, pela dedicação e apoio, pelas orientações e conselhos, tendo papel de extrema importância na minha construção como pesquisador e geógrafo.

Agradeço também à FAPERJ pela bolsa de iniciação científica, o que demonstra a preocupação da instituição para com a pesquisa e seu papel para auxiliar tanto os alunos a terem

uma aproximação com a pesquisa acadêmica e de trazer conhecimento e possibilidades para a sociedade como um todo. Agradeço à UFF pela estrutura proporcionada e por possibilitar a formação de ótimos profissionais e cidadãos.

REFERÊNCIAS:

FREITAS, K. P. S. Produção e apropriação do espaço urbano de Campos dos Goytacazes, RJ: da residência unifamiliar aos edifícios de apartamento - Campos dos Goytacazes, RJ, 2011.

HARVEY, D. A condição pós-moderna. Uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural. São Paulo: Loyola, 2006.



Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

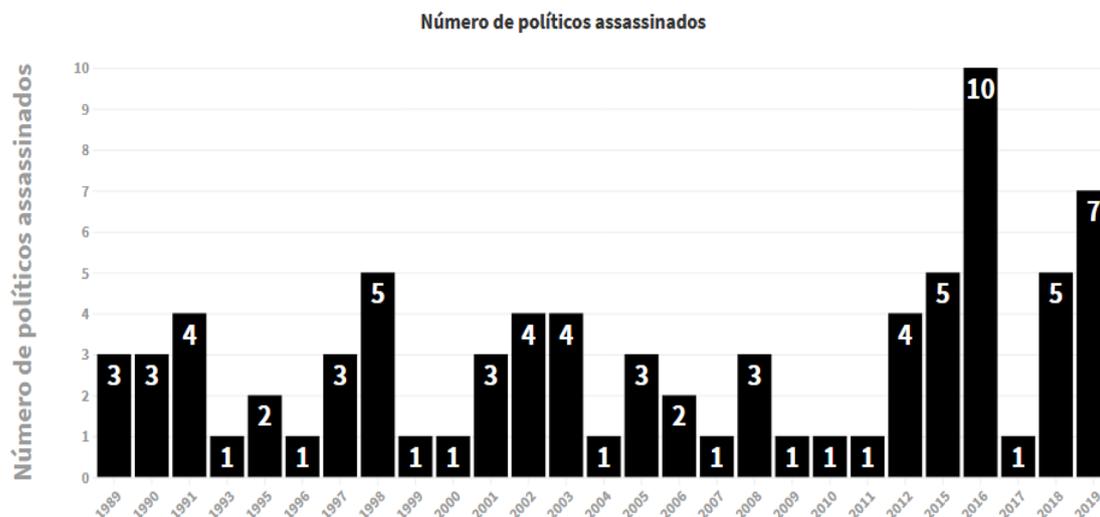
MAPEAMENTO DOS ASSASSINATOS DE POLÍTICOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO

Autores: Flavia Rios e Huri Paz

Com bases nos ainda poucos trabalhos sobre violência política no Brasil e tomando como referência trabalhos clássicos sobre violência urbana, de um lado, e autoritarismo e mandonismo local, de outro, buscou-se dar bases históricas e conceituais para a investigação em tela. O presente estudo teve por objetivo mapear os assassinatos de políticos desde o estabelecimento da Constituição Federal de 1988 até o ano de 2019. Por meio do levantamento dos dados do TSE, de notícias da grande imprensa, disponíveis na internet e no acervo da Biblioteca Nacional, além de relatórios da sociedade civil organizada. Foi realizado um mapeamento de parlamentares (municipais e estaduais), políticos de cargo executivos (como secretários e prefeitos), além de candidatos em contextos sociais e políticos assassinados nas últimas três décadas. Como resultado a registrou 80 políticos assassinados no período de 31 anos compreendidos entre 1988 e 2019. Entre 1988 e 1998, 4 prefeitos no curso do mandato, 1 ex-prefeito e 2 presidentes de

câmaras municipais foram assassinados. Nos anos seguintes, não foram registrados assassinatos de políticos ocupantes destes cargos. Vereadores, candidatos a vereador e pré-candidatos a vereador são os três cargos que mais acumulam assassinatos nestas últimas duas décadas. Outro dado importante é a forte concentração desses assassinatos políticos na baixada fluminense, mostrando uma cartografia dessa violência política no Estado. Além da cartografia, avançou-se no perfil geral dos políticos assassinados no período compreendido pela pesquisa.

Número de políticos assassinados por ano no Estado do Rio de Janeiro (1988 - 2019)



Fonte: Elaborada pelos autores, 2020

Concluiu-se que violência contra políticos que resulta em assassinatos no Estado do Rio de Janeiro é um fenômeno frequente e que possui variações ao longo do tempo. Nas duas primeiras décadas de análise, foram registrados cerca de 2,2 assassinatos por ano. Na última década, entre 2009 e 2019, foram registrados 3,5 assassinatos por ano, um aumento de aproximadamente 52% em relação a década anterior. Foi nesta década que ficou registrado um recorde histórico de 10 políticos assassinados em um mesmo ano desde 1988, no ano de 2016, em que ocorreram eleições municipais no Brasil. Seguida por um segundo recorde histórico, de 7 políticos assassinados no ano de 2019. O que pode indicar, a título de hipótese a ser investigada futuramente, uma correlação entre crise política e

aumento da violência política que leva à morte.

Bibliografia:

ALBARRACÍN, Juan. Criminalized electoral politics in Brazilian urban peripheries. *Crime, law and social change*, v. 69, n. 4, p. 553-575, 2018.

ADORNO, Sérgio. Exclusão socioeconômica e violência urbana. *Sociologias*, n. 8, p. 84-135, 2002.

ALVES, José Cláudio Souza. Violência e religião na Baixada Fluminense: uma proposta teórico-metodológica. *Revista Rio de Janeiro*, v. 8, p. 59-80, 2002.

ALVES, José Cláudio Souza. Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense. Associação de Professores e Pesquisadores de História, CAPPH-CLIO, 2003.

BARRETO, Adriana S. Cartografia política: As faces e as fases da política na Baixada Fluminense. 2006. Tese (Doutorado)-Museu Nacional (UFRJ)

BORBA, Felipe; NOGUEIRA, Ary. Violência eleitoral no Brasil: o perfil político e social de candidatos assassinados entre 1998 e 2016. 2018. Disponível em <https://portal.anpocs.org/index.php/papers-40-encontro-3/gt-31/gt35-10/11416-violencia-eleitoral-no-brasil-o-perfil-politico-e-social-de-candidatos-assassinados-entre-1998-e-2016/file>

CRUZ, José Miguel. Violencia, democracia y cultura política. Nueva Sociedad, v. 167, p. 132-146, 2000.

JUWER, Vinicius VS. Geografia e voto: comportamento eleitoral em espaços de controle criminoso na cidade do Rio de Janeiro-Brasil. Anais: Encontro de Geógrafos de America Latina, 2013. 2014.

LEAL, Victor Nunes. Coronelismo, enxada e voto: o município e o regime representativo no Brasil. São Paulo. Companhia das Letras, 2012

LIMONGI, Fernando. Eleições e democracia no Brasil: Victor Nunes Leal e a transição de 1945. Dados-Revista de Ciências Sociais, v. 55, n. 1, p. 37-69, 2012.

OLIVEIRA, Luiz Augusto Vieira de. Violência e criminalidade no Rio de Janeiro: territorialização das organizações criminosas no estado – Rio de Janeiro, 2019. Dissertação (Mestrado em Estudos Populacionais e Pesquisas Sociais) – Escola Nacional de Ciências Estatísticas.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. O mandonismo local na vida política brasileira, e outros ensaios. São Paulo: Alfa-Ômega, 1976

RODRIGUES, André. Homicídios na Baixada Fluminense: Estado, mercado, criminalidade e poder. Geo Uerj, n. 31, p. 104-127, 2017.

SOARES, Luiz Eduardo. Desmilitarizar: segurança pública e direitos humanos. Boitempo Editorial, 2019.

MISSE, Michel. Malandros, marginais e vagabundos & a acumulação social da

violência no Rio de Janeiro. Instituto Universitário de Pesquisas do Rio de Janeiro, 2000.



Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: Paulo Freire, ontologia do oprimido e filosofia da educação popular

Autores: Camilla Frederico Duarte (bolsista); Diego Chabalgoity (orientador)

Departamento/Unidade/Laboratório: Departamento de ciênciashumanas (PCH) / INFES-Pádua

PAULO FREIRE, ONTOLOGIA DO OPRIMIDO E FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO POPULAR

INTRODUÇÃO

O trabalho busca, a partir do que Chabalgoity (2015) chama de Ontologia do oprimido, identificar a influência das diversas correntes filosóficas da modernidade na construção do pensamento de Paulo Freire, em especial o marxismo, o existencialismo e a fenomenologia. Partindo do conceito de *tradutibilidade* proposto por Gramsci, o projeto identifica os aspectos originais da leitura que Freire faz dessas correntes, no intuito de captar suas influências na filosofia da educação popular e no pensamento decolonial contemporâneo de forma mais ampla.

Embora Carlos Alberto Torres¹ já acreditasse que o pensamento de Paulo Freire entrelaça e sintetiza as concepções que as correntes filosóficas oferecem, é a ideia de *tradutibilidade* que nos leva a observar a amplitude do pensamento do autor, já que nos permite assumir que é a própria busca por

uma ontologia do oprimido que funciona como propulsora da criação do novo, que é a *tradução* dessas correntes na práxis por libertação.

Acreditamos que a busca do oprimido por libertar-se implica na luta pela transformação da realidade opressora. Para Paulo Freire, essa busca impele a luta política pela humanização, que perpassa a construção de uma ontologia do oprimido. O projeto defende que é essa construção a mais importante contribuição do autor para o campo da educação popular.

DISCUSSÃO

O objetivo de estudar o percurso da construção do pensamento de Paulo Freire surge pois, continuando os trabalhos realizados no Grupo de Estudos e Pesquisas Paulo Freire e Educação Popular – GEPEP, observamos nos cursos de licenciatura uma rara discussão sobre os fundamentos ontológicos do pensamento do autor, patrono da educação brasileira. Apesar de amplamente citado nos cursos de formação de professores e de sua reconhecida influência

¹ “(...) uma síntese inovadora das mais avançadas correntes do pensamento filosófico contemporâneo, como o existencialismo, a fenomenologia, a dialética hegeliana e o materialismo histórico” (Torres, In: Gadotti, 1996, p. 118-119)

nos movimentos sociais e populares, a compreensão de sua obra ressoa de estudos que busquem tornar mais claras as relações existentes entre os princípios ontológicos de suas propostas educativas e os caminhos filosóficos que traça até o contato com o entendimento marxista da totalidade e da ontologia do ser social.

Dessa forma, vigilantes a essa questão, iniciamos o projeto a partir da reflexão sobre o problema do conhecimento, fundamental para o desenvolvimento da filosofia moderna. É a investigação sobre o que podemos conhecer que explicita a necessidade de um método e muda o foco do questionamento para o homem e as questões terrenas, iniciando toda uma nova tradição filosófica. Aranha e Martins (1989, p. 165 – 166), refletindo sobre essa questão, afirmam que “há dois polos no processo do conhecimento: o *sujeito cognoscente* (que é o sujeito que conhece) e o *objeto conhecido*. Assim, o conhecimento é uma dualidade de sujeito e objeto expressa numa relação”. Observamos que a trajetória do pensamento moderno ora preconiza um, ora outro desses polos. As importantes *críticas*, primeiro com Kant, depois com Hegel e finalmente com Marx e Engels, nos fornecem elementos para fundamentar uma concepção de conhecimento dialética, que não separe de forma alguma o sujeito e o objeto, a subjetividade e a objetividade, a teoria e a prática.

Paulo Freire, entretanto, afirma que sua perspectiva não é apenas dialética, mas vai além, dizendo: “minha perspectiva é dialética e fenomenológica. Eu acredito que daqui temos que olhar para vencermos esse relacionamento oposto entre teoria e práxis:

superando o que não deve ser feito num nível idealista” (FREIRE *apud* TORRES, 2003, p. 14). Isso implica assumir de forma iniludível que, como ensina Semeraro (2009, p. 23), “o oprimido não é apenas subalterno”, é, sobretudo, o excluído e aniquilado, aquele do qual lhe foi roubada a possibilidade de dizer a própria história.

CONCLUSÕES

Consideramos que o oprimido carrega as chagas da violência colonial, que o impede material e subjetivamente de ser. Conceito de Merleau-Ponty, o corpo consciente do oprimido se constitui em dualidade em relação à opressão. A esperança reside no fato de que esse impedimento não é apenas vexatório: é nele que se encontra a potencialidade do pensamento decolonial e libertador. Se há, para outras correntes, a possibilidade da separação entre sujeito e objeto e entre teoria e prática, para a educação popular freiriana, o fundamento da ação revolucionária é a dialética entre o trabalho e a reflexão, fundantes do ser social. Assim, entendendo a base do pensamento existencialista, outra importante corrente para Paulo Freire, que pontua que a existência precede a essência, é na luta contra a realidade material de opressão que o ser humano pode se lançar na luta pela construção de si mesmo. A militância por denunciar essa realidade, anunciando a perspectiva da criação de outra, é a intencionalidade da prática pedagogicamente política de Freire.

REFERÊNCIAS

ARANHA, Maria Lúcia de Arruda. *Filosofando: introdução à filosofia* / Maria Lúcia de Arruda

Aranha, Maria Helena Pires Martins. São Paulo, Moderna, 1986.

CHABALGOITY, Diego. Ontologia do oprimido: construção do pensamento filosófico em Paulo Freire. Jundiaí, SP: Paco Editorial, 2015.

GADOTTI, Moacir. (org.) Paulo Freire: uma biobibliografia. São Paulo: Instituto Paulo Freire: UNESCO, Brasília, Cortez, 1996.

SEMERARO, Giovanni. Libertação e hegemonia: realizar a América Latina pelos movimentos populares. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

TORRES, C. A. Diálogo com Paulo Freire. 3ª Ed. São Paulo, Edições Loyola, 2003.



Ciências Humanas

Identidade Regional, Memória e Patrimônio em Campos dos Goytacazes (séculos XX e XXI)

MALEVAL, Isadora T.; SIMÃO, Laís P.

Departamento de História Campos (CHT) /

Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional

(ESR) / Laboratório de História Regional e Patrimônio (LAHIRP)

INTRODUÇÃO:

A tarefa central da pesquisa é a reflexão sobre a valorização ou eleições de bens patrimoniais em contextos específicos – a dizer, na passagem entre os séculos XX e XXI na região de Campos dos Goytacazes – e a preponderância dos mesmos na construção de identidades, problematizando a ideia de patrimônio a partir de um viés historiográfico, em diálogo com a noção de memória social.

História Regional é aqui vislumbrada como um campo de pesquisa em franco desenvolvimento, partindo de problemáticas concernentes às relações entre espaço físico e espaço social, referendando que toda divisão regional parte de uma definição política, sendo, então, a região percebida nesse sentido ampliado, evocando o campo das lutas simbólicas, a partir do qual, portanto, tornar-se-ia possível investigar aspectos relativos aos debates sobre identidade e memória social: ambas centrais também para a definição de patrimônio como campo específico de análise.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Há que se notar que a historiografia mais atualizada interpreta região como um conceito polissêmico, não apenas ligado a recortes espaciais, construídos por entidades político-administrativas, tais como os Estados-nacionais, mas também a questões de identidade e de representação.

Partindo dessa premissa, mobilizamos o conceito de memória coletiva trabalhado por Maurice Halbwachs e Michel Pollack. Ambos os autores apontam os fatores da seletividade e da não espontaneidade na composição das memórias coletivas. Um dos elementos constitutivos da memória seria o sentimento de identidade, relacionado à herança que recebemos enquanto grupo social, pois ela garante a sensação de unidade espacial, de continuidade temporal e de coerência na unificação dos aspectos heterogêneos que compõem um indivíduo ou uma comunidade.

Outro conceito caro à pesquisa é o de “lugares de memória”, cunhado pelo historiador Pierre Nora. Para o autor estaríamos vivendo sob a égide da percepção de perda do passado, algo que apontaria para a consciência de sua

ruptura. A sensação de continuidade ou de permanência, tão cara para o estabelecimento de identidades coletivas, passaria a ser sentida somente através dos lugares.

Nos anos de 1980, o patrimônio passou a ser incorporado sob a égide do “dever de memória” e determinaram-se os meios de sua proteção. A pergunta que rege a problemática de Nora é sobre aquilo que os grupos fazem do passado e, em última medida, o que motiva a eleição de algo como um lugar e sua preservação.

Dessa forma, um dos objetivos elencados no projeto foi, justamente, o de investigar de que maneira o jogo político interfere nesses regimes de promoção do patrimônio no âmbito da cidade de Campos dos Goytacazes, e de que maneira eles se relacionam com a tentativa de consolidação de determinadas memórias ligadas ao passado do município. Para tanto, tratamos como fontes e objetos de análise projetos como o do Corredor Cultural Histórico de Campos dos Goytacazes, a Sociedade Musical Lyra de Apollo, a Usina de Cambaíba, o Liceu de Humanidades de Campos, o Instituto Superior de Educação Professor Aldo Muylaert, a Academia Campista de Letras e o Pantheon dos Heróis Campistas.

Para a investigação nos valem os acervos do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, do arquivo da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes e da biblioteca da Casa de Cultura Villa Maria, o que possibilitou a pesquisa e análise de artigos de periódicos, leis e decretos municipais, além de obras memorialísticas de autores campistas.

CONCLUSÕES:

A pesquisa, cujo projeto teve sua vigência de 2020-2021 aprovada, ainda se encontra em andamento. Dessa forma, daremos continuidade ao levantamento de fontes nas instituições de pesquisas já elencadas e à sua posterior análise, de modo que ao fim da pesquisa seja possível responder algumas questões acerca dos lugares de memória selecionados como foco de investigação do projeto.

Dentre as problemáticas que se pretende levantar, inclui-se: em que contexto tais espaços foram estabelecidos?; Quem/qual grupo esteve à frente desses projetos?; Qual a relação deles com o poder público instituído?; O que eles sinalizam em termos de promoção de uma dada memória?; No campo simbólico, o que representam para a coletividade da cidade de Campos dos Goytacazes?; Há disputas entre diferentes grupos sociopolíticos acerca da demarcação desses espaços como lugares de memória?.

Destacamos, ainda, que o Trabalho de Conclusão de Curso da aluna bolsista, que está em andamento, também é fruto das discussões e investigações do projeto de pesquisa.

AGRADECIMENTOS:

Nossos agradecimentos se dirigem ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica da UFF, que tornou possível a execução da pesquisa, e ao Laboratório de História Regional e Patrimônio por fomentar os debates que constituíram esse projeto.

Agradecemos também aos profissionais do Arquivo Público Municipal Waldir Pinto de Carvalho, da Câmara Municipal de Campos dos Goytacazes e da Casa de Cultura Villa Maria pela diligência e pelo suporte durante as pesquisas feitas nessas instituições, sem as quais a realização do projeto não seria possível.



Ciências Humanas

Autismo e inclusão: conversação e docência

Maria Angélica Augusto de Mello Pisetta

Guilherme Brenner

Departamento: Fundamentos Pedagógicos

INTRODUÇÃO:

A presença do autismo na escola pública brasileira, sobretudo em turmas regulares, é uma realidade muito recente e, como tal, marcada pela precariedade de políticas públicas de acesso e permanência da criança autista; ausência total de estudos acerca do tema do autismo na formação de professores; variedade de concepções e intervenções na direção do trabalho pedagógico; dentre outras. Assim, discutir autismo e escola requer abraçar um campo de muita complexidade e desafio. Compreender o autismo requer estudar a psicopatologia desta condição e contextualizar esse saber como ferramenta no trabalho do professor e no cotidiano escolar.

Por isso não basta pensar as dificuldades ou entraves pedagógicos decorrentes da condição do autismo (que podem ou não surgir em cada caso particular), mas estar aberto e atento às questões relacionais que, para nós, são primárias às cognitivas. Pensar o autismo como estrutura subjetiva (e não como transtorno), a partir da recusa da regulação do objeto *a* (sobretudo a voz) na economia do gozo e no uso da fala (Maleval, 2017), se situou como fundamental em nosso

estudo, que buscou ouvir educadores sobre suas dificuldades com a inclusão de autistas na educação infantil, já que a partir dessa concepção os aspectos relacionais se sobrepõem ao diagnóstico dos déficits sociais, de interação e de interesses. Através de encontros de livre discussão a partir de um ponto de trabalho em comum (docência com autistas), operamos não dirigindo a dinâmica das intervenções do grupo, atentos a não ocupar o lugar de mestre no discurso; pesquisando assim, a relação entre o singular e o coletivo, campo por excelência da psicanálise em extensão.

RESULTADOS:

Tomar a psicanálise em extensão no trabalho com a educação como meio de pesquisa exigiu uma análise do discurso do analista na tensão com o discurso do mestre, em sua operação de interrogação fundamental (Lacan, 1992), que visa fazer emergir o objeto *a* no lugar do agente do discurso, ou, em outros termos, situar a falta simbólica como fomentadora do discurso, dando lugar às produções singulares, agora colocadas em ato no interior de um grupo (na nossa pesquisa

formou-se um coletivo de educadores – até oito profissionais, entre educadores, professores e coordenador de creche, que se reuniram em cinco encontros de livre discussão sobre seus impasses na inclusão de autistas). O trabalho se constituiu dessa forma na oferta de uma experiência com a palavra que consistia em tomar, do modo menos planejado possível, os impasses de cada uma frente ao trabalho que vinha realizando. O trabalho aqui se constitui como um fazer coletivo que enuncie e registre a construção cotidiana em torno do fortalecimento dos laços sociais necessário ao fomento da cultura inclusiva de autistas.

Nos reunimos com até oito profissionais em cinco reuniões de aproximadamente duas horas cada, sempre combinadas previamente, gravadas e transcritas. Os profissionais assinaram o TCLE e preencheram um questionário que trouxe algumas informações adicionais à pesquisa. Quanto à idade, os participantes tinham entre 29 e 54 anos; sendo uma orientadora escolar e quatro educadoras.

A partir da escuta psicanalítica da demanda dos docentes e utilizando a discussão livre em grupo, os professores e educadores tiveram a oportunidade (no estudo em questão) de colocar em palavras aquilo que gera angústia e dúvida. Como lidar com um aluno que vai na contramão daquilo que é considerado como fundamental na relação professor-aluno, o processo tradicional de mediação? Oferecer um local de escuta para além do setting clínico, aponta para uma possibilidade de inovação. Assim,

procuramos responder, na pesquisa ora concluída, o que é o autismo. Se estamos analisando o autismo como modo de existir no mundo, não é possível separar o sujeito do autismo, como algo que pode ser retirado e mesmo assim não alterar em nada a forma com que o sujeito se relaciona consigo mesmo e com a sua realidade. Entretanto, defender e apostar no sujeito autista como autor de sua história e da construção dessa história não é o suficiente na escola. É preciso atuar na construção de uma cultura escolar inclusiva.

DISCUSSÃO E CONCLUSÃO:

Pensar a inclusão como processo a ser conduzido, conquistado, torna possível analisar cada caso como único, não buscando eleger um aluno que exemplifica o nível perfeito de inclusão, mas sim pensar, a inclusão como um processo individual/coletivo, que deve ser conquistado. As transcrições e a análise dos resultados apontam para dificuldades na construção de laços na inclusão de autistas. Em muitos momentos, ignora-se aquilo que não se conhece e se procura aquilo que já foi concebido (VOLTOLINI, 2000). Essa expectativa se baseia na possibilidade do autista agir como se não fosse autista, ou como agem os outros autistas incluídos há mais tempo. O trabalho de conversação pode favorecer o reconhecimento de práticas e saberes, antes silenciados pelo que é considerado ideal.



Ciências Humanas

**“CRÍTICA AO NATURALISMO E TELEOLOGIA NA
FENOMENOLOGIA DE HUSSERL”**

Aluno: Raphael Kreidelman Kale Torres (Bolsista PIBIC/ CNPq).

Prof. Carlos Diógenes C. Tourinho (Orientador)

Departamento de Filosofia (GFL)

INTRODUÇÃO:

O presente projeto aborda a crítica de Husserl à doutrina do naturalismo. Relaciona a referida crítica nas origens da fenomenologia com o período das reflexões sobre a crise do homem europeu. Mais precisamente, o projeto investiga a hipótese de que haveria uma inseparabilidade entre o realismo filosoficamente ingênuo das ciências positivas (adotado pelas ciências naturais, bem como pelas ciências humanas) e a ingenuidade perigosa de tais ciências (cujos reflexos se fazem notar na formação da humanidade europeia, na primeira metade do século XX). Tal hipótese nos permitiria, enfim, elucidar o ímpeto da crítica de Husserl ao naturalismo, revelando-nos a ideia de uma “teleologia oculta” da referida humanidade. A análise de tal teleologia nos revelaria, por sua vez, outras camadas teleológicas, conduzindo-nos, enfim, para uma teleologia mais originária, própria das vivências intencionais. O começo e o progresso que são inerentes a tais camadas teleológicas não seriam fortuitos, mas, segundo Husserl, fundadas no aparecimento das coisas “elas mesmas”, em sua doação originária.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Um olhar sobre o caminho traçado por Edmund Husserl na primeira metade do século XX permite-nos notar o quão relevante se torna a crítica do autor à doutrina naturalista (para a qual pensar o mundo consiste em pensá-lo tão somente como uma realidade de fatos naturais), seja nas origens da fenomenologia (no âmbito dos debates sobre a fundamentação da Lógica), seja no período tardio (no qual se intensificam as reflexões sobre a crise da Europa). Se num primeiro momento, ainda nas Investigações Lógicas (1900), bem como nas lições do período de Göttingen (1906/1907), o esforço husserliano concentra-se, com a referida crítica, em denunciar os contrassensos teóricos inerentes à aceitação da doutrina naturalista (assumida como uma espécie de “solo” para a fundamentação das ciências positivas), já a partir da década de 20 e, sobretudo, no período dos anos 30, tratar-se-á de denunciar os perigos de tais contrassensos para a formação da mentalidade do homem europeu. Em tal período, Husserl é levado a apontar o poder de degeneração dos preconceitos naturalistas assumidos pela humanidade europeia no Entre Guerras, bem como o que abriria o caminho

para remediar o adoecimento espiritual de tal humanidade. Husserl não hesita, na conferência de Viena (1935), em convocar o homem europeu a reviver o que foi esquecido, aspirando ao renascimento de uma “racionalidade efetiva” que, ao triunfar sobre o naturalismo, uma vez mais, uniria esta mesma humanidade, regenerando-a, ao reconduzi-la, através do ideal da razão filosófica, ao seu solo espiritual originário. Aos olhos de Husserl, tal ideal se tornou “nativo” à Europa, assumindo uma função diretriz na evolução espiritual da humanidade europeia. E é justamente aí que nos deparamos com a ideia husserliana de uma “teleologia oculta” imanente à Europa (responsável, de acordo com Husserl, pela saúde espiritual do homem europeu). A análise de tal teleologia revela-nos a camada teleológica das ciências que, como regiões espirituais ramificadas da própria filosofia, almejavam se constituir como uma “ciência autêntica” (aspirando verdades válidas “para todos e de uma vez por todas”), além de uma camada mais originária da própria vivência intencional que, inclinada à evidenciação daquilo que intenciona, tenderia à realização da adequação entre atos intencionais significativos e seus preenchimentos intuitivos. Afinal, o cientista não quer apenas formular juízos sobre seus objetos, mas fundá-los na evidenciação das próprias coisas. Somos, então, conduzidos para uma teleologia mais originária, própria das vivências intencionais. O começo e o progresso que são inerentes a tais camadas teleológicas não seriam fortuitos, mas, segundo Husserl, fundadas no aparecimento das coisas “elas mesmas”, em sua doação originária.

CONCLUSÕES:

A intenção que move as reflexões de Husserl sobre a crise da humanidade europeia religa-nos, portanto, de certo modo, a uma preocupação que se faz presente nas origens da fenomenologia: denunciar, através de uma crítica da razão, os contrassensos do relativismo cético, inerentes à aceitação da doutrina naturalista. Se na primeira década, tal denúncia concentra-se num âmbito puramente teórico, no período tardio, converte-se em uma preocupação com os impactos que a aceitação de tal doutrina teria para a formação da mentalidade do homem europeu. Afinal, ao dar as costas para tais contrassensos, este homem fomenta uma posição perante o mundo que o leva a ignorar o seu próprio solo espiritual, perdendo de vista a ideia que faz dele o que ele é, tornando-o assim alienado de si mesmo. A ingenuidade teórica do objetivismo naturalista converte-se em um realismo fatídico e sem ideais, ampliando o alcance da crítica de Husserl ao naturalismo. Em um mundo reduzido a uma realidade de fatos naturais, esta humanidade não tardaria em justificar suas decisões com base em proposições extraídas dos fatos e, portanto, inferidas a partir da observação positiva dos mesmos. Tais proposições – enquanto generalizações da experiência – não perderiam o seu cariz contingente. O homem europeu estaria, portanto, destinado a um desamparo irreversível, permanecendo, nos termos de Antônio Banfi, “...sem céu, inclinado ao tormento caótico de uma terra inóspita”ⁱ, uma vez que, por mais êxito que o pensamento obtivesse, em

meio à exaltação do objetivismo naturalista (que somente considera como válido o que é objetivamente verificável), o próprio pensar – restrito a inferências de proposições empíricas – não poderia apreender conteúdos cuja validade estivesse inteiramente livre do assédio do que é contingente. O enfraquecimento do ideal de uma filosofia universal seria decorrente do estabelecimento de tal sentido homogêneo, próprio da ingenuidade unilateral imposta pela doutrina naturalista. Husserl parece pressentir que a crítica ao naturalismo pode permanecer inaudita por esta humanidade cujo adoecimento espiritual é manifesto. Afinal, como ele próprio nos diz, na mesma conferência de 1935: “a situação nunca melhorará enquanto não se colocar em evidência a ingenuidade do objetivismo” e não nos convenceremos do absurdo de considerar a natureza e o espírito como realidades de sentido homogêneo. Trata-se, portanto, de uma “ingenuidade trágica” (dada a sua periculosidade para a própria cultura) e, portanto, distinta daquela mencionada por Husserl a propósito da figura do filósofo como “espectador desinteressado” (*uninteressierter Zuschauer*). Se a primeira arruína a humanidade, reduzindo-a a uma mera accidentalidade, a segunda a redime do esquecimento de seu telos espiritual.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos à Proppi, bem como ao CNPq pela concessão da Bolsa de PIBIC, contribuindo decisivamente para o desenvolvimento acadêmico do aluno bolsista ao longo da vigência do Programa de Iniciação Científica (2019-2020).

ⁱ Banfi, M.A. “Husserl et la crise de la civilization européenne”. In: *Cahiers de Rouvaumont, Husserl*. Paris: Les Editions de Minuit, 1959, p.426.

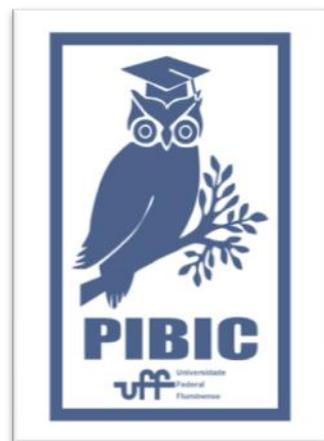


Imagem 1: Imagem PIBIC



Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: Da História da Educação à História do Trabalho-Educação – A fotografia como fonte de pesquisa histórica

Autores: Maria Clara¹ e Maria Ciavatta²

Departamento/Unidade/Laboratório: Núcleo de Estudos, Documentação e Dados (Neddate) da Universidade Federal

Fluminense.

INTRODUÇÃO:

Esta apresentação reúne dados referentes à minha participação como bolsista de Iniciação Científica (PIBIC – UFF – CNPq) no Projeto “ Da História da Educação à História do Trabalho Educação - A fotografia como fonte de pesquisa histórica”, coordenado pela Prof.^a Dr.^a Maria Ciavatta, desenvolvido no Núcleo de Estudos, Documentação e Dados (Neddate) da Universidade Federal Fluminense, como parte das atividades do Grupo THESE – Projetos Integrados em Trabalho, História, Educação e Saúde (UFF-UERJ-EPSJV-Fiocruz).

O objetivo geral da pesquisa consiste na identificação e análise do uso das fotografias como fontes documentais, seus fundamentos teórico-metodológicos na escrita da História da Educação e da História do Trabalho-Educação, em acervos documentais fotográficos em publicações (periódicos e livros) e no Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES, no período investigado (1990 e 2000), além de descrever, catalogar e elaborar análises das fotos.

Como afirma Maria Ciavatta,

O conhecimento através da imagem é, na atualidade lugar comum para estudantes e professores. Seu uso vem ao longo do século passado e neste século, mediante o avanço científico-tecnológico e a ampliação do acesso às mídias, a todas as camadas da população (redes sociais como Whatsapp, Facebook, Instagram, sites de busca como Google). A fotografia adquiriu um dinamismo que, em algumas formas de conhecimento, pode ultrapassar a escrita. Seu estudo é um imperativo para os educadores, tanto nas atividades pedagógicas, como para a compreensão da historicidade das políticas e das práticas educativas (CIAVATTA, 2018, p.2).

¹ Graduanda em História pela Universidade Federal Fluminense e Bolsista de Iniciação Científica (PIBIC-UFF/2019-2020).

² Professora Titular de Trabalho-Educação e Associada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF), Pesquisadora do CNPq, Coordenadora do Grupo THESE – Projetos Integrados de Pesquisa em Trabalho, História, Educação e Saúde (UFF-UERJ-EPSJV-Fiocruz), Coordenadora do Projeto de Pesquisa “ Da História da Educação à História do Trabalho-Educação – A fotografia como fonte de pesquisa histórica”.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Minha atividade de pesquisa desenvolveu-se em duas vertentes de trabalho: aprofundamento conceitual através da leitura, fichamento e discussão de textos nos seminários; e trabalho empírico documental de identificação de Teses e Dissertações no Catálogo da Capes sob a supervisão da Coordenadora do Projeto e de sua Auxiliar de Pesquisa Profa. Sânia Nayara Ferreira (Mestre em Educação).

1. Na atividade de aprofundamento conceitual e teórico-metodológico, identificamos 27 categorias e/ou conceitos importantes para o estudo das fotografias. Eles estão divididos em três grupos:

(a) Conceitos básicos: historicidade, tempo espaço, sujeito, mediação, contradição, totalidade social, particularidade histórica, realismo, crítica.

(b) Fotografia: fonte histórica, leitura de imagens, autoria da foto, fotógrafo, iconografia, semiótica, memória coletiva, apropriação da memória, evidência histórica, testemunha ocular, história da fotografia, relato, fotojornalismo, publicidade.

(c) Contexto: contexto político, econômico, social e educacional, sociedade política / sociedade civil, hegemonia, cidade artefato, cultura material.

2. Trabalho empírico documental - Esta relação de categorias comentadas para o estudo da fotografia com fonte histórica em textos de História da Educação (HE) e em História de

Trabalho-Educação (HTE) destina-se à discussão das categorias e procedimentos para a análise dos trabalhos selecionados no Catálogo de Teses e Dissertações da Capes e em livros e revistas a serem selecionados.

As teses e dissertações identificadas e selecionadas no Catálogo da Capes, restritas às Ciências Humanas, e às subáreas Educação e História, utilizam um variado instrumental analítico de teorias de concepção da realidade social e de teoria e método de interpretação das fotografias. Ao estudioso cabem duas atitudes: conhecer e compreender cada trabalho na sua especificidade, no uso de categorias e/ou conceitos. Cumpre, também, ter sua visão crítica para situar os limites e as convergências das diferentes concepções e dos instrumentos analíticos utilizados. Caso contrário caímos no relativismo em que a busca da verdade científica perde todo o sentido, torna-se apenas especulação.

CONCLUSÕES:

A partir dos debates promovidos tanto durante as aulas ministradas pela Prof^a Dr^a Maria Ciavatta, quanto nos encontros do já mencionado Grupo THESE, foi possível aprofundar as ideias trabalhadas por mim e por outros colegas que utilizam a fotografia como fonte histórica em seus trabalhos acadêmicos.

As leituras e discussões propostas vêm acrescentando ao projeto PIBIC desenvolvido anteriormente pela orientadora, intitulado "A

Historiografia em Trabalho e Educação e o Pensamento Crítico - Como se escreve a história da Educação Profissional”, no qual foram analisados os usos das categorias, sendo este aspecto de extrema importância para a nossa atual pesquisa.

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de agradecer especialmente à Profa. Dr^a Maria Ciavatta e à Profa. Sânia Nayara Ferreira, que me deram a oportunidade de participar do projeto, que tão enriquecedor me foi. Me receberam fornecendo todo o suporte para que eu tivesse uma melhor compreensão sobre as questões metodológicas e práticas desse projeto.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRANDÃO, Ana Maria LISSOVSKY, Maurício LOBO, Lúcia. **“A fotografia como fonte histórica: a experiência do CPDoc”** IN: Acervo, Revista do Arquivo Nacional. 1987.

BURKE, Peter. **Testemunha Ocular**. São Paulo, 2004.

FRIGOTTO; CIAVATTA; RAMOS. **Gramsci: historicidade da filosofia da práxis e a educação**. 2020.(no prelo).

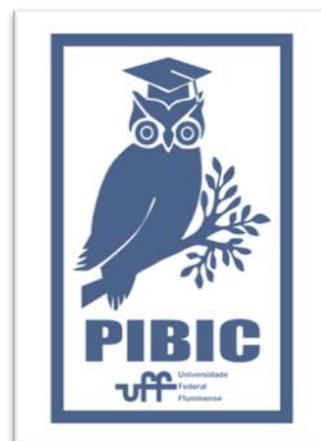


Imagem 1: Imagem PIBIC



Ciências Humanas

Projeto: SABERES DOCENTES E CONSTRUÇÃO DO CONHECIMENTO ESCOLAR NAS DISCIPLINAS CIÊNCIAS E BIOLOGIA

Resumo: TRADIÇÃO DAS COLEÇÕES NO ENSINO DE CIÊNCIAS E BIOLOGIA: COMO UTILIZAM E O QUE PENSAM O/AS PROFESSORES/AS?

Autores: Andressa Gomes Bomfim, Mariana Lima Vilela, Simone Rocha Salomão

Sociedade, Educação e Conhecimento/Faculdade de Educação/Grupo de Pesquisa “Currículo, Docência e Cultura”

INTRODUÇÃO:

As **Coleções Biológicas** marcam a história das ciências naturais (MARANDINO et al., 2014) e apesar de comumente pensar-se em coleções biológicas como artefatos apenas de pesquisas científicas ou de museus, a sua utilização no ensino, como coleções didáticas, pode se dar tanto na Educação Básica quanto na formação docente (SANTOS et al., 2015). Nas escolas, tais coleções se encontram há muito tempo presentes, embora nem sempre se apresentem conforme o rigor das coleções científicas. Seus seus objetivos últimos têm sido apresentar aos alunos aspectos da cultura científica, bem como leva-los a uma reflexão sobre a importância de se constituir coleções como práticas humanas de classificar e interpretar o mundo natural (MARANDINO et al., 2014).

Marandino et al (2014, p.5756) tratando as coleções como objetos destacam ainda que: *“Eles possuem grande capacidade de fascínio, sendo agentes de impacto e promovendo experiências de contemplação e de manipulação.”* Além disso, os objetos também oferecem a possibilidade de concretização da informação.

Considerando a relevância das Coleções Biológicas como práticas científicas que remontam às tradições da História Natural e se constituíram em artefatos escolares (Marandino et al, 2009), focalizamos, neste trabalho, as relações entre coleções científicas e coleções didáticas escolares que vem se constituindo no Rio de Janeiro.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A metodologia da pesquisa foi realizada em duas etapas. A primeira foi um levantamento e

análise pesquisas e experiências didáticas relacionadas a coleções biológicas didáticas publicados nos Anais dos Encontros Nacionais de Ensino de Biologia (ENE BIO) e Encontros Regionais de Ensino de Biologia - RJ/ES (ERE BIO-RJ/ES), promovidos pela SBEnBio – Associação Brasileira de Ensino de Biologia, entre 2001 e 2019.

A segunda etapa foi a aplicação de um questionário “Google Forms” a professores de Ciências e Biologia do Estado do RJ, sobre a utilização de coleções biológicas como estratégias de ensino.

- Análise dos anais das edições do ERE BIO e do ENE BIO:

Foram mapeadas instituições científicas, escolas e sujeitos no Rio de Janeiro que têm focalizado coleções biológicas em propostas de ensino e de formação docente, para posteriormente – na segunda fase da pesquisa – selecionar e analisar práticas e realizar entrevistas com os sujeitos envolvidos.

Com base nos resultados, as análises tiveram ênfase na dimensão qualitativa, acerca dos principais temas e finalidades contemplados, instituições e sujeitos, apresentando, também, alguns aspectos qualitativos, que puderam indicar características e potencialidades dessa discussão junto a professores em exercício, incentivando novos investimentos nessa perspectiva.

- Questionário sobre a utilização de coleções didáticas biológicas:

Inicialmente, a proposta dessa metodologia era realizar entrevistas com os professores e até mesmo visitar as escolas em que há coleções

que estariam sendo por eles utilizadas. Porém, a estratégia metodológica foi revista no cenário do isolamento social imposto pela pandemia, e acabou-se optando por realizar esse questionário *on line*. Os dez participantes produziram respostas interessantes e bastante ricas em dados e opiniões. Nas discussões foram ressaltados aspectos positivos, sendo relatadas situações de sucesso na utilização desse recurso didático, como sendo 'fundamental para minimizar a abstração de conteúdos de Biologia além de 'facilitar' o trabalho do docente. Alguns problemas que inviabilizam a utilização das coleções foram apontados pelos participantes, como a falta de infraestrutura e o abandono dos laboratórios de Ciências nas escolas da rede pública e até mesmo a inexistência de tais, que na opinião dos docentes são essenciais tanto para abrigar as coleções didáticas biológicas, assim como para a utilização do referido recurso didático com as turmas. Também, ficou explícito o impacto da diferença social na educação na rede privada e na rede pública e questões de bio- ética, evidenciando-se como uma preocupação dos docentes com relação ao uso de coleções biológicas

CONCLUSÕES:

Neste trabalho, analisamos e discutimos a utilização das coleções didáticas biológicas, que estão presentes há muitos anos no ensino de Ciências e Biologia, tradição curricular, essa, vinda do estudo da História Natural.

Através do levantamento realizado nos Anais do EREBIO e do ENEBIO, podemos concluir que os temas mais contemplados sobre coleções biológicas no ensino de Ciências e Biologia são os de Zoologia e Botânica, e que a finalidade mais identificada foi relacionada aos recursos didáticos. Isso também se evidencia com o questionário aplicado aos docentes em exercício, onde os mesmos valorizam as coleções e mencionam a sua principal utilização como recurso didático relacionado à abordagem de conteúdos de biodiversidade botânica e zoológica, evolução e morfologia.

Além disso, ficaram evidentes como as coleções proporcionam ruptura na abstração das aulas exclusivamente expositivas, e também que seu uso deve ser de forma que não banalize a vida perante os alunos, numa postura consciente e crítica frente a questões éticas e ambientais. Para isso é necessário uma boa mediação do professor na utilização das coleções para que a aula seja didática e mobilize o interesse dos

alunos acerca dos conteúdos de Ciências e Biologia.

As dificuldades apontadas para esse uso nas escolas permanecem como desafios cotidianos aos docentes em suas práticas pedagógicas

REFERÊNCIAS:

MARANDINO, M.; RODRIGUES, J.; SOUZA, M.P.C. (2014). Coleções como estratégia didática para a formação de professores na pedagogia e na licenciatura de ciências biológicas. Revista da SBEnBIO – número 7.

MARANDINO, M., SELLES, S. E., FERREIRA, M. S. Ensino de Biologia: histórias e práticas em diferentes espaços educativos. São Paulo : Cortez, 2009. 215p.

SANTOS, M.G.; SANTOS, M.C.F.; SANTORI, R.T. (2015). Introdução. In: SANTORI, R.T.; SANTOS, M.G. Ensino de Ciências e Biologia: um manual para elaboração de coleções didáticas. Rio de Janeiro: Editora Interciências, p. XV-XXI.

Agradecimentos:

Ao Cnpq, ao PIBIC, à Faculdade de Educação/UFF e ao Grupo de Pesquisa Currículo, Docência e Cultura.





Ciências Humanas

Novos Proprietários e velhas disputas pela apropriação de terras públicas na Primeira República (Brasil, 1889-1930)

Autores: Bernardo Mayer Florentino

Instituto de História/Universidade Federal Fluminense

INTRODUÇÃO:

O campo de estudo da “História Social da Propriedade” nos coloca muitos questionamentos e possibilidades para entender a história do desenvolvimento da propriedade privada no Brasil. A Primeira República, mesmo tendo sido considerada um momento de modernização das práticas de direitos de propriedade, conservou diversas formas de propriedade partida.

A propriedade partida é entendida como a modalidade em que permite a existência de mais de um proprietário sobre o mesmo bem, dividido em “domínio útil” (aquele que efetiva a posse e o trabalho sobre o bem) e “domínio direto” (aquele que possui o direito de receber os frutos desses bem mediante algum tipo de renda). (PEDROZA, 2016).

O que nos moveu nesta pesquisa foi entender como e por que foi feita a manutenção dessa forma de propriedade partida pelos agentes republicanos. Tentamos responder a essa pergunta através da análise do caso do

contrato de arrendamento das Fazendas Nacionais no Piauí, em 1889, feito com Antonio José de Sampaio.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Poucos meses antes do golpe republicano, Antonio José de Sampaio celebrou o contrato de arrendamento das Fazendas Nacionais no Piauí com o Governo Imperial, em 26 de abril de 1889. Eram 24 fazendas divididas em dois departamentos, Canindé e Nazareth, e mais o Estabelecimento Rural de S. Pedro de Alcântara. No contrato constava o pagamento de renda anual de 20 contos de réis, e quatro obrigações principais: a fundação de um ou mais núcleos coloniais; a construção de uma fábrica de laticínios; a construção de estação meteorológica; e a reforma e manutenção do Estabelecimento Rural de S. Pedro de Alcântara.

Ao mesmo tempo, o governo se comprometia a ajudar na vinda das imigrantes para o Piauí, além de garantir isenção de

impostos de importação de diversas mercadorias. Ao final do contrato estava estabelecido a compra dessas fazendas por 400 contos de réis, caso tivesse conseguido estabelecer o núcleo colonial.

O período que durou esse arrendamento foi um momento bastante caótico da vida nacional. A primeira década republicana experimentou situações políticas e financeiras instáveis, que frequentemente interferiam no andamento da administração.

Logo no início, em 1890, Sampaio pediu o adiantamento da compra das fazendas. Justificava pela dificuldade de bancos aceitarem embarcar com grande soma de capitais em empreendimento arriscado, já que se o contrato não fosse cumprido ou não conseguisse comprar as fazendas, veria todos seus investimentos retornarem ao Estado sem indenização. Alegava também os benefícios que traria para o Piauí. Conseguiu até o apoio de importantes figuras da política piauiense. Mesmo assim seu pedido foi indeferido, pois o governo federal exigia primeiro a formação dos núcleos coloniais.

Em 1891, com a mudança de ministros da Fazenda e a subida de Floriano Peixoto à presidência, Sampaio teve seu contrato rescindido por Tristão de Alencar Araripe, o ministro da vez, que entendia que não houve pagamento de rendas anuais devidas. Essa situação se arrastou até 1893, quando Serzedelo Correia, o novo ministro da Fazenda, deu ganho de causa para o arrendatário. Depois dessa situação seu contrato não foi mais questionado.

A presença dos considerados “intrusos e agregados” nas Fazendas Nacionais no Piauí foi uma constante. Com números cada vez maiores, eles eram diversos. Já desde criadores de gado vizinhos que utilizavam as pastagens das fazendas nacionais, até ocupantes que moravam nos arredores, procurando se estabelecer nos melhores lugares com sua criação animal. O entendimento de parte desses ocupantes muitas vezes era de que as terras eram comuns, para uso de quem bem quisesse.

Com dificuldades financeiras para pagar um empréstimo que havia contraído com o Banco Hipotecário do Brasil no início do contrato, Sampaio conseguiu a autorização do Ministério da Fazenda para transferir a responsabilidade do contrato para esse mesmo banco em 1901. Em 1902, Sampaio já não era mais arrendatário das fazendas. Logo após o Banco as transferiu para a Companhia Amparo Industrial.

CONCLUSÕES:

Observamos neste caso o tratamento do governo republicano com seus “próprios nacionais” descrita por Pedroza e Silva (2016). Vimos que o governo adotou a postura de validar antigos contratos de propriedade partida e continuar auferindo renda como sempre havia feito até então.

Com exceção dos dois anos em que o contrato permaneceu rescindido, em todos os momentos a validade do contrato não foi questionada pelos grupos que ocupavam os centros de decisão, como o Ministério da

Fazenda em específico. Seu objetivo foi sempre manter o pagamento regular da renda anual e fiscalizar o cumprimento dos trabalhos do arrendatário, criando até um posto exclusivo para fiscalizar o contrato.

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de agradecer ao CNPq por ter possibilitado financeiramente essa pesquisa, e a professora Manoela Pedroza, que me deu a oportunidade de realizar essa pesquisa e me orientou com tanta paciência e profissionalismo. Gostaria de agradecer também aos arquivistas e funcionários da Superintendência de Patrimônio da União no Rio de Janeiro, por terem me ajudado com tanta boa vontade e disposição na busca pelo acervo.

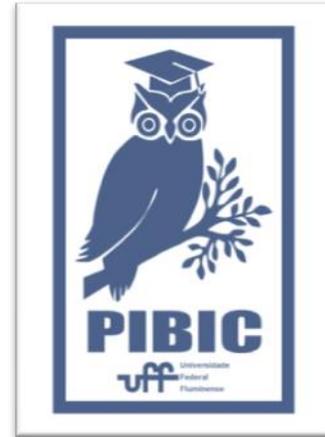
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

PEDROZA, Manoela. Desafios para a história dos direitos de propriedade da terra no Brasil. **Em Perspectiva [On line]**. Fortaleza: UFC, v. 2, n. 1 (p 7 – 33), 2016. Disponível em:

<
<http://periodicos.ufc.br/emperspectiva/issue/view/827> >. Acesso em 19 de julho de 2019.

PEDROZA, Manoela; SILVA, Henrique Dias Sobral. Novos proprietários e velhas disputas pela apropriação de terras públicas na Primeira República (Fazenda Nacional de Santa Cruz, Rio de Janeiro, 1891-1933). **Em Perspectiva [On line]**. Fortaleza: UFC, v. 2, n. 1 (p. 102 – 133), 2016. Disponível em: <

<http://periodicos.ufc.br/emperspectiva/issue/view/827> >. Acesso em 19 de julho de 2019.





**Grande área do conhecimento: Ciências Humanas
POLÍTICAS DA PERCEPÇÃO: CONTRIBUIÇÕES
TRANSDISCIPLINARES PARA O ESTUDO DA
CONSTITUIÇÃO E MUDANÇA DA SUBJETIVIDADE**

Autores: DANILO AUGUSTO SANTOS MELO E ISRAEL

CARVALHO TEBET

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa apresenta contribuições da filosofia de Gilbert Simondon para pensar os processos de constituição e mudança da percepção e da subjetividade. Neste sentido, é evidente a preocupação em afirmar a realidade, a própria matéria e, enfim, a subjetividade em seus aspectos metaestáveis: por uma investigação ontogenética que busca compreender as condições de emergência dos indivíduos, ao invés de partir da ontologia dos seres já individuados, o filósofo afirma que todo o processo de individuação está contido numa permanente relação de tensão entre *uma face individuada* (marcada pela aparição de fases/estruturas/indivíduo) e *uma face potencial* (caracterizada pela não aparição de fases, mas pela energia potencial de diferenciação, ou nos termos simondonianos, pela dimensão *pré-individual*).

Ao invés de considerar os processos perceptivos a partir de uma primazia da forma em relação à matéria e das categorias de equilíbrio estável, como faz a Psicologia da Forma, o paradigma ontogenético de Simondon observa na percepção sua gênese problemática e inventiva. Se cada indivíduo, além de sua dimensão formal e já estrutural, comporta uma dimensão energética que faz

sua estrutura se modificar, a percepção emerge situada num sistema metaestável: ela é a própria individuação de uma unidade parcial que, além de informar, transforma tanto o indivíduo que percebe, quanto o mundo percebido.

Com isso, na medida em que concentramos nossos esforços na problemática perceptiva, esbarramos com os principais conceitos de sua filosofia: metaestabilidade, transdução, afetividade e o domínio transindividual são formulações indispensáveis que compareceram em nossas análises e ampliaram nosso nível de discussão.

1. RESULTADOS E DISCUSSÕES:

De maneira direta e objetiva, a direção que inaugura a preocupação simondoniana acerca da percepção é o problema da *segregação das unidades perceptivas*: porque percebemos os objetos exteriores como formas individuais e não como um conjunto difuso de sensações? A partir daí, o autor considera que a relação sujeito-mundo é composta por potenciais, de onde a percepção nasce como caráter resolutivo: a unidade que surge na percepção se constitui como a resolução da tensão presente na relação do sujeito que apreende o

mundo a partir de uma informação que se exprime enquanto intensidade.

Contudo, embora seja solução, a unidade perceptiva, afirma o filósofo, também se apresenta como um novo problema a ser resolvido: é necessário que a percepção que se cria oriente e forneça ao indivíduo um campo de ações possíveis. Neste sentido, será pela afetividade, enquanto potência de afetar e ser afetado, que o psiquismo terá condições de operar e participar do domínio coletivo pelo qual ele se transduz, isto é, se amplifica.

Antes de se resumir à totalização da forma, a percepção é a operação pela qual o indivíduo se mantém em estado tenso com o meio, isto é, ela instaura uma relação de manutenção do indivíduo com a informação que emerge no sistema sujeito-mundo. Com isso, ao invés de se direcionar à estabilização e conformação com o objeto, perceber implica a amplificação tanto do sujeito que percebe, quanto do mundo percebido. Ela é a operação de inserção e ajustamento pela qual, em relação ao meio, o indivíduo participa de um regime de individuação mais amplo, o coletivo.

2. CONCLUSÕES:

Concluimos que investigar a gênese da percepção a partir de Simondon nos conduz a pensar duas vias éticas, inclusive para a psicologia. A primeira diz respeito à compreensão acerca da *insuficiência da adaptação para pensar a percepção*: embora resolução integradora, enquanto gênese, a percepção exprime a tensão metaestável de individuar novas unidades e novas maneiras de operar. Tomar a adaptação como fio condutor exclusivo para explicá-la é ignorar

sua gênese tensa e, portanto, um equívoco evidente.

A segunda diz respeito à *distinção entre sujeito e indivíduo* que Simondon descreve explicitamente. Enquanto a noção de indivíduo se refere apenas ao seu aspecto já individuado, a ideia de sujeito comporta as três fases do ser - a dimensão pré-individual, a face individuada e o domínio transindividual. Neste intervalo, perceber é apreender as tensões nas quais o sujeito, em seu atrelamento potencial, e o mundo, realidade transindividual, emergem de maneira recíproca e inacabada.

3. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, S. **Individuação e metaestabilidade em Gilbert Simondon: contribuições à psicologia**. 2019. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Programa de Pós Graduação em Psicologia. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.

HEREDIA, J. **Los conceptos de afectividad y emoción en la filosofía de Gilbert Simondon**. Revista de Humanidades, n. 26, p. 51-75, 2012.

SIMONDON, G. **A individuação à luz das noções de forma e de informação**. São Paulo: Editora 34, 2020.



Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica – PIBIC

(RE)VISITANDO A VIOLÊNCIA OBSTÉTRICA A PARTIR DA PERSPECTIVA DOS DIREITOS SEXUAIS E REPRODUTIVOS

INTRODUÇÃO

A violência obstétrica (V.O) tem sido pauta de debates, que a circunscrevem no âmbito das práticas violentas, omissas e/ou negligentes exercidas pelos profissionais de saúde, em sua maioria médicos, contra a mulher na hora do parto. Esta concepção de V.O. é restrita, pois não leva em consideração nem a produção de práticas de agenciamentos dos corpos femininos, que resultaram no surgimento das especialidades médicas da obstetrícia e da ginecologia, nem as violações de direitos humanos, sexuais e reprodutivos que elas encenam.

A partir de surgimento dessas especialidades médicas, as relações por elas engendradas produziram efeitos diretos não só no modo de viver das mulheres, mas também no modo como elas passaram a ser assistidas. A trajetória do conhecimento sobre o corpo feminino marcou um processo de medicalização desse, culminando na expropriação do saber e das parteiras de todo o cenário que envolve a gestação e o parir. A obstetrícia consolidou-se como uma prática intervencionista, a partir de um conveniente pretexto de cuidado.

Deslocadas de suas casas para os hospitais, das parteiras para os médicos –

homens brancos da ciência – mulheres tiveram seus corpos tutelados. Os fenômenos da vida, que ocorrem nos corpos femininos - gestações, parto e abortamentos -, tornaram-se problemas médicos. Expropriadas de seus corpos, silenciadas, anestesiadas, amarradas e agora, inclusive violentadas, tornaram-se objetos das (inúteis e questionáveis) intervenções médicas.

A hegemonia do discurso médico, tecnicista, legitimou violências que podem ser facilmente traduzidas como violências de gênero, uma vez que revelam as dissimetrias de poder que se estabelecem entre o homem da ciência, médico, e a mulher, findada em seu útero. E, por isso, discutir violência obstétrica se impõe como fundamental. Porém, não sem demarcar as violações que elas traduzem - dos direitos humanos, sexuais e reprodutivos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Iniciamos o trabalho buscando mapear o campo. O que tem sido produzido sobre violência obstétrica (V.O), à luz dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos, no Brasil? Através de uma pesquisa de revisão sistemática, em base de dados como BVC, PEPSIC e SCIELO, das produções brasileiras, em português, nos últimos cinco anos, utilizando como

descritores Violência Obstétrica (V.O.) e/ou Direitos Sexuais (D.S.) e/ou Direitos Reprodutivos (D.R.), pudemos perceber que a violência obstétrica, a partir da perspectiva dos direitos, não ganhou a sua devida relevância.

Chegamos a apenas 45 artigos que articulam V.O. as questões que concernem aos direitos, mas, mesmo assim, nem sempre de forma tão evidente. Destes, extraímos quatro grandes categorias, a saber: a) Políticas Públicas e Programas; b) Naturalização da violência obstétrica; c) Aborto; e, d) Raça.

Quanto ao item (a), percebemos a tentativa de se compreender a realidade brasileira, a partir da perspectiva dos direitos e das garantias estatais. Localizam-se ora na assistência prestada às mulheres, ora no Estado, ou melhor, a sua falta. No item (b), destaca-se trabalhos no modelo de relatos experiências, que facilmente são elencados em subcategorias, não necessariamente excludentes: b.1) Práticas Violentas e/ou iatrogênicas; (b.2) Impactos na saúde mental da mulher; e, (b. 3) Uso de tecnologias como forma de resistência. O item (c) o aborto aparece e com ele a violência vivida pelas mulheres em situação de abortamento ou no pós-abortamento, marcando que há em curso uma efetiva criminalização – por parte de profissionais da saúde - da mulher nos espaços que deveriam ser de cuidados e proteção. Inclui-se nas V.O. a negação do direito ao aborto legal. No item (d) raça, percebemos que a questão racial não é exatamente trabalhada pelos artigos, mas boa parte deles apontem para dados que confirmam

a diferença histórica da medicalização do corpo feminino negro e a variabilidade de tratamento ofertado às mulheres negras quando comparado às mulheres brancas e das classes mais privilegiadas.

CONCLUSÕES

O tecnicismo da/na assistência obstétrica se apresenta vigorosamente vigente! No entanto, não podemos nos centrar neste dado para (re)pensar o cenário da assistência às mulheres, pautado pelas garantias de direitos. Centralizar na violência em si, nos atos negligentes e/ou omissos, embora importantes, pode distorcer a complexidade da temática e impossibilitar reflexões acerca da violência obstétrica à luz da perspectiva dos Direitos Sexuais e Reprodutivos, que traz em seu bojo questões de gênero, pois, evidenciam como o patriarcado e, conseqüentemente, a ciência turvam as necessárias reflexões sobre a vida das mulheres.

Faz-se importante discutir, neste contexto, as relações de gênero, o controle dos corpos e da sexualidade da mulher, a mulher em sua condição de humana e de sujeito de direitos – humanos, sexuais e reprodutivos. Considerar todo o histórico processo de gerenciamento e medicalização dos corpos femininos, e a potência do discurso médico-científico (hegemônico), patriarcal, que deslegitima, tradicionalmente, tudo que advém da mulher. É nesta direção que (re)afirmamos que há violências diversas que acontecem no contexto da vida sexual e procriativa de uma mulher.

A experiência individual de vivenciar uma violência obstétrica fere categorias universais de direitos humanos - como igualdade, dignidade, respeito, justiça e valor da pessoa humana -, assim como os direitos sexuais e reprodutivos das mulheres. Por isso, propomos pesquisar sobre a violência obstétrica, sem desconsiderar a prática médica, porém nos deslocando dela. Trabalhamos com a perspectiva dos Direitos Sexuais e Reprodutivos - componentes inegociáveis da integridade corporal, da autonomia, da igualdade, liberdade e diversidade, que incorporam tanto as vivências da sexualidade quando da reprodução, de forma livre de opressões.

AGRADECIMENTOS

Agradeço às mulheres! Plurais e diversas, são essenciais! Agradeço às mulheres cientistas, em especial, pelo esforço descomunal! Agradeço às mulheres amigas e profissionais que me rodeiam e me inspiram. As de minha família, da mais velha à mais nova, por elas, sempre. Agradeço a UFF e ao PIBIC/UFF pela oportunidade. Agradeço ao CNPq pela bolsa de pesquisa, tão fundamental!



Ciências Humanas

Análise Estrutural da Vingança na Mitologia Nórdica – Séculos X-XIII

Paulo Henrique Ennes de Miranda Eto

**Instituto de História – Departamento de História –
*Translatio Studii***

INTRODUÇÃO: A vingança era uma prática recorrente entre os vikings, envolvia questões de honra e coragem e ressaltava o valor do principal núcleo social da sociedade germânica, a família. Na Islândia pré-cristã (870-1000), a resolução de conflitos por meio da vingança violenta ocorria, porém, devido a fatores que envolviam o tamanho territorial da ilha, distanciamento do continente e a intenção de se evitar um confronto generalizado incontrolável. A vendeta entre pequenos grupos, ou exercida de maneira individual em casos isolados, eram as formas predominantes. Com o cristianismo consolidado na região, no ano 1000, e com o Estado Livre Islandês já estabelecido desde o ano de 930, as resoluções dos conflitos passaram a ser promovidas cada vez mais através de acordos em que as compensações financeiras se tornaram correntes. Esta tentativa de controle da violência sofreria um forte abalo com o início da guerra civil em 1220, que se estenderia até 1264, configurando-se um período de violência deflagrada na Islândia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A proposta do projeto de Iniciação Científica que desenvolvi na UFF, sob orientação do Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos, abordou os atos de vingança realizados pelos deuses presentes nas fontes mitológicas nórdicas com o intuito de estruturar o *etos* violento presente nas práticas de vingança que se articulavam na Islândia do período pré-cristão até o fim do Estado Livre, em 1264. Para a abordagem em questão utilizamos, além das fontes mitológicas, compilações de leis islandesas de conteúdo variado que abarcam o período anterior e posterior à cristianização. A pesquisa teve por objetivo problematizar a utilização das fontes mitológicas nórdicas para o estudo da religiosidade e da sociedade islandesa da Era Viking, além de contribuir com a crescente

expansão do interesse pela produção de materiais voltados à Escandinávia em língua portuguesa. Ademais, as análises da religiosidade e da vingança privada em contexto viking auxiliam no entendimento não só das relações circunscritas aos países escandinavos, mas também de casos intrínsecos a outros recortes espaço-temporais.

CONCLUSÕES:

Nesta apresentação, pretendemos também refletir sobre a importância da iniciação científica na formação profissional do graduando em História. Para tal, buscaremos apresentar o processo de seleção e tratamento das fontes primárias por nós utilizadas, o que significa escolher ou descartar uma determinada fonte de acordo com o objeto de estudo.

Agradecimentos:

Agradeço à PROPI e ao CNPq pela bolsa de IC, pela experiência adquirida e por sua enorme importância para a minha formação profissional, todas propiciadas pelas atividades de pesquisa realizadas no âmbito do PIBIC-UFF.

Agradeço, por fim, ao Prof. Dr. Mário Jorge da Motta Bastos por sua orientação ao longo de todo o período de trabalho.



Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

A correta administração do Estado e da Justiça: Justiniano José da Rocha e Aureliano Cândido Tavares Bastos, leituras distintas do caminho para o progresso do Império do Brasil (1855-1873)

Guilherme Gonçalves Oliveira / Coordenadora: Gladys Sabina Ribeiro

História (GHT) / Instituto de História (IHT) / Universidade Federal Fluminense

INTRODUÇÃO:

A proposta do projeto é estudar a produção jornalística dos últimos anos de vida de Justiniano José da Rocha, período final da sua última atuação parlamentar, tendo como contraponto Tavares Bastos, político conservador, que na década de 1860 havia se tornado liberal. Nosso marco inicial se dá no ano de 1855, quando pretensamente Justiniano rompeu com o Marquês do Paraná, e como marco final, o ano de 1873, quando Tavares Bastos publicou *A Reforma eleitoral e parlamentar, e constituição da magistratura: esboços e projetos de lei*.

Acerca de Justiniano, nos pautaremos, sobretudo, em seu folheto *Ação, Reação e Transação* (1855). Sobre este, adotaremos a linha historiográfica que o vê como inserido nos quadros mais amplos do liberalismo conservador da primeira metade do XIX, no Brasil e na Europa, e que visava uma direção para o futuro, aproveitando o que para ele a história ensinara, em movimento de recuperação do passado desde o momento da Independência.

Para a leitura de Tavares Bastos, visto por nós como um contraponto essencial para nossa análise, trabalharemos com o estudo *O Evangelho do Comércio Universal. Tavares Bastos e as tramas da Liga Progressista e do Partido Liberal (1861-1872)*, de Eide Sandra Azevêdo Abrêu, assim como com o escrito *Realidade, Ilusão e Solução* (1861), uma resposta de Tavares Bastos a Justiniano.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Nossa proposta dialoga com trabalhos de Eide Abrêu e Magalhães Júnior. A partir da análise dos jornais, dos folhetos e dos discursos dos escritores em tela pretendeu-se compreender como entendiam ser a forma correta de organização do Estado; qual era o impacto da ação dos jornais que editavam, dando enfoque especial ao papel que tiveram na conformação da chamada opinião pública; discutir o que entendiam como centralização, descentralização, federalismo, Executivo forte, Poder Judiciário forte; contribuir para compreensão da cultura política imperial; compreender os movimentos de conservação, transação ou de conciliação; compreender o que

propunham com relação ao município e ao governo executivo, bem como entre este e a província.

Com as leituras das colunas de Tavares Bastos no jornal *A Reforma: Órgão Democrático (RJ)*, assim como de cartas privadas - principalmente as destinadas a seu pai -, contidas no acervo da Biblioteca Nacional, pudemos perceber suas percepções nesses temas. Nesses documentos, ele fornece uma defesa árdua da política de descentralização e estímulo à imigração, além de demonstrar sua admiração ao modelo federativo praticado nos Estados Unidos. O que nos instiga é o rebatimento dessas questões mais adiante, na Primeira República, que inaugurou o seu formato de governo com a candente discussão sobre a localidade, município ou província. Mais uma vez, se quebrarmos os marcos cronológicos, veremos a primeira década republicana às voltas com o federalismo, unitarismo e do problema de como o centro governará a periferia. Também é perceptível suas discordâncias com modelo político e econômico levado a cabo por D. Pedro II.

A análise da trajetória política de Justiniano José da Rocha nos permitiu discordar de parte da historiografia que vê incoerência em alguns de seus escritos e acabam por tomá-lo como um “pena de aluguel”. De nossa parte, vemos seu panfleto de 1855 como coerente com o que escrevera antes, assim como o que será pautado em seus escritos nos jornais de curta duração e da segunda metade dos anos de 1850, até a sua morte em 1862, a saber: *O Novo Brasil, O Três de Maio, O Constitucional, O Regenerador, Revista Popular, Revista do*

Instituto Científico, de São Paulo e O Novo Constitucional.

CONCLUSÕES:

Objetivamos observar a estreita relação entre os políticos e a imprensa, para o entendimento do impacto da imprensa periódica na formação do estado.

A partir da perspectiva dialógica proposta pudemos notar a ampliação do político como prática e conceito, abem como inclusão do comportamento dos cidadãos na política .

Temas como associações, instituições, escrutínios, partidos, eleições, opinião pública e imprensa tornam-se centrais porque ajudam na compreensão do que é a política, e aproxima os cidadãos do corpo político.

A análise comparada dos dois autores nos permitiu estudar duas das principais visões que participaram dos debates políticos do oitocentos, a fim de contrapor suas participações e contribuições na (re)formação do Estado imperial sob a conjuntura do Segundo Reinado.

Por fim, é preciso dizer que as discussões políticas do oitocentos; não se esgotam na proclamação da República.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço aos que têm contribuído com a minha trajetória acadêmica, principalmente meus pais, que sempre apoiaram incondicionalmente minha formação como historiador e ser humano. Lorena, que me acompanha desde antes do meu ingresso na

faculdade, e que tem sido porto seguro em momentos conturbados e nos de alegria.

A professora Gladys Ribeiro, por me permitir contribuir neste projeto, orientando-me academicamente..





Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: Dimensões do processo criativo: lugares, hierarquias e diversidade da arte

Autoras: Prof^a Dr^a Lígia Dabul e Bruna Raposo Tavares

Departamento de Sociologia / Instituto de Ciências Humanas e Filosofia / NECTAR – Núcleo de Estudos Cidadania, Trabalho

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa é desdobramento do projeto *Criação, diversidade e hierarquia na arte*, apoiado pela Faperj, e em continuidade com o projeto *Dimensões do processo criativo: lugares, hierarquias e diversidade da arte*, apoiado pelo CNPq (Bolsa Produtividade em Pesquisa, em vigência). Ao retomar este projeto, formulamos uma nova etapa que pretende dar continuidade à pesquisa de questões fundamentais do projeto, investigando neste momento lugares, hierarquias e diversidade na arte com o foco voltado para artistas visuais contemporâneos consagrados. Os objetivos da pesquisa, portanto, foram analisar diversas trajetórias artísticas através de uma bibliografia biográfica ou autobiográfica e buscar características pertinentes para a denominação desse sujeito entendido como artista visual contemporâneo consagrado e como se dá seu processo criativo em relação às interações sociais que este mantém com lugares, situações e operações de venda – ou a ausência desta última, como constatamos durante a pesquisa. Como metodologia, utilizamos a história de vida, com discussões não só na área de Ciências Sociais, mas também na de História, e coletamos e analisamos entrevistas de artistas, perpassando as discussões sobre este tipo de pesquisa e o que conseguimos com ela.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A coleta de dados se deu através de uma tabela de leitura para cada entrevista, contendo trechos importantes relacionados aos pontos que nos interessavam,

organizados em 10 categorias. Dentre os resultados, ressaltamos algumas categorias que nesta fase da pesquisa já não fazia mais sentido, já não eram de fato úteis. Como exemplos: a categoria (3.1) estados de criação quase não foi utilizada, o que nos mostra que as sensações ou experiências de sublimação e transe não são assuntos que interessem ao entrevistador, que geralmente conduz a entrevista a partir das perguntas que escolhe fazer para o artista, massivamente voltadas aos sentidos e significados das obras contemporâneas. Neste mesmo fluxo, a categoria (4) razões para o registro não apareceu em nenhum momento, pois tais razões não eram abordadas, e, na verdade, entendemos que fazer e conceder entrevistas com artistas contemporâneos é quase óbvio e natural, já que a arte contemporânea tem como um dos aspectos principais o discurso.

Retomamos um aspecto essencial da arte contemporânea, como já dissemos, o discurso, que é o conjunto de pensamentos narrados pelos artistas durante as entrevistas sobre as significações de suas obras de arte, que geralmente são concepções formuladas naquele momento da interação entre entrevistador e entrevistado e também falas alheias, frequentemente de críticos de arte, as quais o artista absorve e utiliza para pensar suas próprias obras e criar sentidos para elas. Ademais, esses discursos nem sempre são iguais, mudando de acordo com o tempo e com os tipos de pergunta e a ordem que o entrevistador faz.

Verificamos a aplicabilidade da teoria de ilusão biográfica de Pierre Bourdieu, a qual diz que a trajetória de vida é criada pelo indivíduo, que constrói um desencadeamento lógico de situações e acontecimentos significativos que culminam em um fim já conhecido – por se tratar do presente vivido por ele. Estendemos esta questão para a trajetória artística e vimos que os artistas também ordenam e constroem um caminho lógico e significativo para o processo de tornar-se artista.

Desmembramos a discussão em torno do uso de entrevistas em pesquisas e encontramos diversos aspectos únicos e úteis, principalmente para os objetivos dessa pesquisa; alguns deles são o caráter biográfico que ela pode performar; é através dela que o pesquisador acessa o fato social de sua fonte, ou seja, o indivíduo e, pela arte contemporânea necessitar vir acompanhada de um discurso, a entrevista acaba por ser uma ótima oportunidade para o artista exibi-lo.

CONCLUSÕES:

Concluimos que a questão sobre o discurso como aspecto essencial na arte contemporânea fez ainda mais sentido quando resgatamos as ideias de mundos artísticos e convenções sociais de Howard Becker. No mundo artístico da arte contemporânea consagrada, os artista não tem como questão fundamental de criação os processos de venda, que são feitos por outros atores sociais em relações das quais muitas vezes os artistas não participam.

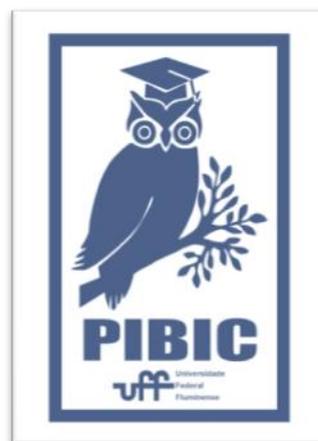
Além disso, com a ajuda da história de vida, pudemos perceber que a trajetória artística, também narrada pelos artistas durante as entrevistas concedidas, são criações sociais, ou seja, não são fatos realmente importantes da trajetória do artista, mas que foi posteriormente resgatada do passado para dar sentido ao presente, sendo uma organização do caos e da aleatoriedade que seria a vida para um desencadeamento lógico de acontecimentos, resultando em um fim: o artista visual contemporâneo consagrado.

Em futuro próximo, poderemos explorar melhor a entrevista com artista, pois existem questões ainda por serem exploradas e que tornam esta modalidade bastante interessante para estudos em processos criativos. Outro ponto para aprofundamento é a passagem de artistas consagrados pela universidade, pois vimos que muitas ideias complexas e abstratas de outras áreas do conhecimento são resgatadas pelos artistas nas fases de criação e nos momentos em que discursam sobre as obras. Desta forma, revisitaremos a lista de categorias para ajustes e reformulações.

Figure 1: Logo PIBIC

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Prof^a Dr^a Lígia Dabul por todos os conhecimentos passados e as oportunidades de auto desenvolvimento como iniciante no mundo da pesquisa científica. Agradeço à Universidade Federal Fluminense e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica pela chance de experimentar a atividade que pretendo tomar como profissão no futuro e, por fim, ao CNPq pelo apoio.





Ciências humanas - Filosofia

Título: “O jovem Nietzsche e as dissonâncias entre o gênero operístico e a tragédia ática”

Autores: Yuri de Moura Ferro

Universidade Federal Fluminense (UFF) – Instituto de ciências humanas e filosofia (ICHF) - Departamento de filosofia (GFL)

INTRODUÇÃO:

Meu projeto de pesquisa no PIBIC teve como proposta central a discussão sobre o antagonismo entre o gênero operístico e a tragédia ática, conforme abordado pelo jovem Nietzsche em *O nascimento da tragédia*. Assim, minha pesquisa dividiu-se em duas partes: na primeira foi discutido o desenvolvimento da cultura trágica no seio do mundo helênico, abordando para tal os preceitos metafísicos do jovem Nietzsche. Na segunda parte foi discutido o nascimento da cultura operística enquanto uma dissonância da arte trágica; assim essa cultura, subordinada aos ideais socráticos, desenvolveu os seus preceitos de otimismo teórico e gerou uma obra que é, por excelência, inartística – a ópera.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Os resultados de minha pesquisa foram conquistados a partir de uma vasta revisão bibliográfica, a qual me permitiu coletar as obras que tratam, de maneira direta ou indireta, sobre as dissonâncias entre tragédia e ópera, sempre em acordo com as discussões do jovem Nietzsche.

As primeiras discussões abordadas foram a respeito da metafísica de artista nietzschiana – somente com seu esclarecimento foi possível explorar a edificação filosófica elaborada pelo jovem Nietzsche. Tal metafísica se sustenta a partir da intuição de uma verdade-última, a qual Nietzsche nomeia como Uno-primordial [*Ur-Einem*]. Essa verdade-última, enquanto coisa-em-si, é a realidade verdadeiramente-existente, a qual se revela por detrás de toda aparência ilusória. Do seio do Uno-primordial emergem seus poderes artísticos, o apolíneo e o

dionisíaco – todos os entes se desenvolvem em relação necessária com esses poderes. O apolíneo é o poder que sustenta a ilusão da individuação, a fim de tornar as existências possíveis. O dionisíaco, por outro lado, é o poder revelador da verdade, responsável por rasgar o véu apolíneo e retornar os entes ao âmago do Uno-primordial. Ambos os poderes são primariamente acessados por vias artísticas, revelando o caráter estético da metafísica nietzschiana.

Proseguindo, minha pesquisa discutiu como o jovem Nietzsche interpreta o nascimento da tragédia a partir do milagroso emparelhamento desses poderes. No palco trágico, logo, ambos os poderes atuam em sua maior potência, complementando um ao outro e realizando um apogeu artístico no solo helênico. Assim, de um lado, o apolíneo protege o espectador através do *epos*, enquanto o dionisíaco se realiza com o consolo metafísico.

A partir dessas discussões, foi possível abordar as circunstâncias da morte da tragédia a partir, primeiramente, das reformulações de Eurípedes. Guiado por um espírito crítico, esse tragediógrafo buscava submeter a arte trágica às exigências de sua inteligibilidade, aniquilando assim seu esplendor mítico e artístico. Era a voz de Sócrates, no entanto, que falava por detrás de Eurípedes - com seu chicote de silogismos, Sócrates era um profundo crítico da cultura trágica, tencionando reformulá-la e erguer, no seu lugar, uma cultura que privilegie o conhecimento teórico acima de qualquer arte ou moral.

Assim nasce a cultura socrática, cujo triunfo se estende até a contemporaneidade. Assim, na segunda parte de minha pesquisa, foram discutidas as influências dessa cultura na modernidade, identificando-a como a assassina da tragédia e a progenitora da ópera. A morte

da primeira, logo, levou necessariamente ao nascimento da última. Nessas circunstâncias, a ópera nasce obedecendo aos mandos do socratismo estético, o qual crê que tudo deve ser inteligível para ser belo. Para tal a ópera introduz o recitativo, com a função de submeter a música à palavra, aniquilando assim sua essência dionisíaca e fazendo da ópera uma herdeira moderna da cultura socrática.

Por fim, minha pesquisa discutiu como a tragédia e a ópera, respectivamente, nasceram enquanto um espelho artístico de suas culturas progenitoras. Assim, por um lado, a tragédia ática corresponde ao esplendor artístico do heleno-trágico, o qual alcançou a sua maior realização a partir do equilíbrio entre o apolíneo e o dionisíaco; por outro lado, a ópera é a expressão própria da cultura moderna, a qual é essencialmente inartística e, enquanto herdeira do socratismo, está em eterna dissonância com a arte trágica.

CONCLUSÕES:

Minha pesquisa, baseada sumariamente em *O nascimento da tragédia*, mostrou-se frutífera na medida em que essa obra oferece, ao pesquisador, um grande leque de discussões e problematizações, as quais vão desde a crítica cultural até a metafísica de artista. Assim, ao estudar a contraposição nietzschiana entre tragédia e ópera, me foi possível adotar um olhar filosófico panorâmico, relacionando discussões que antes pareciam inconciliáveis. Por fim, essa contraposição me estimulou à crítica da cultura moderna, me possibilitando assim reformular os meus próprios ideais a partir de uma base filosófica.

Agradecimentos:

Agradeço ao CNPq pela oportunidade de, pela primeira vez, conhecer e aprimorar minhas habilidades como pesquisador científico.

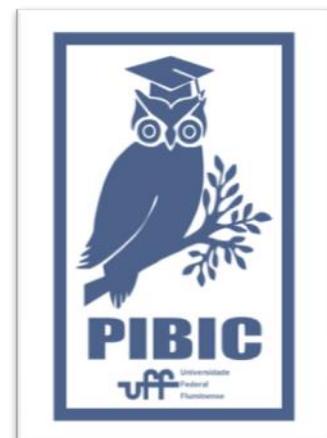
A UFF por me disponibilizar todos os meios de estudos necessários para a manutenção de minha pesquisa.

Ao orientador Vladimir Vieira pelo constante suporte, atenção e dedicação em minha trajetória acadêmica.

A minha família pelo apoio incondicional e incentivo nos momentos mais difíceis.

Bibliografia primária

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia ou helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.





Grande área do conhecimento: Ciências Sociais/EDUCAÇÃO

Título do Projeto: INJUSTIÇAS COGNITIVAS: RESSIGNIFICANDO OS CONCEITOS DE COGNIÇÃO, MEMÓRIAS E APRENDIZAGEM NO COTIDIANO ESCOLAR

Autores: Vania Batista Garcia (Bolsista IC)

**Departamento/Unidade/Laboratório:
EDUCAÇÃO, SOCIEDADE, CONHECIMENTO.
FACULDADE DE EDUCAÇÃO.
LABORATÓRIO GRUPALFA/GEPEMC**

RESUMO

INTRODUÇÃO

A pesquisa "Injustiças Cognitivas: ressignificando os conceitos de cognição, memória e aprendizagem no cotidiano escolar" se desenvolve com crianças de classes populares desde 2008, e também com crianças com necessidades educacionais especiais a partir de 2016 em diante, sendo alunos e alunas do ensino fundamental. Nesse processo, tivemos algumas experiências com crianças autistas e tentamos nos aprofundar em seus mundos, na tentativa de existir para elas e ver como a escola existe e participa de suas vidas. Continuamos a defender a necessidade de reiventação da escola em sua base epistemológica para que a educação seja plena e contemple a todas as crianças que nela venha buscar o saber. Para isso nos aproximamos cada vez mais, levando em conta sua bagagem e anseios.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Ao longo de nossa pesquisa o sucateamento da educação vem

aumentando a ponto de termos várias escolas fechadas por falta de verbas públicas básicas para manutenção das mesmas, mesmo assim, seguimos em busca de entender a resiliência desses indivíduos, dos professores e de todos no ambiente escolar atual, no desejo que envolve educação e diferentes sonhos dos alunos, alunas. Tavares (2001, p. 200) conceitua resiliência como: a capacidade de responder de forma mais Universidade Federal Fluminense consistente aos desafios e dificuldades, de reagir com flexibilidade e capacidade de recuperação diante desses desafios e circunstâncias desfavoráveis, tendo uma atitude otimista, positiva e perseverante; e mantendo um equilíbrio dinâmico durante e após os embates.

Buscamos intervir diretamente no processo, com o cuidado de primeiro observar os movimentos das crianças autistas, seu interesses e caminhos dentro da escola, e nossas tentativas de estabelecer negociações em suas particularidades e aprender com elas a lidar com suas necessidades. Um envolvimento para melhor desenvolver suas aptidões,

sabendo que cada criança é singular e quando estivermos com outra, o trabalho recomeça pelas particularidades dessa outra criança. Como se produz o fracasso escolar recorrente nas escolas? O que exigir de crianças advindas de comunidades, instituições, ou estigmatizadas por laudos psiquiátricos e categorizadas com números de CID10 (código internacional de doenças)? Então nos concentramos em alunos autistas para tentar entender o significado da escola para eles. Percorrer os caminhos que eles percorrem e tentar uma interação afetuosa, seguindo por seus traçados. Estamos direcionando nossas energias para o envolvimento e desenvolvimento do ensinar, e do aprender das crianças. Uma cumplicidade, um olhar querendo ver além do mostrado, no dia a dia em sala de aula. Perceber-se na rede de traçados dos movimentos e percursos dos autistas (DELIGNY, 2016), o que lhes interessa na escola, revelando o que não é dito, porém sentido e que nos afeta de várias formas. Buscar entender a realidade das crianças no contexto familiar em que vivem, e como chegam na escola, seus anseios, necessidades, fragilidades, medos e seus muitos sonhos. Desta forma nossa pesquisa deu um grande salto ao percebermos o quão grandioso é o mundo particular de nossas crianças, e nas escolas, percebemos seus desejos, como e o quê cada uma pretende nesse espaço e com pessoas que diariamente convive e se Universidade Federal Fluminense relaciona, criando laços afetivos paralelos aos que têm em seu lares. Eles são protagonistas de suas escolhas, e mesmo

quando não são respeitados traçam seus caminhos de outra forma, pegam atalhos ou simplesmente mudam suas rotas. O aprendizado não pode ser vertical e unilateral, como nas escolas do século XIX.

No 1º semestre de 2020 nos aprofundamos no conceito de resiliência (Cyrulnik). Buscamos definir resiliência, uma vez que o conceito é usado tanto nas obras de Deligny quanto nas obras de Cyrulnik, então sabendo que inicialmente o termo era mais usado na Física onde a matéria se expande ou sofre um choque e volta à sua forma inicial, e também em outras ciências, optamos por essa definição do conceito de resiliência com a metáfora de Cyrulnik:

(...) Trata-se de um processo, de um conjunto de fenômenos harmonizados em que o sujeito se esgueira para dentro de um contexto afetivo, social e cultural. A resiliência é a arte de navegar nas torrentes. Um trauma empurrou o sujeito em uma direção que ele gostaria de não tomar. Mas, uma vez que caiu numa correnteza que o faz rolar e o carrega para uma cascata de ferimentos, o resiliente deve apelar para os recursos internos impregnados em sua memória, deve brigar para não se deixar arrastar pela inclinação natural dos traumatismos que o fazem navegar aos trambolhões, de golpe em golpe, até o momento em que uma mão estendida lhe ofereça um recurso externo, uma relação afetiva, uma instituição social ou cultural que lhe permita a superação. (Cyrulnik, 2004, p.207).

Cyrulnik ressalta a importância da escola como dispositivo disparador de processo de resiliência. Segundo o autor, as pesquisas tem demonstrados que as crianças que têm acesso a uma educação alteritária, fundada na recepção afetiva

obtêm melhores resultados escolares. Segundo Cyrulnik a principal atitude do professor deve ser a empatia – interessar-se pelo outro e estabelecer com ele uma relação de compreensão.

CONCLUSÕES

Na pesquisa as postulações de Boris Cyrulnik dialogam com os postulados de Fernand Deligny. Entendemos que tal diálogo fortalece nossa opção teórico-metodológica e a própria ação educativa da escola. Nossas ações de inter(in)venção com as crianças da pesquisa pautam-se por relações de alteridade fundadas na empatia, no afeto e numa escuta sensível à criança, o que após estudos atentos e abertos a outras interpretações tem nos permitido interagir com as crianças a partir do olhar, dos mínimos gestos e com sua existência singular. Crianças que com seu outro modo de existir nos ensinam, pelo convívio com a diferença a existir de outro modo. É gratificante a descoberta de uma nova linguagem para melhor atender, ensinar e aprender com as crianças autistas, um mergulho nesse mundo tão complexo, desafiador e interessante.



Ciências Humanas

Sociedade, Educação e Conhecimento

**PRÁTICAS DOCENTES, COMUNIDADES DISCIPLINARES E
PRODUÇÃO DA DISCIPLINA ESCOLAR: MEMÓRIAS DE
PROFESSORES DE BIOLOGIA**

Sandra Selles, Luísa Machado e Nathany Pacheco

Faculdade de Educação/Departamento SSE/ UPPGed-

UFF/CDC

INTRODUÇÃO:

Atualmente vivemos no Brasil um momento de ascensão do conservadorismo sobre a educação. Nesse contexto, as disciplinas Ciências e Biologia sofrem constantes ataques ao ensino de temáticas que fazem parte de seus currículos, tais como educação sexual (BORBA et al, 2019). Em relação a esse assunto, diversos grupos conservadores vêm realizando e incentivando práticas de censura contra professores que discutem o tema em sala de aula e a livros didáticos de ciências que abordem essas questões. Portanto a temática educação sexual se configura como um campo de disputas dentro dos currículos de Ciências e Biologia, estando em jogo relações morais, políticas, sociais e de poder que marcam diferentes momentos históricos. Assim, por considerar sua pertinência histórica e por reconhecer sua relevância pedagógica e social o projeto tem como objetivo compreender as relações entre práticas e formação docente e a construção da disciplina escolar Biologia entre 1960 e 2000, utilizando como substrato metodológico a história de vida e os estudos da

memória, por meio das narrativas de docentes desta disciplina em cruzamento com análise de materiais curriculares adotados na escola.

METODOLOGIA

O trabalho foi desenvolvido utilizando duas fontes empíricas: livros didáticos de Ciências e depoimentos de professores de Ciências e Biologia. Sete livros didáticos foram selecionados em que os anos de publicação variou entre 1989 e 2015. Ademais, foram entrevistados quatro professores e quatro professoras e as narrativas dos docentes foram produzidas por meio de entrevistas semiestruturadas, em que havia perguntas pré-definidas e outras que surgiram ao longo da conversa.

RESULTADOS

Foi possível identificar que os conteúdos presentes na maioria dos livros didáticos abordam a concepção biomédica e fisiológica da educação sexual, estes conteúdos se

configuram como tradições do ensino de ciências e se consolidaram por atender a determinadas finalidades estabelecidas para a educação. Entretanto observamos uma tendência dos livros didáticos mais recentes em abordar questões sociais como gênero e diversidade sexual associados aos aspectos biomédicos dos sistemas genitais. Ademais, nos trechos das narrativas acerca o tema educação sexual é possível observar que os professores ultrapassam as questões de currículos, e agem em contramão ao modelo social vigente nos discursos conservadores e religiosos. Deste modo, tornam-se importantes mediadores para a educação sexual se fazer presente nas escolas Estes consideram a temática relevante e atendem às necessidades dos alunos, que muitas vezes não recebem dos pais e familiares a educação necessária sobre o assunto.

CONCLUSÕES:

Diante das análises empreendidas pudemos observar que a educação sexual é uma temática presente nos currículos de Ciências e Biologia. Por meio da análise dos livros didáticos, mas principalmente pelas das práticas docentes, a temática se afirma como uma tradição curricular dessas disciplinas. Portanto, o cruzamento de dados empíricos de natureza documental – os livros didáticos de Ciências – e narrativa – os depoimentos de professores de Ciências e Biologia – foi potente para documentar a presença da temática ao longo dos últimos 30 anos. Por meio dos registros assinalados,

esperamos poder contribuir para o debate acerca da pertinência da educação sexual nas escolas por abordagens que não se restringem às suas dimensões biológicas e biomédicas, mas também pelas que acentuam o pertencimento social e cultural da temática, pois ambas confluem para incluir os jovens estudantes e contribuir para seus processos identitários.

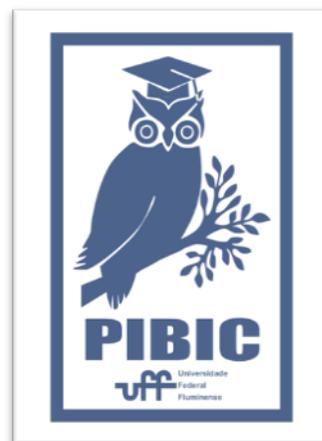
AGRADECIMENTOS:

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq, através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC patrocinador desta pesquisa científica. À professora Sandra Selles pela ótima orientação do projeto e a todos os professores que se dispuseram a participar das entrevistas que compõe este trabalho. À aluna Luísa Machado que iniciou este trabalho e se dedicou para torná-lo possível.

REFERÊNCIAS BIBLOGRÁFICAS:

BORBA, R. C. N.; ANDRADE, M. C. P.; SELLES, S. E. Ensino de ciências e biologia e o cenário de restauração conservadora no Brasil: inquietações e reflexões. **Revista Interinstitucional Artes de Educar**, n 2 v 5, 2019.

Imagem 1: Imagem PIBIC





Ciências Humanas

INSTITUTO DE HISTÓRIA

**PROJETO - “O Serviço Nacional de Informações (SNI):
entre a espionagem e a repressão”**

Autores: Samantha Viz Quadrat, Bruna Ferraz Barenco

INTRODUÇÃO

Desde o início da experiência como bolsista no projeto “*O Serviço Nacional de Informações (SNI): entre a espionagem e a repressão*”, além da pesquisa executada para o projeto da bolsa, sempre fui incentivada a ter a minha própria pesquisa de maneira paralela. Dessa forma, há dois anos trabalho no que será meu projeto de monografia para conclusão do curso de História. Com a ocasião da pandemia do novo COVID-19 e a impossibilidade de acessar os documentos para a pesquisa sobre o SNI, esse período foi utilizado para o avanço da minha pesquisa, que tem como tema a redemocratização e a Seleção Brasileira na Copa de 1982.

A década de 80 no Brasil é marcada pela transição democrática, com a abertura do governo ditatorial iniciado pelos militares em 1964. Durante os anos que a ditadura militar ficou no poder, o futebol e principalmente a Seleção brasileira tiveram seus feitos utilizados como propaganda política da ditadura, em especial a conquista do tricampeonato mundial em 1970. O uso do futebol como propaganda política pode não ter sido uma ideia inicial do

governo¹, mas com certeza o mesmo se aproveitou do sucesso do selecionado nacional para instigar o patriotismo nacional.

Com a redemocratização em curso, a relação entre futebol e política se transformou mais uma vez. A Seleção Brasileira deixou de ser um aparato do governo, e passou a aumentar seu aspecto popular. A presença de Sócrates, um dos líderes da Democracia Corinthiana (1982-1984), como um dos astros desse esquadrão nacional é uma das maneiras mais claras de se perceber essa mudança em relação ao significado da Seleção Brasileira.

Em resumo, a pesquisa se propõe a pensar essa relação estabelecida entre a redemocratização e a transformação do selecionado nacional e suas características, além de como uma Copa do Mundo impactou nesse processo. A Seleção de 1982 é até hoje lembrada e enaltecida, mesmo depois da derrota no mundial, o que destaca a popularidade que esse esquadrão possui, não

¹ FICO, Carlos. *Reinventando o Otimismo: Ditadura, Propaganda e Imaginário Social no Brasil*. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1997.

só pelo apelo dos seus jogadores e o estilo de futebol, mas pelo que significava. Analisar o início do processo de redemocratização a partir do futebol é um caminho ainda pouco percorrido na História.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para tal objetivo, escolhi trabalhar com jornais e revistas esportivas como fonte, especialmente a Revista Placar, que teve sua primeira edição publicada em 1970. Como o foco da pesquisa é a Seleção que disputou a Copa do Mundo de 1982, escolhi fazer um levantamento de como a Seleção e seus principais jogadores eram retratados na página da revista, que tinha amplo alcance pular, entre os anos de 1980 e 1982, cobrindo o período de eliminatórias para a Copa, a duração do evento e o período após a derrota do Brasil para a Itália naquela edição do mundial.

Esse levantamento demonstrou que a narrativa em relação a Seleção, principalmente durante as eliminatórias, continuava como uma jornada épica. O time brasileiro era colocado constantemente como desacreditado, e deveria passar pelas provações em seu caminho, representadas pelos adversários. O êxito nesse caso levou à crescente de um otimismo, ainda que cauteloso, não só no tom das matérias sobre a Seleção Brasileira, mas também nas muitas propagandas publicitárias envolvendo a Seleção e seus atletas. Essa publicidades constantemente faziam referência relação da Seleção com o povo, aproximando-os e o colocando os torcedores em lugar de destaque.

Apesar disso, é possível notar um paralelo da incerteza política com a incerteza no futebol. Embora as narrativas fossem otimistas, destacando o bom futebol apresentado pelo Brasil, foi possível notar que isso aconteceu em uma crescente, e mesmo assim, em muitos momentos foi questionado a estabilidade da performance do selecionado nacional. A euforia estava presente, mas de certa forma contida. Na edição de número 627², em maio de 1982, uma reportagem chega a comparar a pressão do técnico da Seleção brasileira com a pressão sofrida por um presidente de um país em crise, depois de um empate entre Brasil e Suíça por 1x1 durante um amistoso.

CONCLUSÕES

Em resumo, o levantamento efetuado sobre as edições da Placar no período correspondente à pesquisa permitem que sejam criados paralelos entre a Seleção Brasileira do início dos anos 80 e o clima político instável característico da redemocratização, ao mesmo tempo equilibrando a euforia com a instabilidade e cautela.

Mesmo sem ter o intuito de ser político, as intersecções entre futebol e política são inegáveis, especialmente em momentos governos autoritários e em momentos de instabilidade. O esporte apresenta um campo amplo de representações e construções de identidades que podem ser, a certo nível,

² PLACAR. São Paulo: Abril, edição 627, ano 13, 28 de maio de 1982.

moldadas de acordo com o momento histórico, e o tempo passa de forma diferente para o Brasil durante as Copas do Mundo³, devido a imensa popularidade do esporte no país. A Seleção, principalmente no século XX, era mais do que um simples time, e sim uma extensão da representação da nação.

REFERÊNCIAS

BIBLIOGRÁFICAS

FICO, Carlos. Reinventando o Otimismo: Ditadura, Propaganda e Imaginário Social no Brasil. Rio de Janeiro, Fundação Getúlio Vargas, 1997.

CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo: Palas Atena, 1990

PLACAR. São Paulo: Abril, edição 627, ano 13, 28 de maio de 1982.

LAHUB, Simone Guedes, O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspenso” e história. XXIII Reunião Brasileira de Antropologia. Gramado, RS. Fórum de Pesquisa de Antropologia do Esporte.

³ LAHUB, Simone Guedes, O Brasil nas Copas do Mundo: tempo “suspenso” e história. XXIII Reunião Brasileira de Antropologia. Gramado, RS. Fórum de Pesquisa de Antropologia do Esporte.



Ciências Humanas

**ALGUMAS CONTROVÉRSIAS SOBRE A
DEPENDÊNCIA E O DESENVOLVIMENTO: UMA
INTERPRETAÇÃO COMPARADA ENTRE AS
OBRAS DE FHC E CELSO FURTADO**

Lavínia Oliveira de Lima

Alessandro André Leme (Orientador)

**Departamento de Sociologia, Instituto de Ciências
Humanas e Filosofia - UFF**

INTRODUÇÃO:

Esse projeto versou sobre algumas análises levantadas nas décadas de 1960 e 1970 pelo sociólogo Fernando Henrique Cardoso e pelo economista Celso Furtado através das “teorias do desenvolvimento” e da “dependência” - as quais visaram compreender e explicar as transformações em curso na América Latina considerando a formação econômica e sócio-política de sua “condição periférica”. Buscamos investigar como os autores justificaram suas abordagens teórico-metodológicas quanto ao alcance interpretativo da *dimensão social e política* dos processos do desenvolvimento econômico na região (especialmente no nosso caso, dando atenção especial ao Brasil), e suas observações sobre a teoria estruturalista cepalina. A metodologia consistiu em pesquisa bibliográfica e documental em acervos digitais do Centro Celso Furtado e do Instituto Fernando Henrique Cardoso, bases de dados internacionais e catálogos de teses.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Encontramos críticas sociológicas e econômicas irradiadas ou direcionadas à teoria da CEPAL, ao longo dos anos subsequentes à estadia de C. Furtado na primeira geração (1949-1958) e durante a estadia de F.H. Cardoso no Ilpes-Cepal (1964-1967), relacionadas ao desenvolvimento autossustentado e à explicação da dependência. As teses e controvérsias sobre “estagnação” e “dinamismo” nas “relações centro-periferia”, se implicam no período de internacionalização dos mercados de economias industriais da região via aumento do investimento externo no setor produtivo do mercado interno; e se implicam também em fatores sociais e políticos internos, situações que, significaram por um lado, impulsos analíticos em termos sociológicos e históricos na análise do economista, e por outro lado, a produção de “*Dependência e Desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica*”¹, que questionou as abordagens cepalina e “estagnacionistas” quanto ao

ofuscamento ou não apreensão das “situações concretas de dependência” em suas sustentações de classes nos seus aspectos endógenos e exógenos. C. Furtado e F.H. Cardoso tiveram contato no Ilpes, em seminário de revisão das teses clássicas cepalinas (1964), em que a “questão social” passou a se destacar mais em análises de alguns integrantes da comissão, num período de imprecisão teórica da instituição no desvelamento da dinâmica de classes por trás das relações centro-periferia e das dinâmicas interna dos países dependentes. Os autores denotam que as especificidades e possibilidades do “desenvolvimento” devem ser pensadas a partir, tanto dos condicionantes histórico-estruturais, quanto das dinâmicas de poder que conferem sustentação sócio-política (bem como desencadeiam conflitos e desafios no plano decisório e da luta social), às transformações capitalistas em questão.

CONCLUSÕES:

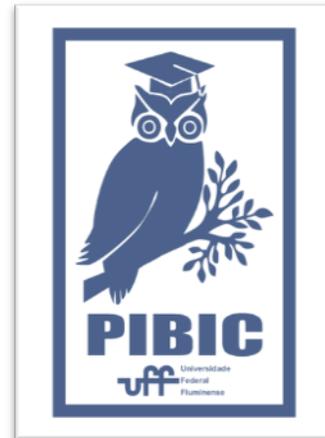
A concepção de desenvolvimento dos autores coloca a perspectiva histórica, social e política como fundante na compreensão ou proposição acerca da expansão capitalista na região. Em F.H. Cardoso, o “desenvolvimento – *dependente* e *associado*” –, se refere às conformações (econômicas e sócio-políticas) implicadas na expansão industrial, as quais – sob o marco desigual de desenvolvimento das forças produtivas entre Estados-nação – gestaram *situações de dinamismo*, que precisariam ser investigadas levando em conta as relações entre atores/agentes antes supostos como antagônicos quanto à viabilidade do

desenvolvimento capitalista na região. A centralidade ao político buscava nas *orientações* dos pactos, conflitos e contenções entre classes, Estado e grupos componentes das alianças desenvolvimentistas, explicar tal questão. Em Celso Furtado, a concepção de desenvolvimento está posta enquanto *finalidade* política decorrente da consciência dos povos subdesenvolvidos, intelligentsia e agentes públicos sobre os desafios sociais e políticos implicados na condição brasileira de extrema desigualdade social simultânea à expansão da economia capitalista dependente. O autor se desloca da perspectiva de estagnação de meados dos 1960, até uma análise de que a superação do subdesenvolvimento demandaria complexos esforços de reorganização social e política (a níveis nacionais, regionais e levando em conta as políticas internacionais), que por tocarem no sistema de decisões, não seriam de fácil execução, uma vez constatadas as tendências – de cunho histórico-estrutural, político – ao estreitamento das relações de dependência. As modernas teorias do desenvolvimento e estruturalista cepalina; as críticas acerca das teorias da modernização e neomarxistas da dependência sobre a concepção do desenvolvimento periférico; a dialética marxista² associada à abordagem histórico-estrutural da condição periférica; ou complementações com a teoria da ação racional weberiana estão presentes nos procedimentos analíticos e abordagens sobre a transformação capitalista nos países da região, de modo que, devido à complexidade de um estudo mais aprofundado das articulações entre os enfoques e métodos escolhidos pelos autores, optou-se

por utilizar suas próprias considerações sobre eles, recorrendo também a textos autobiográficos, de arquivos pessoais³ ou ensaios críticos⁴ posteriores à época, com caráter de revisão do debate do período.

AGRADECIMENTOS:

Ao Prof. Dr. Alessandro André Leme, orientador da pesquisa, pelo incentivo no estudo da temática, o qual despertou o interesse em explorar o campo do pensamento social e político latino-americano e brasileiro. Ao CNPq, pelo fomento à pesquisa.



NOTAS (REFERÊNCIAS)

1. CARDOSO, F. H.; FALETTO, E., 1935-2003. **Dependência e desenvolvimento na América Latina: ensaio de interpretação sociológica**. 8. ed. rev. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004. 234 p. ISBN 85-200-0668-X. Disponível em: <http://acervo.ifhc.org.br/>
2. LEME, A. A. **Desenvolvimento e dependência na interpretação sociológica de Fernando Henrique Cardoso**. *Anál. Social*, Lisboa, n. 216, p. 632-652, set. 2015. Disponível em <http://www.scielo.mec.pt/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0003-25732015000300007&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 05 set. 2020.
3. FURTADO, Celso, 1920-2004. **Diários Intermitentes: 1937-2002 / Celso Furtado**. Organização, apresentação e notas: Rosa Freire d'Águiar. São Paulo: Companhia das letras, 2019
_____. **Obra autobiográfica / Celso Furtado**. São Paulo: Companhia das letras, 2014.
4. CARDOSO, F. H. **As ideias e seu lugar: ensaios sobre as teorias do desenvolvimento**. Petrópolis: Vozes, 1980.



Ciências Humanas

Claude Lévi-Strauss, leitor de Euclides da Cunha: a história intelectual de uma resenha crítica (1944)

Autores: Juliana de Souza dos Reis, Francine legelski (orientadora)

**Instituto de História/Departamento de História/ESCRITAS:
Escritas da História e Historiografias do Sul**

INTRODUÇÃO:

O movimento proposto pela pesquisa foi motivado por um assunto específico na produção de um autor que François Hartog denomina como *outsider* da história: o antropólogo Claude Lévi-Strauss. Por tratar-se de um dos mais importantes intelectuais e cientistas do homem do último século, o estudo dos múltiplos significados da obra de Lévi-Strauss também se inscreve no campo da História Intelectual, área emergente que tem congregado os estudos históricos interdisciplinares de ideias no Brasil. Esta Iniciação Científica tratou do encontro entre Lévi-Strauss e Euclides da Cunha, importante escritor brasileiro. Em 1944, Lévi-Strauss publicou uma resenha do livro *Os sertões*, de Euclides da Cunha, na já consagrada revista *American Anthropologist*. O livro de Euclides da Cunha foi traduzido naquele mesmo ano de 1944 por Samuel Putnam e editado pela universidade de Chicago sob o título *Rebellion in the Backlands*, na série Phoenix Books in History. A ideia, então, foi aproximar os dois autores, tendo como ponto de partida a resenha escrita por Lévi-Strauss, buscando empreender

uma análise dos textos *Os sertões* (1902) e *Tristes Trópicos* (1955), e das fotografias encontradas nos livros, na perspectiva crítica que os autores empregam em relação à modernidade.

Apesar de se tratar de duas obras escritas e publicadas em média com cinquenta anos de diferença, as obras têm como cenário histórico momentos diferentes da formação e da sociedade brasileira, emergindo visões de um “*Brasil-processo*”¹. A aproximação comparativa entre *Os sertões* e *Tristes Trópicos* foi motivada por ambos indicarem as visões de seus autores acerca do processo civilizatório brasileiro, debruçando-se sobre os choques culturais que sucessivos processos de modernização trouxeram ao país, pondo em confronto “*a formação, consolidação ou ampliação da sociedade nacional e de suas fronteiras de ocupação e a presença dos excluídos desse processo, ou nele incluídos de modo subalterno*”².

¹ Aguiar, Flávio; Chiappini, Ligia (Orgs.). *Civilização e exclusão*: Érico Veríssimo. Euclides da Cunha. Claude Lévi-Strauss. Darcy Ribeiro. Boitempo. São Paulo, 1991 (p. 11).

² *Ibidem* (p. 7).

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A pesquisa foi planejada a partir de três tópicos principais, sendo eles:

1. O exílio de Claude Lévi-Strauss em Nova York (1941-1944); o projeto de tradução da literatura latino-americana do *Office of Coordinator of Interamericans Affairs* (OCIAA); a resenha de Lévi-Strauss publicada em 1944 sobre a tradução para o inglês d'*Os sertões*.
2. Aproximações entre *Os sertões* (1902) e *Tristes trópicos* (1955), com os seguintes tópicos: a) entre ciência e literatura; b) a experiência da guerra, a viagem e a crítica à modernidade.
3. Análise das fotografias presentes n'*Os sertões* e em *Tristes trópicos*.

As aproximações entre *Os sertões* e *Tristes trópicos* iniciam-se por ambos serem considerados livros *sui generis* que transitam entre ciência e literatura. Além do que, ambos tratam de uma experiência de viagem ao Brasil. Apesar de Euclides ser brasileiro e Lévi-Strauss ser estrangeiro, os dois lidam com dois personagens geográficos muito emblemáticos: Euclides com o sertão, a terra ignota, motivado a trazer em sua obra o que os futuros historiadores se debruçarão, enquanto Lévi-Strauss depara-se com o Atlântico e o Novo Mundo, uma terra fortemente fantasiada, com inúmeros relatos de viagens que faziam com que seu imaginário sobre o Novo Mundo se construísse na ideia de oposto a tudo que ouvira e vera até então na Europa.

Seja Euclides esperançoso com a República, ou Lévi-Strauss esperançoso com os indígenas brasileiros, a experiência da viagem nos dois é marcante na medida em que ambos denunciam o outro lado do progresso, emblema que repercute em nossa bandeira e mesmo nos moldes positivistas intelectuais brasileiros desde o século XIX. Trazendo o sertanejo forte, denunciando o crime da República, Euclides buscou fazer d'*Os sertões* o seu livro vingador. Lévi-Strauss, por sua vez, em *Tristes trópicos*, denuncia, antes de tudo, o lado perverso da viagem: é ela que hoje mostra à humanidade a contrapartida produzida para que poucos tenham muito.

As fotografias foram analisadas à luz de duas importantes observações: a) a separação das obras em média marcada por meio século já é um importante fator para a análise de suas fotografias, visto que o aparato técnico disponível para a produção das fotografias em Canudos, no fim do século XIX, e no interior do Brasil durante os anos 1930, bem como o objetivo de suas fotografias, indicam paradigmas diferentes nos usos das mesmas; b) a autoria das imagens, já que n'*Os sertões* as fotografias são feitas pelo fotógrafo Flávio de Barros, e, em *Tristes trópicos*, Lévi-Strauss foi o responsável pela captura. Observações postas, os dois principais debates foram: I) o momento de produção das fotografias, marcado por discussões epistemológicas diferentes na área do fotojornalismo e da antropologia, no que diz respeito às técnicas e funções da fotografia; II) a discussão histórica acerca do uso da fotografia, o estudo dos circuitos sociais da fotografia,

orientados fundamentalmente pelos trabalhos da historiadora Ana Maria Mauad.

CONCLUSÕES:

Como Luiz Roncari sugeriu em seu texto “*Tristes trópicos/Trópicos tristes: o olhar de fora*”³, existem muitos silêncios presentes que podem ser iluminados em um estudo aprofundado desses trabalhos. Considerando-os autores fundamentais para pensarmos as diferentes interações intelectuais que marcam o pensamento social brasileiro, lidando com temáticas caras à nossa formação histórica, a leitura de suas produções renova-se constantemente no meio acadêmico em virtude de novos eixos de análise que em suas obras podem ser encaradas.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao CNPq (Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico) pela bolsa e apoio financeiro que possibilitou a dedicação à pesquisa e a operacionalização do estudo. Agradeço enormemente à professora Francine Iegelski.

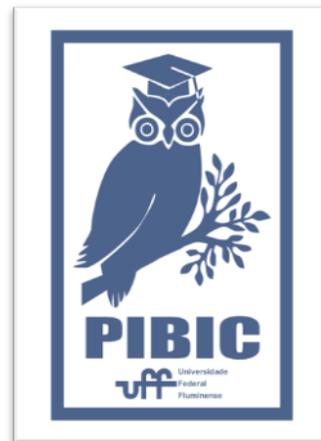


Imagem 1: Imagem PIBIC

³ Roncari, L. (2018). Tristes Trópicos/trópicos tristes: o olhar de fora. *Teresa*, 1(19), 133-143.



Ciências Humanas – História – História Contemporânea

A NATUREZA SOCIAL DO STALINISMO E DA UNIÃO SOVIÉTICA SEGUNDO LEON TRÓTSKI

Autoras: Prof.^a Dr.^a Tatiana Poggi (orientadora) e Morgana

Romão (bolsista)

Departamento de História/ Instituto de História/ Laboratório de História Econômico-Social (POLIS)

INTRODUÇÃO:

Há grande contradição entre expectativas e resultados da Revolução de Outubro, que geraram divergências intensas sobre a “natureza social” da URSS, como seu regime burocrático e ditatorial e sua economia ineficiente. Elas surgiram dos rumos seguidos pela URSS em seus primeiros anos de existência, marcados pela escassez de recursos, isolamento internacional, guerras e desestruturação do proletariado e sua vanguarda. Também da recuperação econômica proporcionada NEP, que fez emergir setores parasitários no Estado e no Partido e a burocratização de ambos dar um grande salto. Dessa forma, a compreensão dos anos iniciais da história soviética, é importante para o entender os rumos posteriores da história do socialismo; e essa análise, por sua vez, envolve um questionamento sobre a origem e o significado do que se chama de Stalinismo enquanto fenômeno social para além da figura de J. Stalin e suas ideias.

Leon Trótski é uma figura elementar para essa discussão. O objetivo desta pesquisa foi analisar sua obra para proporcionar uma reflexão sobre o que foi a URSS e o Stalinismo. Como Trótski

não produziu uma obra coesa e sistemática, a sua vasta produção foi cortejada com sua prática política, assim como com as mudanças conjunturais dentro e fora das fronteiras soviéticas nos anos 1923-40.

Suas análises sobre o processo de burocratização da URSS e o Stalinismo foram divididas em três diferentes fases, inicial (1923-28), intermediária (1928-33) e madura (1933-40), conforme a metodologia de Anderson (1983). O critério para delimitar as fases baseou-se em como os conflitos de classe internacionais e e na URSS impactavam as frações no interior do PCUS e, por conseguinte, o próprio Trótski e seus aliados.

Para ir além do estudo de Anderson, esta pesquisa procedeu com uma análise crítica da obra de Trótski e de sua atividade militante, especialmente em seus anos iniciais, e também forneceu explicações sobre conceitos caros ao pensamento deste autor, como Estado Operário, bonapartismo, revolução política e revolução social, que também estruturaram a sua interpretação do Stalinismo e da União Soviética.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

O conceito de Stalinismo designa uma estrutura emergida da eliminação das massas das rédeas do poder e da desagregação da indústria russa após a Guerra-Civil (1918-1921). (MEYER, 1995) Outros elementos, como a derrota da Oposição de Esquerda do interior do PCUS e do proletariado internacional, e também a aproximação da direção do partido com os setores privados favorecidos pela Nova Política Econômica (NEP), são, para Trótski (2015), outros importantes modeladores do referido fenômeno. O Stalinismo é, portanto, um regime de crise, seja no sentido econômico, em seus momentos iniciais de formação, assim como em sentido político, em referência à crise que se instalou no proletariado após consecutivas derrotas.

Os giros políticos, que pendem entre conciliação de classes e excessivo sectarismo, são também característicos no Stalinismo. A partir da constatação de seus giros repentinos, foi possível perceber como a burocracia stalinista defendia-se tanto do proletariado como também da burguesia a fim de preservar, através de seus próprios métodos de coerção, as bases da economia planejada estabelecidas pela Revolução de Outubro e o seu próprio poder político, usurpado do proletariado soviético (Idem, 1977). Na medida em que esse regime de crise adquiria contornos de autonomia, personalismo e de caráter plebiscitário ao redor da figura de Stálin, mais é possível pensar o Stalinismo como uma forma de bonapartismo em um peculiar molde soviético (Idem, 1935).

Outra discussão pertinente é sobre a natureza de classe da burocracia stalinista. Trótski entendeu a burocracia como uma camada social

com elementos que exercem funções de gerenciamento no Estado, e que, para isso, são materialmente privilegiados por possuírem algum nível de monopólio do poder que elimina as massas das decisões. A burocracia soviética, segundo essa perspectiva, não poderia exercer nenhum papel fundamental na gestão econômica do regime, mas apenas uma prática parasitária que exerceria um freio para o desenvolvimento soviético a longo prazo (Idem; Ibidem). A preservação da economia planificada fornecia bases para a sua instável existência, tão dependente de postos do aparelho de Estado.

Trótski observou uma parte significativa dos elementos mencionados a partir do pressuposto de que a União Soviética seria uma sociedade de transição entre capitalismo e socialismo, porém deformada pelo regime burocrático, que atuava como um freio para o seu pleno desenvolvimento cultural e econômico (Idem, 1933). Isso se fundamenta pelo fato de uma economia planificada não poder ser plenamente regulada sem o estabelecimento de uma democracia socialista e com o cerceamento da crítica e da circulação de ideias.

CONCLUSÕES:

As reflexões de Trótski, apesar de reservarem em si limitações, são capazes de proporcionar uma perspectiva ampla e consistente sobre o Stalinismo, de forma que é possível identificá-lo em diferentes sociedades a despeito de suas particularidades. Espera-se, com esta pesquisa, fornecer uma contribuição para futuras investigações sobre história do socialismo do século 20.



Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO EM ETNOMATEMÁTICA DOS CONGRESSOS BRASILEIROS

Autoras: Maria Cecilia de Castello Branco Fantinato (orientadora) e Carolina Luiz Alves (bolsista PIBIC-CNPq)

Unidade: Faculdade de Educação da UFF (FEUFF), Niterói

INTRODUÇÃO:

A etnomatemática é uma linha de pesquisa que investiga as raízes históricas e culturais das ideias matemáticas, presentes nos saberes de diferentes grupos sociais. Nossa pesquisa buscou investigar as tendências da produção em etnomatemática nos eventos CBEm4; CBEm5 e Etnomat-RJ. Trata-se de uma pesquisa bibliográfica do tipo estado da arte, cujo objetivo foi analisar os trabalhos publicados em formas de comunicação científica, pôster e relato de experiência dos anais de tais eventos, realizados no Brasil, no período de 2012 a 2016. Os procedimentos metodológicos da pesquisa incluíram: leitura e identificação dos resumos dos eventos; tratamento estatístico das informações básicas dos mesmos; seleção de uma amostra intencional de trabalhos; leitura e análise dos textos completos dos trabalhos selecionados; levantamento de questões acerca da temática em foco; escrita de relatórios com síntese dos resultados, criação de gráficos e tabelas para organização e registro dos dados coletados. O estudo buscou levantar desafios e contribuições da etnomatemática tanto para a prática docente quanto para as propostas educacionais.

Este resumo apresenta uma síntese das principais atividades desenvolvidas pela bolsista no período de agosto de 2019 a julho de 2020, sob a orientação da coordenadora do projeto de pesquisa.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Nos três eventos foram apresentados quarenta e sete trabalhos ao todo sobre temática indígena, com variadas abordagens e discussões. Identificamos nos trabalhos as etnias mencionadas e/ou pesquisadas pelos autores. No processo de coleta de dados e leitura completa dos mesmos, identificamos a recorrência de discussões acerca da educação indígena. Percebemos que a etnomatemática discutida pelos autores em seus trabalhos, corrobora modos específicos dos indígenas de quantificar, medir, selecionar, entre outras ideias matemáticas. A formação dos professores que irão atuar ou já atuam nas escolas das aldeias, é tema de um número significativo de trabalhos. Assim, priorizamos os trabalhos com temáticas indígenas fazendo um recorte para as questões que tangenciam a educação para esse grupo. Após leitura, organizamos os dados em tabelas, organizando os trabalhos dos três eventos. Obtivemos então a quantificação de textos que

discutiam a *formação de professores indígenas*. Em outro recorte feito, selecionamos trabalhos que descreviam, investigavam e/ou propunham *ações pedagógicas e educacionais para/com os indígenas*. Pudemos observar que alguns trabalhos defendem uma perspectiva educacional diferenciada para o indígena, pois reconhecem suas especificidades culturais. Em seguida, procuramos identificar a autoria indígena nos trabalhos publicados. Percebemos que em nenhum dos eventos analisados foram publicados trabalhos de autoria exclusivamente indígena, o autor indígena vem acompanhado de autor(es) não indígena(s), em geral, o orientador do trabalho de TCC ou de mestrado. Através do levantamento realizado, foi possível perceber que no CBEm4, de um total de 14 trabalhos publicados com a temática indígena, apenas 2 trabalhos tiveram a participação de autores indígenas. No CBEm5 constatamos a participação de 17 trabalhos, porém apenas 3 desses trabalhos contam com a participação de autores indígenas em formatos de pôster ou relato de experiência. O Etnomat-RJ não apresentou nenhum trabalho de autoria indígena. Cabe portanto destacar o crescimento tímido, porém significativo da autoria indígena em trabalhos acadêmicos de etnomatemática, representada geralmente por estudantes de licenciaturas interculturais indígenas, professores em suas aldeias de origem.

CONCLUSÕES:

As pesquisas em etnomatemática nos encaminham a pensar a educação matemática sob outros paradigmas, incorporando o diálogo entre saberes de culturas distintas, que pode contribuir para um processo libertador, de protagonismo e reafirmação de identidades suprimidas ou ignoradas. Saberes presentes em práticas culturais, como os trançados, as pinturas corporais e suas formas geométricas, os sistemas de contagem e a construção de barragens de pesca, entre tantos outros, não são validados pela escola tradicional. No entanto, são saberes que produzem e reproduzem existência dos grupos indígenas, na forma de herança cultural, passada de geração em geração. Por isso é necessário que a educação escolar indígena seja diferenciada, respeitando e dialogando com as culturas próprias desses grupos sociais. Para que a etnomatemática caminhe no sentido da decolonialidade, será necessária a participação crescente, na produção acadêmica, de autores provenientes dos grupos sociais pesquisados, como os indígenas do recorte de nossa pesquisa. .

AGRADECIMENTOS:

Gostaria de agradecer a Professora Maria Cecília pelo companheirismo e paciência. Agradeço também ao grupo de Etnomatemática da UFF (GETUFF), pelos encontros. Agradeço ao meu pai, por me incentivar a cursar uma universidade pública, agradeço a minha mãe, pelo exemplo de mulher guerreira e determinação. Agradeço ao meu companheiro pela ajuda. E finalmente agradeço ao CNPQ pela oportunidade de poder fazer parte dessa pesquisa.

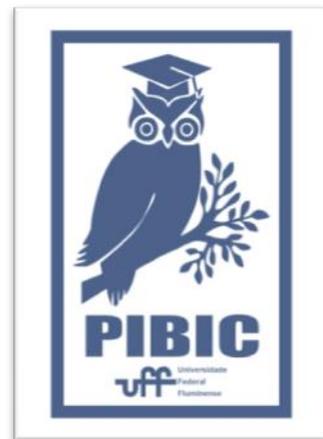


Figure 1: Logo PIBIC



Grande área do conhecimento – História

Título do Projeto A parenética e os vilancicos em folhetos na coleção Barbosa Machado

Autor – Rhuan Vetuani Nogueira Pereira

Departamento/Unidade/Laboratório – Departamento de História

/ Instituto de História / Companhia das Índias

INTRODUÇÃO:

O projeto visa continuar o apuro das fichas relativas aos folhetos contendo sermões de vários tipos, bem como os vilancicos existentes na coleção compilada por Diogo Barbosa Machado (1682-1772), na Biblioteca Nacional do Brasil. Nesta coleção, os mais de três mil documentos de tamanhos diversos e gêneros literários variados correspondem a muitos assuntos. Os opúsculos foram impressos em vários países, entre os séculos XVI e XVIII, e doados pelo colecionador à Real Biblioteca de D. José I entre 1770 e 1772. Esse conjunto documental constitui um valioso acervo para o estudo da história de Portugal e suas conquistas ultramarinas, sem equivalente nos arquivos de Portugal e Espanha. Para que a especificidade de cada grupo de documentos possa ser aferida, faz-se necessária a confrontação entre os dados obtidos nos documentos depositados na seção de obras raras da Biblioteca Nacional, e informações contidas em uma bibliografia especializada, a fim de melhorar as fichas de resumos produzidas por uma primeira geração de bolsistas.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Os grupos de documentos contendo sermões impressos e vilancicos em forma de folhetos são os mais numerosos da chamada coleção Barbosa Machado. Lidar com essas formas textuais significa conhecer essas diferentes formas de comunicação, que transitam entre os aspectos oral, escrito e visual. Do século XVI ao XVIII, muitos sermões foram modificados desde o momento em que foram proferidos em público, quando predominava a oralidade, até serem manuscritos pelo próprio orador, conhecendo então a ação de patronos, tipógrafos e do próprio público leitor. Suas alegorias mais poéticas ou de “teólogos”, segundo João Adolfo Hansen; suas interpretações mais alegóricas ou figurais, no entender de Erich Auerbach, nos ajudam a entender e explicar o texto. Não raro, os sermões também apresentam uma profunda simbiose entre os aspectos religioso e político, sobretudo quando esses foram proferidos no âmbito da sociedade de corte portuguesa. Também por meio da parenética podemos adentrar no mundo ultramarino de Portugal, por meio dos sermões proferidos em igrejas de

várias cidades localizadas no Brasil, na África e na Ásia.

Por sua vez, os vilancicos ou vilancetes eram uma espécie de cânticos a serem recitados nas missas, guardando uma intensa mescla de elementos populares e eruditos, católicos e também sincréticos. Ao que tudo indica, sua presença reforçava a adesão mais larga ao culto católico, sendo cantados inclusive na capela real da dinastia de Bragança, sobretudo no século XVII. Os vilancicos eram impressos em formato in octavo, revelando sua portabilidade adequada ao momento do culto. A coleção Barbosa Machado constitui a maior reunião de vilancicos existente em acervos públicos de Portugal e Espanha. Curiosamente, o gênero foi proibido no culto católico na primeira metade do século XVIII, provavelmente por sua heterodoxia cultural. Tomar contato com os vilancicos representa adentrar num universo cultural da Época Moderna, no qual o catolicismo podia ter uma adesão apenas superficial, sendo o flerte com os elementos pagãos uma prática importante da vivência religiosa. Também possibilita analisar o universo devocional relativo a santos e festividades várias. Na coleção Barbosa Machado, os folhetos contendo vilancicos são organizados em tomos concernentes aos aspectos citados acima.

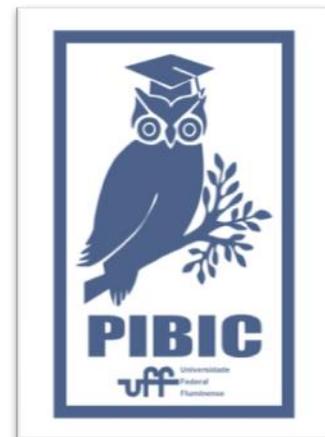
CONCLUSÕES:

O trabalho com as fichas pertinentes aos vilancicos e sermões em folhetos na coleção Barbosa Machado se encontra em fase final. Ele é uma importante possibilidade de se tomar

contato direto com os impressos da Época Moderna, com atenção aos seus paratextos, dimensões, diagramação textual etc. – além, obviamente, dos conteúdos históricos e de contexto social do qual esses artefatos provêm. Para tal é muito importante construir uma familiaridade com a bibliografia pertinente, que inclui o contato constante com trabalhos no campo da música, da crítica textual, da filologia e principalmente da história.

AGRADECIMENTOS:

Rodrigo Bentes Monteiro, funcionários da seção de Obras Raras da Biblioteca Nacional e Universidade Federal Fluminense.





Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: “Escolas do Território: A Construção de Currículos Diferenciados Indígenas, Caiçaras e Quilombolas na Costa Verde”

Autores: Domingos Nobre e Stephanie Magalhães

Departamento/Unidade/Laboratório: DED / Instituto de Educação de Angra dos Reis - IEAR

INTRODUÇÃO:

O programa “Escolas do Território” realiza formações continuadas para professores da rede pública, através de um movimento de reorientação curricular, seguindo uma metodologia de construção curricular diferenciada própria, para escolas de comunidades indígenas, caiçaras e quilombolas da Costa Verde. As turmas acompanhadas são:

a) Turmas de 1º/5º, 6º/9º Ano Guarani e Magistério Indígena - oferecidas pela SEEDUC-RJ – Secretaria de Estado da Educação do Rio de Janeiro, no Colégio Indígena Estadual Guarani Karai Kuery Renda, em parceria com o IEAR/UFF.

b) Turmas do 1º/5º e de 6º/9º Ano Caiçara – 1º e 2º Segmento do Ensino Fundamental Caiçara, oferecidas pela S.M.E de Parati – Secretaria Municipal de Educação.

c) Turmas do 1º/5º e 6º/9º Ano Quilombola – 1º e 2º Segmento do Ensino Fundamental Quilombola oferecido na Escola Municipal Campinho da Independência e na Escola Municipal José de Melo, pela S.M.E de Parati – Secretaria Municipal de Educação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Ao final de 2019, foram concluídas as seguintes etapas da metodologia de construção curricular diferenciada com os professores do 1º seg. caiçara de Paraty: a) ‘*O estudo e construção de uma nova “Visão de Área”*’ e b) ‘*Diagnóstico Sociocultural*’, resultando assim na FOFA (técnica de diagnóstico participativo: com Fortalezas, Oportunidades, Fraquezas e Ameaças). A partir daí pode-se elaborar a “Rede Temática” com os temas geradores da Costeira.

Em fevereiro de 2020 ocorreu a primeira formação unificada dos professores de 2º segmento das escolas Caiçaras e Quilombolas de Paraty, abordando o que é um “*Diagnóstico Sociocultural*”, e o que são conteúdos essenciais e conteúdos acessórios no currículo. Foi definido que os professores do 2º segmento quilombola participassem das formações junto ao 1º segmento quilombola, pois a rede temática construída pelos professores do Fundamental I serviria como base para o trabalho dos novos professores. Aconteceu também a primeira reunião com o Coletivo de Educação Diferenciada de Angra dos Reis, que abarca a Ilha Grande, para planejar os encontros de formação com os professores dos Colégios Estaduais da Vila do Abraão e Provetá.

Em Paraty, a formação de 1º Segmento das escolas caiçaras foi marcada pelo retorno das escolas das comunidades de Trindade, Laranjeiras, São Gonçalo, Paraty Mirim, Graúna, São Roque, Tarituba, Praia Grande e Saco do Mamanguá (comunidade do Cruzeiro) e pela assinatura das Resoluções que regulamentam os Programas de Formação, firmadas entre SME de Paraty e UFF.

Devido a pandemia do Covid-19, as formações foram suspensas em março, e retomadas no final de maio, virtualmente. Os grupos de formação de 1º e 2º segmento das escolas caiçaras de Paraty iniciaram os estudos a partir do tema: “Pedagogia de Projetos”, com base no texto de Fernando Hernandez. Os professores do fundamental II também produziram um questionário para os alunos, com finalidade de sondar quais temáticas apareciam para o projeto pedagógico: “Inventário Caiçara”. Na formação de professores das escolas quilombolas de 1º e 2º seg., os estudos se iniciaram pela apresentação das *Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Escolar Quilombola*, juntamente com a introdução da discussão do que são conceitos integradores. Também foram estudadas a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - 9.394/96, além das Leis: 10.639/03 e 11.645/08, que incluem no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena”. O Curso de Magistério Indígena, cuja parte pedagógica, é coordenada pelo IEAR/UFF, contou com as seguintes parceiras: as professoras Anna Vecchia (UNIRIO) e Carolina Miranda (Universidade de Cadiz), que ministraram em

conjunto, as aulas de História da Educação, e a professora Renata Lopes (IEAR/UFF), que ministrou as aulas de Psicologia da Educação.

No Grupo de Pesquisa, retomamos os encontros virtualmente, com novos estudos para agregar à nossa base conceitual da metodologia de construção curricular diferenciada. Dessa vez, estamos bebendo da fonte dos professores Zapatistas, com o Método Indutivo Intercultural.

CONCLUSÕES:

Na formação caiçara de 2º seg., é possível observar que as 2 professoras que completaram o ciclo de 4 anos de formação se apropriaram muito bem da metodologia e estão bem mais autônomas e seguras. Essa é uma das razões para que a metodologia de construção curricular diferenciada seja implementada como um processo de médio prazo (4 anos para o Fundamental II e 5 anos para o Fundamental I), pois estudar currículo numa perspectiva autônoma, progressista, de construção coletiva, em projetos pedagógicos, demanda tempo e investimento em trabalho qualitativo de formação.

Em relação aos professores da Costeira de Paraty, foi perceptível como ao longo do processo eles estão se libertando das “amarras” de um currículo pronto. No período remoto, a SME de Paraty elaborou dois documentos norteadores dos professores da Rede, em meio a pandemia e apontou que os professores que já faziam parte das formações do IEAR/UFF estavam tendo muito mais facilidade de trabalhar com o tema proposto no documento. Foi observado também que a maioria deles tem

trabalhado com elementos da cultura local caiçara.

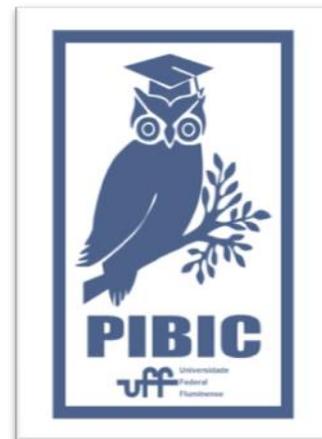
Já na formação das escolas quilombolas de 1º e 2º segmento, os professores do fundamental II vêm se mostrando dispostos a construir um projeto pedagógico de qualidade. O debate com eles está elevando um pouco mais o nível qualitativo de discussão conceitual nos encontros.

A articulação entre Ensino, Pesquisa e Extensão é fundamental, pois permeia todo o programa, inclusive na produção de material didático. Esse trabalho vem sendo realizado com a contribuição dos bolsistas de: Licenciaturas e Proex.

O projeto, junto ao movimento social FCT - “Fórum de Comunidades Tradicionais de Angra, Paraty e Ubatuba”, vem conseguindo incidir sobre as políticas públicas educacionais de Paraty. Além da assinatura do Decreto que criou a categoria “Educação do Campo” no município, conseguimos a assinatura das Resoluções que regulamentam os Programas de Formação e o Movimento de Reorientação Curricular, entre UFF e SME, que garante o trabalho de formação continuada na Rede Municipal de Educação do município para os próximos 5 anos.

AGRADECIMENTOS:

Agradecemos a Proppi-UFF pela oportunidade da bolsa PIBIC, a todos os colaboradores do “Programa Escolas do Território” pela parceria e às comunidades tradicionais, pelo aprendizado e confiança.





Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Graduanda: Ana Clara Guedes Duarte.

Orientadora: Flávia Elaine da Silva Martins.

ASPECTOS DA PRODUÇÃO DO ESPAÇO URBANO

METROPOLITANO: REVELANDO A GEOGRAFIA DO ENDIVIDAMENTO NO RIO DE JANEIRO POR MEIO DOS EDITAIS DA CAIXA ECONÔMICA FEDERAL.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa buscou refletir sobre a alienação da habitação como dimensão importante a ser revelada e compreendida no contexto atual de produção do espaço urbano em metrópoles brasileiras. Como alienação da habitação, compreendemos aqui o endividamento familiar com a casa própria e a consequente expulsão por meio de leilões. Esta situação vem crescendo a partir do estabelecimento de marcos jurídicos que conferiram maior agilidade às instituições financeiras na retomada dos bens imóveis, como é o caso da Lei de Alienação Fiduciária. Em um contexto brasileiro de ampliação de crédito para financiamento das habitações, e de forma associada aos elevados preços dos imóveis, acentua-se o que denominaremos aqui de alienação da habitação. A intensificação desta alienação vem se realizando mundialmente, conforme nos revela bibliografia pertinente, mas o contexto das metrópoles brasileiras carece de elucidação.

Neste sentido, podemos perceber que a presente pesquisa leva em conta, ao mesmo tempo, o caminho da ampliação do

crédito e da dívida no modo de vida urbano, mas centra esforços na investigação sobre o endividamento imobiliário e consequente expulsão da moradia, especialmente revelada em leilões de imóveis ocupados. Em um regime de acumulação flexível e precarização das relações de trabalho cada vez mais acentuada, o endividamento tende a se tornar estrutural no cotidiano do morador das metrópoles, passando a ritmar seu modo de vida no sentido de coadunar empregos extras, deslocamentos excessivos e jornadas excessivas de trabalho com vistas a efetivar o pagamento da dívida com a casa própria. Vale lembrar ainda que a “expansão dos empréstimos hipotecários e a produção dos cidadãos como investidores imobiliários acentuaram não apenas a reestruturação econômica urbana especulativa, mas também a desigualdade (GARCIA-LAMARCA, KAIKA, M., 2016)”.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Desta forma, o objetivo central desta pesquisa consiste em revelar a geografia do endividamento metropolitano

no Rio de Janeiro, evidenciando a geografia das “expulsões silenciadas” nos municípios da região metropolitana. Especificamente, buscamos relacionar as expulsões com contextos específicos de produção do espaço urbano em cada município, vinculando-as com projetos regionais de desenvolvimento, obras viárias e programas nacionais de moradia e aceleração de crescimento. Não nos restringimos a apresentar a geografia como simples localização das unidades leiloadas em um mapa, ainda que esta etapa seja fundamental, mas buscamos, a partir da reflexão acerca da produção do espaço urbano, ressaltar o processo contemporâneo da alienação da habitação, e refletir sobre o mesmo em dinâmicas metropolitanas.

Metodologicamente, a coleta e sistematização de dados se concentrou em imóveis leiloados pela Caixa Econômica Federal, em editais que abrangem unicamente os imóveis oriundos de alienação fiduciária, realizados nos anos de 2018 e 2019. Vale ressaltar que, enquanto pesquisadora, desenvolvi uma metodologia de busca no site oficial da CEF, onde estão localizados os editais. Observou-se o padrão de organização dos *links* dos editais, padrão que revelava ano e local dos editais. O enfoque foi dado aos editais que correspondiam ao Rio de Janeiro no período desejado. Como pesquisadora, foi importante perceber que a busca metódica nestes documentos, cujo acesso pode eventualmente ser dificultado pela Caixa, possibilitou uma amostra ampla, consistente e rica em informações.

Como recurso metodológico, ainda, trabalhamos na revisão bibliográfica a fim de observar como a temática do endividamento imobiliário está sendo relacionada aos elementos da produção do espaço urbano mundialmente, compreendendo ainda de que maneira tal temática está sendo abordada no Brasil, onde este debate apenas se inicia. Para análise dos dados, buscou-se levantar a proporção de imóveis leiloados ocupados, nos remetendo ao grau de expulsão dos moradores em cada município. Os dados obtidos foram organizados com foco nos municípios da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, investigando a distribuição geográfica e sua relação com as condições socioeconômicas dos municípios envolvidos, com dados de desenvolvimento econômico e social do IBGE por município e com contextos de obras de desenvolvimento regional que aturaram sobre as regiões envolvidas, tais como Comperj, Arco Metropolitano, dentre outros, relacionando-os com a expulsão de moradores nesses contextos específicos.

O resultado preliminar consiste em uma tabela síntese de imóveis leiloados na região metropolitana do Rio de Janeiro presentes em editais de 2018 de leilão da CEF por motivos de alienação fiduciária. A tabela reúne dados importantes, tais como endereços, descrição de metragem, valor de avaliação e de venda, estado de ocupação, dentre outros.

CONCLUSÕES

A partir dos municípios que mais concentram casos de expulsão, buscou-se traçar perfis econômicos e sociais

relacionados, construindo possíveis contextos de interpretação para o endividamento e consequente expulsão registrados pelas editais da CEF. Produziu-se uma tabela que nos permite análises preliminares, tais como presença de inúmeros imóveis em situação de leilão em cidades como Itaboraí (21 imóveis), Nova Iguaçu (19 imóveis), Niterói (14 imóveis) e Maricá (87 imóveis), por exemplo, além da capital Rio de Janeiro (137 imóveis). Com isso, e através de diversas outras perspectivas, se torna possível traçar certo perfil socioeconômico e refletir geograficamente, não somente no contexto espacial, mas também social, sobre os aspectos do endividamento imobiliário metropolitano no Rio de Janeiro.



Ciências Humanas

Amas de leite em jornais da capital do Império (1870-1888)

Isabelli M. Zacaron Grossi – Coordenadora: Karoline Carula

Instituto de História/ Centro de Estudos do Oitocentos (CEO)

INTRODUÇÃO:

A escravidão, no século XIX, foi central na sociedade brasileira em diversos aspectos. Conforme mostra Mary C. Karasch (2000), podemos ver as múltiplas funções desses escravos, destacando a especialização da mão de obra. No caso das amas de leite, cuja atividade estava inserida no rol dos serviços domésticos, muitas vezes eram buscadas ou por meio de anúncios de jornal ou de uma agência de aluguel (KARASCH, 2000).

“A aquisição de domésticos requeria considerações mais sutis que custo e disponibilidade” (GRAHAM, 1992, p.35), as famílias baseavam suas escolhas em suas preferências. Desse modo, com a função de atrair compradores e locatários, esses anúncios constituem importante fonte histórica, visto que trazem rica gama de informações, por exemplo: endereço, estatuto jurídico da ama, cor da pele da nutriz, presença ou não do filho da ama, outras habilidades que poderiam desempenhar, etc.

Posto isso, o objetivo da presente apresentação é analisar anúncios de oferta e procura de amas de leite, publicados na *Gazeta de Notícias* (1880-1882), observando o

quantitativo de anúncios, quais eram as características por quem demandava e ofertava tal atividade, verificando se havia consonância com o difundido pelo discurso médico e científico sobre aleitamento infantil.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A *Gazeta de Notícias*, jornal abolicionista e periódico até o momento estudado, surgiu em 1875, fundada e dirigida por Ferreira Araújo. Era distribuída por toda a cidade, por meio da venda avulsa nos principais quiosques, estações de bonde, barcas e em todas as estações da Estrada de Ferro de D. Pedro II.

Até o momento, li o jornal de 07/01/1880 até 01/04/1882, o que resultou em 1245 transcrições de anúncios. Em "Aluga-se uma crioula com leite de um mez, com o filho 40\$ e sem elle 60\$, tambem lava, engomma e cozinha; na rua do Principe n.188, em Nictheroy; na mesma casa vende-se um piano por 100\$, para ensino." (*Gazeta de Notícias*, 02/05/1880, ano 6, n. 121, p.5) podemos notar a diferença de preço da ama de leite com o filho e sem ele. Isso pois, segundo Koutsoukos (2006), para muitos senhores era uma vantagem não levar

prole, uma vez que evitaria a divisão de atenção e de leite da ama entre criança branca e a preta.

Uma ama sem seu filho, podia ser resultado do abandono da criança na Roda dos Expostos, não raro feito pelo seu senhor. Lana Lima e Renato Venâncio (1991) chamam atenção para o número de crianças negras entregues à Roda, pontuando um aumento significativo depois de 1871, compreendido como um efeito da Lei do Ventre Livre.

Segundo Carneiro, o aparecimento do termo “Parda” sinaliza a valorização do “embranquecimento”, pois “na ausência da indicação de procedência, cada vez menos usual a partir da proibição de entrada de escravas e escravos pelo disposto na Lei Eusébio de Queiroz, o termo passa a ser usado para compor nomes de cativas como forma de distingui-las, ao enfatizar a mistura de raça” (CARNEIRO, 2006, p.47). O anúncio a seguir traz um exemplo desse indício explicitado acima: “Vende-se uma boa ama de leite de 40 dias, parda, moça e prendada, vinda de fora; trata-se com a dona, rua da Misericórdia n. 11.” (*Gazeta de Notícias*, 23/04/1880, ano 6, n. 112, p.5).

Bárbara Martins (2006) e Luiz Martins (2006) tendo como base anúncios de jornais de aluguel e venda, demonstraram que algumas mulheres ocupadas como amas de leite desempenhavam outras funções domésticas além de cuidar do bebê. No anúncio a seguir pode-se constatar tal ponto: “Vende-se ou aluga-se por 25\$ uma escrava, preta crioula, sadia e desemburçada, boa cosinheira do trivial, lava bem, engomma e cose; grávida de 4 a 5 meses do terceiro parto, própria para ama

por já ter feito criações, dando o filho para criar-se; trata-se na rua do Rezende n. 78.” (*Gazeta de Notícias*, 08/05/1880, ano 6, n. 127, p.5). Aqui observamos uma escrava grávida do terceiro filho. Ou seja, uma futura ama de leite, ‘própria para ama por já ter feito criações’, possuindo experiência.

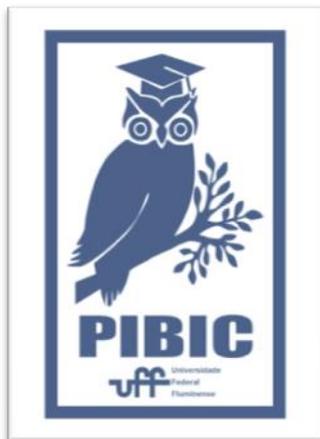
Contudo, esse método de alimentação infantil foi desqualificado sobretudo no último quartel do século XIX. Tal fato pode explicar o aumento de anúncios diversos referentes à alimentação infantil – farinha láctea, leite condensado, etc. No entanto, apesar de parcelas das camadas dominantes passarem a defender a valorização do aleitamento materno em detrimento do promovido pelas amas de leite, ainda era possível notar um número alto de anúncios de amas.

CONCLUSÕES:

Ao realizar o estudo do mercado de amas de leite no jornal *Gazeta de Notícias*, foi possível investigar as características das amas desejadas por quem necessitava de tal serviço, bem como analisar como eram apresentadas na imprensa. Dessa maneira, pude observar a diferença do preço da ama com o filho ou sem ele, bem como algumas exigências impostas nos anúncios como a preferência pela cor ou a conduta afiançada. A conduta afiançada era uma preocupação, uma vez que “dentro os criados da casa, as mulheres representavam o maior risco, pois normalmente desempenhavam os papéis mais pessoais do serviço doméstico” (GRAHAM, 1992, p.16).

AGRADECIMENTOS:

Quero agradecer ao CNPQ por financiar essa pesquisa e também à minha orientadora Karoline Karula por ter me dado a oportunidade de participar desse projeto.





Grande área: Ciências Humanas

DA SUBJETIVIDADE À CORAGEM: MODULAÇÃO DA VERDADE NOS ÚLTIMOS CURSOS DE MICHEL FOUCAULT

Priscilla Costa dos Santos

INTRODUÇÃO

O objetivo desta pesquisa é compreender as modulações do conceito de verdade nos últimos quatro cursos ministrados por Michel Foucault no Collège de France. Isso se faz necessário pois nos dias atuais nos deparamos com muitas “verdades” que são utilizadas como meios de opressão, como quando algo é dito como natural ou essencial, mas na verdade é construído historicamente. Com essa percepção, abrimos oportunidades de investigação dessas construções, e os cursos de Michel Foucault nos auxiliam muito nesta trajetória.

Montamos uma estratégia de busca a partir de um hiato em suas publicações literárias: entre a publicação do volume 1 de *História da Sexualidade* e dos outros dois volumes, Foucault ficou por 8 anos sem escrever nada, e neste período modificou completamente o estilo dessa série de livros. Para acompanhar essas transformações, optamos por ler os cursos oferecidos anualmente na Collège de France, que deveriam ser inéditos e demonstrar o andamento das pesquisas dos palestrantes. No período que selecionamos, foram os quatro últimos de Foucault: “Subjetividade e verdade”, “A Hermenêutica do sujeito”, “O governo de si e dos outros” e “A coragem da verdade”.

Atualmente, estamos no segundo curso, “A Hermenêutica do sujeito”. Nosso objetivo com este trabalho é compreender os conceitos apresentados por Foucault e trazê-los para o tempo atual, pois mesmo em períodos longínquos, podemos encontrar grande potência de aplicação no presente.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No livro-base “A Hermenêutica do sujeito”, podemos encontrar pontos cruciais da mudança de foco de Michel Foucault em suas pesquisas - das investigações das genealogias do poder à busca de uma nova ética de vida, a arte de viver. O livro é dividido em três épocas: a socrático-platônica, a Idade do Ouro, e o Cristianismo.

Na época socrático-platônica, são apresentados os conceitos de conhecimento de si - era necessário conhecer a si mesmo para compreender o mundo das ideias (ideia de beleza, de justiça, etc), e compreendendo o mundo das ideias, poderia-se então governar a cidade. No segundo momento, a Idade do Ouro, Foucault apresenta conceitos relativos ao cuidado de si na época helenística, uma época em que o cuidado de si e o conhecimento de si estavam atrelados: era preciso praticar exercícios como meditação, escrita, leitura e ginástica para que se atingisse um estado propenso ao conhecimento de si.

O ponto-chave deste período é que esse conhecimento de si levava ao cuidado, um cuidado relacional. Não se trata mais apenas de investigações sobre si mesmo, de busca de uma “verdade” essencial, mas de um foco na relação que se criava nesse processo. Esse “si” não é mais um indivíduo apartado do mundo, mas um si relacional. Isso é muito importante, pois compreendemos melhor as interações que nos perpassam - mestre e aluno, amigadas, terapeuta e usuário - e podemos apostar em uma nova ética de criação de si.

Foucault encontra neste período o conceito de *parrhesía*, ou franco-falar. A parrhesía é um discurso que liberta, que dá coragem, que modula aquele que o recebe, e para que ele seja tocado é necessária inclusive uma preparação de corpo. Com ela, as relações não se tornam interdependentes, mas tornam aquele interlocutor mais preparado para os acontecimentos da vida.

Esse conceito de parrhesía tem o potencial de revolucionar tanto os movimentos políticos quanto a clínica psicológica. Com ele, pode-se criar estratégias para se alcançar novas possibilidades de mundo - uma estética de vida que Foucault tanto buscava. Pois com ele, se agrega alegria e liberdade nas relações, se busca uma ascese conjunta, e se revoluciona verdades que permitem conformidades e estagnações - tanto individual quanto coletivamente.

Já no período do Cristianismo, encontramos esse conceito de conhecimento de si novamente desatrelado do cuidado, mas dessa vez não tem como objetivo um encontro da pureza das ideias, mas sim de externalizar as verdades sobre si para que seus pecados pudessem ser purificados. Surge então a

prática do discurso confessional, que, a partir do momento em que é confiado ao padre, pode ser deixado para trás - mas sempre se torna necessário novamente, conforme novos pecados são cometidos.

CONCLUSÕES

Em “A História da sexualidade - A vontade de saber”, Foucault vai fazer uma crítica à prática confessional que se tem visto na clínica: “Afinal de contas, somos a única civilização em que certos prepostos recebem a retribuição para escutar cada qual fazer confidência sobre seu sexo: como se o desejo de falar e o interesse que disso se espera tivessem ultrapassado amplamente as possibilidades da escuta, alguns chegam até a colocar suas orelhas em locação”. Com isso, podemos desenvolver, enquanto psicólogos, uma postura crítica frente ao rumo que estamos tomando.

A clínica tem como potencial criar novas possibilidades de mundo e abrir os horizontes, mas será que é isso que temos feito? Ou estamos pendendo para um lado mais sombrio - o da conformação? O que temos visto de mais comum são pessoas buscando a verdade sobre si mesmas, e quando a análise auxilia essa investigação, há uma paralisação subsequente. Isso é herdado do período cristão, do qual nunca saímos realmente. Foucault vai defender, inclusive, que mesmo os movimentos políticos revolucionários são mais conservadores do que se pretendem.

Com esses conceitos, ele nos apresenta formas de ressignificar nossa trajetória, para que queiramos investir em novas maneiras de funcionar, com novas verdades e novos meios de se relacionar. Se

mesmo as verdades mais “naturais” para nós são construídas, então nós também podemos construir novas verdades - que talvez possibilitem um mundo mais igualitário e inclusivo.

REFERÊNCIAS

FOUCAULT, Michel. A História da Sexualidade 1: A vontade de saber. 8 ed. Rio de Janeiro/São Paulo, Paz e Terra, 2019. p. 12



Grande área: Ciências Humanas

**A RELAÇÃO ENTRE ONTOLOGIA E ÉTICA EM GILLES
DELEUZE**

Henrique Souza Bittencourt

Mariana de Toledo Barbosa (orientadora)

Departamento de Filosofia (GFL) / Instituto de Ciências Humanas e Filosofia

INTRODUÇÃO:

No curso ministrado em Vincennes em 17 de março de 1981, Gilles Deleuze (1925 - 1995) interpela seus alunos com a seguinte questão: “qual é a relação entre uma ontologia e uma ética?”. Para Deleuze, do ponto de vista da filosofia, essa questão é interessante por si própria; no entanto, ele acrescenta que, se alguém lhe abordasse afirmando que seu projeto “seria fazer uma espécie de ética que seja como o correlato de uma ontologia”, ele responderia a esta pessoa que tal projeto certamente consistiria em uma “via assinada por Espinosa”. No que concerne a tal correlação entre ética e ontologia, dizemos que esta é a situação da própria filosofia de Gilles Deleuze.

Motivada pela questão levantada, esta pesquisa se propõe a investigar qual seria a relação entre esses dois domínios da filosofia deleuziana, especialmente na medida em que sofre influência do pensamento de Spinoza. Partimos de duas hipóteses, a saber: (1) há, de fato, uma ontologia na filosofia de Gilles Deleuze e (2) tal ontologia é inseparável de uma ética. A fim de demonstrar e apontar as

características do que venha a ser a ontologia na filosofia de Gilles Deleuze, a presente pesquisa persegue a indicação enunciada no curso de Vincennes e se debruça sobre a obra *Espinosa e o Problema da Expressão* (1968) para reconstituir como Deleuze interpreta a ontologia de Baruch de Espinosa (1632-1677) e, assim, localizar como esta obra apresenta a relação entre a ética e a ontologia na filosofia espinosana. Com esse intuito, nos relatórios do primeiro ano de vigência desta pesquisa (2018-2019), foram apresentados, no primeiro semestre, como Deleuze entende a ontologia espinosana a partir da ideia de expressão e, no segundo semestre, um estudo acerca do conceito de essência desenvolvido na monografia sobre Espinosa. Já no primeiro semestre do segundo ano de vigência desta pesquisa (2019-2020), buscou-se delimitar como tal ontologia dá as diretrizes para uma compreensão da ética espinosana.

Após esse percurso, vimo-nos na necessidade de dar um passo atrás e questionar sobre o que torna possível Deleuze falar em ontologia na filosofia de Espinosa, visto que, assim como na filosofia de Deleuze, não é óbvio

que exista uma ontologia no pensamento do filósofo seiscentista.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

As razões para darmos tal passo para trás consistem em: (1) a necessidade de inflexionar essa questão não só com a concepção *sui generis* de história da filosofia, mas, também, com a escolha dos filósofos comentados e os procedimentos de interpretação utilizados por Deleuze no primeiro “período” de sua obra, isto é, o momento dedicado ao ofício de historiador da filosofia; (2) a existência de um certo senso comum segundo o qual a ontologia de cada filosofia é fundada a partir do manejo do termo “Ser” - em virtude de tal senso comum, a princípio, não podemos dizer que exista uma ontologia na filosofia espinosana porque, em um nível filológico, o vocábulo *esse* (ser) não possui ocorrências em sua obra que não seja como locução verbal como, por exemplo, *esse existentiae* (ser da existência) ou *esse essentiae* (ser da essência); e, no nível do sistema conceitual da filosofia espinosana, não nos parece ser o caso de que o conceito de substância desempenhe um papel que supostamente poderia (ou deveria) ser desempenhado pelo termo ‘Ser’.

Em virtude desses dois dados iniciais do problema e com o objetivo de responder a nossa questão, ao longo da pesquisa buscamos fazer incursões nos seguintes temas: (1) a relação de Deleuze com a história da filosofia; (2) o fato histórico da subordinação do ser à essência que, para nós, parece estar subentendido na interpretação deleuziana da

filosofia espinosana; (3) a construção da essência da substância pelos atributos em *Espinosa e o problema da expressão*; (4) e, enfim, esboçar uma resposta para nossa questão: afinal, o que dá a possibilidade Deleuze falar em uma ontologia espinosana?

CONCLUSÕES:

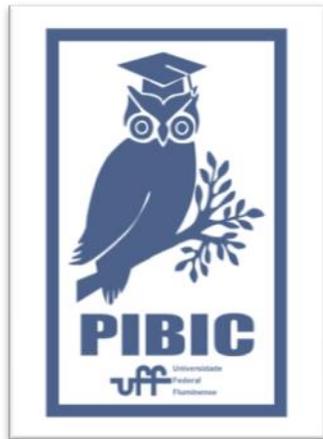
À pergunta se há a possibilidade de enxergarmos nessa interpretação uma ontologia, arriscaríamos a seguinte resposta: sim, poderíamos falar em uma ontologia espinosana a partir da interpretação deleuziana se, doravante, compreendermos essa ontologia como mais uma dentro desse horizonte ontológico da essencialização integral do ser e da existência, que fora traçado por Avicena e Duns Escoto. Dessa forma, a ontologia espinosana não começaria pela imponente noção de Ser que, supostamente, no léxico de Espinosa, teria como correspondente a noção de substância e, também, não correria o risco de ser tomada como uma filosofia da substância e de um Ser transcendente e abstrato, como em certa tradição idealista alemã. Muito pelo contrário, o retrato da ontologia espinosana traçado por Deleuze se caracterizaria por conferir, ainda que implicitamente, à noção de essência um papel determinante não só para a construção da essência de substância, fazendo dessa noção um conceito totalmente determinado, como determinante também para explicar o dinamismo próprio do *esse substantiae* e da necessidade de sua existência.

AGRADECIMENTOS:

A Mariana de Toledo, pelas minuciosas orientações e pela paciência;

A todos os colegas do Grupo de estudo e pesquisa em Gilles Deleuze pelo trabalho coletivo e alegre;

E ao CNPq pelo financiamento desta pesquisa.





Ciências Humanas

**EXECUTIVOS NO ESTADO DO RIO DE JANEIRO:
ORIGEM, ESTILO DE VIDA E POSICIONAMENTO
POLÍTICO**

Carolina Ribeiro Zettermann

**Departamento de Ciências Sociais / Instituto de Ciência
da Sociedade e Desenvolvimento Regional**

INTRODUÇÃO:

Tendo como ponto de partida a ideia de que o capitalismo depende de uma ideologia que seja capaz de mobilizar todos os indivíduos da sociedade para sua legitimação (BOLTANSKI e CHIAPELLO, 2009), a presente pesquisa buscou analisar o papel de renomados empresários e executivos de grandes empresas nesse sistema.

A ideologia mobilizadora do sistema capitalista é composta por crenças e valores que denotam como justa as ações coletivas e individuais, que se apresentam na realidade social e que permite ainda a reprodução da desigualdade social. Assim, seja por meio das instituições burocráticas ou meio de pequenos exemplos da rotina do indivíduo, o capitalismo se perpetua.

Através de três principais aspectos da vida do indivíduo, foi proposto aqui analisar a trajetória de dois empresários com origem no estado do Rio de Janeiro. Os aspectos são: origem, estilo de vida e posicionamento político.

Com o difícil acesso a empresários ou executivos que pudessem compor a base dados, optou-se pelo uso de biografias publicadas em formato de livro que contam a trajetória de empresários. Dessa forma, dois personagens foram escolhidos para esta pesquisa: Jorge Paulo Lemann e Eike Batista.

Esta pesquisa está inserida na pesquisa realizada pelo grupo Núcleo de Novos Estudos Sobre Desigualdade Social (NUESDE) que propõe pensar o atual capitalismo brasileiro para além da categorização econômica, através da sociologia crítica.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Ao invés de seguir pelos objetivos delimitados pelos aspectos centrais - origem, estilo de vida e posicionamento político - foi definido que a análise se daria primeiro com a descrição dos pontos centrais de cada uma das duas biografias, seguida por comentários de um possível posicionamento político. O posicionamento político é um ponto mais subjetivo de análise já que ele foi apreendido

por meio das relações sociais, e não por meio de qualquer filiação política partidária explícita.

A primeira biografia usada foi “Sonho grande: Como Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira revolucionaram o capitalismo brasileiro e conquistaram o mundo” de Cristiane Correa (2013). Decidiu-se focar apenas na trajetória de Jorge Paulo Lemann, assim como ocorre no próprio livro.

A segunda biografia usada para esta pesquisa foi então “Tudo ou Nada: Eike Batista e a verdadeira história do grupo X” (GASPAR, 2014), que conta a história de Eike Batista. Embora o empresário tenha perdido parte de seus empreendimentos, riquezas e até mesmo prestígio, ele ainda é reconhecido pela sociedade brasileira como um importante empresário.

As duas biografias analisadas apresentaram a importância da origem familiar para a construção dos seus valores morais e para o incentivo a educação formal para o sucesso. Ambos empresários estudados aqui possuem pais e/ou avós vindos da Europa, essa característica é usada para reforçar os valores morais voltados para o trabalho e esforço pessoal.

O estilo de vida luxuoso, contando com a prática de esportes considerados de elite (Bourdieu, 2017) e uma rotina regrada são justificados pelas suas posições de poder. Paralelamente, o estilo de vida permite a distinção de classe e o reconhecimento entre seus pares.

O posicionamento político em si foi pensado por meio da apresentação das relações sociais. Entende-se que os

empresários não estão alinhados a partidos políticos, mas a um projeto de nação, como apresentado por Boltanski e Chiapello (2009) nos termos de *cidade por projetos*.

CONCLUSÕES:

Através da comparação concisa entre a vida de Jorge Paulo Lemann e Eike Batista, é possível declarar que empresários e executivos de grandes empresas possuem um discurso e práticas cotidianas que legitimam seu poder, prestígio e riquezas. Mas, principalmente, sua origem, seu estilo de vida e posicionamento político também legitimam o próprio sistema capitalista por meio de sua ideologia.

Logo, a vida desses empresários cumpre uma função central de legitimação de discurso e de servirem de exemplo para toda a sociedade. Esses homens com trajetória, origem e estilo de vida parecidos ocupam o topo da hierarquia social e entendem a política como um projeto a ser posto em prática, que está diretamente relacionado com os seus projetos pessoais, e a suas concepções de nação.

AGRADECIMENTOS:

Em primeiro lugar, agradeço à Universidade Federal Fluminense de Campos dos Goytacazes por me colocar em contato com teorias e discussões essenciais para a minha formação acadêmica e pessoal. Agradeço também a PROPPI pela oportunidade de realizar a pesquisa apresentada aqui por meio do PIBIC, fomentando a busca por conhecimento ainda na graduação e a produção

científica de forma geral. Por fim, agradeço ao Núcleo de Novos Estudos Sobre Desigualdade Social (NUESDE), grupo de estudo no qual pude levantar as questões que me levaram a esta pesquisa.

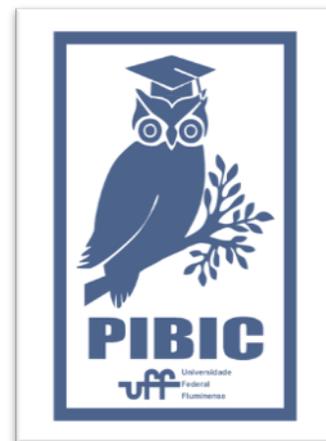
REFEÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOLTANSKI, Luc; CHIAPELLO, Ève. *O novo espírito do capitalismo*. Tradução de: Ivone C. Benedetti. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2009.

BOURDIEU, Pierre. *A distinção: crítica social do julgamento*. 2 ed. Porto Alegre: Zouk, 2017, 560 p.

CORREA, Cristiane. *Sonho grande: Como Jorge Paulo Lemann, Marcel Telles e Beto Sicupira revolucionaram o capitalismo brasileiro e conquistaram o mundo*. Rio de Janeiro: Sextante, 2013.

GASPAR, Malu. *Tudo ou Nada: Eike Batista e a verdadeira história do grupo X*. Rio de Janeiro: Record, 2014.





Ciências Humanas – História – História do Brasil Imperial
Título do Projeto: Sociabilidade, urbanismo e patrimônio – a cidade do Rio de Janeiro, Corte e Capital do Império do Brasil (1808-1843).

Autores: Renan Carvalho Wenderrosck (Bolsista) - Maria Fernanda Baptista Bicalho (Orientadora)

Departamento/Unidade/Laboratório: UFF – Instituto de História – Núcleo de Pesquisas e Estudos em História Cultural (NUPEHC)

INTRODUÇÃO:

Esse resumo de trabalho tem como objetivo reconhecer e compartilhar reflexões do projeto interdisciplinar desenvolvido na pesquisa de PIBIC, CNPq-UFF, coordenado pela professora Maria Fernanda Bicalho. Este projeto conta com a parceria de alunos e professores de História e Geografia do Colégio Pedro II, assim como com o suporte do setor de Informática Educativa do respectivo colégio.

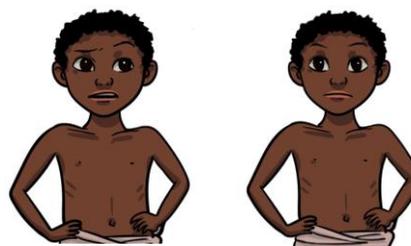
O projeto tem como principal objetivo investigar o processo de mudança vivenciado pela cidade do Rio de Janeiro entre 1808 e 1850, período em que se tornou sede da Corte e capital do Império Português e do Brasil (Primeiro Reinado, Regências e início do Segundo Reinado). Neste recorte espaço-temporal buscamos elaborar narrativas históricas de diversos sujeitos que circulavam pela cidade. Buscamos representar as noções do cotidiano da cidade, destacando agentes e sujeitos históricos que contribuem para um melhor entendimento das relações sociais dentro dos espaços da cidade.

Nossa proposta é a construção de um mapa interativo digital no qual alunos poderão acessar e “desbravar” os espaços e as redes de

sociabilidade que compõem a cidade do Rio de Janeiro. Esse material será disponibilizado em forma de “aplicativo”, que cruzará o plano atual da cidade do Rio com as plantas cartográficas do século XIX, produzidas por este mesmo projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Retomando os resultados produzidos no último ano, Omekong foi o protagonista do primeiro enredo. Menino escravizado trazido da África e vendido no Cais do Valongo relata suas experiências e desventuras evidenciando as diferentes faces da escravidão e do tráfico internacional de escravos, construído ao longo de séculos. Na animação, Omekong conversa diretamente com o espectador que fica ciente do que aconteceu até aquele momento. A história é um flashback do passado deste menino de doze anos. (Anexo 1)



(Anexo 1)

Na atual fase do projeto, elaboramos mais dois roteiros com histórias da cidade, com novos personagens que já estão se cruzando pela cidade. Omekong já se encontrou com Joana, escrava atingida por um limão de cheiro durante os dias de Entrudos (cenário construído e evidenciado no anexo 2). Já no terceiro enredo, descobrimos quem é Joana e qual sua profissão dentro do espaço urbano da cidade. Ao conversar com Maria, sua dona, relata um pouco sobre o ofício de quitandeira na África de onde fora trazida, assim como os desafios e experiências ao desenvolver seu trabalho na nova sede do império. Maria também tem sua história pessoal que relata ao longo do enredo.

mapa atual da cidade do Rio de Janeiro, oferecido pelo Google Maps, com a base cartográfica elaborada por este projeto de pesquisa. O objetivo é criar uma conexão entre o passado e o presente do espaço geográfico da cidade elaborando uma ferramenta para observação das mudanças e continuidades urbanas que aconteceram no Rio de Janeiro a partir da chegada da Corte Portuguesa. Logo, no site provisório criado para divulgação do material foi inserido um circuito no qual o usuário pode mover uma barra entre dois mapas da cidade observando as transformações estruturais entre o século XIX e o hoje.

CONCLUSÕES:

Portanto, o projeto tem uma proposta interessante e renovadora para o meio acadêmico, principalmente o uso de materiais didáticos digitais para o ensino básico, visto que o material é de alta tecnologia e interativo. Esperamos que a construção deste Mapa Interativo forneça a professores e alunos, tanto do ensino básico quanto universitários, um material digital rico e interativo, com uma linguagem dinâmica próxima dos jovens, contribuindo para sua formação como cidadão, assim como para o processo de ensino-aprendizagem acerca do tema. Reconhecemos a necessidade da interseção dos conhecimentos históricos produzidos na universidade com o saber escolar, este produzido exclusivamente em sala de aula. Desta forma, contamos com a participação dos alunos que pensam esta ferramenta a partir da sua perspectiva, contribuindo com outros olhares e enriquecendo o produto final.



Debret, Jean-Baptiste - *Scène de carnaval*, 1823. (Anexo 2)

Tínhamos como meta a construção de um curso de capacitação para os novos roteiros do projeto. Esse curso incorporaria novos alunos, tanto da escola quanto da universidade, na criação das artes visuais, elemento essencial na produção visual do projeto. Esse curso seria estabelecido em parceria com o Prof.º Rafael Argento, professor do IFRJ do Rio de Janeiro. Contudo, por conta das suspensões das atividades práticas escolares, não foi possível executar este programa, aguardando até a normalização das atividades escolares.

Para além da escrita dos novos enredos, criamos “uma porta do tempo” que cruza o

Há muito a ser feito ainda, contudo, esse projeto se consolidará como um produto que busca estabelecer reflexões sobre a cidade e seus agentes históricos, pensando acima de tudo as relações do homem com a construção do espaço geográfico, assim como sua atuação histórica que ainda é possível ser observada através dos atuais patrimônios e monumentos da cidade.

AGRADECIMENTOS:

Gostaria imensamente de agradecer a Prof. Dra. Fernanda Maria Bicalho que tem me auxiliado nas questões pertinentes ao projeto. Seu compromisso e dedicação tem orientado todo o projeto para que esse esteja sendo um sucesso. Nesta mesma via, gostaria de agradecer às professoras de História e Geografia (Roberta Martinelli e Carolina Vilela, respectivamente) do Colégio Pedro II que tem feito a ponte e as articulações com os dois alunos que compõem esse projeto. Esses estudantes, particulares em seus conhecimentos, têm contribuído em muito com suas experiências como estudante frente a elaboração da proposta deste projeto. Não menos importante, o setor de informática educacional do próprio colégio, tendo em vista que sem eles, nada disso teria sido possível, quer seja pelas oficinas ministradas quanto pelo suporte oferecido posteriormente.

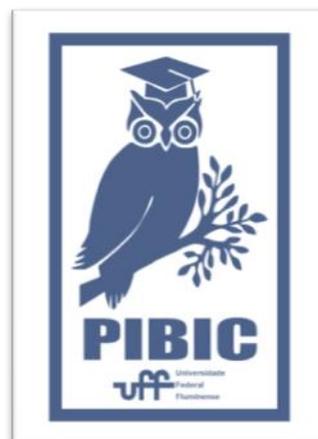


Imagem 1: Imagem PIBIC



Ciências Humanas

**TENDÊNCIAS DA PRODUÇÃO CIENTÍFICA BRASILEIRA
SOBRE LETRAMENTOS ACADÊMICOS NA FORMAÇÃO DE
PROFESSORES: UM ESTADO DA ARTE**

Dionelle Araújo

**Programa de Alfabetização e Leitura (PROALE)/ Faculdade de
Educação (FEUFF)**

INTRODUÇÃO:

Neste trabalho, vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa em Leitura e Escrita Acadêmica (GEPLA/UFF) e elaborado de maneira conjunta por duas graduandas; uma do curso de Letras, bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), e outra, da Pedagogia, bolsista do Desenvolvimento Acadêmico (PROAES), ambas sob orientação da Prof.^a Dr.^a Jéssica do Nascimento Rodrigues (FEUFF/UFF), propôs-se, mediante uma investigação sistemática do tipo estado da arte, realizar um levantamento, na plataforma SciELO, de pesquisas publicadas durante o período de 2015 a 2019, as quais abordam o conceito de letramento acadêmico na formação de professores da educação básica e de licenciandos em Pedagogia/Letras.

Acredita-se que a análise das principais tendências, considerando o recorte de trabalhos que versem sobre a formação docente, auxiliará na compreensão da leitura e da escrita acadêmicas como práticas sociais formativas, assim como valorizará o entrelaçamento acadêmico-científico e docente, salientando as

relações entre educação básica e ensino superior e a necessidade de mais estudos sobre tal temática.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Inicialmente, fez-se um levantamento, com vistas não só a dimensionar o volume de trabalhos publicados, mas também mapear o material dirigido aos letramentos acadêmicos na formação de professores. Em seguida, realizou-se a leitura dos resumos, com o propósito de excluir os que não estavam diretamente ligados ao tema em foco. Tal medida tornou evidente não só que tema ainda é insólito, em razão da baixa quantidade de produções voltadas para a temática, mas também a importância de estudos que manifestam a relevância da prática discursiva acadêmica na formação docente.

Em uma busca com 37 publicações foram selecionados três textos, os quais expressavam a significância da prática de pesquisa pelos docentes, haja vista que a formação docente implica práticas de pesquisa interligadas à escrita acadêmica que, juntas, corroboram a formação integral do professor da educação

básica. Essa escolha decorreu, também do fato de os estudos salientarem a importância de o letramento acadêmico estar em consonância com a formação de professores, podendo ser compreendido como parte integrante do processo formativo, pois mediante leitura e escrita de gêneros acadêmicos é possível promover a inclusão dos discentes nessas práticas sociais, levando-os à produção dos saberes necessários para que possam, posteriormente, desenvolvê-los na educação básica, a fim de reforçar a formação dos estudantes para a vivência na academia.

Os resultados obtidos indicam que fortalecer o professor através dos letramentos acadêmicos é um enfrentamento necessário que busca promover a autonomia didática educativa em sala de aula, considerando que a universidade é o principal espaço de produção e circulação do conhecimento científico sobre as práticas de ensino-aprendizagem e que a escola, sua parceira na formação de licenciandos, é o principal espaço de trabalho de professores e professoras no letramento de crianças, jovens e adultos.

Dessa maneira, apropriar-se das práticas sociais de escrita é uma forma de enriquecer esse profissional, como trabalhador que pesquisa sua própria prática e constrói autonomamente os objetos de ensino. O diálogo entre esses espaços é fundamental para isso.

CONCLUSÕES:

Esta pesquisa tencionou trazer à tona os trabalhos voltados para a relação entre letramento acadêmico e formação de

professores, considerando que o letramento como prática social nas abordagens dentro e fora da esfera acadêmica impactará tanto durante o processo de formação docente quanto em suas ações futuras como educador. Além disso, este trabalho também visou contribuir tanto com pesquisas futuras quanto com uma compreensão mais aprofundada sobre o assunto aqui investigado, e, com isso, fomentar as discussões acerca da temática, tendo em mente que o conhecimento teórico é capaz de promover autonomia frente às demandas educacionais.

À vista disso, revela-se patente a necessidade de mais pesquisas brasileiras sobre os letramentos acadêmicos na formação de professores. Outrossim, percebe-se ainda mais a importância dos letramentos acadêmicos como parte componente do processo formativo, pois ele é um elo entre o ensino superior e o ensino básico, dado que a universidade é o principal espaço onde circula o conhecimento científico sobre os processos de ensino-aprendizagem e é sobretudo nela em que se formam os quadros de professores atuantes nas escolas públicas de educação básica. Portanto, uma formação docente pautada em leitura, escrita e reescrita dos gêneros discursivos possibilitará o estímulo ao pensamento crítico e produtivo dos estudantes e a reflexão sobre seu papel como futuro docente.

REFERÊNCIAS:

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 62. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2016.

KERSCH, Dorotea Frank. O letramento acadêmico na formação continuada: constituição de autoria e construção de identidades. **Revista Desenredo**, v. 10, n. 1, 2014.

LIMA, Antônio Carlos dos Santos de; SANTOS, Lúcia de Fátima; MAIOR, Rita de Cássia Souto. Refletindo sobre letramento e responsividade na formação docente. **Bakhtiniana: Revista de Estudos do Discurso**, v. 9, n. 2, p. 111-130, 2014.

MACEDO, Maria do Socorro Alencar Nunes; NEVES-JUNIOR, Bernardino. Letramento acadêmico em um curso de Geografia: uma perspectiva etnográfica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 97, n. 245, p. 68-81, abr. 2016.

MARINHO, Marildes. A escrita nas práticas de letramento acadêmico. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, Belo Horizonte, v. 10, n. 2, p. 363-386, 2010.

RODRIGUES, Jéssica do Nascimento; RANGEL, Mary. Os desafios da escrita para licenciando de Pedagogia: apreciações valorativas sobre o ensino de gêneros discursivos acadêmicos. **Cadernos de Linguagem e Sociedade**, v. 19, n. 1, p. 26- 52, 2018.

STREET, Brian V. **Literacy in theory and practice**. Cambridge: CUP, 1984.

_____. **Letramentos sociais: abordagens críticas do letramento no desenvolvimento, na etnografia e na educação**. Tradução de Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.



SOCIOLOGIA RURAL

GRANDES EMPREENDIMENTOS E A PRODUÇÃO DE NOVOS TERRITÓRIOS: MEIO RURAL E AS QUESTÕES AMBIENTAIS EM ITABORAÍ-RJ

JORGE CARLOS DIAS DE SOUSA JR

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE- UFF

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa buscou analisar as dinâmicas territoriais produzidas a partir de seu primeiro Plano Diretor do ano de 2006 e sua recente revisão, que teve início no ano de 2018. Tais dinâmicas sofreram significativas influências a partir da chegada do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj), manifestadas, particularmente no processo de desaparecimento do rural no zoneamento do primeiro plano e a participação da população no planejamento do municipal.

A região de Itaboraí, possui uma população estimada em 240.592 habitantes (IBGE, 2019) e fica localizada na parte metropolitana do estado do Rio de Janeiro, próximo a municípios como São Gonçalo, Maricá, Cachoeiras de Macacu entre outros. Sendo regionalmente conhecido pela sua produção agrícola de cítricos, o município observou nos últimos anos um acelerado crescimento da sua população e de seu processo de urbanização, ao que tudo indica ambos os processos relacionados com a chegada do Comperj.

O Comperj foi anunciado no ano de 2006, o projeto era voltado para a construção de uma refinaria com o intuito de expandir a capacidade

de refino da estatal Petrobras e tinha como previsão de início de funcionamento o ano de 2016. No mesmo ano do anúncio, a prefeitura, sem a participação da população, produziu seu primeiro Plano Diretor, marcado por um zoneamento que considerava toda a região do município como urbana, desaparecendo com as áreas rurais.

Assim, a pesquisa aqui resumida, pretendeu compreender, através de entrevistas semi-estruturadas, participação nas audiências públicas e análise de documentos, as transformações ocorridas no meio rural de Itaboraí a partir da chegada do Comperj que, como um de seus primeiros efeitos foi, a partir do Plano Diretor elaborado em 2006 eliminar a zona rural do seu zoneamento. O lugar do ambiental e sua representação por parte dos moradores e dos operadores de política públicas também estiveram no foco do projeto.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Os resultados podem ser divididos em 3 partes. A primeira se resume em uma análise do Plano Diretor de 2006, suas relações com o Comperj e com os agentes implementadores. A segunda parte como uma descrição daquilo que foi observado em campo, focando nos debates

entre a população e a equipe de revisão do plano visando entender os processos de disputas nas audiências públicas que ocorreram entre 2018 e 2019. Já a terceira e última faz uma análise do lugar do rural tanto no primeiro plano como no documento gerado após a revisão e por fim nas reuniões de revisão e nas audiências públicas.

A análise do Plano Diretor de 2006, demonstrou que as disputas políticas no planejamento municipal do Plano Diretor aconteceram de forma desigual, já que as influências político-econômicas de determinados agentes e grupos se sobressaem em relação a outros. No caso de Itaboraí em 2006, fica evidente que a influência e o poder político da Estatal Petrobras que levam seus interesses a serem mais acatados em relação aos interesses da população de uma forma geral. Interesses, esses que se mesclam com uma ideia de desenvolvimento territorial associado ao urbano.

A segunda parte do trabalho, dedicada aos dados coletados no trabalho de campo, demonstrou a permanência de algumas dinâmicas ainda presentes do antigo plano. Sobretudo, as influências ainda presentes do Comperj e a pouca participação da população no formulação do plano.

A última parte do trabalho é uma síntese das análises dos dois documentos, o de 2006 e o de 2019, com as reuniões de revisão deixam claro que o rural ainda segue sendo apagado pela hegemonia do complexo e pelas políticas públicas de planejamento municipal que levam mais em consideração territórios urbanos.

CONCLUSÕES:

Conclui-se que todo processo de implementação do Comperj e suas influências no Plano Diretor de 2006 e sobre o território de Itaboraí possuem, até os dias de hoje, reflexos que perpetuam tanto em escalas institucionais como em escalas territoriais. Assim, há permanência das modificações das secretarias municipais, permanência de tendências urbanizadoras nas políticas de planejamento do território e o avanço das zonas industriais, fatores que acabam culminando no apagamento e no esquecimento do rural.

Mesmo que o Plano Diretor de 2019 se destaque pela tentativa de reinserção do rural através do planejamento democrático da cidade, a pouca participação da população na elaboração do plano e o poder político e econômico do Complexo inviabilizam a sustentabilidade do desenvolvimento da cidade. Os interesses do Comperj, muita das vezes, se sobressai em relação aos do rural, do meio ambiental e da população de uma forma geral. Como afirmou a secretária¹ de Urbanismo e Meio Ambiente: “O comperj é um caixinha escura né? Ninguém consegue entrar lá, ninguém consegue falar nada, eles vivem a par do município (...) ocupam 10% da nossa área e parece que a gente que está dentro do Comperj(...)”.

Com isso, as constatações deixam evidente que o meio rural e as populações que nele vivem continuam sendo afetados pelas modificações ocorridas após a chegada Comperj. O esvaziamento de alguns distritos rurais e falta de algumas políticas públicas voltadas para o

¹ Fala retirada de entrevista feita no início de 2019 antes da aprovação do novo Plano Diretor.

meio, somam-se a fraca possibilidade da população de disputar politicamente o futuro de seu território em espaços como os do Plano Diretor, prevalecendo os interesses de agentes hegemônicos.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais pelo crescimento acadêmico que me foi proporcionado ao longo da graduação. Um Agradecimento especial ao Professor Valter Lucio de Oliveira por me orientar desde a iniciação científica até o trabalho de conclusão de curso.

Agradeço, também ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) do Programa do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), principalmente por fazer possível ter meus primeiros contatos com o ato de pesquisar e pelo amadurecimento acadêmico.

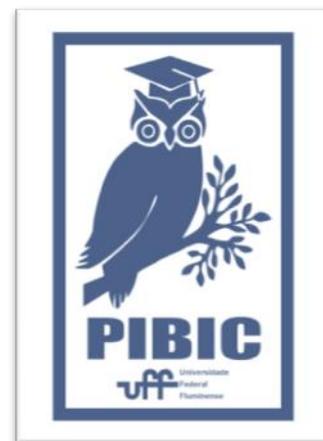


Imagem 1: Imagem PIBIC



Ciências Humanas

A Polêmica Anti-Gnóstica na Enéada II.9 [33] de Plotino

Filipe Braiman de Carvalho e Marcus Reis Pinheiro

GFL/Campus Gragoatá

INTRODUÇÃO:

Nosso objeto de pesquisa consiste na enéada II.9 [33] do filósofo neoplatônico, Plotino. A enéada II.9 [33] recebeu dois títulos pelo seu compilador e editor, Porfírio, são estes: *Contra os gnósticos* e *Contra aqueles que dizem que o demiurgo do cosmos e o cosmos são maus*, o tratado em questão é o último da sequência de um maior que inclui as enéadas III.8 [30], V.8 [31], V.5 [32] e por último a II.9 [33]. Este grande tratado é por vezes denominado de *Tetralogia Anti-Gnóstica*, pois ele teria sido escrito por Plotino para refutar as teses e doutrinas de certo grupo que frequentava suas aulas em Roma, como relata Porfírio no capítulo 16 de *Vida de Plotino*.

No início do período de nossa pesquisa foram delimitados dois objetivos: 1) um objetivo principal de analisar e descrever os principais aspectos da crítica plotiniana, e 2) um objetivo secundário de traçar um perfil do grupo gnóstico refutado. Para a realização de tais objetivos foi necessário fazer um estudo depurado da enéada II.9, sempre que possível buscamos relacionar os argumentos desenvolvidos por Plotino com os diversos documentos gnósticos. Tais documentos são formados pelas fontes

indiretas e pelas fontes diretas. As fontes indiretas são os textos escritos pelos heresiólogos cristãos, que expunham as doutrinas dos chamados gnósticos para então refutá-las, eles também oferecem relatos de líderes gnósticos e o funcionamento de suas seitas. As fontes diretas são os próprios textos gnósticos, que se conservaram durante o tempo mesmo com toda a perseguição enfrentada pelos grupos gnósticos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Plotino, na enéada II.9, se empenha em criticar um grupo peculiar que frequentava suas aulas. Tendo em vista a filosofia de Plotino caracterizada pelas três hipóstases (dividindo a realidade em três instâncias: o Uno, o Intelecto e a Alma), esse grupo denominado gnóstico (*gnōstikós*) teria um discurso próprio de modo a se contrapor à tal filosofia tipicamente neoplatônica. Para algumas tradições filosóficas ou mesmo filosófico-religiosas do início da era cristã, o termo grego ‘*gnōsis*’ significa ‘*conhecimento*’, mas não qualquer forma de conhecimento — a gnose se refere a um conhecimento de ordem divina, um

conhecimento puro e em si mesmo que salva quem o possui da condição de ignorância (*áгноia*). Houve grupos em tinham certas doutrinas nas quais a noção de gnose era decisiva, pois libertava o homem do *kósmos* mau onde ele se encontrava. Ainda que fossem muitos os grupos que compartilhavam dessa ideia central, eles começaram a ser identificados como *gnósticos*. Ainda que seja difícil de determinar com exatidão a qual grupo Plotino estaria se referindo, dois grupos específicos se destacam dentre os demais: os *setianos* e os *valentinianos*.

Os *setianos* são um dos primeiros grupos gnósticos de que se tem relato e sua doutrina apresenta muitos elementos semíticos. Em geral, em sua doutrina e mito de criação, nota-se uma forte importância de um éon divino reconhecido como *Barbelô*, daí segue a denominação desse grupo também por *barbelo-gnósticos*, um outro traço característico é a assimilação do deus judaico com o governador mau do cosmos, sendo ele reconhecido como *Yaltabaot*.

Os *valentinianos* seriam um grupo fundado pelo líder cristão Valentino, que teria adaptado doutrinas gnósticas setianas a uma teologia cristã própria. Dentre as peculiaridades desse grupo nota-se a ênfase dada ao mito da queda de Sophia. No mito, o éon Sophia (sabedoria) decaído teria dado origem ao demiurgo imperfeito do cosmos. Visto a influência do valentianismo em Roma na época de Plotino e a crítica detalhada do neoplatônico ao mito da queda de Sophia, alguns

comentadores especulam que os valentianos podem ser os gnósticos refutados na tetralogia.

Após um estudo detalhado do tratado plotiniano, levando em conta também diversas fontes gnósticas, elaboramos uma sistematização dos aspectos principais da crítica plotiniana. A sistematização proposta divide a crítica em três âmbitos gerais: uma *Crítica Metafísica*; uma *Crítica Cosmológica*; e uma *Crítica Ético-Soteriológica*. 1) *Crítica Metafísica*: tal crítica trata sobre os princípios da realidade e suas respectivas naturezas, Plotino não aceita a teologia gnóstica que postula uma multiplicidade de éons no Pleroma e nem a ideia de que a natureza do mundo e do demiurgo é má, o que tornaria o mundo é separado do inteligível. 2) *Crítica Cosmológica*: o cosmos é belo e não mau, os gnósticos não teriam compreendido como se dá a produção do mundo e o papel da alma universal, e estão equivocados ao menosprezarem os astros. 3) *Crítica Ético-Soteriológica*: contra o elitismo antropológico proposto pelos gnósticos e sua carência de uma ética pautada nas virtudes.

CONCLUSÕES:

Após um ano pesquisando sobre a *Polêmica Anti-Gnóstica* na *enéada* II.9 [33] de Plotino, pudemos desenvolver uma boa visão acerca do tratado e entender de modo interessante como a crítica contra os supostos gnósticos opera nele. Ainda que, por um lado Plotino pareça não dar tanta importância ao grupo refutado, por outro lado, conseguimos identificar também um grande descontentamento da parte de Plotino

em relação às teses gnósticas que ele veio a ter contato. A nossa divisão da crítica nos três âmbitos, metafísico, cosmológico e ético-soteriológico, teve por objetivo tornar um pouco mais claros alguns pontos centrais da crítica plotiniana que são centrais na enéada, porém a distinção entre os aspectos críticos não ocorre sempre de forma evidente, então é importante ressaltar o caráter instrumental que a nossa proposta possui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BARACAT, José Carlos. *Plotino, Enéadas I, II e III; Porfírio, Vida de Plotino: Introdução, tradução e notas*. (Tese de doutorado) UNICAMP, 2006.

DUFOUR, Richard. "Introdução e notas, tratado 33". In.: PLOTIN. *Traités*. Direção: BRISSON, Luc; PRADEAU, J.-F.. Paris: Flammarion, 2002-10, p.187-199, 237-281.

IGAL, Jesús. *Porfírio Vida de Plotino; Plotino Enéadas I-II*. Madrid: Gredos, 1982.

IRINEU. *Contra as Heresias*. São Paulo: Paulus, 1995.

KALLIGAS, Paul. *The Enneads of Plotinus: a commentary I*. Princeton: Princeton University Press, 2014.

LAYTON, Bentley. *As Escrituras Gnósticas*. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

PIÑERO, Antonio; TORRENTS, José M.; GARCÍA BAZÁN, Francisco. *Textos Gnósticos: Biblioteca de Nag Hammadi I*. Madrid: Trotta, 2018.



Ciências Humanas

Corporações e gestão do território: estudo das principais empresas multinacionais brasileiras

Camila Totti Andrade e Leandro Bruno Santos

Departamento de Geografia de Campos (GRC), Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional (ESR),

Núcleo de Estudos em Economia Política Geográfica (NEEPG)

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa analisa os dez principais grupos brasileiros com maior grau de inserção internacional (Fitesa, Intercement, Gerdau, Marfrig, Arteccla, Metafrio, CZM, JBS, Magnesita e Minerva Foods), identificados por um estudo realizado pela Fundação Dom Cabral (FDC). Buscamos compreender o papel desempenhado por esses capitais e suas frações na gestão do território, haja vista o seu considerável poder sobre a criação e o controle das formas espaciais, suas funções e distribuição espacial. Procuramos focar na evolução da espacialidade desses grupos, nas estratégias de localização e nas formas de inserção no processo de concentração e centralização de capital em escala mundial.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A referente pesquisa apresentou discussões sobre as formas de expansão intra e extra nacional das corporações e suas principais estratégias e formas de inserção de acordo com os ramos e setores de atuação e o atual

processo de concentração e centralização do capital. A bibliografia utilizada abrangeu a evolução das corporações, as formas de organização e as estratégias espaciais das multinacionais brasileiras e não-brasileiras, as relações com o capital e as formas de cooperação.

Os resultados alcançados, por meio de levantamento e sistematização bibliográficos, coleta, sistematização e análise de dados secundários, demonstram o efetivo aumento do número de empresas multinacionais brasileiras no cenário internacional, assim como um incremento da participação de países periféricos nos estoques mundiais de Investimentos Estrangeiros Diretos (IED). Neste cenário, empresas oriundas de países periféricos, incluindo as brasileiras, dos mais diversos ramos da indústria, conseguem cada vez mais espaço ao se inserirem no processo de concentração e centralização de capital em uma escala mundial. Os dez grupos selecionados têm dilatado seus circuitos espaciais produtivos desde os anos 1970, mas é a partir dos anos 1990, no bojo das reformas econômicas e liberalização da economia, que esses capitais e suas frações aceleram a internacionalização

produtiva. Os espaços de atuação desses capitais têm apresentado maior predominância de atuação no setor alimentício e maior concentração de investimentos localizados nas macrorregiões sudeste e centro-oeste, seguidas de sul, nordeste e norte do país. No cenário internacional há uma maior predominância em países da América Latina - como Argentina, Colômbia, Paraguai, Uruguai e Chile - e também, mais recentemente, nos Estados Unidos. As proximidades geográfica e cultural são fatores potenciais que influenciam nesse padrão, bem como os níveis de desenvolvimento similares entre os países, com exceção dos Estados Unidos. Algumas empresas estão presentes apenas na América Latina e nos Estados Unidos, enquanto outras estão distribuídas mundialmente, apresentando uma topologia multirregional; cada caso deve ser analisado individualmente e os grupos podem ser influenciados pelo ramo de atuação, pelo valor agregado dos produtos, custo de transporte, público alvo, bens naturais, subjetividades decisoriais dos controladores, cultura, incentivos estatais e situação econômica.

CONCLUSÕES:

Com esta pesquisa foi possível observar como algumas das maiores empresas multinacionais brasileiras se especializam intra e extra nacionalmente. No país, as empresas concentram-se nas macrorregiões sudeste e centro-oeste. No cenário externo, os investimentos concentram-se na América Latina e nos Estados Unidos, muito por conta da

proximidade geográfica e cultural. A principal forma de investimento é a aquisição de empresas e de unidades produtivas no exterior. Também foi possível apreender como o ramo influencia nas localizações. Empresas de um mesmo segmento apresentam espacialidades diferentes, potencialmente por atuarem em diferentes ramos, por terem sido criadas em períodos diferentes, por sucesso ou fracasso de diferentes estratégias de inserção. As empresas tendem a integrar vertical e horizontalmente a produção, obtendo assim maior controle do processo produtivo; tendem também a expandir-se aproveitando as vantagens locais específicas para cada atividade de suas unidades, reproduzindo as estruturas hierárquicas no âmbito internacional, gerando uma divisão internacional do trabalho.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço ao meu orientador, Leandro Bruno Santos, pela paciência e didática, pelas reuniões periódicas e todo o apoio ao longo do projeto de pesquisa. Agradeço também ao CNPq pelo apoio financeiro e contribuição para a continuidade dessa pesquisa e possibilidade de contribuir com a ciência brasileira. Agradeço, ainda, à UFF e ao seu corpo de professores, os quais me possibilitaram o acesso ao bacharelado em geografia e a produção de conhecimento nessa área

REFERÊNCIAS:

CHESNAIS, F. A mundialização do capital. São Paulo: Xamã, 1996.

CORRÊA, R. L. A. Corporação, práticas espaciais e gestão do território. **Revista Brasileira de Geografia**, 54(3), p.35-41, 1992.

PIRES DO RIO, G. A. Estrutura organizacional e reestruturação produtiva: Uma contribuição para a Geografia das corporações. **Revista Território**, nº 5, jul./dez. p. 51-66, 1998.

SANTOS, L. B. BNDES, internacionalização de empresas e o subimperialismo brasileiro. **GEOUSP**, v. 22, p. 115-137, 2018.

_____. Multilatinas na economia global. Caracterização histórica, setorial e espacial. **Scripta Nova**, v. XVIII, p. 741-798, 2014.

_____. A emergência das Multilatinas. **Geografia**, Rio Claro, v. 35, n. 1, p. 115-131, jan./abr. 2010.

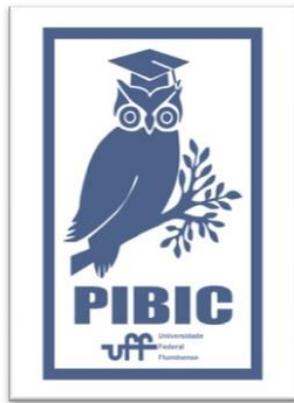


Imagem 1: Imagem PIBIC



Grade área do conhecimento: Humanas. Área: 7.06.00.00-7

As Agroindústrias de Lácteos no Noroeste Fluminense.

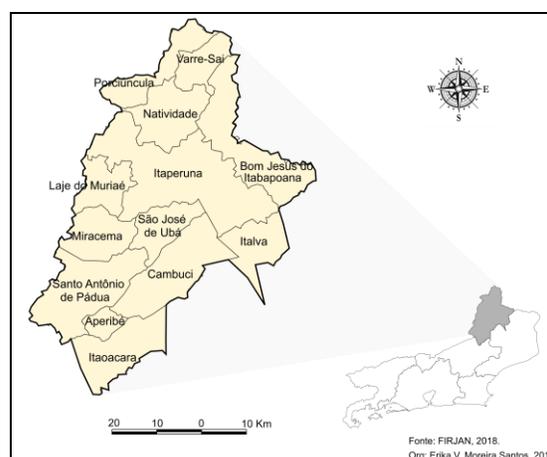
Larissa Paulino Faria e Erika Vanessa Moreira Santos

Departamento de Geografia de Campos/ Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional/ Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho tem como objetivo analisar a agricultura familiar na região Noroeste Fluminense no que tange às agroindústrias familiares de lácteos (2009-2019) frente a um contexto de reorganização produtiva regional e como estratégias de reprodução econômica e social. A região Noroeste Fluminense – figura 1 - tem uma população de aproximadamente 317.763 habitantes (IBGE, 2010) e composta por 13 municípios (Aperibé, Bom Jesus do Itabapoana, Cambuci, Italva, Itaocara, Itaperuna, Laje do Muriaé, Miracema, Natividade, Porciúncula, Santo Antônio de Pádua, São José do Ubá e Varre-Sai). Para o embasamento teórico se levantou uma série de referências bibliográficas, sobre o noroeste fluminense, a cadeia leiteira, agricultura familiar e as agroindústrias de lácteos. Foram adotadas técnicas quantitativas e qualitativas: pesquisa bibliográfica, sistematização de dados secundários no SIDRA/IBGE e na RAIS/CAGED, e realização de entrevistas com representantes do programa balde cheio e a Empresa de Assistência Técnica Extensão Rural (EMATER de Italva).

Figura 1: Localização da região noroeste fluminense



RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A atividade agroindústria familiar de leite é entendida como um meio de reprodução dos produtores vista como uma estratégia dos produtores para a inclusão no mercado. Para se produzir leite nas normas de qualidade o custo de produção é alto e dificulta a inserção do pequeno produtor ao mercado, como afirma Madanêlo; Marafon (2008). Desta forma, o processamento de produtos de leite torna-se uma opção mais rentável para o pequeno produtor. Segundo Gazolla (2012) o processamento de lácteos é uma alternativa para se atingir uma maior autonomia e de

sustentabilidade. Com as novas normativas do leite, os produtores optam por produzir e comercializar produtos processados, sendo uma forma de adquirir o aumento de sua renda e sua autonomia.

Ao se estudar sobre políticas públicas na região como Balde cheio, Rio Rural e Pronaf, constatamos o incentivo e fomento do estado para com as atividades leiteiras no Noroeste Fluminense, todavia essa abrangência não foi ampla. Constatamos que os principais municípios que se destacam na produção de leite são: Itaperuna, Bom Jesus de Itabapoana, Cambuci e Santo Antônio de Pádua, em termos de produção bruta no período de 2006 e 2017.

Nesse mesmo período temos um aumento significativo de estabelecimentos rurais que processam o leite em subprodutos como queijo, requeijão e manteiga. Foram identificadas junto ao Censo Agropecuário de 2006, 54 agroindústrias aumentando para 219, como verificado no Censo Agropecuário de 2017 (SANTOS, 2019). Esse aumento da agroindustrialização não se expressa nos números da RAIS, ou seja, o número de laticínios e de estabelecimentos com a preparação do leite é bem inferior ao registrado pelo Censo Agropecuário. Diante disso, a produção de leite e o processamento de seus derivados é uma das estratégias para amenizar a crise do setor, por parte dos agricultores familiares.

CONCLUSÕES:

A atividade leiteira é de extrema importância no noroeste fluminense, sendo um meio de sustento de muitas famílias da referida região. E

o processamento de produtos lácteos é uma forma encontrada por esses produtores como uma estratégia de reprodução econômica e social para a geração de renda e trabalho. O processamento de produtos lácteos oferece uma maior autonomia aos produtores, uma vez que, eles mesmos podem processar e fazer uma comercialização direta de seus produtos. Neste trabalho, buscou-se compreender este aumento, e após os levantamentos bibliográficos e levantamentos de dados, chegamos a conclusão que a existência de políticas públicas na região e os incentivos fiscais feitos pelo estado puderam resultar neste aumento, mas ainda é muito restrito e não abarca a diversidade da região noroeste.

AGRADECIMENTOS:

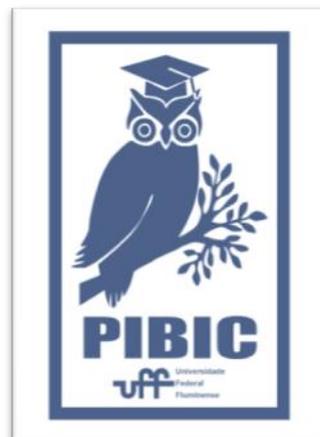
Agradeço a orientadora deste projeto que soube muito bem identificar e orientar a questão proposta. O outro agradecimento é para a oportunidade que o Edital do Pibic-UFF possibilita no incentivo à iniciação na pesquisa científica. Ao Núcleo de Estudos Rurais e Urbanos pela importante contribuição para a formação acadêmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

GAZOLLA, Márcio. **Conhecimento, produção de novidades e ações institucionais.** Cadeias curtas das agroindústrias familiares. Tese (Doutorado em Desenvolvimento Rural), 2012. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Programa de Pós Graduação em Desenvolvimento rural, Porto Alegre, 2012.

MARANÊLO, Daniela Helena V.L.; MARAFON, Gláucio. O complexo agroindustrial da pecuária leiteira no Estado do Rio de Janeiro. In: MARAFON, G.laucio José; RIBEIRO, Miguel Angelo.. (org.). **Revisitando o Território Fluminense II**. Rio de Janeiro: Gramma, 2008, p. 7-16.

SANTOS, Erika Vanessa Moreira. As Agroindústrias de lácteos no noroeste fluminense. In: Anais..., **ENANPEGE**, 2019, São Paulo.





CIÊNCIAS HUMANAS
ANTI-VADIAGEM, PUNIÇÃO E RELAÇÕES DE TRABALHO
NA PERSPECTIVA DA HISTÓRIA GLOBAL – O CONTEXTO
DA ABOLIÇÃO NO MUNDO LUSÓFONO (RIO DE JANEIRO,
LUANDA E LOURENÇO MARQUES, 1850 – 1912)
ELIZABETH SILVA RIBEIRO LUCAS
INSTITUTO DE HISTÓRIA

INTRODUÇÃO:

A presente pesquisa busca analisar as políticas de repressão à vadiagem no mundo lusófono e as interlocuções destas com as relações de trabalho no contexto da abolição e pós-abolição, a partir da perspectiva teórica da História Global. O recorte temporal vai de 1850 a 1912, com o enfoque nas cidades de Luanda, Rio de Janeiro e Lourenço Marques.

Dentro do recorte do Império Português tem se buscado analisar a legislação portuguesa para o ultramar, levando em consideração os diferentes significados históricos de vadiagem, a influência do processo de abolição, e das relações de classe, raça, gênero e sexualidade na formulação das leis e definições do que era ser vadio e também como a punição à vadiagem transformou-se ao longo do tempo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A primeira etapa da pesquisa foi destinada à leitura da bibliografia introdutória e ao levantamento da legislação do Império Português, referente à temática da vadiagem.

Esse processo aliou-se a construção de um banco de dados para a sistematização das leis elencadas.

Posteriormente, foram selecionadas novas leituras de acordo com as demandas que surgiram no decorrer do processo de pesquisa. Além disso, com a finalização do processo de seleção da legislação, buscou-se começar a análise dos debates das câmaras legislativas em torno das leis e da pauta da vadiagem, assim como a organização de toda essa documentação através da construção de um novo banco de dados.

Criou-se também um perfil na plataforma digital Instagram com a finalidade de divulgar as atividades desenvolvidas, na qual foram realizadas algumas séries de postagens abordando pautas referentes à temática da ociosidade a ao próprio processo de pesquisa.

A partir da análise de alguns debates nas câmaras legislativas da metrópole portuguesa, foi possível notar a presença da retórica da ociosidade como característica dos povos africanos. Entretanto é importante salientar, que embora houvesse um discurso forte atribuindo certos traços aos pretos que justificassem a aplicação do trabalho forçado, é possível mencionar outras fontes que demonstram que essa visão não era a única.

Esses documentos trazem explicações diferentes para determinadas posturas que eram adotadas pelos nativos, que não seus supostos instintos de ociosidade, mas sim o caráter de resistência em suas ações de recusa ao trabalho.

Ademais, diante da compreensão de que os pretos detinham características que os distinguiram e inferiorizavam. Surge também o discurso da ineficácia da prisão e do degredo como penalidade para essas populações nativas, em conjunto com a retórica do trabalho forçado como medida punitiva eficaz para os africanos. Assim sendo, é possível constatar que a atribuição de traços como a ociosidade, a passividade e a inércia justificava e embasava a imposição do trabalho aos povos nativos. Para, além disso, outro discurso que se destaca é o da implementação do trabalho forçado como meio de alcançar prosperidade para as colônias em conjunto com o da repressão à vadiagem como meio de levar as populações nativas ao trabalho.

CONCLUSÕES:

Com base nas leituras e nas fontes analisadas e sistematizadas foi possível compreender as influências do racismo na construção de uma legislação especial para as populações nativas, assim como, inferir a justificativa que certas concepções acerca dos africanos forneceram para as violências perpetradas pelo colonialismo. Para mais, compreender o possível caráter de resistência de ações dos nativos que na visão dos portugueses

eram derivadas de seus instintos de ociosidade. Bem como, a percepção da relação da repressão à vadiagem com o discurso de demanda de braços nos territórios coloniais africanos, e com o do trabalho como meio eficaz de punição dessas populações. Por fim, concluir a constante reinvenção de formas de compulsão ao trabalho no decorrer do processo de abolição e no seu pós.

Ademais, a partir do processo de construção das bases de dados virtuais e do perfil de divulgação na plataforma digital foi possível desenvolver uma maior familiarização com os recursos digitais e começou-se a pensar e a desenvolver formas de tornar tudo que vem sendo trabalhado na pesquisa não apenas acessível à sociedade, mas também atrativo para esta.

AGRADECIMENTOS:

Sou grata primeiramente pela oportunidade de ser bolsista do CNPq, e agradeço a instituição pelo financiamento desta pesquisa. Além disso, quero expressar minha profunda gratidão a Deus, por seu cuidado e presença em minha vida.

Gostaria de agradecer especialmente também ao Professor Paulo Terra, que tem sido meu orientador nessa pesquisa e que tem tido papel central na minha construção como futura professora e historiadora.

Ademais, gostaria de demonstrar a minha gratidão a todas as instituições que disponibilizam virtualmente vasta

documentação, legislação e debates que foram e vem sendo consultadas ao longo da pesquisa.

Em seguida, agradeço aos meus pais por todo o apoio que me forneceram em toda a minha trajetória. Por fim, meu agradecimento a todos os meus familiares e amigos que de alguma forma me apoiaram durante esse processo.

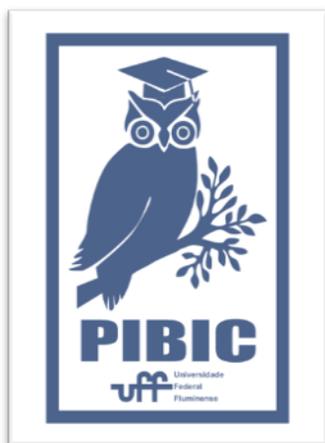


Imagem 1: Imagem PIBIC



Ciências Humanas - História Econômica
Negreiros baianos e o atlântico global no longo século XVIII.
Matheus Butrucci Gomes (Bolsista) / Leonardo Marques (Orientador)
Departamento de História / Instituto de História

DO MACRO PARA O MICRO: A CADEIA MERCANTIL DO TABACO BAIANO E O ATLÂNTICO GLOBAL NO LONGO SÉCULO XVIII.

INTRODUÇÃO:

O relatório final surgiu como uma necessidade de se preencher lacunas deixadas pelo relatório parcial. Ao analisar as trajetórias do tabaco e do ouro e o envolvimento dessas duas mercadorias no tráfico de escravos entre a Bahia e a Costa da Mina durante o século XVIII, busquei apreender o papel dos negociantes baianos nesse processo. Com isso, o relatório parcial se voltou para uma análise aprofundada dos negociantes baianos e sua atuação no mercado atlântico e suas dinâmicas no interior de Salvador, apesar do fato de que o relatório contém bons elementos para se pensar uma História Global do tabaco baiano.

Nessa análise, no âmbito do estudo do tabaco e do ouro, meu olhar voltou-se para a trajetória e padrões de consumo das duas mercadorias na África e em outros mercados consumidores. Com isso, acabei

pormenorizando questões regionais sobre a produção do fumo e do ouro e sua relação com dinâmicas gerais. É por isso que o Relatório Final consistiu num esforço de análise da região de Cachoeira, produtora de 90% do fumo brasileiro exportado para o exterior durante o século XVIII.

Com uma metodologia que busca alternativas para se pensar o local como ponto de partida, entendendo seu lugar nas dinâmicas regionais globais, busquei adentrar na primeira etapa da cadeia mercantil do tabaco: a da produção. Assim, uma análise mesclada entre os aspectos produtivos do tabaco baiano e as dinâmicas mais gerais da região de Cachoeira nos permitiu uma ampla visão não só da produção do fumo, como também da organização espacial, do mercado fundiário e da evolução da ocupação histórico da região de Cachoeira durante o século XVIII.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Os resultados da pesquisa foram satisfatórios. Se na primeira parte pude sistematizar dados quantitativos sobre traficantes baianos e esmiuçar as trajetórias do tabaco e do ouro e seus impactos nas sociedades que o consumiam. Na reta final consegui explorar diferentes aspectos não só da região de Cachoeira como do Recôncavo em geral.

Antes, porém, foram feitos breves panoramas sobre três assuntos complementares: os aspectos científicos do tabaco, o seu uso pelas populações nativas da América e sua difusão pelo globo. A partir da exposição, o terreno se fertilizou para que pudéssemos entrar numa análise com um recorte mais arbitrário sem remorsos.

Dessa forma, foi feita uma análise da região de Cachoeira e do Recôncavo, atentando primeiro para os aspectos geográficos da região e para as dinâmicas ocupacionais iniciais, que, combinados, criaram as condições para a introdução da lavoura de fumo nos campos de Cachoeira.

Depois, analisou-se a estrutura fundiária da região, atentando para as relações sociais que a perpassavam, assim como o seu papel geral na organização fundiária do Recôncavo. Assim, pude fazer uma discussão sobre o papel da mão-de-obra escrava na lavoura do fumo, relacionando

dados quantitativos de diferentes origens e argumentando por uma síntese qualitativa dos mesmos.

A partir disso, passei para a descrição do processo produtivo do tabaco, baseado na obra de Antonil. Além disso, adicionei ilustrações fornecidas por Joaquim Amorim de Castro que permitiram uma melhor observação sobre etapas complexas e detalhadas. Assim foi feita a descrição do processo produtivo do fumo, mesclando fontes primárias com bibliografias sobre o assunto.

Já na parte final, analisei a relação da lavoura do fumo com outras atividades agrícolas e pastorais presentes na região, como a criação de gado e o cultivo de bens alimentícios, como mandioca, arroz, feijão e milho. Analisando as diferentes frequências nas quais essas atividades se verificavam, fiz uma análise dos diferentes tipos de uso do solo em Cachoeira, que inclusive nos permitiu melhor analisar a dimensão das atividades alternativas.

Por fim, foi feita uma análise da conexão comercial e financeira entre Bahia e Minas Gerais no século XVIII, mostrando como essas duas regiões estreitaram seus laços ao longo do século, além de mostrar como essa conexão contribuiu para a dinamização da região de Cachoeira através de diferentes formas.

CONCLUSÕES:

A partir da leitura do Relatório Parcial e Final, tem-se uma ideia do que foi defendido na metodologia do relatório mais recente: uma análise capaz de combinar diferentes escalas interpretativas, mas que não deixe de atentar para o processo mais geral que a perpassam, do contrário estaríamos olhando para a mesma coisa de diferentes formas.

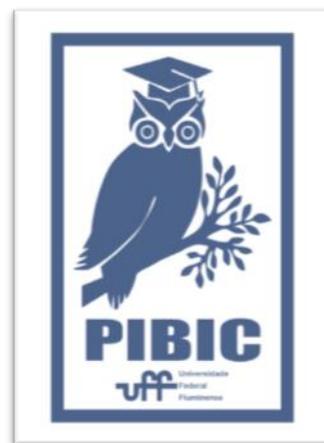
É assim que a partir da leitura dos dois relatórios pode-se combinar a execução de uma história atlântica e global, voltada para os fluxos de mercadorias e suas consequências para as sociedades que a consomem, assim como uma história local e regional, voltada para as dinâmicas internas e seus desenvolvimentos endógenos.

Contudo, as duas formas de fazer história estão dialeticamente relacionadas, não sendo possível a execução de uma sem outra. Foi assim que a combinação analítica entre uma história global da cadeia mercantil do tabaco baiano e uma história regional de Cachoeira nos permitiu uma síntese satisfatória: os processos locais condicionam e são condicionados pelos processos globais. Por isso, um jogo escalar entre produção, circulação e consumo do tabaco baiano foi o meio que

encontramos incluir esses mútuos condicionamentos na análise.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço primeiramente à minha família que durante toda a minha vida apoiaram as escolhas tomadas por mim. Em segundo lugar, um sincero agradecimento à minha companheira, Yasmim Borges, que sempre procurou me incentivar durante a pesquisa, compreendendo a necessidade de concessão espaço que o comprometimento com a iniciação científica traz. Em terceiro lugar, agradeço ao meu orientador e amigo, Leonardo Marques, por me conceder mais esta oportunidade, sempre me apoiando com sua excepcional solicitude e capacidade de compreensão, me deixando sempre a vontade para tomar minhas escolhas e apontando o caminho mais frutífero a ser tomado.





Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Nome do projeto: Uma arte das conexões sutis: a formação de um corpo-clínico sensível

Autores: Jully Wannny da Silva Rocha e Catarina Resende
Psicologia/Niterói/CorporeiLabS

INTRODUÇÃO:

A pesquisa "Uma arte das conexões sutis: a formação de um corpo-clínico sensível" é vinculada ao Laboratório de Subjetividade e Corporeidade (CorporeiLabS). Investigamos como se desenrola a formação de um corpo-clínico sensível: seria possível elaborar, manusear, avaliar uma experiência sensível como matéria formadora de um corpo-clínico na graduação em Psicologia? Entendemos esse Corpo-Clínico como não só o corpo do clínico, mas, também o do analisando, o ambiente e as zonas de contágio. Inicialmente, utilizando os psicanalistas Winnicott e Ferenczi como disparadores bibliográficos nessa investigação, entendendo a contratransferência enquanto ferramenta do analista no processo terapêutico. Junto a isso, utilizamos o dispositivo de jogo do Modo Operativo AND como instrumento de sensibilização, no intuito de expandir experiências em nossos próprios corpos, sem uma distinção rígida entre sermos sujeitos e objetos de pesquisa, habitando as zonas de contágio entre corpos numa relação de cuidado. Numa aposta clínica ético-estético-política, nos debruçamos sobre a pergunta "Como viver juntos?"

RESULTADOS E DISCUSSÕES: Em um ano e alguns meses de pesquisa, produzimos registros escritos das experiências do jogo

MO_AND, fichamentos a partir do aparato bibliográfico, um mural que funcionava como guia do nosso processo investigativo diante das práticas metodológicas, leituras bibliográficas e afetos resultantes. Apostando num fazer clínico com a Arte, após uma viagem imersiva ao Instituto Inhotim, o grupo fez parte da produção do evento "De dentro para fora e de fora para dentro", resultante da aposta de uma clínica em sua perspectiva Transdisciplinar; e de uma experiência imersiva em atividades da temporada de Laboratórios de Verão AND LAB Brasil 2019 "DO IRREPARÁVEL: O QUE PODE UMA ÉTICA DE REPARAÇÃO?", com a presença de Fernanda Eugênio (co-criadora) e integrantes do Núcleo AND LAB RIO. Após essa imersão, deparamo-nos com um incômodo, um silenciamento que ganhava espaço em nossos corpos enquanto pesquisadores e, conseqüentemente, em nosso corpo-pesquisa. Tal investigação experiencial nos sensibilizou quanto ao contexto das relações produzidas em nossos corpos enquanto plurais e diferentes entre si, na nossa realidade de universidade pública, habitando os embates e paradoxos da produção das corporeidades em suas multiplicidades e singularidades, fazendo-nos debruçar sobre os recortes possíveis dos corpos, por ora, os negros. Com essa nova perspectiva, mas mantendo as perguntas disparadoras "Como formar um corpo-clínico

sensível?” e “Como viver juntos?”, ampliamos a bibliografia para um enfoque em autores negres e mudamos a metodologia para a frequência de eventos com temática antirracista ou artísticas com os corpos negres como temática principal, como o festival EntreDança: corpo negro, realizado no SESC Copacabana, cujo resultado a partir do nosso registro dos espetáculos e elaboração de suas afetações, compartilhamos na apresentação de trabalho na mesa ‘Saberes Marginais’, com a comunicação: *Marcas corporais, peles negras e plano intensivo da clínica*, no Teatro Cacilda Becker, durante o 11º Seminário Angel Vianna com o título: *TRAVESSIAS E ITINERRÂNCIAS*; , evento em que também compunha o processo de residência artística “Escritas Sensórias” realizado por uma parceria Faculdade Angel Vianna FAV – Traço, UFRJ – Corporeilabs, UFF. Com a participação de metade do nosso grupo de pesquisa, Este curso teórico-prático que foi coordenado por professores dessas mesmas instituições de maneira itinerante passando pelos três espaços de ensino. No final, depois de dez encontros, resultou em uma performance a ser apresentada no segundo dia do seminário, no teatro Cacilda Becker, no Rio de Janeiro. Participar da residência nos aproximou da metodologia Angel Vianna através de práticas de educação somática denominadas “conscientização do movimento e jogos corporais”, muito importantes para o percurso que percorremos após a chegada do COVID19. Ainda em 2019, com reverberações do festival ‘Entredanças’, e a Residência ‘Escritas Sensórias’ organizamos um evento com convidados dos campos da arte e da psicologia

que pudessem contribuir para o nossos estudos e debates sobre os processos subjetivos da corporeidade negra. No mesmo mês à convite da organização da Semana de psicologia da UFRJ que tinha como tema “Psicologia em tempos de Retrocesso”, realizamos uma atividade de sensibilização corporal “como sensibilizar o corpo para a luta”. Fomos convidadas, pelo professor Emílio Nolasco e André do Eirado, que ministravam a disciplina metodologia I para psicologia no Ipsi-UFF, para apresentar nossa metodologia de pesquisa, o que acabou se tornando o início de uma aproximação e parceria com o professor André do Eirado que se mostrou muito interessado pelo nosso fazer pesquisa. Convidadas a compor com um evento na UERJ, denominado “Políticas/poéticas do contágio: ensaios de viver entre muitos” realizamos mais uma atividade-intervenção com o público que passava, fazendo uma roda e iniciando uma experimentação sensorial com os olhos vendados e objetos a serem experimentados, e em uma conversa posterior a atividade recolhemos muitos relatos enriquecedores, essa atividade acabou por gerar um artigo para ser publicado como dossiê pelas organizadoras do evento na UERJ. Participamos da mesa *Natureza, Corpo e Raça - Poéticas e Políticas da Natureza* do III Seminário *Interferências: Literatura e Ciência* do Departamento de Letras da UFF, muito importante pela interlocução de áreas tão diferentes, além da presença de Rosa Paulino, artista que contribuiu muito com nosso percurso.

Após um longo período de expansão e compartilhamento de nosso trabalho de

pesquisa em eventos, seminários, etc. Pudemos retornar à nossa metodologia de sensibilização inicial, o jogo MO_AND. Movimento importante para a afirmação da configuração de grupo de pesquisa que apostamos. Nos comprometemos com o levantamento de todo o conhecimento que havíamos produzido através da escrita de artigos e apresentações de trabalho ao longo do ano de 2020. No entanto, assim como o restante do mundo fomos surpreendidos pela Pandemia. A partir de uma necessidade de recolhimento, reconhecemos uma demanda de cuidado de nossos corpos para enfrentar coletivamente a realidade cruel de uma pandemia. Após um período necessário de recolhimento, retomamos a produção da pesquisa através dos ‘EncontroSSomáticos’ numa modalidade virtual, fazendo uso da prática de educação somática ‘Body Mind Movement’ a fim de cuidarmos da demanda sensível de nossos corpos nesses tempos ameaçadores, que a priori não pretendia se tornar uma produção científica, através de nosso olhar sensível e reserva teórica que nosso percurso nos proporcionou, nos permitiu enxergar nessa nova dobra de cuidado, um novo caminho para seguirmos pesquisando.

CONCLUSÕES: Temos entendido que os processos de subjetivação se diferenciam em cada corporeidade, e isso tem nos convocado a pesquisar a relação com os corpos negros na formação de um corpo-clínico sensível. Compreendendo que não localizar um corpo é correr o risco de invisibilizar marcas e opressões sociais produtoras de uma afetividade singular e compartilhada coletivamente. Apostamos no

cuidado de territorializar um corpo paradoxalmente indefinido e singular, trazendo voz e lugar à história e aos corpos negros, a partir de novas pesquisas bibliográficas e novas experimentações com a arte que possam nos conectar com as marcas de dominação e opressão presente em nossos próprios corpos. Compreendemos que esse corpo vai além do corpo do clínico, além de uma dimensão orgânica. Esse sentido do corpo diz respeito, para além do analisando, ao ambiente, aos elementos humanos e não-humanos que “surgem” no momento do encontro na clínica e ao vínculo terapêutico: dando a possibilidade de existência para tudo proporcionar tudo que toma esse corpo-clínico. Habitando a relação entre analista e analisando, o conceito de sensibilidade ganhou um espaço de destaque no estudo por atravessar e compor a formação do corpo-clínico em suas relações sutis e dinâmicas entre corporeidade e subjetividade. A partir desse registro sobre o nosso percurso até aqui, podemos observar os efeitos clínicos da formação em processo, sendo interessante enfatizar que as perguntas disparadoras se mantém, mas, agora, abrindo espaço para uma perspectiva plural dos corpos. O que antes aparecia para nós como recortes fragmentados de experiências singulares, vem se apresentando em uma construção que pertence ao corpo-pesquisa, resultando em uma produção coletiva, que ganha forma na aposta de corpos-clínicos sensíveis, ao mesmo tempo em que nos abrimos a novos questionamentos, caminhando para continuar o percurso. Ao acolher as mudanças que surgem como demanda em nosso processo elaborativo, como

acidentes que nos acometem, tornamos possível que a pesquisa se crie enquanto é pesquisada, corporificando o cuidado que atribuímos ao fazer clínico, também, numa dimensão sensível da formação. Nos fazendo co-criar um corpo-coletivo capaz de emergir, mesmo diante de uma inesperada pandemia, reafirmando por meio das próprias dobras metodológicas, o eixo fundamental da trajetória científica dessa pesquisa; A formação de uma corporeidade sensível para o cuidado clínico.



Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: Educação para a vida: Suicídio na Adolescência e Vulnerabilidades Sociais

Autores: Luciana Gageiro Coutinho; Paula Fonseca Regufe

Departamento/Unidade/Laboratório: Faculdade de Educação- SFP

INTRODUÇÃO:

O trabalho apresenta parte do projeto de pesquisa intitulado “Educação para a vida: Suicídios na Adolescência e Vulnerabilidades Sociais” que vem sendo realizada na Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense desde o início de 2019. Observou-se nos últimos anos um crescente número de suicídios, que, segundo os dados da Organização Mundial da Saúde (OMS), consiste na segunda principal causa de morte entre jovens de 15 a 29 anos. No Brasil, a curva de casos encontra-se em franca ascensão e, no período entre 2000 e 2016, teve uma alta de 73%, sendo registrado maior crescimento também em jovens e idosos.

Diante desse contexto, a pesquisa busca estudar o impacto que a problemática do suicídio na adolescência vem trazendo para as instituições educativas e de saúde. Tem como objetivo interrogar, na interface entre psicanálise e educação, o que o agir suicida que prolifera entre adolescentes pode dizer sobre o estado do laço social vigente no seu entorno, compreendendo de que modo a relação com a instituição de ensino toma parte no desamparo experimentado na adolescência e como as condições de vulnerabilidade social em que se encontram muitos dos jovens se articulam aos impasses no laço social e seus efeitos psíquicos

Utilizamos o recurso metodológico da pesquisa intervenção, fundamentada nos pressupostos teóricos da psicanálise. Apresentaremos por ora o estudo exploratório realizado em escolas da rede pública do estado do Rio de Janeiro, para o qual nos inspiramos no guia “Reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar” produzido pela Flacso/Brasil, realizando as oficinas com turmas do 9º ano do ensino fundamental ao 3º ano do médio.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A adolescência é definida por si só como um momento de desamparo, onde há uma queda dos referenciais infantis, cabendo ao sujeito adolescente buscar novos ideais nos quais ancorar seu narcisismo. É nesse contexto que a vida escolar assume importância na adolescência. Como observa Freud em 1914, os laços que se dão na escola, seja com professores, seja com os pares, são tão ou mais responsáveis pelos novos caminhos da pulsão quanto aquilo que se aprende em aulas ou disciplinas. Dito isso, é importante pensar como as condições sociais, também presentes na rede educativa tomam parte no trabalho psíquico da adolescência.

Nas oficinas realizadas com as turmas foi possível observar, a partir da dinâmica “troca de um segredo”, que os adolescentes puderam

expressar seu desamparo, seja pelo silêncio, pelo afrontamento ou pela sua expressão em palavras nos segredos compartilhados. Neste sentido, os segredos escritos por estes adolescentes trouxeram temas que puderam ser agrupados pela equipe da pesquisa do seguinte modo: 1) Desamparo em relação às condições materiais da escola; 2) Desamparo por não se sentir acolhido pela escola e seus representantes; 3) Desamparo na relação com seus pares; 4) Expressões do desamparo em sentimentos.

CONCLUSÕES:

Pode-se concluir que os segredos expressaram o desamparo dos adolescentes, referido aos impasses no laço social experimentados por eles, tanto na dimensão da infraestrutura da escola, quanto na relação com os professores e também com os outros alunos enquanto semelhantes. Foi notório que certas condições de vulnerabilidade social tomam parte naquilo que os jovens puderam expressar. Ao se considerar as questões sociais e os conflitos que emergiram, percebe-se um mal-estar atrelado aos laços alteritários na escola e ao sentido de pertencimento social que intensifica o desamparo dos adolescentes.

Através dos segredos sobre as condições materiais da escola os adolescentes puderam falar da falta de acolhimento que sentem pelo espaço e por seus representantes e o quanto isso os afeta numa dimensão psíquica. Mesmo diante dos impasses, alguns adolescentes conseguiram criar estratégias para lidar com seu desamparo e aproveitaram o espaço da oficina para experimentar novos

modos de estar no coletivo, marcados pelo laço com o outro enquanto semelhante, seja falando de suas próprias questões, seja oferecendo apoio e conselhos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BRASIL. Ministério da Saúde. Suicídio. Saber, agir, prevenir. Boletim epidemiológico. Brasília, v. 48, n. 30, 2016.

FREUD, Sigmund. Algumas reflexões sobre a psicologia escolar. Obras Completas de Sigmund Freud, ESB, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1976/1914.

GUIA PARA DIRETORES E PROFESSORES: reflexões e práticas sobre violência e convivência escolar. Rio de Janeiro: Flacso Brasil, v. 1, p. 71-73, 2018.

AGRADECIMENTOS:

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico-CNPq, com o auxílio financeiro dentro do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica- PIBIC.

À Prof. Dr. Luciana Gageiro Coutinho pela coordenação e orientação do projeto.

À Faculdade de Educação- SFP da Universidade Federal Fluminense pela parceria e pelo apoio

Imagem 1: Imagem PIBIC





Grande área do conhecimento Ciências Humanas

De Moedas e Reis: novas perspectivas através de tecnologias 3D para escolas no Brasil

Clara Ferruccio Rainho, Juliane Santos Machado, Adriene Baron Tacla

Instituto de História/ Departamento de História/Núcleo de Estudos sobre Representações e Imagens da Antiguidade

INTRODUÇÃO: Moedas são os primeiros artefatos de produção em massa e tiveram amplos usos políticos na antiguidade. Rompendo com interpretações difusionistas e chamando atenção para um possível processo de globalização na antiguidade, mostramos como imagens e artefatos são utilizados para criar biografias pessoais, status e poder individualizados. Nosso projeto visa levar à educação básica os vários usos desses artefatos monetários, considerando as interações entre as populações desde o Mediterrâneo oriental até as Ilhas Britânicas, a partir dos tipos monetários escolhidos como amostra. Nesse projeto de colaboração de pesquisa entre a UFF e a Universidade de Exeter, pesquisas sobre realças e cunhagens da antiguidade são associadas a tecnologias 3D para visualização digital de artefatos monetários.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Os usos da biografia e suas limitações foram explorados através de diferentes textos que abordavam a biografia como um todo e seu posicionamento dentro da academia e na história, com o intuito de entender como personalidades históricas têm relevância na economia do mundo antigo especialmente no que se refere à cunhagem de moedas. As discussões de textos que abordavam o ensino associado à tecnologia também foram de grande importância para entender como a aplicação de TICs em sala de aula seriam capazes de melhorar o entendimento e a compreensão de assuntos menos acessíveis aos alunos, ainda mais quando levamos em

consideração que algumas turmas com as quais trabalhamos não contam com museus em suas respectivas cidades. Os conteúdos do website foram elaborados junto com a orientadora e a equipe de Exeter, desenvolvendo um esboço de sua arquitetura e da disposição dos tópicos. Foram selecionadas as imagens para ícones e foram feitas também as fichas em XML para cada artefato. As imagens em RTI já foram todas processadas, os modelos 3D estão sendo concluídos e também já convertimos os arquivos para WebRTI (para uso no site). Deste modo, garantimos o aproveitamento dos dados levantados tanto pelo alto detalhamento das imagens e definição das superfícies possibilitados pelo RTI. O website do projeto, a ser hospedado na Universidade de Exeter, contará com as informações de cada peça, imagens em formato .rti, afora os materiais didáticos para alunos e professores. Diante disso, questionários foram idealizados para a melhor compreensão dos usos da biografia e da numismática em sala de aula, para serem aplicados em dois momentos – antes e depois da entrada nas escolas, para alunos e professores. Mediante o resultado obtido no primeiro questionário aplicado, fez-se necessária a análise do material didático de 4 editoras: Saraiva, Scipione, FTD e Moderna, em um total de 13 livros avaliados. Dividida em duas etapas (catalogação de dados e preenchimento de questionário), pode-se observar a abordagem do conteúdo referente a Antiguidade e em relação aos tópicos relacionados a esse projeto, verificando inclusive, se esses tópicos são desenvolvidos

ou não pelos livros didáticos. Na sequência também foi feito o levantamento documental e de imagens para a construção das narrativas, sobretudo imagens de objetos (cultura material), sítios arqueológicos, mapas e plantas; esse material contribui para compreensão das narrativas das personalidades e cidades presentes nas cunhagens utilizadas no projeto, que futuramente estarão disponíveis para os professores através da plataforma Timeline. Ademais, foram iniciadas as oficinas com as escolas parceiras. Em virtude da COVID-19, somente uma das oficinas previstas pôde ser realizada. No Colégio Pedro II (unidade Barreto - Niterói), onde em parceria com o professor de Física da unidade, demonstramos o modo como a prática da técnica de Highlighted RTI pode potencializar o estudo da antiguidade tanto quanto o aprendizado de ótica.

CONCLUSÕES:

Ainda que as oficinas nas escolas tenham sido suspensas devido ao contexto geral da pandemia, é possível afirmar com segurança que os objetivos propostos pelo projeto (capacitar os graduandos envolvidos e promover a troca de saberes entre as esferas da universidade e da educação básica) além da divulgação e preservação de patrimônio foram alcançados. Com a oficina realizada, vimos que a associação entre tecnologia e ensino de física e de história antiga não apenas mostrou aos alunos outras formas de trabalhar com a ciência e com o passado, mas sobretudo facilitou o aprendizado dos conteúdos dessas disciplinas e lhes apresentou novas formas de proteção e de preservação de patrimônio histórico. A análise dos livros didáticos e dos questionários aplicados demonstrou que o uso da biografia e da numismática ainda seguem uma visão de história política aos moldes de uma história de “grandes homens”.

Com os produtos desse projeto, vimos, ao invés, traçar uma perspectiva diferente, onde temos biografias de indivíduos, mas também de objetos entrelaçadas. Ou seja, onde os objetos nos auxiliam na compreensão desse passado.

A associação entre tecnologia, pesquisa e ensino de história antiga (no campo das humanidades digitais) amplia o alcance da produção acadêmica e sua divulgação para a sociedade, tanto quanto investe na preservação

do patrimônio cultural antigo em formato digital. Assim, ao aplicarmos TICs para a produção e divulgação desses resultados, trazemos para o contexto brasileiro um novo formato de acesso a artefatos antigos e a materiais didáticos, que no contexto da COVID-19 se torna cada vez mais necessário.

Agradecimentos:

Gostaríamos de agradecer, primeiramente, a todos que apoiaram nossa decisão por cursar História na UFF, curso que aprendemos a amar tanto pela qualidade das aulas e eventos acadêmicos, quanto pelos amigos e professores zelosos que cruzaram nossa jornada até agora. Igualmente, agradecemos o incentivo do CNPq e da FAPERJ à pesquisa na graduação e à British Academy que apoiou esse projeto.





Ciências Humanas

HISTÓRIAS QUE NÃO SE OUVEM: investigações acerca do estatuto político dos modos de subjetivação contemporâneos

Ana Cabral Rodrigues, Isadora de Almeida Dutra

Departamento de Psicologia/ICHS/LALICS-GPDU

INTRODUÇÃO:

Pela análise de territorialidades urbanas, sustentamos uma investigação teórico-prática de caráter transdisciplinar sobre o conceito de subjetividade, sobretudo ao aferi-lo, pelos nossos caminhos de pesquisa, como conceito ético e epistemologicamente capaz de recolher incidências da alteridade, que nos tem auxiliado na construção de subsídios metodológicos a novas formas de intervenção psicológica, em especial no que diz respeito às políticas cotidianas de produção de modos de existência.

Ao apostarmos na noção inventiva (e disputada) de subjetividade, recusamos as pretensões dos supostos modos mais originais ou mais dignos de existência, esquivando-nos de uma via restaurativa, lamuriosa ou saudosista de modos que presunçosamente se arrogam mais autênticos de narrar. É por este movimento que sustentamos aquilo que denominamos estatuto político da subjetividade,

ao qual tomamos como objeto nesta pesquisa. Inscrever tal objeto na problemática da narrativa, significa, em primeira instância, compreender que o declínio – e não a decadência! – das artes de contar histórias entretidas na matéria da vida e na memória comum aponta – sob uma postura radical e assumidamente moderna – para o entendimento de que as tessituras dos modos de existência não se sustentam por si só, mas são regidos pelas práticas e políticas cotidianas. É preciso reconhecer, em suas feitura minúsculas, estas políticas no tempo de agora e evidenciar seus efeitos. E, ainda – em termos operacionais desta pesquisa –, tomar tal objeto assim inscrito significa constituir caminhos narrativos para aquilo que, no cotidiano, em meio à práticas de violência, emerge como fiapos de histórias.

Criar estes caminhos narrativos tem consistido, pois, em dizer subjetividade através dos usos de histórias balbuciadas, entrecortadas. E – não exatamente a despeito desta precariedade mas, a propósito dela – narrar tropeçadamente histórias que não se

ouvem. Que, se assim são denominadas, não o são por passarem despercebidas nas velocidades do cotidiano, e sim porque delatam uma perda de lastro do arcabouço cultural que poderia mediar uma experiência comum a convocar os ouvidos e a atenção daqueles que ali se veriam então enredados; e porque, neste mesmo sentido da perda de uma territorialidade comum entre várias e singulares vidas, reiteradamente não se reconhece que uma história ali está sendo contada, que um modo de dizer subjetividade ali está em disputa, que vidas anseiam, ali, dizerem-se em sua dignidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A investigação do conceito de subjetividade a partir da “palavra cidade”, tomada como dispositivo analítico e de intervenção, é aquilo que tem dado maior precisão e singularidade ao projeto em desenvolvimento. Inclusive inscrevendo-nos a cada dia de maneira mais evidente e contundente no debate do Direito à Cidade por uma abordagem inovadora e igualmente fundamental ao campo psi.

As oficinas que realizamos no escopo desse projeto durante sua história constituem nossos modos de dizer cidade e subjetividade, e não apenas como momentos ou espaços para “ouvir” ou capturar os sentidos alheios que perfazem o cotidiano urbano. Isso é fundamental para a compreensão daquilo que realizamos e no modo como compreendemos a indissociabilidade entre pesquisa e política.

Trata-se, em outros termos, do fato de que nosso percurso de construção metodológica coloca em jogo a compreensão de que o trabalho de pesquisar é inarredavelmente um ato de intervenção. O que, em última análise significa compreender a metodologia das oficinas como um modo singular de sustentar nossa implicação no campo, de fazer ver e falar a presença de nossos corpos no campo - constituindo-o, disputando-o nas lutas discursivas cotidianas pelos sentidos de cidade e subjetividade.

Ao longo do tempo a pesquisa começou a experimentar algumas variações em seus modos de "oficinar", desenvolvendo paulatinamente uma estratégia metodológica a partir de uma de suas oficinas realizadas em 2019, na qual utilizamos um pano como suporte plástico e estético de um dispositivo de atualização de tais disputas discursivas. O método do PANO - como passamos a denominar - encontra-se dentro de todo o princípio metodológico calcado na construção da problemática da narrativa e da produção de fragmentos urbanos, conforme propõe o projeto submetido ao PIBIC desde seu primeiro ano de financiamento. Entretanto, a simplicidade e a capacidade desse dispositivo em específico de fazer ver e falar em nós e nos outros corpos tais disputas mostrou-se deveras promissoras. Assim, este projeto reafirma seu potencial de construtor de subsídios analíticos e metodológicos ao campo e interfaces. O método do PANO transformou-se num dos principais produtos que desenvolvemos nestes dois semestres de trabalho, atentos, inclusive, ao quanto a pesquisa, com isso, pode articular-se

efetivamente e mais contundentemente aos projetos de extensão com quem realiza parcerias.

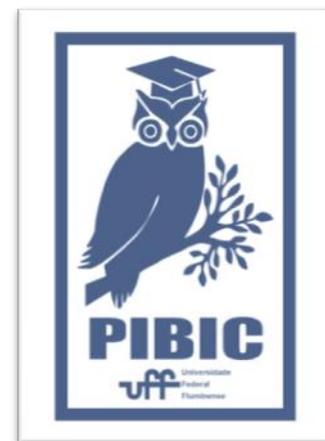
Trata-se, em termos amplos, de um dispositivo de narratividade, de um dispositivo de fazer-Com, que oferece subsídios corporais-coletivos que incidem na construção daquilo que é indispensável ao direito à cidade: a liberdade de fazermos e refazermos a nós mesmos e a nossas cidades.

CONCLUSÕES:

Por conta da Pandemia vimo-nos instados a revisitar fundamentos do projeto de modo a poder sustentá-lo em sua reinvenção inescapável. Apontam-se estratégias profícuas nesse momento que precisam ser amadurecidas. Bem como revisitações a conceitos como os de "corpo" - tão central neste trabalho - e que não podem dizer simplesmente de uma ausência ou falta na experiência presente da realização do projeto: é preciso dizer dos corpos, das presenças, das performances por aquilo que, na singularidade desse momento, se ilumina como precisão, acurácia e pertinência de cada conceito-ferramenta.

AGRADECIMENTOS:

Ao CNPq pelo financiamento de bolsa PIBIC





Ciências Humanas

**DA SELEÇÃO DE ASPECTOS RELEVANTES: UM ESTUDO
SOBRE A COMPREENSIBILIDADE DO SIGNIFICADO NÃO
CODIFICADO**

Nicole Beck Grehs Silva Maria (aluna)

Diogo de França Gurgel (orientador)

Departamento de Filosofia (GFL) / ICHF / UFF

INTRODUÇÃO:

A pesquisa em questão perseguiu o objetivo de elucidar o conceito de contexto conforme estabelecido por certos autores da Pragmática Moderna no campo dos estudos em Filosofia da Linguagem, e das Ciências Cognitivas. A proposta, em um primeiro momento, envolveu a busca pela determinação dos fatores que, no processo de compreensão de um proferimento, constituem a estrutura contextual nas situações conversacionais. Em um segundo momento, a proposta se redirecionou para a tentativa de compreender como o contexto pode ser percebido, a partir do entendimento do funcionamento da cognição humana. Nesta etapa, examinamos a hipótese enativista de contexto ou situação, segundo a qual a cognição é admitida como um sistema dinâmico de interação, que envolve tanto elementos do cérebro quanto do corpo e do ambiente.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A maioria dos autores no âmbito da Pragmática admitem que a dependência contextual é um dos fatores determinantes para a compreensão de proferimentos. No entanto,

dificuldades aparecem na tentativa de traçar critérios precisos para a determinação do contexto de um proferimento. Nosso procedimento de análise foi, em um primeiro momento, explorar a Teoria da Relevância, de Deirdre Wilson & Dan Sperber. Investigamos, assim, sua proposta de uma seletividade de contextos, que ocorreria na cognição humana durante o processamento de informações, a partir de uma expectativa de relevância nos proferimentos.

Em um segundo momento, ao longo do amadurecimento da pesquisa, exploramos a hipótese enativista de contexto, analisando, principalmente, considerações dos autores fundadores do enativismo (Eleanor Rosch, Evan Thompson e Francisco J. Varela) e a teoria enativista, mais recente, de Alva Noë. Para os enativistas, podemos falar em contexto, ou situação, como algo que se dá apenas a partir da relação inseparável entre organismo e ambiente, sendo essa relação constitutiva da percepção e da cognição humana. Nessa nova guinada, abandonamos a noção de Wilson & Sperber de cognição como um aparelho de processamento no modelo computacional, que opera a partir do processamento de *inputs* e

outputs, e adotamos o modelo enativista de cognição corporificada, em que o conteúdo perceptual se constitui através da relação cérebro-corpo-ambiente. Levantando, assim, a hipótese de uma cognição contextualmente dependente, que se constitui não apenas a partir de conteúdos mentais sobre o mundo, mas depende da relação direta entre o indivíduo e suas atividades no mundo. Dessa forma, a cognição é determinada pelo engajamento dos indivíduos em certas atividades, e são essas atividades que orientam a lida com o mundo.

CONCLUSÕES:

Podemos afirmar, a partir da comparação e exame das hipóteses levantadas, que a Teoria da Relevância assume o modelo computacional de cognição, propondo o contexto como algo determinado de forma interna ao cérebro. Vimos, no decorrer da pesquisa, que os autores enativistas propõem uma nova concepção de cognição, na qual a mente não pode ser reduzida somente a processos neuronais internos. Segundo a concepção enativista, não há eventos que isolem os organismos de seus ambientes, nem os ambientes podem ser separados dos organismos que os percebem. Apenas o que há é a situação, em que organismo e ambiente se relacionam através de suas *affordances*, que são as disponibilidades do ambiente em relação ao organismo e do organismo em relação ao ambiente. A situação não pode ser explicada nos termos de um organismo que é posto em um ambiente, mas sim, a situação é a própria relação organismo-ambiente, de forma que a situação inclui o sujeito da experiência. Dessa forma, concluímos que a cognição é

contextualmente dependente. A mente e o mundo só emergem a partir das relações entre cérebro, corpo e ambiente, e a cognição funciona apenas de forma situada. Só temos a percepção do ambiente a partir das propriedades objetuais que nos são ofertadas, e só acessamos o ambiente a partir de nossas habilidades de acesso. A relação organismo-ambiente é determinada por suas *affordances*, e é essa relação que determina as situações, assim como a percepção em geral.

AGRADECIMENTOS:

Gostaríamos de agradecer ao Grupo de Estudos em Representação Mental, e todos os alunos envolvidos nas discussões e leituras realizadas semanalmente no ano de 2020. Agradecemos, também, ao Professor Rodrigo Gouvea, que, em parceria com o orientador desta pesquisa, Diogo Gurgel, tem ministrado o Grupo de Estudos. Agradecemos, por fim, ao CNPq, pelo financiamento da pesquisa.

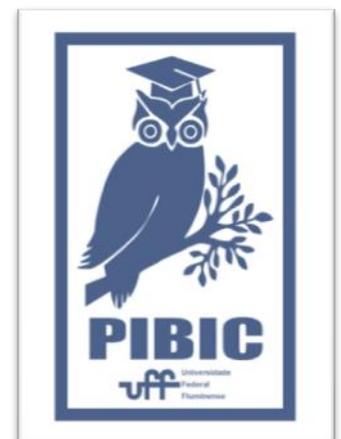


Imagem 1: Imagem PIBIC



Ciências Humanas

AS MARISQUEIRAS DO FAROL DE SÃO THOMÉ: UMA ETNOGRAFIA SOBRE AS ATIVIDADES FEMININAS E SEUS CONFLITOS NA PESCA ARTESANAL

Rhuana de Oliveira Lima

Departamento de Ciências Sociais/Instituto de Ciências da Sociedade e Desenvolvimento Regional

INTRODUÇÃO:

A atividade da pesca artesanal vem ganhando destaque no meio acadêmico, científico e social. No campo das ciências sociais, em especial na Antropologia Social, a pesca tem sido objeto de diversas pesquisas abordando temas como os conflitos ambientais, os conhecimentos naturalísticos, questões de gênero, as competências técnicas do saber-fazer e outros temas. A pesca tem permitido, portanto, uma reflexão sistemática e frutífera sobre as questões suscitadas pelo processo de mudança social.

Minha pesquisa é construída no povoado do Farol de São Thomé, no município de Campos dos Goytacazes. Situada a 54km da sede do município e com acesso pela Rodovia RJ – 216 (conhecida como estrada do açúcar), Farol de São Thomé é a única praia campista. A pesca é a principal atividade econômica local e nela estão inseridos os homens, que a exercem diretamente, e as mulheres (as chamadas “descascadeiras” ou “marisqueiras” da localidade) que atuam, sobretudo, no processo de limpeza e venda do pescado. Os rendimentos das marisqueiras não são fixos, sua renda depende da quantidade de camarão

limpo que conseguem disponibilizar. Suas atividades são parcialmente paralisadas no período de defeso, previsto pelo IBAMA para permitir a reprodução dos peixes. Nesse período, o governo oferece o Seguro Defeso, um auxílio para garantir alguma renda aos pescadores.

Em 2003, o governo federal introduziu o Seguro Defeso como um auxílio temporário pretendendo remunerar com um salário mínimo os pescadores artesanais cadastrados no programa. Estima-se que mais de 600 mulheres trabalhem em atividades ligadas à pesca no Farol de São Thomé, no entanto, menos de 200 delas são contempladas com os auxílios governamentais.

A falta de garantia de direitos por parte do governo é um dos principais problemas enfrentados pelas marisqueiras, mantendo assim o monopólio de discurso da prefeitura, restando a elas o papel de coadjuvantes.

A partir disso, esta pesquisa apresenta os conflitos vivenciados pelas marisqueiras na pesca artesanal praticada no Farol de São Thomé, discutindo temas como gênero, conflito e trabalho.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Os primeiros seis meses de pesquisa foram de estabelecimento de relação, quando diversas dificuldades foram enfrentadas. Nesse período, busquei criar laços com as marisqueiras, mostrar confiança e interesse por elas. Em minhas conversas consegui informações sobre escolaridade, estado civil e a tentativa da construção da árvore genealógica de cada uma delas.

Após os primeiros seis meses, entre visitas espaçadas às marisqueiras, pude perceber como a pandemia as afetou e como sua atuação se faz necessária dentro e fora da pesca.

CONCLUSÕES:

Ao iniciar o campo, busquei perguntas sobre um conflito que depois de um melhor estudo de caso me trariam o questionamento sobre a importância, manutenção e longevidade da marisqueiras dentro da pesca. Pude perceber que as marisqueiras são agentes ativas na pesca, compreendida em sua totalidade, merecendo assim devido reconhecimento social e civil.

Diversos problemas - como desigualdade de gênero, divisão de trabalho, preconceitos, falta de representatividade e a falta de acesso ao seguro Defeso - enfrentados pelas marisqueiras resultam do não reconhecimento da sua participação direta na pesca.

Incluir a pandemia na pesquisa, que no início pareceu um obstáculo, foi fundamental para obter novos resultados e conteúdos

necessários para minha discussão. Pensar em novos problemas vividos como o medo do contágio e o fim do auxílio emergencial pois o recebimento do auxílio substitui a renda do camarão, que nesse período está em baixa, se tornando sua principal fonte de renda.

AGRADECIMENTOS:

De início agradeço à Universidade Federal Fluminense por proporcionar todas teorias e discussões necessárias e a oferta de oportunidades que pude desfrutar. Agradeço à PROPPI por financiar minha pesquisa através do PIBIC, o que me proporcionou momentos indescritíveis, além do programa garantir a produção acadêmica em um momento delicado e inconclusivo. Agradeço ao Atelier de Etnografias e Narrativas Antropolíticas (ATENA), grupo de pesquisa ao qual faço parte, pelas opiniões, dores e alegrias compartilhadas. Por fim, agradeço imensamente ao meu orientador Carlos Abraão Moura Valpassos por sempre ser ouvinte, por seus ensinamentos, conselhos, críticas, e conversas informais que agregam a mim como pessoa e aluna.





Ciências Humanas

“A reinvenção da zona portuária do Rio de Janeiro: fundamentos da neoliberalização urbana no âmbito do Projeto Porto Maravilha”

Vicente Brêtas Gomes dos Santos

Departamento de Geografia (Niterói) / GECEL
(Grupo de Estudos Cidade, Espaço e Lugar)

ODUÇÃO:

A noção de neoliberalização urbana refere-se a um conjunto de práticas que difundidas por meio de modelos institucionais codificados (BRANDÃO, 2017) que a partir dos anos de 1980 passaram a ser implementadas por diferentes administrações municipais ao redor do mundo. Na esteira desse fenômeno, o setor privado ganha primazia na orientação das políticas públicas, fazendo surgir as cidades enquanto empresas e/ou mercadorias por meio do planejamento urbano estratégico (VAINER, 2002). Iniciado em 2009, o Projeto Porto Maravilha, que incidiu sobre os bairros portuários do Rio de Janeiro, é uma das mais claras expressões da neoliberalização urbana no Brasil (MONTEIRO, 2020). O projeto buscou “reinventar” uma região tida como estagnada e degradada, fazendo surgir um novo polo de turismo e consumo cultural além de inserindo-a ao circuito imobiliário financeirizado global.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A pesquisa buscou investigar os impactos do Projeto Porto Maravilha no território e, um dos

INTR

subprodutos de nossos esforços foi de cartografar a nova geografia da zona portuária conformada após uma década de intervenções urbanas. O resultado é que as realizações do Projeto Porto Maravilha foram extremamente seletivas: numa área de 5 milhões de m², o setor circundante à Praça Mauá concentrou a maiorias dos investimentos, enquanto os setores residenciais populares foram desconsiderados pelos promotores do projeto. Este resultado denota uma radicalização dos contrastes numa cidade já marcada por uma profunda diferenciação socioespacial. A partir da aplicação de questionários, somados a visitas de campo, foi produzido o Mapa 1 que serve como diagnóstico da estrutura espacial da zona portuária no contexto atual.



Mapa 1 Diagnóstico da estrutura espacial da zona portuária e tipologia. (elaboração própria)

A partir do aporte teórico de Santos (1996) sobre a constituição de espaços luminosos – que abrigam a racionalidade do mercado e abrigam os capitais – e os espaços opacos – indesejados pelo capital e relegados às populações vulneráveis – propomos 5 tipologias espaciais, relacionadas a seguir:

Espaço luminoso

Compreende os arredores da Praça Mauá, área efetivamente transformada pelo Projeto Porto Maravilha e onde há grande densidade de equipamentos culturais e de lazer – tais como o Museu do Amanhã, o Museu de Arte do Rio, o Boulevard Olímpico, o Aquário do Rio (AquaRio) entre outros; nele, o policiamento é constante, há maior densidade de câmeras de vigilância e as clivagens socioeconômicas e raciais definem quem pode transitar sem receio de embargos; trata-se de uma área concebida em função do consumo no qual as experimentações espaciais são condicionadas e dirigidas.

Espaço opaco

Nele está a imensa maioria das habitações e comércios de pequeno ou médio porte do perímetro do projeto; foi muito pouco afetado pelas melhorias urbanísticas da última década, sendo caracterizada pelos usos populares do espaço – representados por cortiços, comércio informal e favelas, tais como os morros da Providência e do Pinto; é o lócus da socialização aproximativa e da criatividade autêntica, não-programada e onde germinam e florescem manifestações político-culturais autênticas, estabelecendo um polo de contra-

racionalidades frente às imposições das lógicas de mercado.

Espaço à deriva

Espaço à espera do aporte de novos investimentos e que guarda estoque fundiário em desuso na zona portuária; em função do grande volume de terrenos e estruturas pertencentes ao poder público e da proximidade com vias estratégicas de circulação, essa área havia sido selecionada como aquela que comportaria grande parte dos empreendimentos imobiliários, em especial arranha-céus de alto padrão; entretanto, os entraves enfrentados pelo projeto frearam a transformação: nessa zona há um conjunto significativo de canteiros de obra paralisados, servindo como uma espécie de símbolo do “fracasso” do Porto Maravilha; pode-se afirmar, de certa forma, que esta é uma zona também marcada pela opacidade.

Espaço previamente dinamizado

Definido pelo vértice entre as Avenidas Presidente Vargas e Rio Branco, essa zona já havia sido introduzida no circuito de valorização imobiliária da cidade em função de sua proximidade com o *central business district* carioca; é uma área significativamente integrada às dinâmicas do restante do Centro da cidade, contando com expressivo número de edifícios de escritórios e atividade comercial.

Espaço dos fluxos

Onde estão contidos pontos nodais da mobilidade e da circulação na cidade; por ligar o centro aos subúrbios e demais municípios da região metropolitana, uma grande parcela do

uso do solo na zona portuária é dedicada a esta função, tais como a estação de trem/metrô da Central do Brasil (a mais importante da cidade) e a Rodoviária Novo Rio.

também à PROPPI-UFF e ao CNPQ pelo apoio na forma de financiamento.

CONCLUSÕES:

A introdução de um receituário neoliberal de produção do espaço urbano opera por meio da seletividade espacial e implica a disseminação de objetos técnico-informacionais e a normatização de condutas e formas de apropriação. Constatou-se que o Projeto Porto Maravilha, concebido para integrar a zona portuária ao restante da malha urbana, acabou por intensificar a fragmentação socioespacial da cidade. Antes do projeto, os bairros portuários eram definidos como “vazios” e “degradados” e, portanto, um espaço opaco. As intervenções prometiam, por um lado, melhorias nos espaços de vida da população vulnerável da zona portuária e, de outro, uma redinamização econômica da área. A segunda promessa prevaleceu, reproduzindo o padrão espacialmente seletivo identificado com a racionalidade neoliberal. Nesse sentido, grandes projetos urbanos como o Porto Maravilha comprometem-se com uma “reinvenção” do espaço que apenas confirma a sua colonização pela racionalidade de mercado hegemônica.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço aos membros do GECEL, em especial a professora Ester Limonad, João Carlos Monteiro e a Gabriel Figueiró. Agradeço



Grande área do conhecimento: História da América
Título do Projeto: UMA PEQUENA DIVERGÊNCIA?
MERCADO FUNDIÁRIO E MERCADO DE CAPITAIS NO
BRASIL E NA ARGENTINA, 1870-1890.
Autores: Jean Lucas Ramos Veloso – Bolsista / Tâmis
Parron - Orientador

Departamento/Unidade/Laboratório: Departamento de História, Instituto de História, no âmbito do Núcleo de Estudos sobre História Comparada Mundial (COMMUN)

INTRODUÇÃO:

Este projeto refere-se à pesquisa sobre a formação de desigualdades globais com foco na interação entre mercados fundiários locais (no Brasil e na Argentina) e o mercado de capitais nas últimas décadas do século XIX. Sua intenção é mapear e entender os impactos das oscilações operadas pela transformação do capitalismo internacional – principalmente em respeito à capacidade de investimento em capital fixo – sobre possibilidades de captação de recursos no mercado de capitais e seus impactos na condução política de dois Estados nacionais distintos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Na Argentina, as políticas nacionais foram criadas visando o estímulo à imigração a partir da reconversão da terra em atrativo direto aos fluxos de mão-de-obra. Lá, diferente do Brasil, a propriedade seria estimulada e repartida para quem chegasse ao país visando a colonização produtiva. Apoiados numa posição geopolítica minimamente confortável aos investimentos

britânicos no país, o Congresso nacional aprovou a principal lei de imigração na tentativa de driblar a crise mundial de 1873 e atrair novas inversões. Já no Brasil, a situação foi diferente. Devido à manutenção da instituição escravista, principalmente no complexo econômico-geográfico cafeeiro do Centro-Sul do país, políticas de estímulo à aquisição da propriedade por parte dos imigrantes foram rechaçadas veementemente. A pequena propriedade privada não fora estimulada, os fluxos de mão-de-obra imigrante livre não foram atraídos e a estrutura econômica nacional não sofrera grandes alterações. Desta forma, o seguinte período que se iniciaria, com a chegada do Gabinete Sinimbú, imporá ao país uma série de problemáticas trazidas desde anos anteriores.

Na década seguinte, os movimentos históricos de ambos os países convergiram. Na Argentina, as elites estancieras atuaram para controlar os bancos provinciais e os títulos hipotecários, além das emissões monetárias. Com este controle, conseguiram criar um movimento de especulação no mercado fundiário, elevando o preço das terras e controlando-as a partir da emissão de títulos de propriedade. Com o

processo de expansão territorial iniciado pelo Estado nacional, estas elites controlaram as novas propriedades abertas à exploração e puseram empecilhos à continuidade da imigração espontânea ao país. No entanto, observando o Brasil, tiveram de moldar novas políticas de atração de imigrantes que não passassem pela repartição agrária em pequenas propriedades, mas pelo pagamento feito pelo Estado às passagens de europeus livres.

No Brasil, a elite cafeeira do Centro-Sul agiu rapidamente diante de um novo governo liberal que colocara no centro da discussão a abolição da escravidão. Organizados na província e no Parlamento imperial, moldaram políticas de subvenção à imigração que afastasse qualquer debate sobre repartição de terras e sua reconversão em títulos de captação de recursos no mercado de capitais a partir de sua demarcação e divisão. Desta maneira, foram capazes de passar leis provinciais e nacionais que estabelecesse uma enorme atuação dos governos na compra de passagens de imigrantes europeus.

CONCLUSÕES:

Desta maneira, o que vimos foi um processo inicial de divergência, seguido por uma convergência. Envolvidos numa gigantesca disputa por recursos escassos, a Argentina e o Brasil iniciariam caminhos distintos que levaram a situações parecidas: uma intensa concentração fundiária no final da década de 1880, um novo Estado controlado por esta elite latifundiária e uma situação de aprofundada

dependência do capital estrangeiro para realizar medidas de estímulo à produção nacional. Observando um ao outro, as elites de ambos os países foram capazes de promover medidas organizadas que fossem capazes de emperrar ou desestimular desenvolvimentos locais ou nacionais que poderiam ter aliviado situações de desigualdade nacionais face às assimetrias históricas globais.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço à Universidade Federal Fluminense pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC), que me permitiu crescer enquanto pesquisador em um país marcado pela desvalorização da Ciência. Agradeço, também, ao meu orientador Tamis Parron, professor e colega que me guiou como um verdadeiro mestre. Meus últimos agradecimentos aos meus companheiros da Universidade, que me apoiaram nos dias mais difíceis.





Ciências Humanas

**TRANSFORMAÇÕES NAS INFRAESTRUTURAS
URBANAS E NAS FORMAS DE MORADIAS INDUZIDAS
PELAS OBRAS E EXPECTATIVAS ASSOCIADAS AO
COMPLEXO PETROQUÍMICO DO RIO DE JANEIRO
(COMPERJ)
NO LESTE FLUMINENSE.**

Stefany Ciolfi de Souza

Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais - ICHF

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho contribui para o debate existente sobre as transformações de moradia induzidas por mega empreendimentos econômicos. Enfoco especificamente no caso do Complexo Petroquímico do Rio de Janeiro (Comperj). O empreendimento iniciou seu processo de construção em 2008 no município de Itaboraí, um dos municípios mais pobres da região metropolitana do estado do Rio de Janeiro. No cenário da região, tido como “atrasado” ou “estagnado” (Bezerra, 2015) se pretendia instalar esta grande obra que prometia ampla geração de empregos formais e desenvolvimento “urbano” produtivo.

A expectativa analisada surge da promessa de inserção da cidade na dinâmica de *movimento*, no sentido utilizado por Guedes (2015). Considero a presença de milhares de trabalhadores do Comperj vindos de outros estados. Chegam, também neste período, famílias de outras cidades do Rio de Janeiro buscando vivenciar o “desenvolvimento” produtivo. Além da população periférica já residente em Itaboraí.

Dito isso, observo como o setor imobiliário marca presença potencializando e reafirmando expectativas através da oferta de

um amplo cenário do que seria uma cidade *moderna*. Anos depois, porém, as obras são paralisadas, provocando oscilações políticas e econômicas, bem como rupturas nos sonhos e expectativas quanto ao processo de “desenvolvimento” e de “melhora”. A atual pesquisa se insere na tentativa de capturar estratégias de “*avivamento*” das expectativas através das transformações que estes indivíduos enfrentam nos últimos anos na região do Leste Fluminense e, sobretudo, observar construções com novos modelos que engendram novas formas de sociabilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Nesta busca, traço uma série de movimentações repletas de simbolismos. Uma das principais linhas de *movimentos* foi a mudança de endereço. Neste momento, tento compreender porquê a mudança de endereço aparece como a melhor opção e como ela se relaciona com o ‘*vai-e-vem*’ das obras do Comperj. Para alguns moradores do bairro onde se concentra minha pesquisa, no distrito de Manilha, falas sobre espaços valorizados da cidade aparecem “como elemento

simbólico para construir a sua reinserção na cidade de forma menos estereotipada e como sujeitos de direitos (CONCEIÇÃO, 2014, pp 21).” Isto porque apenas alguns espaços estratégicos receberam parte da melhora de infraestrutura prometida.

Frente a isso, novos empreendimentos de moradia surgem como objeto em que se apoia um projeto de diferenciação espacial e moral dicotômica. Para que alguns moradores atinjam seus sonhos e expectativas ou sejam atendidas suas demandas por infraestrutura, é necessário estabelecer parâmetros morais que dividem indivíduos que mereçam moralmente ocupar espaços valorizados na cidade e, longe desses espaços, devem estar os indivíduos que irão personificar o “problema” da região.

Outro ponto de diferenciação que favorece os novos condomínios é o *status* jurídico da moradia e seu aspecto legitimador. Boa parte da região metropolitana sofre com o estigma de “área de risco” ou de regiões perigosas. A área de risco é um produto O *medo* é produzido através de *sites*, aplicativos de transporte e de entrega, públicos e privados, que vetam seus serviços sob esse argumento, operando como negação da cidade.

CONCLUSÕES:

As novas moradias assumem uma centralidade no meu trabalho uma vez que elas representam “o que restou” de materialidade dos tempos de promessas do Comperj.

Nesse contexto, vemos aparecer o setor de moradia e serviços como uma versão privada da cidade (CALDEIRA, 2000), onde cada novo empreendimento imobiliário tenderá a

anunciar como *serviço* um *direito* básico de existir, morar e se movimentar.

A partir deste projeto, acompanho a contribuição da narrativa comum do “medo” e do “perigo” como agentes na produção de uma “necessidade” ou de uma “realidade”. Existe, portanto, um discurso que “assenta” o terreno social e o prepara para a aceitação popular frente a essas novas moradias. O que me lembra as formulações trabalhadas por Butler em se tratando do estudo da linguagem, levando-a a concluir que não exista um ato fundador antes de um processo de repetição constante (BUTLER, 1990. pp. 213). Esse processo de repetição discursiva fixa identidades em sujeitos, como também fixa demandas e formas de atendê-las.

O argumento central afirmado aqui é de que, a não conformação do projeto inicial do Comperj não aniquilou sonhos e expectativas a ele associados. Essas expectativas, em vez disso, encontraram nas frestas das transformações concretas novas formas formas de se manterem vivas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

CONCEIÇÃO, W. S. *Minha casa, suas regras, meus projetos: gestão, disciplina e resistências nos condomínios populares do PAC e MCMV no Rio de Janeiro*. UERJ, Rio de Janeiro, 2016.

GUEDES, A. D. “*Construindo e estabilizando cidades, casas e pessoas*”. *Mana – Estudos de Antropologia Social*, v. 23, p. 403-435, 2017.

INCID. Dossiê “*A invisível cidadania dos trabalhadores e trabalhadoras do Comperj*”.

Instituto Brasileiro de Análises Sociais e
Econômicas (IBASE), Rio de Janeiro, 2015.

CALDEIRA, T. P.. *Cidade de muros: crime,
segregação e cidadania em São Paulo*.
Editora 34, 2000.



Ciências Humanas

Projeto: Memória e participação social de crianças e jovens quilombolas

Coordenação: Beatriz Corsino Pérez

Bolsista: Maria Bongiovani Marçal

Crianças e jovens quilombolas e o seu processo de ressignificação do corpo e do território

INTRODUÇÃO

Este trabalho traz resultados do processo de subjetivação de crianças e jovens da comunidade remanescente quilombola de Cafuringa, localizada no município de Campos dos Goytacazes - RJ, considerando suas relações com o corpo e o território. Conforme Souza (2015) a infância quilombola é marcada pela marginalização de sua raça e pelo lugar onde vivem. A colonização deu forma às hierarquias raciais, ao controle da natureza, ao sepultamento da originalidade da sua cultura e à epidermização da condição inferiorizada (Fanon, 2008), ideias que compõem o imaginário coletivo e são reforçados pela ausência de reparação. Entretanto, entendemos a infância como um local de potência através do questionamento das normatividades e de criação de novas possibilidades através de um contato com sua raça, etnia e território por uma perspectiva de valorização (Noguera, 2019).

RESULTADO E DISCUSSÕES

Visando com que crianças e adolescentes sejam pesquisadores de sua própria história e orientados por uma construção coletiva, nos embasamos em material teórico e metodológico que trate da infância negra quilombola numa perspectiva decolonial.

Foram realizadas, em 2019, oficinas quinzenais com cerca de trinta crianças e jovens, de 3 a 24 anos. Realizamos oito entrevistas com as pessoas mais velhas da comunidade, onde o grupo elaborou questões sobre a infância deles e as mudanças no território. As adolescentes as entrevistaram e os resultados foram discutidos em grupo, quando trouxeram os contos e as lendas locais. As crianças fizeram suas versões por meio de desenhos e da construção de novas histórias. Desenvolvemos algumas observações no território através dos sentidos, como uma forma de incluir as crianças pequenas também como pesquisadoras. A primeira foi “os bichos de Cafuringa”, em que investigavam onde eles estavam e desenvolveram teorias sobre como viviam. Houve a confecção do caderno de botânica, com pelo menos 23 exemplares de plantas com seus respectivos nomes e finalidades. Também houve um momento de percepção da comunidade por meio dos sons que captavam. Em uma oficina, lemos a história de Zumbi dos Palmares e algumas crianças comentaram sobre sua aparência, disseram que o achavam feio. Em outro momento, uma pesquisadora perguntou se a menina usava outras cores além do “rosa bebê” para representar a pele dos personagens que desenhava e a resposta foi negativa, pois,

para ela, aquela era cor “mais bonita”. Entretanto, a valorização de seu fenótipo também estava presente nas falas e produções das adolescentes que, por meio dos ensinamentos intergeracionais, trançavam o cabelo uma das outras e elegiam elementos do território para fazer suas rotinas de cuidados.

CONCLUSÕES

Diante dos resultados é possível notar valores da perspectiva colonial nas elaborações de crianças e adolescentes, onde a cor de pele e os traços negróides são preteridos e, por meio do desenho, é feita a tentativa de alcançar o “ideal de ego branco” (Santos, 1983), conforme suas projeções imaginárias. Esses episódios reforçam a necessidade de trabalhar a temática racial a fim de dar espaço para novas construções identitárias, e continuar incentivando principalmente as criações em torno do cabelo, tendo em vista que pode expressar sua ancestralidade, costumes do território e a valorização da estética negra (Gomes, 2006). As entrevistas foram uma importante via para que crianças e jovens tivessem acesso à história da comunidade e realizassem o registro dessas narrativas, visto que a transmissão somente por meio da oralidade poderia fazer com que elas se perdessem com o tempo. Além disso, houve um convite para as crianças pequenas investigarem o território, registrando a diversidade de Cafuringa por meio da fauna, da flora e dos sentidos, propiciando novos afetamentos, estreitando os laços de pertencimento e admiração. É por meio de um acesso a si e a sua história que novas narrativas são constituídas, possibilitando uma

ressignificação do que lhe foi posto. Entendendo que isso é processo que atinge a esfera individual e grupal, acreditamos que as construções coletivas sejam a principal forma de promover uma valorização do corpo e do território quilombola, fortalecendo a unidade e a luta pela garantia de seus direitos.

REFERÊNCIAS

- Fanon, F (2008). **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EDUFBA.
- Gomes, L. N. (2006). **Sem perder a raiz: corpo e cabelo como símbolo da identidade negra**. Belo Horizonte: Autêntica.
- Nogueira, R., & Alves, L. P. (2019). Infâncias Diante do Racismo: teses para um bom combate. **Educação & Realidade**, 44(2).
- Santos, N. (1983). **Torna-se Negro: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social**. Rio de Janeiro: Edições Graal.
- Souza, M. L. A. (2015). **“Ser quilombola”: Identidade, território e educação na cultura infantil**. (Tese de Doutorado, Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, Campinas).

AGRADECIMENTOS

Agradeço às crianças e jovens de Cafuringa que gentilmente nos receberam em seu território e compartilharam conosco suas vivências. A minha orientadora e as integrantes do grupo de pesquisa e extensão que colaboram para construção de uma psicologia que contemple a infância negra quilombola. Estendo minha gratidão ao CNPq, o qual por meio da bolsa viabilizou a minha permanência na universidade, corroborando

também para minha participação projeto. Este permite que meu processo de formação seja também de deformação, por meio do contato com o campo e seus sujeitos me impulsiona a refletir sobre minhas bases teóricas e metodológicas, buscando cada vez mais uma formação crítica e que abarque a heterogeneidade da nossa sociedade em uma perspectiva de alteridade e valorização.



Ciências Humanas

O dono do jogo: João Havelange presidente da FIFA (1974-1998)

MAGALHÃES, Lívia; GABRICH, Thais

GHT – Departamento de História/UFF - Niterói

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial

Formatado: Fonte: (Padrão) Arial

INTRODUÇÃO:

Jean-Marie Faustin Goedefroid Havelange nasceu no Rio de Janeiro em 1916, filho de pais belgas. Começou no esporte como atleta do time de natação e polo aquático do Fluminense Football Club, sendo campeão carioca de natação pelo clube nos anos de 1934, 1935, 1936 e 1937. Representou o Brasil nos Jogos Olímpicos de 1936, em Berlim, como nadador e no time de polo aquático em 1952, em Helsinque. Havelange foi também presidente da CBD (Confederação Brasileira de Desportos) de 1958 à 1975. É também formado em direito pela Universidade Federal Fluminense, onde foi homenageado com o título de Doutor "Honoris Causa" em 2011.

Havelange foi eleito para a presidência da FIFA pela primeira vez em 1974, contando principalmente com o apoio das entidades latino-americanas e africanas, que até então se sentiam negligenciadas pela presidência de Stanley Rous, presidente da federação de 1961 até 1974. Havelange procurou, então, administrar sua campanha de forma a utilizar a seu favor a frustração com o euro-centrismo e tradicionalismo da FIFA de Rous para contrastá-los com sua visão progressista para a federação.

Por muito tempo houve, de certa forma, um mito em torno da imagem de João Havelange. Visto como um grande gestor pelas suas passagens pela FIFA e pela CBD e como uma figura que mudou o futebol mundial, Havelange assistiu sua imagem desmoronar ainda em vida quando foi ligado à denúncias de corrupção envolvendo a federação futebolística em 2011.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A pesquisa aqui presente foi baseada em fontes jornalísticas cujo acesso foi possibilitado a partir

dos acervos físicos do Fluminense Football Club, Museu do Futebol, Biblioteca Nacional e Associação Brasileira de Imprensa (ABI); e digitais da Biblioteca Nacional. Além disso, foram consultados trabalhos acadêmicos previamente desenvolvidos sobre o objeto de análise deste trabalho, o ex-presidente da FIFA João Havelange.

O mês de Em março de 1974 vê a oficialização foi oficializada da candidatura de João Havelange para a presidência da FIFA por parte da CBD (Confederação Brasileira de Desportos), que concorreria ao cargo contra o então atual presidente da entidade, o inglês Stanley Rous. Ao longo dos meses de campanha é possível observar as diferenças contrastantes que os jornais destacam entre Havelange e Rous: enquanto Rous vem a ser uma representação do futebol inglês, tradicional mas conservador, Havelange é o futebol dos latino-americanos e se mostra adepto a mudanças, atraindo atenção principalmente dos continentes deixados de fora da FIFA de Rous.

Em novembro de 1974, Havelange se afasta do cargo de presidente da CBD para não acumular funções. O Almirante Heleno Nunes assumiu a presidência em seu lugar, nomeado pela ditadura militar, e José Ermínio de Moraes Filho a vice-presidência. Em 1975, o *Diário de Notícias* noticia a Caixa Econômica Federal deve liberar um empréstimo de Cr\$15 milhões para pagar dívidas deixadas por Havelange no valor de Cr\$13 milhões na época que presidiu a CBD, além dos cofres vazios. "Pelo que se vê, além de perder a Copa, Havelange também gastou mais do que a CBD podia pagar."

Após sua eleição à presidência da FIFA em julho de 1974, Havelange foi homenageado pelo Fluminense Football Club, time pelo qual foi nadador e jogador de polo aquático e onde, em 1970, recebeu o título de Presidente de Honra.

Comentado [LGM1]: Já é resultado da sua pesquisa, certo? Indica melhor isso.

Comentado [LGM2]: Há controvérsias... ele arruma treta com a ditadura também, tem documentos do SNI que mostram que ele foi monitorado.

Comentado [LGM3]: Referência?

Comentado [LGM4]: Começa mostrando que essa informação é a partir do acervo do Fluminense, para valorizar seu trabalho de pesquisa.

Nas dependências do Fluminense estão disponíveis registros da época de Havelange na natação e no time de polo aquático. O que não se encontra, todavia, são arquivos de parte da presidência de João Havelange na CBD e toda sua presidência na FIFA pois estes arquivos pararam de ser documentados pelo clube nos anos 1960.

A passagem de Havelange na FIFA foi marcada por grandes mudanças no futebol que perduram até hoje. Dentre os feitos do ex-presidente da FIFA estão mobilização em prol das federações africana, asiática e americanas, o investimento no futebol de base, com a criação das Copas do Mundo Sub-17 e Sub-20, e a promoção do futebol feminino, com a criação da Copa do Mundo de Futebol Feminino e a pressão para que houvesse a legalização em solo brasileiro, já que a prática do futebol por mulheres era proibida por lei desde 1941. Durante o período de Havelange sob a presidência da FIFA, o número de funcionários da sede de Zurique passou de 12 para 120, segundo o site da federação. Todavia, Havelange também se viu cercado por denúncias de corrupção que colocam em cheque sua atuação pela federação e a imagem construída em torno do grande gestor João Havelange.

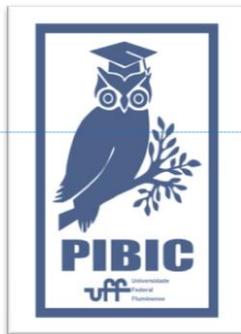
A análise destas fontes jornalísticas aqui estruturada foi feita a partir dos métodos biográficos, com base em Giovanni Levi e Pierre Bourdieu. Estudar Havelange não é apenas estudar a figura do presidente da FIFA, mas levar em consideração que aquele indivíduo deve ser parte de um maior objetivo, que é interpretar o meio no qual ele está inserido. Levi, em seu texto "Usos da biografia", descreve as especificidade do que chama de *biografia e contexto*, "(...) onde a época, o meio e a ambiência também são muito valorizados como fatores capazes de caracterizar uma atmosfera que explicaria a singularidade das trajetórias." Fazer o estudo da biografia de João Havelange, portanto, não ocorre para que haja uma reconstrução de uma trajetória individual, mas para que sejam captadas as "superfícies sociais" nas quais os indivíduos agem, como dito por Pierre Bourdieu.

CONCLUSÕES:

Esta pesquisa, portanto, buscou compreender as conquistas de João Havelange durante o período no qual este presidiu a FIFA, desde a organização de seu primeiro Mundial em 1978, em uma Argentina no meio de uma ditadura militar, até o seu último, em 1998, em uma derrota para a França que se tornaria traumática para um Brasil que engatinhava em sua redemocratização. Trabalhar os anos em que Havelange presidiu a FIFA significa olhar para períodos ditatoriais, democráticos e de transição e como as fontes dialogam com cada um deles. Além disso, estudar a biografia de João Havelange é entender o impacto que sua liderança esportiva internacional teve ao longo de seus 24 anos no comando da FIFA.

Agradecimentos:

Gostaria de agradecer à CNPQ e a UFF, pelo investimento ao projeto com a bolsa de iniciação científica, de extrema importância para a viabilização da pesquisa, e à minha orientadora, Lívia Magalhães, pela paciência, disponibilidade, apoio e pela possibilidade de trabalhar com minhas grandes paixões, a pesquisa científica e o futebol.



Comentado [LGM5]: Mas estão em um acervo específico? Ou parte de um acervo?

Comentado [LGM10]: Mas você não falou em nenhum momento sobre essa Copa... certamente você encontrou algo nos jornais pesquisados.

Comentado [LGM11]: Foi uma Copa super polêmica também, não apareceu nada nas fontes?

Comentado [LGM6]: Essa é a justificativa do clube, né?

Comentado [LGM12]: Não, já tem 10 anos da Constituição de 1988. Já era uma democracia, redemocratização é um processo.

Comentado [LGM7]: Tanto aqui como no início, precisa ter referências.

Comentado [LGM8]: Referências?

Comentado [LGM9]: Cadê as referências????



Ciências Humanas/História/História Antiga e Medieval

As artes da cura: a doença e os agentes da cura na Gália Merovíngia

Edmar Checon de Freitas (orientador); Marcos Pedrazzi Chacon (bolsista)

Instituto de História / Departamento de História/ Scriptorium - Laboratório de Estudos Medievais e Ibéricos

INTRODUÇÃO:

O presente estudo tem como proposta compreender a ação e a interação de indivíduos e grupos reconhecidos como agentes da cura no Ocidente da Alta Idade Média, mais especificadamente na Gália Merovíngia durante os séculos VI e VII. Nestes grupos de agentes estão presentes especialistas como médicos e curandeiros populares, assim como agentes legitimados pelas autoridades religiosas, caso dos santos e suas relíquias. Tendo como foco a análise do último caso, este estudo buscou elucidar e tratar as relações entre as principais enfermidades que acometiam a população, os métodos de cura empregados (tais como tratamentos medicinais e milagres taumatúrgicos), o perfil e *status* social dos enfermos através da análise da *Vita Eligii*, obra hagiográfica organizada pelo Bispo Dado de Rouen, que narra a vida, feitos e milagres realizados pelo bispo Elígio de Noyon (588-660). Já, como subprojeto desenvolvido pelo bolsista, objetivou-se analisar o processo de cristianização da Galícia do século VI, o qual envolveu uma tentativa de ressignificação e supressão de todo um conjunto de práticas, ritos e crenças que faziam parte da cultura e religiosidade

popular, mas que eram associadas a sobrevivências pagãs, reminiscências de um passado pré-cristão que deveriam ser extirpadas pelo bem da Cristandade (ainda em expansão). Tal estudo foi realizado pelo exame do sermão *De correctione rusticorum* de Martinho de Braga (520-579) e das atas dos Concílios de Braga I (561) e II (572), que contaram com sua participação.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Através da leitura e análise de ambos os livros que compõe a *Vita Eligii*, escrita pelo bispo Ouen (ou Dado) de Rouen, contemporâneo ao santo e seu amigo pessoal em vida, procedeu-se à confecção de um banco de dados sob a forma de tabelas, por meio das quais seria possível organizar de forma pragmática a relação entre as doenças que afligiam o homem medieval, a qualificação destes enfermos (por idade, sexo e *status* social) e o procedimento médico ou método de cura empregado pelo santo, assim como outros dados, tais como o local em que se procedeu a cura e demais comentários e observações julgados pertinentes. Tendo como base o banco de dados coletados, pode-se, com maior facilidade, analisar

diversos panoramas, tais como: (i) verificar a possibilidade de um predomínio dos milagres taumatúrgicos sobre os demais empreendidos pelos santos; (ii) examinar a preponderância de determinadas doenças nas fontes estudadas; (iii) apurar em que medida os milagres foram realizados, se o foram mediante a utilização de algum elemento material ou apenas da palavra e o gesto do santo, ou a atuação de suas relíquias; (iv) averiguar em que momento os milagres foram executados, seja durante a vida ou após a morte dos santos; (v) aferir o perfil social dos enfermos tratados pelos religiosos, no que tange ao sexo, idade e estatuto social. Tendo em mente tais exames, foi possível a construção de gráficos explicativos, permitindo uma melhor visualização dos mesmos. Por sua vez, o exame do sermão de Martinho de Braga e dos cânones de ambos os Concílios de Braga nos permitiu vislumbrar algumas das práticas pagãs condenadas pelos agentes eclesiásticos.

CONCLUSÕES:

Diante do banco de dados elaborado, conclui-se que na *Vita Eligii*, difusos nos 40 capítulos do primeiro livro e nos 81 capítulos do segundo, estão os relatos de milagres e práticas médicas e curativas realizados por Elígio de Noyon, que podem ser classificados em relatos vagos, que ou não precisam o número de enfermos tratados ou não os qualifica quanto a sexo, posição social ou idade, e em relatos precisos que trazem tal classificação. Além desta classificação, as descrições foram organizadas em: relatos de práticas essencialmente médicas ou curativas, sem

invocação do sagrado ou sobrenatural, relatos de milagres taumatúrgicos realizados com o uso da palavra ou gesto, relatos de milagres de cura com uso de elementos materiais e relatos de milagres curativos operados pelas relíquias do santo. Partindo de tal análise, foi possível verificar certos aspectos, tais como (i) verificar que os milagres curativos empreendidos pelo santo compõem a maioria dos seus milagres; (ii) analisar a preponderância de determinadas doenças na obra estudada, caso das doenças que acarretam quadros febris; (iii) verificar que a maioria dos milagres foram realizados pelas relíquias do santo; (iv) o que, conseqüentemente, indica que a maioria de tais milagres foram realizados após sua morte; (v) também foi possível analisar, dentro dos casos específicos tratados, que a maior parte dos enfermos tratados pela santa eram homens; (vi) adultos e; (vii) leigos pertencendo a um estatuto social desfavorecido, apesar de que devemos tratar tais estimativas com cautela, visto a várias lacunas presentes na obra hagiográfica. Também, no tocante ao subprojeto desenvolvido pelo bolsista, foi possível constatar, dentre outras questões: (i) a ampla variedade de práticas divinatórias realizadas pelas populações ibéricas; (ii) a crença acerca da influência dos astros e corpos celestes nas ações humanas e nos ritmos da vida, sobretudo no que se refere ao contexto de produção; (iii) o conflito entre os modelos terapêuticos propostos pela Igreja e os populares (resumidos na tensão entre a *reverencia* e a *rusticitas* proposto por Peter Brown), uma vez que a Igreja tentar controlar e orientar o

processo da cura, coibindo a utilização de encantamentos ou outras fórmulas mágicas e supersticiosas.

Agradecimentos:
Ao CNPq e à PROPPI/UFF.



Ciências Humanas

**ETNOATLAS GEOGRÁFICO PARTICIPATIVO DA COMUNIDADE
QUILOMBOLA DE SANTA RITA DO BRACUÍ/ANGRA DOS REIS**

Gabriela Rodrigues Goldschmidt (bolsista PIBIC); **Mayara**

Barboza; Mariana Teixeira; Monika Richter (orientadora)

Departamento de Geografia e Políticas Públicas/IEAR

INTRODUÇÃO:

Na região da Costa Verde, mais especificamente na cidade de Angra dos Reis encontra-se o Quilombo de Santa Rita do Bracuí. Localizado na antiga fazenda de mesmo nome, as terras pertenciam a José de Souza Breves, conhecido na época do Brasil Império como rei de café. Breves deixou em seu testamento o desejo de libertar todos os seus escravizados e que fosse cedido á eles suas terras. A leitura desse testamento foi feita em 1879, nove anos antes da promulgação da Lei Áurea. O desejo de Breves não foi respeitado, já que o território sofreu diversas tentativas de expropriação de terra e ainda segue em luta pela sua regularização fundiária, atualmente conduzida pelo INCRA.

Os membros mais antigos da comunidade relatam que antes das inúmeras expropriações e da pressão imobiliária na região as terras da fazenda iam “do pé da serra ao mar”. Suas atividades eram coletivas e as terras também. Essa mudança da dinâmica territorial da comunidade marcou também suas práticas, desfez laços e alterou as redes de produção e solidariedade. A consciência do surgimento de uma nova causa comum está reorganizando a comunidade e isto é tema de interesse à várias

pesquisas, mas a dimensão especial, além da ambiental desse processo não foram diretamente abordadas ainda que na vasta produção sobre o tema

Tendo em vista os aspectos culturais da comunidade, o modo de vida e o patrimônio ambiental encontrado, a pesquisa visa registrar e documentar, por meio da cartografia, as atividades quilombolas a partir da construção de um etnoatlas participativo.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Dentre os resultados alcançados tem-se o levantamento de pesquisas e trabalhos acadêmicos já realizados, modelagem de um SIG com produtos cartograficos secundários, assim como georreferenciamento em campo de diferentes temas apontados pela propria comunidades, tais como áreas de plantio e agroflorestas, áreas de conflitos, elementos de natureza, trilhas para atividades ecoturísticas, cultura, dentre outros. Todo este material cartográfico compõe o SIG Web do Quilombo do Bracuí, estruturado no programa livre *Google My Maps*, de facil manuseio e interpretação pela comunidade.

Foi feita uma apresentação do projeto na escola municipal Aurea Pires da Gama, auto intitulada

quilombola e localizada dentro do território, reunindo a diretora da unidade e os docentes de geografia, que receberam muito bem a iniciativa, O projeto esperava inserir atividades práticas guiadas pelos professores no primeiro semestre de 2020, o que ficou inviável a partir do surgimento da pandemia de Covid-19 e da necessidade de se cumprir o isolamento social a partir de março. Portanto, foram elaboradas atividades a serem aplicadas com os alunos do sexta ano, apontado pela escola paa iniciarmos os trabalhos, considerando as orientações da Base Nacional Comum Curricular, mas adaptados e buscando trazer elementos da realidade e história local.

CONCLUSÕES:

Com a etapa de coleta de dados secundários já encerrada, fundamentação teórico conceitual concluída, modelagem e implementação do SIG, e os levantamentos de campo com o apoio das lideranças locais, o projeto segue em andamento e tem como metas daqui em diante, ampliar o diálogo com a comunidade e aproximação com os técnicos do INCRA, também já contatados, no sentido de melhor compreender os processos de regularização fundiária pelo qual o Bracuí vêm passando, além de iniciar as atividades com a comunidade escolar para coletar o material que irá constar no etnoatlas.

Diante da pandemia do Covid-19, houve a necessidade de ajustes para a realização e cumprimento de algumas metas citadas acima, principalmente em relação às atividades com a

comunidade escolar. Essas atividades estão suspensas, aguardando o retorno das aulas.

AGRADECIMENTOS:

Ao PIBIC/ CNPq pela bolsa de Iniciação Científica concedida e principalmente à comunidade do Quilombo de Santa Rita do Bracuí e à direção da escola municipal Áurea Pires da Gama



Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: Observar e analisar: política doméstica e política internacional nos ofícios dos representantes brasileiros em Buenos Aires (1879-1876)

Autores: Prof. Dr. Gabriel Passetti e Victoria Maria Silva dos Santos

Departamento de Estudos Estratégicos e Relações Internacionais – DEI/Instituto de Estudos Estratégicos – INEST/Laboratório de Estudos sobre a Política Externa Brasileira – LEPEB

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa se dispôs a investigar um período um tanto conturbado da história da América Latina. As décadas de 1870 e 1880 foram marcadas por grandes acontecimentos na história da região, como o final da Guerra da Tríplice Aliança, a Guerra do Pacífico e a disputa territorial entre o Chile e a Argentina pela posse da região da Patagônia e Terra do Fogo. Tendo como foco principalmente a análise bibliográfica dos temas citados, o objetivo desta pesquisa foi verificar a articulação da política externa do Brasil, Argentina e Chile perante esses marcos históricos regionais, se houve formação de alianças ou aproximações entre estes atores cujo objetivo era assegurar seus interesses máximos na região. Sobretudo como o Império Brasileiro acompanhou as discussões entre Argentina e Chile sobre seus limites territoriais e a gradativa ocupação argentina da Patagônia.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

As obras tomadas como referência para analisar a questão da disputa territorial entre a Argentina e o Chile pelo território da Patagônia e Terra do Fogo na segunda metade do século XIX foi a de Fábio Vargas¹, Pablo Lacoste² e Jorge Bergallo³. A partir delas podemos traçar um panorama quase completo que envolvem as discussões diplomáticas, origens do conflito, atuação política dos países para efetivarem a ocupação de seus territórios e o desenlace do conflito até o Tratado de Limites de 1881, seguido pelas demarcações das fronteiras que foram finalizadas até o início do século XX. O outro eixo temático que integra esta pesquisa,

¹ VARGAS, Fabio Aristimunho. Formação das fronteiras latino-americanas. Brasília: FUNAG, 2017.

² LACOSTE, Pablo. La imagen del otro en las relaciones de la Argentina y Chile (1534-2000). Buenos Aires/Santiago: FCE/Universidad de Chile, 2003.

³ BERGALLO, Jorge R. 1874-1892: La Integración de la Patagonia y el Mantenimiento de la Paz con el Chile. Buenos Aires: Instituto Nacional Browniano, 2012.

as relações entre o Império Brasileiro e a República Argentina no pós Guerra do Paraguai tendo em vista as discussões dos tratados de paz, teve como base de investigação as obras de Francisco Doratioto⁴ e Roberto Etchepareborda⁵. A partir da comparação dos pontos de vistas analisados, investigamos como esses eventos influenciaram a política externa dos países do envolvidos e como a diplomacia brasileira encarou essas questões, considerando o importante papel desempenhado pelo Império na política regional.

CONCLUSÕES:

Tendo em vista as discussões apresentadas, podemos concluir que o final da Guerra da Tríplice Aliança proporcionou grandes mudanças na política da região. Ao final do conflito, a Argentina saiu fortalecida economicamente e logrou unificar seu território, assim como, no Império, ela representou o auge o início do declínio do regime monárquico. A derrota do Paraguai significou a vitória dos interesses imperiais na região do Prata. Entretanto, o final desta guerra trouxe de volta o clima hostil que existia entre o Brasil e a Argentina nas décadas anteriores, justamente pelas divergências entre eles quanto ao futuro do país derrotado, especificamente por causa dos interesses argentinos na região do Chaco. Ao assinar a paz em separado com o Paraguai

em 1872, o Brasil despertou um clima de insegurança na opinião pública argentina, que só conseguiu assinar a paz com o Paraguai após afastar o país da órbita de influência brasileira. Foi apenas esta resolução que a Argentina conseguiu focar sua atenção política na questão da disputa pela Patagônia, as principais campanhas de ocupação da região e discussões sobre o tema com a chancelaria chilena ocorreram após 1876. O Chile, por sua vez, tinha um interesse estratégico na região do Estreito de Magalhães, e ao ingressar na Guerra do Pacífico em 1879 contra o Peru e a Bolívia, se dispôs a agilizar a questão da disputa territorial, a fim de garantir a neutralidade argentina na guerra que se iniciava. O Chile, ao tentar garantir a posse do estreito reivindicou todo o território da Patagônia, portanto, a renúncia do Chile sobre essas possessões demonstra um desenlace natural da questão. Por fim, podemos observar uma ligeira retração na atuação política do Império no cone sul, considerando a crise econômica e política que o país enfrentava.

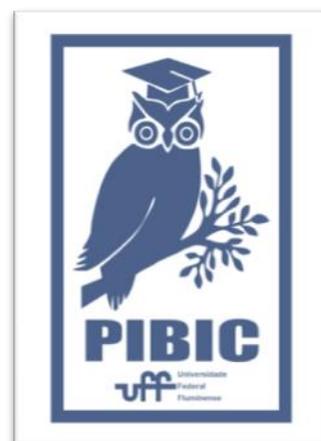
AGRADECIMENTOS:

Primeiramente gostaria de agradecer aos meus pais, Marco e Cida, por todo suporte prestado durante esta jornada. Sem vocês não poderia me dedicar integralmente a este projeto. Também agradeço meu orientador, Prof.º Dr. Gabriel Passetti pela paciência e enorme dedicação, agradeço igualmente a cada um dos integrantes do grupo de pesquisa, pelas reuniões, trocas de ideias, e por todo conhecimento que, em conjunto, adquirimos.

⁴ DORATIOTO, Francisco. Maldita Guerra: Nova História da Guerra do Paraguai. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

⁵ ETCHEPAREBORDA, Roberto. Historia de las Relaciones Internacionales Argentinas. Buenos Aires: Pleamar, 1978.

Por fim, meu muito obrigada a UFF e ao INEST por serem as instituições em que fui acolhida.





Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: A atuação profissional da antropologia nas políticas de patrimônio cultural: o caso da Pequena África na região portuária do Rio de Janeiro

Autores: Fillipe Alexandre Oliveira Alves

Departamento/Unidade/Laboratório : Departamento de Antropologia - GAP / Núcleo de pesquisa NARUA

INTRODUÇÃO:

Nesta pesquisa, objetivamos investigar por meio da pesquisa de visitas guiadas, como ações institucionais e autônomas, mas também de iniciativas de cunho social e em alguns casos político, contribuem para o desenvolvimento e a atualização de uma memória histórica da Pequena África na região portuária do Rio de Janeiro. A partir do acompanhamento de dois grupos, o Instituto Pretos Novos e a empresa privada SOU+Carioca, esse estudo busca demonstrar ações institucionais que por intermédio das práticas do "turismo étnico" contribuem para a identidade local, para a valorização cultural e para memória da diáspora africana existente na região da Zona Portuária na cidade do Rio de Janeiro. Buscamos ainda compreender os limites desses empreendimentos e o papel da memória e do patrimônio na luta antirracista.

Perguntamos aqui se esses, circuitos, guias e atividades de divulgação da região portuária do Rio de Janeiro constituem ações transformadoras ou apenas formas de ordenar e disciplinar o espaço. Em que medida se promove de fato a narrativa afrodescendente sobre a expropriação e a invisibilidade da herança afrobrasileira no quadro de memória mais amplo. Dentro de um circuito turístico expandido permite de fato a construção de

narrativas que reforcem a herança africana da região a partir de um trabalho de atualização do passado daquela região.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

As visitas guiadas na região criam uma continuidade narrativa onde o tempo e a paisagem urbana haviam produzido rupturas e apagamentos. Os próprios participantes dos roteiros guiados dão seguimento a essas narrativas quando postam suas *selfies*, textos e crônicas em seus blogs sobre o circuito ou participam no *chat* de uma visita virtual, criando assim uma nova apreensão do espaço a partir dessas memórias. Com o auxílio das redes sociais e da tecnologia, esses eventos virtuais permitem atualizar essa história somando pessoas que em outras circunstâncias não teriam acesso a esse espaço e, dessa maneira, ajudam a perpetuá-lo.

A Pequena África ganha visibilidade e amplia os seus contornos espaciais, temporais e semânticos que dialogam com acontecimentos nacionais e internacionais sendo capaz de se adaptar até mesmo a um contexto de isolamento social. A constituição do Circuito de Celebração da Herança Africana como um conjunto de pontos a serem percorridos instaura um roteiro, mas a esvazia enquanto área. Instaura um lugar como conjunto de pontos, mas o que existe entre esses pontos fica

descomprometido em relação a esse “lugar”. Esses vazios, acabam sendo preenchidos de diferentes formas por diferentes guias, que para legitimar suas narrativas acrescentam desde histórias pessoais, até livros, trabalhos acadêmicos e de relações que possuem com figuras públicas até interferência de moradores, trabalhadores locais, dos grafites da região, para contar a pequena África que eles desejam.

CONCLUSÕES:

Ao falarmos de memória, e mais especialmente em "lugares de memória" (Nora, 1993), estamos falando de uma memória viva, que só existe em função de um grupo social que a alimenta. Não faltam exemplos etnográficos nas minhas visitas onde transeuntes pararam a guia do circuito para saber do que se tratava ou onde ficava o Cais do Valongo, que estava a poucos metros da pessoa. Concordo aqui com Pinheiro e Carneiro (2016, p.82), quando afirmam que o conflito de memórias presente no Cais do Valongo está relacionado com “a visibilidade da narrativa nem sempre comprometida ou representativa dos grupos e ações que circulam em uma sociedade”. A ação de sensibilização por meio do turismo deve ir para além dos objetivos pragmáticos de preservação do sítio arqueológico do Cais do Valongo (não menos importante), mas alcançar um debate sociopolítico mais profícuo e engajado com as questões sociais. Simbolicamente, o Cais do Valongo representa uma memória que tem ressurgido periodicamente; entretanto a ausência da materialidade a mantém em condição subalterna, pois a escravidão não é um dos elementos que constituem a “cidade

maravilhosa” e por este motivo, foi apagada e propositalmente esquecida. Porém, a materialidade do Cais do Valongo permite reanimar esse passado. Nesse sentido, o trabalho dos guias, em sua maioria gratuitos ou com custo baixo, dão o primeiro passo contra esse apagamento sistemático da herança africana na região portuária.

Agradecimentos:

Ao programa CNPq/PIBIC pelo financiamento do projeto de pesquisa por meio da concessão da bolsa de iniciação científica; a UFF e ao Núcleo de estudos artes rituais e sociabilidades urbanas (NARUA) pelo apoio durante a execução do trabalho; à professora Simone Vassallo pela ajuda na inserção em campo e à professora Renata de Sá Gonçalves pela orientação e confiança neste projeto.

Referências:

- NORA, P. Entre história e memória: a problemática dos lugares. Revista Projeto História. São Paulo, v. 10, p. 7-28, 1993.
- PINHEIRO, M. L.; CARNEIRO, S.. Revitalização urbana, patrimônio e memórias no Rio de Janeiro: usos e apropriações do Cais do Valongo. Estudos Históricos (Rio de Janeiro), v. 29, p. 65-84, 2016.



Ciências Humanas

(In)ventos no Antropoceno: Entre Educação e Ecologias

Autoras: Luiza Dantas Benttenmüller Amorim e Shaula

Maíra Vicentini de Sampaio

Instituto de Biologia/Departamento de Biologia Geral

INTRODUÇÃO:

Este relatório se refere aos resultados do projeto “(In)ventos no Antropoceno: entre educação e ecologias”, o qual sugere a exploração das possibilidades teórico-práticas dos encontros entre Educação Ambiental e as narrativas sobre Antropoceno que atravessam os diferentes espaços da cultura, promovendo novos significados acerca das relações que estabelecemos com o planeta e com os seres não humanos. Assim, esse estudo foi baseado na busca por materiais e pesquisas que tratassem de conceitos e temáticas que pudessem se relacionar à Educação Ambiental de modos mais inventivos e criativos, estabelecendo conexões com outras culturas e outras áreas do saber. Além disso, uma outra questão que orientou esse projeto foi identificar de quais modos os problemas ambientais relativos ao Antropoceno vêm sendo discutidos nas áreas das artes e de educação e quais as novas abordagens e teorias que foram desenvolvidas para tratar dessas questões. Paralelamente a essa atividade de levantamento, foi planejada e aplicada uma oficina experimental em Educação Ambiental que dialogava com a literatura infanto-juvenil de

ficção científica para instigar novas formas de se relacionar com os seres humanos e não humanos, buscando ressignificar nosso papel no mundo, despertar novos olhares para as questões socioambientais e imaginar novas possibilidades de futuro para nosso planeta.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Num primeiro momento do projeto, foi realizado um levantamento bibliográfico de artigos científicos, livros, sites, notícias de jornal, teses, dissertações e postagens em sites de revistas, como a ClimaCom, para averiguar quais eram as narrativas existentes sobre Antropoceno que dialogassem com artes e/ou educação e quais seriam as principais teorias de discussão do Antropoceno no meio acadêmico. Após a análise e seleção desses materiais, os estudos foram fichados e organizados em uma pasta do Google Drive que continha tanto os arquivos com os textos quanto os seus respectivos fichamentos, visando facilitar futuras consultas por parte da orientadora e da bolsista. Foram formulados três questionamentos para guiar as análises e discussões dos trabalhos:

1. Como o Antropoceno é abordado teoricamente nos estudos escolhidos?

2. Há aproximações com a Educação Ambiental nos estudos analisados?

3. Quais as possibilidades pedagógicas que podem ser pensadas para refletirmos e discutirmos sobre as relações que estabelecemos com os não humanos?

Primeiramente, as análises dos estudos mostraram que o Antropoceno pode ser entendido de diversas formas, como a de Decuyper, Hoet e Vandenabeele (2019), os quais enxergam o Antropoceno como um momento que evidencia a urgência de se pensarem novas formas de habitar o mundo, apontando a necessidade de se desenvolverem novas formas de se enxergar o planeta.

Dedicando-se às questões levantadas pelos estudos sobre o Antropoceno, alguns pesquisadores desenvolveram conceitos e reflexões que podem ser empregados para provocar o surgimento de novos olhares sobre o mundo. Uma das pesquisadoras é Taylor (2017), a qual argumenta que, ao nos distanciarmos da lógica humanista de compreensão do planeta, poderíamos alcançar soluções mais modestas, reflexivas e éticas para os problemas socioambientais evidenciados pelo Antropoceno. A fim de nos distanciarmos da ótica antropocêntrica e valorizarmos o ambiente por si só, a autora sugere sejam utilizadas abordagens socioecológicas para tratar dos problemas ambientais, enfatizando as interconexões e interdependências entre os sistemas sociais, políticos, econômicos e ecológicos.

A partir dessas reflexões, foram analisados e discutidos diversos estudos realizados por pesquisadores por todo o mundo que serviram

de inspiração para a formulação e aplicação de uma oficina experimental inventiva em Educação Ambiental, a qual foi realizada paralelamente ao trabalho de levantamento bibliográfico com uma turma de segundo ano do Ensino Médio da rede estadual de Niterói durante as aulas de Biologia. As atividades da oficina tiveram como base o livro “Robô Selvagem” (BROWN, 2017) e abordaram questões como futuro do planeta e da humanidade, as relações que estabelecemos com os não humanos e a formação de coletivos para lidar com os problemas socioambientais. Durante a oficina, houve momentos de contação de história, especulações sobre o futuro, diálogos entre os alunos, desenhos e escritas, buscando trazer abordagens mais inventivas e artísticas para o ensino de Educação Ambiental. Em uma das atividades, nas qual foi proposta a formulação de diálogos imaginários com animais, foi possível perceber que os alunos desenvolveram um maior senso de empatia por esses animais, demonstraram curiosidade quanto aos seus modos de vida e se interessaram em dialogar com insetos considerados “invasores” das casa, como formigas e mosquitos. Já na última atividade, foi pedido que os alunos confeccionassem algum material (desenhos, textos, poesias, tirinhas) ilustrando o futuro que eles imaginavam para o nosso planeta. Nas produções dos alunos, os temas mais recorrentes foram a presença de robôs, avanços tecnológicos (carros voadores, naves espaciais e curas para doenças) e criação de ciborgues. Além disso, eles demonstraram ter um bom conhecimento sobre os problemas socioambientais e apresentavam

uma visão mais otimista sobre o futuro do planeta.

CONCLUSÕES:

Com esse estudo, foi possível identificar e comprovar as potências de se trabalhar em diálogo com as artes e com as diferentes culturas para promover debates sobre o Antropoceno e sobre as práticas de Educação Ambiental já existentes. Dessa forma, tanto a atividade de levantamento bibliográfico quanto a aplicação da oficina foram importantes para inspirarem práticas cada vez mais inventivas de Educação Ambiental para se repensarem as relações que construímos com os seres humanos e não humanos

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BROWN, P. **Robô Selvagem**. Rio de Janeiro: Editora Intrínseca, 2017. 288p.

DECUYPERE, M.; HOET, H.; VANDENABEELE, J. Learning to navigate (in) the Anthropocene. **Sustainability**, v.11, n.2, 2019.

TAYLOR, A. Beyond stewardship: common world pedagogies for the Anthropocene. **Environmental Education Research**, v.23, n.1, p. 1-14, 2017.



HISTÓRIA

RELATOS DE UM PAÍS INQUIETO: ANÁLISE CRÍTICO-TEXTUAL DA *NOTICIA DA SUBLEVAÇÃO (...) DE 1720*

PEDRO HENRIQUE DOMINGUES DE LIMA

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA / INSTITUTO DE HISTÓRIA /
COMPANHIA DAS ÍNDIAS

INTRODUÇÃO:

Parte de um projeto de pesquisa que lida com a perspectiva interdisciplinar para interpretar manuscritos e impressos, o presente trabalho propõe uma análise crítico-textual de *Notícia da sublevação, que nas minas do ouro preto houve no anno de 1720*, manuscrito sobre a Revolta de Vila Rica pertencente ao Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP). Trata-se da edição de outro códice mais conhecido, o *Discurso historico, e político sobre a sobrelevação que nas Minas houve no anno de 1720*. Ambos são do século XVIII e foram elaborados provavelmente no contexto da revolta, sendo atribuídos aos dois padres jesuítas que viviam com o governador das Minas – d. Pedro Miguel de Almeida, o 3º conde de Assumar (1688-1756) – durante o motim. Ainda que pouco estudada, a *Notícia* possui mais marcas de manuseio, indicando uma circulação maior que a do *Discurso*. Sem as inúmeras digressões teóricas e fabulosas que marcam o documento matricial, nela percebemos o peso da narrativa factual. Mas uma análise aprofundada de seu texto revela outras características para o estudo dos

significados culturais desse códice. Para tanto, tomamos como base metodológica o programa crítico-analítico delineado por Erich Auerbach em sua tese sobre a novela no início do Renascimento, que propõe olhar a obra literária imersa no contexto sócio-histórico. Através de três eixos de análise – moldura, protagonistas e composição – tal perspectiva revela aspectos importantes da narrativa multifacetada da *Notícia*, o que pode ajudar a entrever prováveis leituras feitas no contexto da sociedade nobre portuguesa. Acreditamos que esse esforço contribua para os estudos da cultura política e do manuscrito em Portugal na Época Moderna.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Para Raphael Bluteau, autor do *Vocabulario portugez, e latino*, o significado do termo “notícia” se relaciona ao conhecimento e não à novidade, sendo assim a compreensão de algo. Folhetos de notícias, impressos ou manuscritos, circulavam pela Europa nos séculos XVII e XVIII, um tempo em que escrita e oralidade se confundiam. Comumente, os textos eram concebidos para serem lidos em voz alta. As notícias manuscritas eram mais valorizadas no

seio da nobreza, pois nelas se podia dizer o que nos impressos estava sujeito à censura, além de sua difusão ser mais rápida. Relatos de batalhas e conflitos no exterior estavam entre os temas favoritos desse público, também habituado a ler novelas manuscritas que circulavam por diferentes meios: oral, manuscrito e impresso. “Novela”, entre os inúmeros significados no *Vocabulario portuquez, e latino* – alguns deles pejorativos – pode designar um relato elegante de acontecimentos, escrito com honestidade e erudição, cujo caráter de veracidade é valorizado pelo autor. Tal definição se coaduna com o conceito de novela para Auerbach, que considera essa forma literária como retrato do Mundo, da existência terrena, destacando a elegância com que a sociabilidade cortesã é enquadrada, como no *Decameron* de Boccaccio. A moldura novelística, para o filólogo alemão, precisa ser realista, na medida que permite a compreensão de determinada estrutura social. Podemos aferir que tais características correspondem ao texto da *Notícia*. Nela, temos uma moldura das Minas do Ouro inquietas, devido à ação e aos caracteres de seus personagens, protagonistas da revolta de 1720. Ao mesmo tempo que entretém pelo jogo de antíteses e expressões que conferem vivacidade à narrativa, a *Notícia* é didática, explicando pelas glosas situadas em notas na margem do corpo do texto – essas não aparecem no *Discurso* – e através de exemplos, entimemas e induções que conferem unidade e verossimilhança à narrativa. O relato da sublevação funciona como um grande recorte da realidade mineira. Aqui, a oposição entre as virtudes do conde governador – o herói da

narrativa – e os vícios dos “cabeças” do motim é essencial para a moldura, que, por sua vez, se presta à intenção da obra: justificar a necessidade do violento castigo imposto pelo conde aos sublevados: a queima do morro de Pascoal da Silva Guimarães – principal vilão – e o esarteamento de Filipe dos Santos. Essas decisões, sem montar uma junta de justiça local, estariam fora da jurisdição do governador, sendo, portanto, motivo para que sua imagem fosse prejudicada no reino.

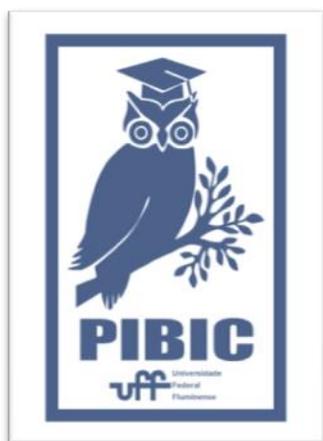
CONCLUSÕES:

Atendendo aos gostos de uma elite nobiliárquica ávida por notícias do exterior, a *Notícia* impressiona pela elegância de sua composição, a vivacidade das intrigas e personagens que marcam a narrativa. Como edição do *Discurso*, percebemos o cuidado em alguns trechos que seriam indecorosos para circular entre a nobreza; utiliza-se a terceira pessoa no escrito em quase todo o tempo, os parágrafos são reduzidos e numerados, de modo a facilitar a leitura. Esses indícios, somados à análise crítico-textual dessa novela setecentista e ao contato com a bibliografia pertinente à história dos livros e da cultura escrita na Época Moderna, ajudam a pensar nas possíveis leituras desse manuscrito. Ainda que tratasse de um tema delicado para a monarquia portuguesa – não só a revolta em si, mas, principalmente, a polêmica resolução do conde – é possível que um ou mais exemplares da *Notícia* tenham circulado no reino, informando um círculo ampliado de nobres e eruditos e alimentando a densa rede de trocas de papéis manuscritos.

Entender seus significados exige um esforço complexo, mediante uma abordagem interdisciplinar que considere também, além do conteúdo escrito, a materialidade e a trajetória deste códice por entre bibliotecas e arquivos. Este trabalho, como pretendemos mostrar, constitui um passo importante dessa pesquisa. Ao conceber o texto literário também como documento histórico, buscamos a simbiose entre história social e crítica textual.

AGRADECIMENTOS:

Rodrigo Bentes Monteiro, Márcia Almada e funcionários do IEB-USP.





Ciências Humanas

(Re)visitando a violência obstétrica a partir da perspectiva dos Direitos Sexuais e Reprodutivos

Paula Land Curi, Camilla Bonelli Marra

Departamento de Psicologia/ Instituto de Psicologia

INTRODUÇÃO:

A violência obstétrica (V.O) tem sido pauta de debates, que a circunscrevem no âmbito das práticas violentas, omissas e/ou negligentes exercidas pelos profissionais de saúde, em sua maioria médicos, contra a mulher na hora do parto.

Esta concepção é restrita, pois não leva em consideração nem a produção de práticas de agenciamentos dos corpos femininos, que resultaram no surgimento das especialidades médicas da obstetrícia e da ginecologia, nem as violações de direitos humanos, sexuais e reprodutivos que elas encenam.

A partir de surgimento dessas especialidades, as relações por elas engendradas produziram efeitos diretos não só no modo de viver das mulheres, mas também no modo como elas passaram a ser assistidas.

A trajetória do conhecimento sobre o corpo feminino marcou um processo de medicalização desse, culminando na expropriação do saber das parteiras e de todo o cenário que envolve a gestação e o parir. A obstetrícia consolidou-se como uma prática intervencionista, a partir de um conveniente pretexto de cuidado.

Deslocadas de suas casas para os hospitais, das parteiras para os médicos –

homens brancos da ciência – mulheres tiveram seus corpos tutelados. Os fenômenos da vida, que ocorrem nos corpos femininos tornaram-se problemas médicos. Expropriadas de seus corpos, silenciadas, anestesiadas, amarradas e agora, inclusive violentadas, tornaram-se objetos das (inúteis e questionáveis) intervenções médicas.

A hegemonia do discurso médico, tecnicista, legitimou violências que podem ser facilmente traduzidas como violências de gênero, uma vez que revelam as dissimetrias de poder que se estabelecem entre o homem da ciência, médico, e a mulher, findada em seu útero.

Por isso, discutir V.O. se impõe como fundamental. Porém, não sem demarcar as violações que elas traduzem - dos direitos humanos, sexuais e reprodutivos.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Iniciamos mapeando o campo, as produções sobre as V.O., à luz dos direitos sexuais e dos direitos reprodutivos, no Brasil. Através de revisão sistemática em bases de dados (BVC, PEPSIC e SCIELO), das produções brasileiras, em português, dos últimos cinco anos, com os descritores Violência Obstétrica (V.O.) e/ou Direitos Sexuais (D.S.) e/ou Direitos Reprodutivos (D.R.), encontramos apenas 45

artigos que articulam V.O. às questões que concernem ao campo dos direitos.

Extraímos deles quatro categorias: a) Políticas Públicas e Programas; b) Naturalização da violência obstétrica; c) Aborto; e, d) Raça.

No item (a), fica clara a tentativa de se compreender a realidade brasileira, a partir da perspectiva da garantia de direitos, através das políticas públicas. Ora discute-se assistência prestada às mulheres, ora a ausência de efetividade das políticas.

No item (b), destacam-se trabalhos no modelo de relatos experiências, que podem ser elencados em subcategorias, não excludentes: (b.1) Práticas Violentas e/ou iatrogênicas; (b.2) Impactos na saúde mental da mulher; e, (b.3) Uso de tecnologias como forma de resistência.

No item (c), enfatiza-se a violência vivida pelas mulheres em situação de abortamento ou no pós-abortamento, marcando que há em curso uma efetiva criminalização da mulher nos espaços que deveriam ser de cuidado e proteção. Inclui-se como V.O. a negação do direito ao aborto legal.

No item (d), confirma-se a diferença histórica da medicalização do corpo feminino negro. Dá-se evidência a mal assistência ofertada/prestada às mulheres negras, em especial, quando comparada às destinadas às mulheres brancas, das classes privilegiadas.

CONCLUSÕES:

O tecnicismo da/na assistência obstétrica se apresenta vigorosamente vigente! No entanto, não podemos nos centrar neste dado para não (re)pensar o cenário da assistência às mulheres, pautado pelas garantias de direitos.

Centralizar na violência em si, nos atos negligentes e/ou omissos, embora importantes, distorce a complexidade da V.O. e impossibilita reflexões à luz da perspectiva dos direitos sexuais e reprodutivos, que traz em seu bojo as questões de gênero e os modos como o patriarcado e, conseqüentemente a ciência, turvam as reflexões sobre a vida das mulheres.

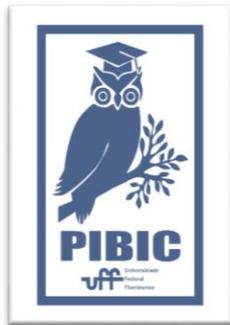
Deve-se salientar, neste contexto, as relações de gênero, o controle dos corpos e da sexualidade da mulher, a sua condição de humana e de sujeito de direitos – humanos, sexuais e reprodutivos, considerando o histórico processo de gerenciamento / medicalização dos corpos femininos e a potência do discurso médico-científico (hegemônico), patriarcal, que deslegitima, tradicionalmente, tudo que advém da mulher.

Pesquisamos a V.O. sem desconsiderar a prática médica, porém, dela nos deslocamos para a perspectiva dos Direitos Sexuais e Reprodutivos - componentes inegociáveis da integridade corporal, da autonomia, da igualdade, liberdade e diversidade, que incorporam tanto as vivências da sexualidade quando da reprodução.

Reafirmamos, assim, que há violências que acontecem no contexto da vida sexual e procriativa de uma mulher, que a experiência individual de vivenciar uma violência obstétrica fere categorias universais de direitos humanos - como igualdade, dignidade, respeito, justiça e valor da pessoa humana - sexuais e reprodutivos.

AGRADECIMENTOS:

Às mulheres, diversas, plurais, cientistas,
amigas, profissionais, familiares, que me
inspiram. Ao PIBIC/UFF e ao CNPq!





Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: Dimensões do processo criativo: lugares, hierarquias e diversidade da arte

Autores: Bruna Raposo Tavares

Orientadora: Lígia Maria de Souza Dabul

Departamento de Sociologia / Instituto de Ciências Humanas e Filosofia / NECTAR - Núcleo de Estudos Cidadania, Trabalho e Arte

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa é desdobramento do projeto *Criação, diversidade e hierarquia na arte*, apoiado pela Faperj, e em continuidade com o projeto *Dimensões do processo criativo: lugares, hierarquias e diversidade da arte*, apoiado pelo CNPq (Bolsa Produtividade em Pesquisa, em vigência). Ao retomar este projeto, formulamos uma nova etapa que pretende dar continuidade à pesquisa de questões fundamentais do projeto, investigando neste momento lugares, hierarquias e diversidade na arte com o foco voltado para artistas visuais contemporâneos consagrados. Os objetivos da pesquisa, portanto, foram analisar diversas trajetórias artísticas através de uma bibliografia biográfica ou autobiográfica e buscar características pertinentes para a denominação desse sujeito entendido como artista visual contemporâneo consagrado e como se dá seu processo criativo em relação às interações sociais que este mantém com lugares, situações e operações de venda – ou a ausência desta última, como constatamos durante a pesquisa. Como metodologia, utilizamos a história de vida, com discussões não só na área de Ciências Sociais, mas também na de História, e coletamos e

analisamos entrevistas de artistas, perpassando as discussões sobre este tipo de pesquisa e o que conseguimos com ela.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A coleta de dados se deu através de uma tabela de leitura para cada entrevista, contendo trechos importantes relacionados aos pontos que nos interessavam, organizados em 10 categorias. Dentre os resultados, ressaltamos algumas categorias que nesta fase da pesquisa já não fazia mais sentido, já não eram de fato úteis. Como exemplos: a categoria (3.1) estados de criação quase não foi utilizada, o que nos mostra que as sensações ou experiências de sublimação e transe não são assuntos que interessem ao entrevistador, que geralmente conduz a entrevista a partir das perguntas que escolhe fazer para o artista, massivamente voltadas aos sentidos e significados das obras contemporâneas. Neste mesmo fluxo, a categoria (4) razões para o registro não apareceu em nenhum momento, pois tais razões não eram abordadas, e, na verdade, entendemos que fazer e conceder entrevistas com artistas contemporâneos é quase óbvio e

natural, já que a arte contemporânea tem como um dos aspectos principais o discurso.

Retomamos um aspecto essencial da arte contemporânea, como já dissemos, o discurso, que é o conjunto de pensamentos narrados pelos artistas durante as entrevistas sobre as significações de suas obras de arte, que geralmente são concepções formuladas naquele momento da interação entre entrevistador e entrevistado e também falas alheias, frequentemente de críticos de arte, as quais o artista absorve e utiliza para pensar suas próprias obras e criar sentidos para elas. Ademais, esses discursos nem sempre são iguais, mudando de acordo com o tempo e com os tipos de pergunta e a ordem que o entrevistador faz.

Verificamos a aplicabilidade da teoria de ilusão biográfica de Pierre Bourdieu, a qual diz que a trajetória de vida é criada pelo indivíduo, que constrói um desencadeamento lógico de situações e acontecimentos significativos que culminam em um fim já conhecido – por se tratar do presente vivido por ele. Estendemos esta questão para a trajetória artística e vimos que os artistas também ordenam e constroem um caminho lógico e significativo para o processo de tornar-se artista.

Desmembramos a discussão em torno do uso de entrevistas em pesquisas e encontramos diversos aspectos únicos e úteis, principalmente para os objetivos dessa pesquisa; alguns deles são o caráter biográfico que ela pode performar; é através dela que o pesquisador acessa o fato

social de sua fonte, ou seja, o indivíduo e, pela arte contemporânea necessitar vir acompanhada de um discurso, a entrevista acaba por ser uma ótima oportunidade para o artista exibi-lo.

CONCLUSÕES:

Concluimos que a questão sobre o discurso como aspecto essencial na arte contemporânea fez ainda mais sentido quando resgatamos as ideias de mundos artísticos e convenções sociais de Howard Becker. No mundo artístico da arte contemporânea consagrada, os artistas não têm como questão fundamental de criação os processos de venda, que são feitos por outros atores sociais em relações das quais muitas vezes os artistas não participam.

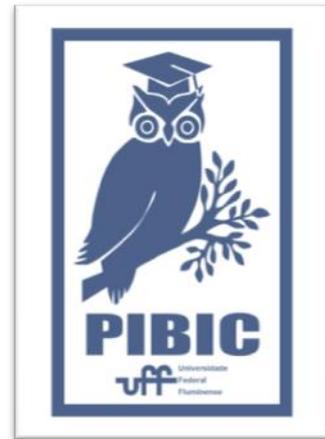
Além disso, com a ajuda da história de vida, pudemos perceber que a trajetória artística, também narrada pelos artistas durante as entrevistas concedidas, são criações sociais, ou seja, não são fatos realmente importantes da trajetória do artista, mas que foi posteriormente resgatada do passado para dar sentido ao presente, sendo uma organização do caos e da aleatoriedade que seria a vida para um desencadeamento lógico de acontecimentos, resultando em um fim: o artista visual contemporâneo consagrado.

Em futuro próximo, poderemos explorar melhor a entrevista com artista, pois existem questões ainda por serem exploradas e que tornam esta modalidade bastante interessante para estudos em processos criativos. Outro ponto para aprofundamento é a passagem de artistas consagrados pela universidade, pois vimos que muitas ideias complexas e abstratas de outras áreas do conhecimento são resgatadas pelos artistas nas fases de criação e nos momentos em que discursam sobre as obras. Desta forma, revisitaremos a lista de categorias para ajustes e reformulações.

AGRADECIMENTOS

Agradeço à Profª Drª Lígia Dabul por todos os conhecimentos passados e as oportunidades de auto desenvolvimento como iniciante no mundo da pesquisa científica. Agradeço à Universidade Federal Fluminense e ao Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica pela chance de experimentar a atividade que pretendo tomar como profissão no futuro e, por fim, ao CNPq pelo apoio.

Figure 1: Logo PIBIC





Ciências Humanas

Antropogênese e filosofia indígena

Helena de Castro Dias (bolsista PIBIC/UFF/CNPq), Daniel Arruda Nascimento (orientador)

Departamento de Direito de Macaé (MDI), Instituto de Ciências da Sociedade de Macaé (ICM)

A CULTURA AMERÍNDIA DA CORRELAÇÃO ENTRE O HOMEM E O ANIMAL CONTRA A MÁQUINA ANTROPOLÓGICA OCIDENTAL

INTRODUÇÃO

Constatar que a história da humanidade é acompanhada pela incessante busca por uma real definição do que significa ser humano e, entender, em um segundo momento, que a resposta mais comum para tal aporia consiste no contraste entre os últimos com os animais – não humanos, é o ponto de partida e horizonte de pesquisa presente na obra *O aberto: o homem e o animal* de Giorgio Agamben. Há uma incessante tentativa do ser humano de se autodefinir como alguém diferente e único em relação aos demais animais, com base nos impactos do que o mesmo conceitua como *máquina antropológica*, mecanismo esse que objetiva definir o ser humano por meio da intensa dissociação desse com os animais, em um jogo de exclusão em que não somente o não-humano é excluído do campo da humanidade, mas também outros indivíduos que, por circunstâncias e contextos históricos, são declarados como não dignos de serem considerados “gente”. A espécie então classificada como *homo sapiens*, título que

significa aquele que se autodefine por reconhecer-se como humano (2017, p. 34), em consequência ao condicionamento de milhares de anos à crença de que a essência humana reside no fato de que esses conquistaram um alto grau de evolução em relação aos demais seres terrestres, atingiu um patamar no qual não encontra mais meios de se autodefinir sem que se afaste de maneira extrema daquilo que significa ser animal. Objetivamos estudar, em contraste, a cultura ameríndia da correlação entre o homem e o animal contra a máquina antropológica ocidental.

RESULTADOS E DISCUSSÕES

Com a leitura da obra *A queda do céu*, escrita por Davi Kopenawa, líder indígena Yanomani, em conjunto com o antropólogo francês Bruce Albert, é possível conhecer de maneira aprofundada a cultura Yanomani. A partir dessa imersão possibilitada pela obra, cujo teor é determinado por seguir uma linha narrativa contra-antropológica, foi possível constatar prontamente que a relação dos habitantes da

floresta com os animais que ali residem difere em muito do entendimento do que representa a animalização para o homem branco. A crença ancestral compartilhada por tal cultura, qual seja, a de que mesmo os animais que habitam hoje as florestas, em tempos distantes, possuíam consigo uma natureza humana, a qual os acompanha até os presentes dias e nunca os deixará de acompanhar, auxiliou os povos originários na composição do entendimento de que todos os seres, humanos ou não-humanos, são “gente”. Ademais, a relação supracitada entre o humano e o animal, na cultura indígena, encontra uma forte força motriz na prática do xamanismo. A figura do xamã representa para os povos originários, dentre muitas outras coisas, uma ponte entre duas realidades, entre o humano e o não-humano, o espírito e a carne e, por fim, entre o animal e o homem.

A despeito da prática do xamanismo apresentada, a concepção de que nos tempos remotos os animais e os humanos compartilhavam de uma “origem em comum ou humanidade ancestral” (GOMES, 2012) é semeada pela grande maioria dos povos indígenas. Gomes em *O perspectivismo ameríndio e a ideia de uma estética americana* apresenta o estudo realizado por Suzanne Oakdale (2005, p. 163), sobre os indígenas Kayabi, residentes da Amazônia brasileira. Para essa etnia “os humanos, os animais, os espíritos e, ainda, os objetos não se distinguiam, sendo que aqueles que viviam no segundo céu eram simultaneamente animais e pessoas”. É necessário apontar que, a ancestralidade animal, assim como, o mito de criação dos

animais e dos seres humanos, são questões e narrativas compartilhadas por diversos grupos indígenas, sendo o xamanismo apenas um dos caminhos que levam a este mesmo horizonte de pensamento.

Fica nítido que existe um *evidente ponto destoante da narrativa do homem branco em relação a narrativa do indígena*, no que diz respeito ao ponto em comum de origem compartilhado tanto por humanos quanto por animais não-humanos. Para o indivíduo nacionalizado, que orgulhosamente se autodefine como *homo sapiens*, ou, em outras palavras, uma espécie animal do mais elevado teor evolutivo, a única semelhança que o mesmo compartilha com os animais é exatamente sua origem animal, apesar de todo seu discurso de negação a qualquer resquício de animalidade em si. Já para os povos originários, “o referencial comum a todos os seres da natureza não é o homem enquanto espécie, mas a humanidade enquanto condição” (DESCOLA, 1986, p. 120). Precisamos então colocar *em contraste o antropomorfismo ameríndio em face do antropocentrismo caracterizante dos povos ocidentais*.

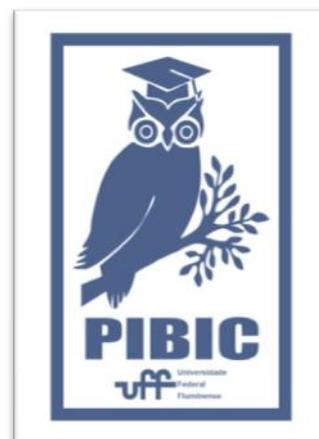
CONCLUSÕES

Com base no estudo de duas perspectivas diferentes sobre a significância da animalização para os seres humanos, pôde-se atestar, no âmbito deste relatório, que a visão do homem branco sobre sua relação com os animais em muito difere da visão compartilhada pelos povos originários. A consciência do homem branco, no que tange a sua identificação como espécie e,

consequentemente, tratamento com os demais seres terrestres, foi amoldada a uma concepção de que o *homo sapiens* representa a espécie escolhida, exatamente por esta possuir a faculdade de poder formar um juízo próprio sobre sua ontologia. Em decorrência disso, restou aos animais, dentro dessas sociedades, um *habitat* de constante exploração e consequente extinção. Por outro lado, subsiste outra visão, compartilhada por seres humanos que, ao contrário do exemplo acima, desde muito tempo atrás, criaram mitos com o intuito de explicar sua história e crença, que de uma forma, ou de outra, auxiliaram na formação do imaginário social indígena. Nesse, há um respeito sublime à ancestralidade e, em consequência dessa, um respeito e sentimento de igualdade para com os animais, dado que esses, assim como os indivíduos, provêm da mesma fonte de vida e essa em nada diferencia uma criação da outra.

AGRADECIMENTOS

Ao apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e ao professor orientador Daniel Nascimento por me conceder a oportunidade de realizar esse projeto de pesquisa. Agradeço a minha mãe Katia Antonia de Castro, pelo forte incentivo, e ao meu namorado Guilherme Vaz, por ter me acompanhado e me motivado durante todo o rumo desta pesquisa.





Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: Cinema e Ditadura em Plataforma Digital

Autores: Joana D'arc Fernandes Ferraz; Ícaro José Iegelski Rodrigues

Departamento/Unidade/Laboratório: Departamento de Sociologia e Metodologia das Ciências Sociais

INTRODUÇÃO:

O projeto Cinema e Ditadura em plataforma digital, consiste em fortalecer o conhecimento e a memória da Ditadura Militar Brasileira (1964-1985), vinculado a Sociologia por meio do site <http://cinemaeditadura.com.br/>. O objetivo do projeto foi a produção de verbetes para serem inseridos no menu Glossário do site, bem como a ampliação do número filmes/documentários sobre o tema, a execução de Cine Debates, a criação de uma página no Facebook e no Instagram, para divulgação dos filmes presentes no site. Outros objetivos eram os de entrevistas a cineastas, e mostras itinerantes em colégios de ensino médio no município de Niterói, entretanto devido a pandemia do COVID-19, tivemos que fazer mudanças, nos adequando à nova realidade. Sendo assim, elaboramos nosso II Cine Debate virtual, participando das atividades remotas do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia (ICHF), que criou uma página no facebook (Parabólicacamará.ichf.), que serviu para produção de lives e debates durante o período de isolamento social. Uma iniciativa que propôs a divulgação de trabalhos, permitindo que

estudantes conhecessem projetos que estão em andamento na Universidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Após uma aproximação maior com a pesquisa, e a compreensão do uso do wordpress, e dos ritmos de publicação, comecei a verificar e organizar as postagens encontradas no site. Começando com a organização dos filmes, adicionando periodicamente novos filmes e fazendo suas sinopses. Nosso site hoje conta com mais de 80 filmes sobre a Ditadura Empresarial Militar. Além da organização da filmografia, a produção de verbetes fez parte da minha produção, assim como a busca para novos temas e revisão dos que já estavam presentes no menu Glossário. Em 2019, executamos nosso primeiro Cine Debate, durante o período da Agenda Acadêmica, com a inscrição de 100 alunos para nossos 5 dias de eventos e o retorno recebido, percebemos a importância do projeto e do tema. Deste modo, elaboramos um projeto de extensão apoiado pelos professores Departamento de Sociologia, e apresentado no V Festival de Tecnologias Sociais na Universidade Federal do Rio de Janeiro, consistia em realizar

mostras de cinema itinerantes pelos colégios de ensino médio do município de Niterói e posteriormente em todo Estado do Rio de Janeiro. Entretanto, como dito anteriormente, devido a pandemia, este objetivo foi adiado até a reabertura das escolas. Criamos uma página no Facebook, para divulgar nossos filmes, eventos e verbetes, que levou um aumento de visitantes ao site, chegando a 600 curtidas em nossa página. Sendo assim, em reuniões semanais com a orientadora, criamos um perfil no instagram, com objetivo de atingir além da comunidade acadêmica, e divulgar os filmes do site Cinema e Ditadura. O número de seguidores está atualmente em 56, um número menor em relação ao Facebook.

Em 2020, com a pandemia do COVID-19, nossas atividades passaram para o meio virtual, participando das atividades de trabalho em ensino remoto do ICHF, realizamos nosso segundo Cine Debate, o que aproximou 3 alunos interessados, para nosso grupo de pesquisa. Realizamos 5 sessões do Cine Debate, convidamos professores, doutorandos e cineastas, entre eles, a cineasta Lúcia Murat, que participou no último ciclo de eventos. Apresentamos os filmes que poderiam ser encontrados em nosso site, em seguida abrimos a discussão, levando perguntas previamente elaboradas em nossas reuniões semanais, e durante as discussões, os espectadores fizeram perguntas aos nossos convidados. As lives ocorreram na página do Facebook do ICHF, e estão disponíveis também em nosso site, a média de visualização está em torno de 600 visualizações por Cine Debate.

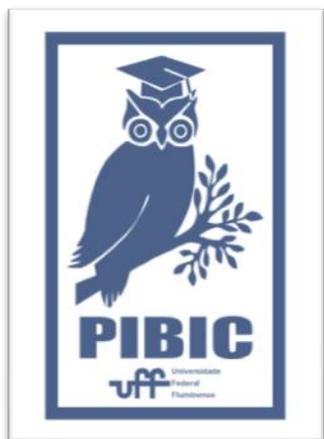
CONCLUSÕES:

O projeto conseguiu ser bem produtivo mesmo com as dificuldades impostas pela pandemia do COVID-19, prosseguimos com nossas atividades, publicando constantemente no site, e em nossas redes sociais. Ademais, tivemos a aproximação de três alunos interessados no tema, que nos auxiliaram no Cine Debate virtual e na produção de verbetes. O sucesso de nossos eventos e o retorno positivo dos que assistiram aos nossos debates, mostrou como o projeto caminha para um lado muito positivo, e reforça a sua importância. O aprendizado de realizar eventos de maneira virtual, serviu como um aprendizado para futuros eventos que possam ser feitos. O número de visitantes tanto do facebook, como do site aumentaram significativamente, assim como a permanência no site, tendo visitantes que passam mais de 1h no site. Os comentários que são deixados no site são respondidos e ajudam na nossa melhoria no projeto.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a professora Joana D'arc que me recebeu no projeto de pesquisa e sempre auxiliou no que foi necessário para minha evolução no meio acadêmico. Proporcionando experiências no meio do uso de Plataformas Digitais e na execução de verbetes para produção acadêmica. Agradeço também a direção do Instituto de Ciências Humanas, que divulgou e nos deu apoio técnico e operacional para execução do nosso Cine Debate. Aos técnicos que estavam presentes em todas as lives, e a todos os alunos envolvidos no projeto,

que sempre estiveram engajados para melhoria e execução do projeto.





Grande área do conhecimento: CIÊNCIAS HUMANAS

Título do Projeto: Paradoxo câncer de mama: alta curabilidade *versus* alta mortalidade

Autores: Juliana Caminha de Lima e Silva; Maria Eduarda Ferrandi Vilas Boas Bertocco; Amanda Dias Salomone; Virginia Dresch

Departamento/Unidade/Laboratório: Departamento de Psicologia/ Instituto de Psicologia/ Laboratório de Avaliação Psicológica

INTRODUÇÃO:

Embora seja uma doença potencialmente curável quando detectada precocemente, o câncer de mama é o que mais mata mulheres em todo o mundo. Sabe-se que as implicações de gênero são potenciais causadoras de protelamento do autocuidado em detrimento do cuidado do outro, levando a atrasos no diagnóstico que são complicadores do tratamento. Considerando que um tumor pode dobrar de tamanho em um ano (Allemani *et al*, 2018), tais implicações interferem no grau de invasão potencial do tratamento e, conseqüentemente, na forma como a mulher lida com o adoecimento. As principais mudanças provenientes desse processo marcam o percurso das mulheres do diagnóstico ao fim do tratamento e envolvem as perdas objetivas e subjetivas decorrentes do tratamento e o impacto causado pelo adoecimento na função de cuidadora da mulher, estruturante no papel do gênero feminino. Face ao exposto, torna-se necessário identificar/reconhecer a influência potencial de tais pressupostos de gênero, em particular a atribuição quase exclusiva da função cuidadora às mulheres, no

acesso e adesão ao diagnóstico e tratamento do câncer de mama. Como contribuição para a reflexão sobre esse tema, o presente estudo, realizado através de metodologia qualitativa, teve o objetivo de conhecer as percepções de mulheres com câncer de mama e de profissionais de saúde envolvidos no tratamento da doença, no que diz respeito ao processo de escolha por cuidados e às estratégias de enfrentamento, a partir da perspectiva de gênero e, em particular, do papel de cuidadora da mulher.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A primeira parte do estudo em questão foi realizada com nove mulheres, entre 48 e 74 anos, que tiveram câncer de mama em alguma etapa da vida adulta e frequentavam, assiduamente, uma Organização Não-Governamental (ONG) de apoio no estado do Rio de Janeiro, Brasil). A segunda parte do estudo foi realizada com quatro profissionais de saúde voluntárias que acompanhavam o tratamento destas mulheres: uma médica, uma fisioterapeuta e duas psicólogas. O instrumento

utilizado na coleta de dados foi a entrevista não-estruturada, orientada por um roteiro invisível elaborado no sentido de conduzir uma “conversa com finalidade” (Minayo, 1994) que permitisse a construção de caminhos para conhecer os atravessamentos de gênero no tratamento, através do discurso de pacientes e profissionais.

Os dados coletados junto às pacientes foram submetidos à análise de conteúdo do tipo temática. Os dados coletados junto às profissionais de saúde serão submetidos à análise semelhante na continuidade da pesquisa.

Os relatos das pacientes permitiram a identificação de três categorias de análise, que partiram da compreensão das relações de cuidado de si e dos outros diante das normativas de gênero. A primeira categoria, **“primazia do cuidado do outro”**, expressa a naturalização do papel de cuidadora da mulher, ainda que esta necessite de cuidados após o diagnóstico de uma doença grave. A segunda categoria, **“imperativo da mulher guerreira”**, engloba a “auto” convocação das mulheres por vencer o adoecimento e cumprir com seu papel social na família, manifestando força. Por fim, a terceira categoria, **“(Des)cuidado de si e ‘cuidado’ do Estado”**, descreve o modo como essas mulheres lidam com a precariedade dos dispositivos de proteção social oferecidos pelo Estado.

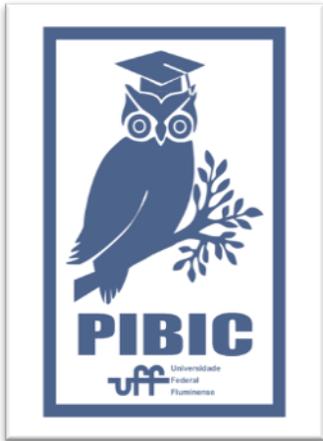
CONCLUSÕES:

O material empírico coletado junto às pacientes permitiu a compreensão da forma como o estabelecimento das normas de gênero para

mulheres constitui-se como norteador para as práticas de cuidar e ser cuidada, além de explicitar como a presença ou ausência de suporte impacta na experiência do adoecimento. A partir dos relatos das pacientes, explicitou-se a importância do papel dos profissionais de saúde envolvidos neste processo no que diz respeito à compreensão integral da realidade de cada mulher, estendendo o foco à paciente de forma integral e não apenas à sua doença (Silva *et al*, 2011). Se, para a construção de um bom cuidado, é preciso considerar a influência da individualidade dos sujeitos (Mol, 2008), as variáveis que permeiam os discursos das mulheres com câncer de mama no que diz respeito a questões de gênero, classe e cor da pele não podem ser anuladas também pelos profissionais, a fim de garantir tratamentos mais possíveis e eficazes.

REFERÊNCIAS

- Allemani, C. et al. (2018). Global surveillance of trends in cancer survival 2000–14 (CONCORD-3): analysis of individual records for 37 513 025 patients diagnosed with one of 18 cancers from 322 population-based registries in 71 countries. *Lancet*, 391, 1023-1075.
- Minayo M.C.S. (1994). O desafio do conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo: Hucitec.
- Mol, A. (2008). The logic of care: health and the problem of patient choice. Abingdon: Routledge.
- Silva, C.M.G.C.H. et al (2011). Relação médico-paciente em oncologia: medos, angústias e habilidades comunicacionais de médicos na cidade de Fortaleza (CE). *Ciência e saúde coletiva*, 16, 1457-1465.





Grande área do conhecimento: Ciências Humanas

Título do Projeto: Geografia dos Conflitos no Campo no Brasil

Autores: Pedro Catanzaro da Rocha Leão

Departamento/Unidade/Laboratório: Departamento de Geografia/Instituto Geociências/Laboratório de Estudos de Movimentos Sociais e Territorialidades

INTRODUÇÃO:

O presente relatório trata da continuação do Projeto *Geografia dos Conflitos no Campo no Brasil*, iniciado em 2010. O conflito social, conceito desenvolvido pelas ciências sociais estritamente, será aqui compreendido em sua geograficidade, isto é, levando em conta que a sociedade não existe fora do espaço e se constitui no mesmo processo que constitui seu espaço. O conceito nos permite entender as contradições sociais na sua concretude na medida em que o conflito é o modo prático através dos quais os grupos sociais manifestam contraditoriamente seus interesses. O conflito social, ainda, é sempre localizável, assim como os que são seus protagonistas, permitindo sua espacialização e, deste modo, os desdobramentos contraditórios da sociedade em sua espacialidade ao longo do tempo.

No Brasil, os conflitos agrários vêm se acentuando enquanto manifestação concreta das contradições do processo agrícola/agrário em curso. A violência contra os camponeses e populações tradicionais tem sido uma característica que atualiza práticas coloniais, sobretudo na expansão territorial do capital que, para essas populações, não são frentes de expansão, mas sim “frentes de invasão”.

O desenvolvimento do relatório final foi dedicado a análises sobre a continuidade da violência contra os povos e comunidades do campo na atualidade. Nesse sentido, a pesquisa analisa a violência na dinâmica de produção do espaço, e relaciona (1) o modo como as terras vem sendo utilizadas e (2) a análise dos conflitos no campo através dos dados da CPT. Assim, buscamos entender não só os conflitos mas suas condições de possibilidade.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

A análise das condições de possibilidade de conflitos no campo foi realizada através dos usos da terra para produção agrícola. Os dados indicam que a própria complexidade tecnológica do desenvolvimento capitalista no campo induz a uma reprodução ampliada do capital também como grande proprietário de terras, o que aumenta a demanda por elas.

A área total destinada ao cultivo com lavouras temporárias e permanentes no Brasil, entre 1988 e 2018, cresceu em 38,3%, segundo o IBGE. Contudo, o crescimento da área não foi homogêneo ao longo do período considerado, com um aumento de apenas 3,5% na primeira década do período, entre 1988 e 1998. Já nas duas décadas seguintes, esse crescimento

disparou: cerca de 46,8% entre 1998 e 2008 e de 47,4% entre 2008 e 2018.

Ainda que o crescimento tenha sido pequeno na primeira década considerada (3,5% entre 1988 e 1998), duas regiões tiveram crescimento significativo nesse período: de 37,7% na região Norte e de 24,9% no Centro Oeste. Já nas duas décadas seguintes todas as regiões brasileiras acompanharam o crescimento geral das áreas plantadas com essas lavouras. No entanto cabe destacar o crescimento exponencial nas regiões Norte e Centro Oeste.

A ampliação do cultivo dessas lavouras está se dando contra os cerrados, contra a floresta amazônica e contra seus povos e comunidades e, assim, reproduzindo e atualizando a colonialidade de larga duração que caracteriza nossa formação territorial. O caráter colonial do capitalismo agrário brasileiro salta à vista, com a expansão geográfica permanente conquistando novas áreas, o que vem sendo feito com muita violência.

A análise acerca das condições de possibilidade dos conflitos demonstraram que há uma expansão/invasão de terras protagonizado pelos latifúndios empresariais com suas monoculturas de *commodities*, em conexão orgânica com a criação de gado bovino que, geralmente, protagoniza no *front* a conquista de novas áreas constantemente com ligações com a grilagem, exploração ilegal de madeira e desmatamento.

Já em relação aos conflitos no campo com ênfase no período da Ruptura Política (2015-2019), os resultados apontam para um aumento

considerável dos conflitos e, portanto, da violência, acentuada em 2019.

Foram desenvolvidas séries históricas de ocorrências de conflitos no campo e a extensão de terras em conflito de 2003 à 2019. Em relação às ocorrências, de 2007 a 2014 os registros ficaram abaixo da média. Assim, os dois subperíodos dos extremos (2003-2007) e (2015-2019) foram os de maior conflitividade. No entanto, se no subperíodo de 2003 a 2007 a curva é descendente, no período de 2015 a 2019 é ascendente. Comparando os dois períodos, temos um aumento de 9,6% na média anual de conflitos.

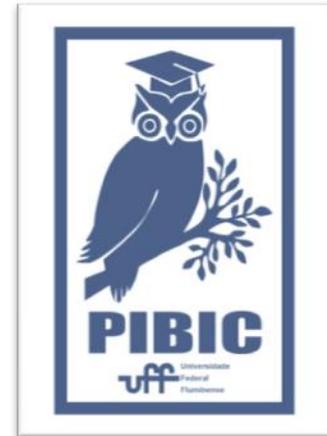
Assim podemos afirmar: de 2015 a 2019 estamos no momento de maior conflitividade no campo brasileiro na série histórica. Desde 2015, os números da violência no campo brasileiro dão um salto e inauguram um outro período de aguda violência. De 2014 para 2015, a extensão de terras implicada em conflitos no Brasil teve um aumento de 168%. E de 2015 para 2019 subiu 249%. Nesse último ano mais de 6% do território nacional foi objeto de conflito.

CONCLUSÕES:

A sistematização, periodização e espacialização dos dados estatísticos sobre os conflitos sociais indicam um cenário de acirramento dos conflitos envolvendo grupos sociais que tradicionalmente ocupam as terras que vivem.

Há uma grande tensão conflitiva derivada da expansão/invasão do capital em suas diversas frações – minerária, agropecuária, empreiteiros/estradas/energia-hidrelétrica-solar-

eólica – sob o manto do capital financeiro contra os grupos/classes sociais que r-existem em suas terras/territórios tradicionalmente ocupados ou como trabalhadores rurais sem-terra em luta por um pedaço de terra para uma vida digna. Essa tensão conflitiva é atravessada por violências que visam, sobretudo, expropriar grupos/classes sociais que tradicionalmente ocupam o território. Portanto, a análise das condições de possibilidade de conflito e dos conflitos em si nos permitiu adentrar na complexidade da questão agrária no Brasil hoje e a centralidade que ocupa no entendimento da sociedade brasileira.





Ciências Humanas

Os Impactos da Terceirização sobre a Negociação Coletiva

Maria Carolina Barcellos Ferreira, Ana Clara Matias Rocha,

Augusto César Souza

VMD/ICHS/GEDESF

INTRODUÇÃO:

A pesquisa teve como objetivo comparar características da negociação coletiva em dois dos maiores sindicatos da Região Sul Fluminense: Sindicato da Construção Civil (Sintraconsmonpes) e dos Metalúrgicos (Sindmetal-SF). Buscou-se também mapear as mudanças na negociação coletiva ocasionadas pela Reforma Trabalhista de 2017, bem como identificar os impactos de formas de flexibilização do trabalho, como a terceirização, para estas dinâmicas. A escolha dos dois sindicatos, com sede na cidade de Volta Redonda, deveu-se ao tamanho, importância regional e por serem sindicatos que disputam trabalhadores da indústria, sobretudo os terceirizados.

A pesquisa foi realizada com base no levantamento e elaboração de um banco de dados dos Instrumentos Coletivos de Trabalho (ICTs) registrados no Sistema Mediador, em entrevistas com dois dirigentes sindicais e na análise de boletins sindicais.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Um achado importante da pesquisa diz respeito à forma como os sindicatos lidam com a terceirização e a negociação coletiva, que tem relação com dinâmicas próprias dessas entidades.

Tradicionalmente, o Sintraconsmonpes possui uma base mais fragmentada, composta por um número grande de pequenas empresas e por trabalhadores com contratos de trabalho mais instáveis e terceirizados. Isto faz com que este busque utilizar a Convenção Coletiva de Trabalho (CCT) como forma de centralizar e aglutinar trabalhadores de diversas empresas. Após a Reforma Trabalhista, este tipo de negociação parece ter se intensificado, não apenas como forma de fortalecer o conjunto dos trabalhadores, mas também de evitar a perda de direitos e benefícios a partir do uso de Acordos Coletivos de Trabalho (ACTs) com potencial capacidade de reduzir condições estabelecidas pela CCT da categoria. O Sindmetal-SF tende a negociar um número maior de ACTs, pois sua base é formada por grandes empresas, por trabalhadores com vínculos mais estáveis e porque, diferentemente do Sintraconsmonpes, possui apenas uma CCT da categoria. A lógica

por detrás deste tipo de negociação, de acordo com o sindicalista entrevistado, é a de ampliar os direitos e benefícios para além daqueles previstos pelas leis e pela CCT. Todavia, com a aprovação da Reforma Trabalhista, a inversão da hierarquia das normas possibilita que os ACTs negociem condições de trabalho inferiores àquelas previstas pelas CCTs e pelas normas.

Para o Sindmetal-SF, foi possível observar uma expansão do número de empresas e de ACTs negociados. De 2008 a 2018 foram negociados 470 instrumentos coletivos e em 2016/2017 ocorreu um pico de negociações, com cerca de 80 ACTs para 40 empresas. De 2015 a 2018 também aumentou de maneira significativa o número de acordos firmados fora da data-base. Estima-se que o período de acirramento político após a eleição de 2014, assim como a crise política e econômica que tomou conta do país em 2016, e que levou ao impeachment da presidente Dilma Roussef, tenham ocasionado um clima de incertezas entre empregadores e sindicalistas.

O Sintraconsmonpes faz utilização maior da CCT para negociar condições para os trabalhadores de sua base. Nos últimos anos ocorreu uma queda no número de ACTs negociados pela entidade. De 2014 a 2017 há uma proporção de um ACT para cada empresa. O número menor de ACTs negociados parece ser resultado de uma preferência pela CCT como forma reunir uma série de pequenas empresas e de fomentar o poder coletivo de uma categoria mais marcada por contratos instáveis e terceirizados, assim como de uma baixa propensão a negociar termos aditivos e

outros acordos especiais. De acordo com um sindicalista:

(...) a Convenção Coletiva, ela vai direto negociar com o setor patronal. Se o cara for ganhar alguma bola, ele vai ganhar uma vez só. Agora quando ele faz dez negociações, ele pode negociar dez vezes, ele vai levar vantagem dez vezes. (...) E aí a nossa Convenção Coletiva é a nossa CLT (...) A gente entende que é uma maneira mais transparente, e uma maneira de você mostrar a todo mundo que existe uma regra, porque se você cria uma regra para cada empresa, embora eles não tenham tantas quanto a gente. Mas dá uma impressão ruim né. (Dirigente do Sintraconsmonpes)

Esta forma de atuação sugere maior centralização da negociação neste sindicato em comparação com o Sindmetal-SF, que tem uma estrutura que tendeu a dispersar e multiplicar as negociações de ICTs nos últimos anos.

Para a análise qualitativa das cláusulas dos ICTs trabalhamos com os ACTs negociados por duas grandes empresas da base de cada sindicato, e com as CCTs das duas categorias¹ entre os anos de 2015 e 2019. No caso das negociações entre a Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) e o Sindmetal-SF podemos perceber como os ACTs recentes apresentam impactos da Reforma Trabalhista, pois foram negociadas em 2019 novas cláusulas sobre flexibilização de horário, e cláusulas que

¹ Para a construção civil analisamos a CCT do setor de Montagem e Manutenção de Estruturas Metálicas.

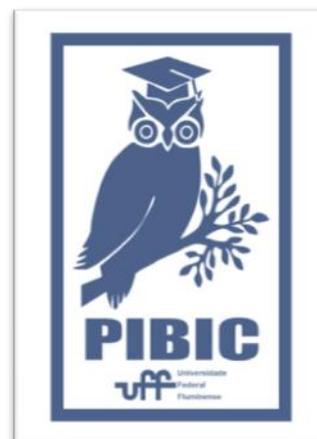
buscavam mitigar os efeitos da nova lei sobre o sindicato.

Entre 2015 e 2019, dos 69 instrumentos negociados entre a MAN e o Sindmetal-SF, 37 eram referentes ao Programa de Proteção ao Emprego e ao Programa de Seguro-Emprego, apresentando uma série de medidas de flexibilização de trabalho. Já os ACTs firmados pelo Sintraconsmonpes com as principais empresas de sua base possuem um número menor de cláusulas, relativas a benefícios e/ ou a medidas flexibilizadoras.

Com relação especificamente à terceirização, o levantamento de empresas da base dos dois sindicatos e as entrevistas apontam uma elevação no número de empresas e trabalhadores que têm sua representação disputada, sobretudo aqueles que trabalham indiretamente para a CSN, e uma tendência de transferência da representação de trabalhadores terceirizados estáveis da base do Sindmetal-SF para o Sintraconsmonpes.

CONCLUSÕES:

Desta forma, tendo em vista a Reforma Trabalhista, considera-se que o impacto das mudanças foi maior na dinâmica do Sindmetal-SF do que do Sintraconsmonpes. Isso se deve tanto a aspectos estruturais da organização desses sindicatos, como à conjuntura político-econômica – de intensificação das medidas flexibilizadoras –, e às opções, estratégias e orientações políticas adotadas por estas entidades.



AGRADECIMENTOS:

UFF, Faperj, Gedesf, Cemesf



Educação

Eu sou Muitos: compreendendo imagens e processos de individualização de jovens estudantes

Prof. Dr. Paulo César Rodrigues Carrano/ Letícia de Souza Blanco
Faculdade de Educação. Departamento Sociedade, Educação e Conhecimento.

FOTOGRAFIAS E COTIDIANOS DE JOVENS UNIVERSITÁRIOS

INTRODUÇÃO:

O presente trabalho baseia-se em fotos e textos, sobre cotidianos produzidos por jovens estudantes do oitavo período do Curso de Pedagogia da UFF, em Niterói. A produção do acervo foi iniciada no ano de 2012 a partir do trabalho “Meu Cotidiano em Fotos” na disciplina Ciências Sociais, Conteúdo e Método, ministrada pelo prof. Dr. Paulo Carrano. Os estudantes realizam ensaio fotográfico a partir da seguinte provocação: “Que história sobre o seu cotidiano você pode contar entre 5 e 10 fotografias?”. Após análise dos trabalhos finais notou-se a presença de conteúdos significativos para análise no campo de estudos da juventude. O acervo integra a pesquisa *Eu sou muitos: compreendendo imagens e processos de individualização de jovens estudantes*, em andamento (2017-2020) e com apoio da FAPERJ (Bolsa I.C.) e CNPq (Bolsa Produtividade).

O banco de dados é composto por 3481 fotografias e 492 textos narrativos sobre as mesmas, totalizando 23 turmas. A categorização temática do acervo possibilita recortes de pesquisa, tais como: a produção do espaço

cotidiano universitário, o cotidiano doméstico, relações de afeto e amizades, representações sobre o corpo, usos do espaço urbano e, mais recentemente, os modos como jovens estudantes experimentam cotidianos no contexto da quarentena imposta pela pandemia do Corona Vírus. O dispositivo metodológico de fotografar o cotidiano e interpretá-lo em texto narrativo produz, além de informações sobre cotidianos de jovens universitários, a ampliação da capacidade reflexiva dos jovens autores.

O projeto apresenta como principal objetivo a compreensão dos processos de individualização dos jovens estudantes, tendo como eixo analítico a produção do espaço cotidiano por eles/elas habitado e representado. Consideramos o conceito de individualização como o trabalho de reflexividade que o ator social faz sobre si mesmo em seu processo de constituição da autonomia. Fotos e textos produzidos pelos estudantes revelam indícios sobre as dinâmicas societárias produtoras de constrangimentos e campos de possibilidades de constituição da autonomia desses estudantes.

RESULTADOS E DISCUSSÕES:

Durante a pesquisa foram explorados conceitos geográficos como espaço, território, cidade e paisagem que predominaram nas fotos produzidas pelos estudantes. Sem desconsiderar a individualidade de cada jovem, é possível dizer que estes representam os referidos conceitos de acordo com seus lugares sociais e experiências nesses espaços cotidianos. Categorias significativas emergiram do conjunto de fotos e textos narrativos, como: família, afeto, trabalho, medo, atividades domésticas. A seguir vemos o gráfico com distribuição frequência dos temas mais mencionados pelos estudantes.



Por meio do gráfico é possível perceber a recorrência temática de aspectos significativos da vida dos jovens estudantes de Pedagogia do conjunto que constitui nosso campo de investigação que não pode ser extrapolado para o universo de estudantes universitários. Os dados da pesquisa já geraram resultados quantitativos e qualitativos significativos que foram utilizados para a produção de artigos científicos apresentados e publicados em anais de eventos como exemplo citamos a comunicação “Jovens universitários: fotografia e subjetividade na produção do espaço cotidiano”

apresentado no 3º Simpósio Nacional Aproximações com o Mundo Juvenil em 2019.

No atual momento trabalhamos com fotos e textos produzidos pelos estudantes concluintes das turmas ACE (Atividades Acadêmicas Especiais) em ensino remoto do primeiro semestre de 2020 afetados pela pandemia covid-19, totalizando cerca de 50 fotografias de seus cotidianos. Sendo três deles jovens de até 25 anos e outros dois adultos maiores de 30 anos. Mediante apreciação do material, notamos ênfase nos seguintes temas: medo, afeto, cuidado de si, local de moradia (tema de grande relevo devido à quarentena) e religiosidade.

Atualmente, além de analisarmos as categorias juventude-cotidiano-pandemia também estamos traçando os perfis socioeconômicos dos estudantes da pesquisa, buscando saber a faixa etária aos quais pertencem, seu estado civil, se trabalham e estudam ou só estudam. Com isso almejamos conhecer mais sobre quem são os sujeitos da pesquisa, em especial, por considerar que o reconhecimento das individualidades precisam ser analisadas tendo em vista a posição social de cada um/a que se enquadram em um mesmo grupo social que no caso são os estudantes universitários.

Até o momento traçamos os perfis de 3 turmas (2016, 2018 e 2019), com a análise dos dados se evidencia que a maioria dos estudantes é constituída por jovens trabalhadoras e que moram em municípios periféricos como São Gonçalo e Itaboraí. Registramos estes dados de perfil na tabela junto com os demais dados dos alunos a fim de integrá-los e permitir uma análise mais completa do estudante.

CONCLUSÕES:

A partir da análise das fotos e textos percebemos que o processo de individuação do jovem encontra-se referido a vários elementos de seus grupos sociais de pertença. Na pesquisa, a fotografia torna-se objeto de análise social através das representações que os indivíduos fazem de seus lugares sociais de vida e convivência. As imagens estimulam reflexões sobre o que há de mais íntimo e pessoal em suas vidas - sentimentos e emoções, mas também expressam dimensões mais amplas relacionados com condições societárias mais amplas, tais como classe, raça e gênero. Assim, as experiências individualizadas de cada jovem retratadas em fotos e textos trazem experiências de indivíduos socialmente situados.

O exercício “meu cotidiano em fotos” tem contribuído para que estudantes do Curso de Pedagogia reflitam sobre seus cotidianos e diversas esferas de vida social. As significações atribuídas aos objetos e interações nos espaços que praticam ganham profundidade quando esses se debruçam para o exercício de produção, reflexividade, observação e análise de imagens fotográficas.

AGRADECIMENTOS:

Agradeço a FAPERJ pela concessão da bolsa de I.C. para a pesquisa.

